

*DEPARTAMENTO DE PASTORAL E CATEQUESE  
DA UNIVERSIDADE DE NAVARRA*

# **CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE**

*ELEMENTOS METODOLÓGICOS E DIDACTICOS*

**VOLUME I**

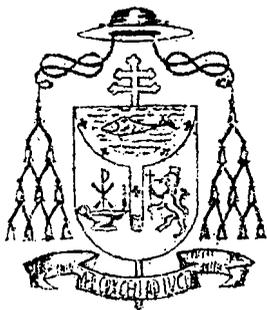
**Edições CAS**

© Departamento de Pastoral y Catequesis. Universidad de Navarra.  
*Curso Elemental de Catequesis*, Pamplona, 1977.

Traduzido por: Abílio Cardoso

Propriedade de  
Editorial Prumo, Limitada  
Rua Bernardo Lima, 45-2.º  
1100 Lisboa

Com licença eclesiástica



Acabo de folhear o «dossier» de correspondência procedente de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Macau, que se refere ao «Manual de Doutrina Católica», em boa hora editado pelo CAS e que, na sua segunda edição, já atingiu trinta milhares de exemplares.

É impressionante, não só o número de exemplares requisitados por estes jovens e tão queridos Países de expressão portuguesa, mas sobretudo a ânsia de bons livros de formação doutrinal religiosa, detectada ao longo dessas cartas.

Nesse mesmo «dossier» encontram-se pedidos de um «Curso Elementar de Catequese», cuja publicação já havia sido pensada, segundo julgo, mas como hipótese longínqua. Graças a Deus, as Edições CAS, correspondendo a tal necessidade e com o desejo de servirem a Igreja também nessas para mim tão saudosas Terras africanas, decidiram reunir em dois volumes as lições já publicadas na conhecida e prestigiosa Revista «Celebração Litúrgica».

Conforme se diz na apresentação deste Curso, *não se trata de um livro de texto para o ensino de religião nas escolas*, mas tão só de um valioso e seguro subsídio para a formação doutrinal pedagógica dos primeiros educadores da Fé, que são os pais.

É de esperar que este oportuno trabalho possa também servir muitas famílias em Portugal e Brasil.

Faço votos ao Céu por que, nas vésperas do Sínodo dos Bispos sobre a Família, este livro seja um modesto mas válido contributo para esse objectivo e traduza uma clara afirmação de unidade e de sintonização com as necessidades do Povo de Deus, a Santa Igreja.

Braga, 8 de Setembro de 1980

+ Eurico, Arcebispo Primaz

# CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC-0

*Tema 0 — Indicações para a sua utilização.*

## INTRODUÇÃO: SENTIDO DESTA NOTA

*O objecto da presente nota é explicar o projecto e assinalar as características dos guias que compõem este «Curso Elementar de Catequese». Para um recto entendimento e um rendimento maior, recomenda-se a leitura atenta desta nota, antes de utilizar os guias. Aconselha-se este estudo, numa das primeiras reuniões com os catequistas, com atenção especial para a segunda parte.*

### SUMARIO:

- I. Observações gerais sobre este projecto.
- II. Os Guias: objectivos, características e emprego dos mesmos.
- III. Programa do «Curso Elementar de Catequese».

## I. OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE ESTE PROJECTO

1. *O objectivo fundamental do «Curso Elementar de Catequese» foi elaborar uns guias para os catequistas que se ocupam das crianças de idade inferior aos 11 anos.*

*Estes guias são para usar fundamentalmente na catequese não escolar, pois para as escolas já existem textos próprios.*

2. *O projecto intitula-se «Curso Elementar de Catequese» porque se quer sintetizar a doutrina, liturgia e vida cristã nos seus aspectos doutrinai e pedagogicamente básicos e elementares.*
3. *A III parte contém o programa dos temas deste Curso de Catequese. Os diferentes aspectos doutrinai, litúrgicos e de vida de piedade são estruturados à volta de três núcleos básicos: Credo, Mandamentos, Oração e Sacramentos. Junto a estes temas básicos incluem-se outros temas especiais com o título de «Festas e Tempos do Ano Litúrgico». Podem empregar-se no momento oportuno, de acordo com o calendário litúrgico. Isto porque:*
  - 3.1. *É importante aproveitar as principais festas e tempos do Ano Litúrgico para fazer uma catequese especial, de modo que se explique o sentido cristão destas festas e as vivam mais conscientemente.*
  - 3.2. *Com estes temas pode tratar-se de pontos de interesse doutrinai e litúrgico e de vida de piedade que é difícil enquadrar no plano geral do curso elementar.*
  - 3.3. *Ao organizar uma catequese, podem ou não incluir-se estes temas especiais. Tudo depende da data em que se inicie e dos objectivos que essa catequese se proponha.*
4. *Este Curso de Catequese deve desenvolver-se normalmente em 2 ou 3 anos: os temas previstos são muitos e, numa catequese paroquial ou familiar só se pode dar uma sessão semanal. Além disso, talvez seja conveniente desenvolver alguns temas em mais de uma sessão. A título de sugestão, poder-se-iam completar em anos sucessivos as três partes em que se divide o Curso: Credo (temas 1 a 19); Mandamentos (temas 20 a 30); Oração e Sacramentos (temas 31 a 46). Os temas mais importantes do capítulo «Festas e Tempos do Ano Litúrgico» podem ser intercalados ao longo de cada ano.*

*Se nalgum caso houver interesse em dar todo o Curso num ano, é preciso seleccionar os temas mais importantes.*

*Por outro lado, é muito conveniente que todo aquele que utilizar estes guias organize o seu programa, tendo em conta a idade e os conhecimentos dos seus alunos, número de sessões a dar, objectivos em vista, etc. Tendo isto em conta, pode dar-se o caso de o Programa não se dar pela ordem exposta neste «Curso Elementar de Catequese»; nalgumas ocasiões até pode ser necessário.*

## **II. OS GUIAS: OBJECTIVOS, CARACTERÍSTICAS E EMPREGO DOS MESMOS**

5. *As observações que se seguem referem-se aos objectivos, características e modo de utilizar estes guias, a fim de obter um melhor rendimento deles. Aconselhamos seguir estas indicações com um guia diante dos olhos.*
6. *Embora o repitamos mais adiante, não se pretende impor um método determinado ou único no modo de desenvolver estes guias. Como é lógico, todos eles têm uma estrutura similar, para facilitar a ordem e localização dos diversos pontos, mas pertence a cada catequista utilizar as distintas partes do modo que lhe pareça mais oportuno.*

### **CARACTERÍSTICAS DOS GUIAS**

7. *Em concreto, as diferentes partes de que consta cada guia são fundamentalmente duas: 1) Aspectos doutriniais; 2) Guia pedagógico. Analisemos cada uma delas:*
  - I. **Aspectos doutriniais.** *Trata-se de um resumo doutrinal — de 3 a 6 páginas — com a doutrina elementar da Igreja sobre este assunto. A sua função é permitir aos catequistas uma informação básica do tema a desenvolver. Embora estas ideias se repitam na II parte, não se trata de expor aos alunos na sessão estes aspectos doutriniais: destinam-se somente aos catequistas. É recomendável que esta I parte se desenvolva mais amplamente na reunião que se costuma realizar com os catequistas antes de cada sessão de catequese. Há nessas páginas ideias suficientes para poder desenvolver o tema.*

## II. Guia Pedagógico. Consta de cinco alíneas:

- a) **Objectivos.** São as metas a atingir. Em primeiro lugar figuram 3 ou 4 objectivos, referidos ao campo dos conhecimentos, das atitudes e dos hábitos. Estes objectivos exprimem os progressos que o catequista pretende conseguir nos conhecimentos, sentimentos e conduta das crianças. Não se devem transformar os objectivos em perguntas: os objectivos orientam a sessão. Antecipam, de alguma maneira, o que se pretende alcançar com a explicação, o estudo e esforço pessoal dos alunos.

Dentro desta alínea, figura uma divisão intitulada De liturgia e vida cristã que expõe outros três ou quatro objectivos. Como o título indica, são objectivos que pretendem conseguir que os alunos tenham uma participação mais activa e consciente na Liturgia da Igreja e que vivam melhor a vida cristã fomentando a sua vida de piedade. Também aqui se assinala a aprendizagem ou repetição das orações principais. Em algumas ocasiões talvez o número de objectivos seja excessivo; pertence ao catequista escolher os que achar de maior interesse, segundo as circunstâncias dos alunos.

É muito difícil conseguir todos os objectivos referidos numa só sessão, mas o importante é que o catequista os tenha em conta como metas e o ajudem a orientar toda a sessão. Por isso, os objectivos são para uso exclusivo do catequista.

- b) **Desenvolvimento do tema.** Também podia intitular-se «Guia da sessão» que se vai dar aos alunos. Há três divisões:

- 1) **Introdução.** Assinalam-se um ou mais textos da Sagrada Escritura, exemplos, histórias, casos, relacionados com o tema. O seu objectivo é motivar os assistentes. Também podem servir como exemplos ao longo da sessão. Apresentam-se divididos em alíneas a), b), c), etc. O primeiro — o a) — está mais desenvolvido e é o recomendado para a explicação.

*Convém assimilar bem estes textos ou exemplos para os contar com palavras próprias e tendo em conta o tipo de pessoas. O catequista escolherá o que lhe parecer mais conveniente para atingir o objectivo proposto para cada sessão.*

*Seja qual for a opção que se tome, pode ser útil para despertar a atenção dos alunos e captar o seu interesse, estabelecer diálogo com eles talvez em forma de perguntas intercaladas ao longo da exposição ou ao desenvolver algum aspecto concreto; podem fazer-se também directamente no início ou no fim da introdução.*

- 2) **Desenvolver as seguintes ideias.** *Esta divisão contém as ideias centrais que se querem comunicar aos assistentes: é a parte principal do guia da sessão. As ideias que se desenvolvem costumam ser cinco ou seis (vão sublinhadas e com as alíneas a), b), c) ...). Sob essas alíneas figura, entre parêntesis, uma pergunta, um exemplo, um texto da Sagrada Escritura, etc. Pode servir para fixar melhor essa ideia. Há que saber adaptar as sugestões às circunstâncias dos alunos, escolhendo as mais adequadas.*

*Depois do enunciado e das sugestões faz-se um resumo da ideia. Está redigido com palavras simples para que as crianças as possam entender. De qualquer modo, o catequista deve assimilar as ideias e expô-las com palavras suas adaptadas aos assistentes.*

*Este capítulo é, por vezes, muito longo. Fez-se isso para que os guias pudessem ser usados por públicos diferentes: em idade e em preparação.*

- 3) **Perguntas-resumo.** *No fim de todo este grande capítulo figuram uma série de perguntas cujo objectivo é comprovar se os alunos captaram o tema e facilitar-lhes que fiquem com um resumo claro e sintético do mesmo. Essas fórmulas do Catecismo são, pois, uma sín-*

tese; de facto, a maioria das perguntas deste capítulo são as que se fazem nos formulários dos Catecismos.

Como é lógico e como antes se disse, essas perguntas poderão ser usadas à vontade: às vezes intercaladas ao fazer o desenvolvimento das ideias; outras vezes, levando as crianças a lerem as respostas no Catecismo; etc.

- c) **Sugestões para uma maior participação litúrgica.** *Este capítulo tem a finalidade de conseguir a meta indicada tantas vezes pelo Magistério da Igreja para a Catequese: «Conseguir dos fiéis uma participação activa, consciente e genuína na Liturgia da Igreja». Os aspectos aqui assinalados podem ser explicados no fim de cada tema, ou intercalando-os ao longo do desenvolvimento, ou até numa sessão especial. Se for possível, é para desejar que sejam desenvolvidos dentro da igreja.*
- d) **Possíveis actividades.** *Indicam-se aqui algumas actividades que os alunos poderão facilmente realizar. Cada catequista deve escolher as mais adequadas. Há sempre algumas que fazem referência ao Caderno do aluno. Para um maior rendimento das sessões, pode ser de muita utilidade que os alunos possuam um caderno, onde vão fazendo estas actividades e que será o caderno da Catequese.*
- e) **Perguntas do Catecismo.** *Por último, indicam-se as perguntas do Catecismo que oferecem a síntese do conteúdo exposto em cada um dos guias. Escolheu-se para o efeito, o Manual de Doutrina Católica, de E. Pélach-A. Kühner (Edições CAS, Braga, 1978, 2.<sup>a</sup> edição).*

## INDICAÇÕES SOBRE O EMPREGO DOS GUIAS

8. Além das observações anteriores:

8.1. Convém que cada catequista tenha o seu próprio guia para nele fazer as anotações, sublinhados, etc.

- 8.2. *Interessa que os catequistas possuam o guia antes da sessão preparatória, de modo que todos tenham já lido o guia atentamente e anotado as dúvidas e sugestões.*
- 8.3. *A sessão preparatória, antes da aula, é de suma importância para tirar o máximo rendimento dos guias. Convém que assistam todos os catequistas. Esta sessão deve ser desenvolvida por um sacerdote ou uma pessoa bem preparada doutrinariamente, de modo especial no que se refere à I parte. Não deve ser muito demorada: meia hora pode ser o suficiente. Dessa meia hora, 15 minutos podem ser dedicados à exposição dos aspectos doutriniais, aprofundando algum ponto, esclarecendo as dúvidas, etc.; 10 minutos ao guia pedagógico, centrando-se sobretudo nos objectivos e possíveis dúvidas. Os últimos 5 minutos podem destinar-se a ler as perguntas do Catecismo e esclarecer outras dúvidas acerca do tema.*
- 8.4. *A atitude dos catequistas não deve ser passiva. Convém que durante esta sessão façam as suas anotações pessoais, pensando sempre no tipo de alunos que têm. Este ponto, como já se disse, é muito importante. Não se trata, como é lógico, de atraindo os conteúdos doutriniais expostos, deformando a doutrina com o intuito de «adaptação aos alunos». Trata-se de comunicar aos assistentes as verdades da fé tendo em conta as suas características: idade, conhecimentos sobre o tema, dificuldade do ambiente, etc. Daí que, entre todo o material que contém o guia pedagógico, terá de seleccionar e insistir no que for mais conveniente.*
- 8.5. *Antes de desenvolver a sessão, o catequista deverá rever o guia e repetir as ideias. Se mediarem uns dias entre a sessão preparatória e a sessão dos alunos, bom seria ir pensando no tema, interiorizando-o, vivendo-o.*
- 8.6. *Estes guias foram elaborados considerando que é preciso estar muito bem preparado para dar bem a sessão e saber formar cristãmente os outros.*

*Aproveitando bem a meia hora da sessão preparatória e com o trabalho pessoal — que pode ser de outra meia hora —, pode-se conseguir esta preparação básica necessária, urgente e indispensável para transmitir com profundidade, dum modo vivo e atraente, o tesouro da nossa fé católica.*

- 8.7. *À direita do título de cada tema e num pequeno rectângulo estão as siglas «GC» seguidas de um número; significam: «Guia do Catequista» e o número é o que o tema tem na ordem estabelecida no Programa do «Curso Elementar de Catequese».*

### **III. PROGRAMA DO «CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE»**

#### **O QUE DEVEMOS ACREDITAR: O CREDO**

0. *Introdução.*
1. *Somos cristãos.*
2. *A Fé é um dom de Deus.*
3. *Deus criou o mundo por amor.*
4. *Deus criou os Anjos.*
5. *Deus criou o homem livre e responsável.*
6. *Os nossos primeiros pais desobedeceram a Deus e pecaram.*
7. *Jesus livra-nos dos nossos pecados e torna-nos filhos de Deus.*
8. *Jesus Cristo é o Filho de Deus: perfeito Deus e perfeito Homem.*
9. *Jesus Cristo revela-nos que Deus é o nosso Pai.*
10. *Deus escolheu a Virgem Maria para Mãe de Jesus.*
11. *Jesus morreu e ressuscitou para nos salvar.*
12. *O Espírito Santo opera a nossa santificação.*
13. *A Igreja continua a missão de Jesus.*
14. *A Igreja é o Corpo Místico de Cristo.*
15. *Jesus Cristo virá de novo como Juiz no fim do mundo.*
16. *O Céu é o prémio para os que amam a Deus.*
17. *O Inferno é o castigo para os que não amaram a Deus.*
18. *As almas do Purgatório purificam-se para se unirem a Deus.*
19. *Nós louvamos a Santíssima Trindade.*

## O QUE DEVEMOS FAZER: OS MANDAMENTOS

20. *Conhecemos a vontade de Deus pelos Mandamentos da Lei de Deus.*
21. *Conhecemos a vontade de Deus também pelos Mandamentos da Igreja.*
22. *Toda a Lei de Deus se resume na Caridade.*
23. *Primeiro mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas.*
24. *Segundo mandamento: honrar o nome de Deus.*
25. *Terceiro mandamento: o Domingo é o Dia do Senhor.*
26. *Quarto mandamento: Jesus ensina-nos a amar os nossos pais.*
27. *Quinto mandamento: Deus é o Senhor da vida.*
28. *Sexto e nono mandamento: Jesus ensina-nos a respeitar o nosso corpo.*
29. *Sétimo e décimo mandamento: somos administradores dos bens da terra.*
30. *Oitavo mandamento: o amor à verdade e o respeito pela boa fama.*

## O QUE DEVEMOS PEDIR E RECEBER: ORAÇÃO E SACRAMENTOS

31. *A oração é um acto de adoração a Deus.*
32. *O Pai-Nosso e a Avé-Maria.*
33. *Deus dá-nos a graça.*
34. *Nos Sacramentos recebemos a graça.*
35. *Pelo Baptismo somos filhos de Deus e membros da Igreja.*
36. *Na Confirmação recebemos o Espírito Santo.*
37. *O Sacramento da Penitência: pecamos quando não cumprimos a vontade de Deus.*
38. *O Sacramento da Penitência: na Confissão Jesus perdoa-nos pelo ministério do Sacerdote.*
39. *O Sacramento da Penitência: condições para fazer uma boa Confissão.*
40. *O Sacramento da Eucaristia: Jesus está realmente presente na Eucaristia.*
41. *O Sacramento da Eucaristia: a Santa Missa é o Sacrifício da Cruz.*
42. *O Sacramento da Eucaristia: sabemos participar na Santa Missa?*
43. *O Sacramento da Eucaristia: na Comunhão recebemos Jesus.*

44. *A Unção dos Doentes dá-nos força na hora da morte para vencer o demónio e prepara-nos para o encontro com Jesus.*
45. *No Sacramento da Ordem, Jesus consagra os Sacerdotes para que possam celebrar a Santa Missa e conduzir-nos para o Céu.*
46. *O Sacramento do Matrimónio é caminho de santidade.*

#### **FESTAS E TEMPOS DO ANO LITÚRGICO**

- A. *O Templo é a Casa de Deus.*
- B. *O Dia Mundial das Missões lembra-nos que temos de ser apóstolos e ajudar a Igreja.*
- C. *Preparamo-nos para celebrar que a Santíssima Virgem foi sempre Imaculada.*
- D. *Celebramos o Natal: Jesus vem ao mundo.*
- E. *Precisamos de fazer penitência na Quaresma.*
- F. *A Páscoa é o triunfo de Jesus Cristo.*
- G. *São José é nosso Pai e Senhor.*
- H. *Jesus enviou o Espírito Santo à Igreja no dia de Pentecostes.*
- I. *A Mãe de Deus é nossa Mãe.*

# CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 1

*Tema 1 — Somos cristãos.*

## I. ASPECTOS DOUTRINAIS

### Introdução

É possível que desde crianças, tenhamos ouvido dizer aos nossos pais e irmãos mais velhos o que é ser cristão. Ensinaram-nos a rezar e temos rezado muitas vezes. À medida que vamos crescendo torna-se necessário saber muito mais acerca da Religião Cristã. Saber mais sobre Jesus Cristo. E sobre a oração e a nossa vida. É necessário também saber melhor aquilo que nos ensinaram. Porquê? Para quê? Porque a nossa inteligência quer saber mais e tem direito a isso. Porque só quem sabe muito e bem se pode orientar melhor na vida. Porque só aquele que sabe bem pode ajudar as outras pessoas. E todos sabemos que há pessoas que necessitam de um amigo que, com confiança e sério conhecimento, lhes diga as coisas com clareza.

S. Pedro deixou-nos uma frase que nos deve fazer pensar e que pode ser o lema deste primeiro tema: *Estai sempre dispostos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pedir* (1 Pe. 3,15).

### 1. Cristão é aquele que professa seguir Jesus Cristo

Os primeiros homens que seguiram Jesus manifestaram com as suas obras que o mais importante é ser fiel ao que Deus nos

pede, passando por cima dos caprichos pessoais ou das opiniões dos que nos rodeiam. Cristo escolheu-os para viverem com Ele e para os enviar a pregar. São os Apóstolos. Depois da Ascensão do Senhor e da Vinda do Espírito Santo, espalharam-se pelo mundo para dar cumprimento ao mandato de Cristo: pregar o Evangelho a todos os povos, baptizando-os e ensinando-os a observar tudo o que lhes havia mandado. Foram assim o fundamento da Igreja. Com a sua palavra atraíram os homens à fé.

Pela pregação de S. Pedro no dia de Pentecostes converteram-se «uns três mil» (Act. 2, 41); em poucos dias, já eram «uns cinco mil» (Act. 4, 4). E cada vez se convertiam mais, tornando-se de Cristo (Act. 2, 47). S. Barnabé e S. Paulo pregaram sobretudo em Antioquia, não só aos judeus, mas também aos pagãos e durante um ano «instruíram numerosa multidão, sendo em Antioquia que pela primeira vez os discípulos começaram a ser chamados 'cristãos'» (Act. 11, 26).

Tornavam-se «cristãos» a partir do momento em que se convertiam da sua vida passada e, acreditando em Cristo, recebiam o baptismo. Eram então «de Cristo», eram Seus seguidores, porque se entregavam de coração a Ele e estavam dispostos a seguir a Sua doutrina e o Seu exemplo. Cristo marcava-os no Santo Baptismo com o selo indelével do Sacramento. Pelo Baptismo, somos configurados com Cristo<sup>1</sup>.

Mesmo no meio das nossas faltas e até dos nossos pecados, não deixamos de ser cristãos se não rejeitarmos a nossa fé em Cristo. Se cairmos, podemos levantar-nos sempre com a graça de Deus, como S. Pedro depois das suas negações, e continuar a ajudar os nossos irmãos.

## **2. Somos a família de Deus**

Todos os homens foram criados por Deus para serem Seus filhos. Feitos à Sua imagem e semelhança, podemos chamar Pai a Deus porque foi Ele precisamente Quem nos chamou à existência.

Apesar de tudo e falando com exactidão, só nós, os cristãos, podemos chamar realmente Pai a Deus e considerarmo-nos membros da família de Deus, pois recebemos pela graça santificante a filiação divina adoptiva.

Recebemos o nosso corpo dos nossos pais, colaboradores na obra criadora de Deus que directa e pessoalmente criou a nossa alma e nos conserva na existência. O sangue da família corre nas nossas veias e de certo modo somos parecidos com os nossos

---

<sup>1</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 7.

pais e avós. Além disso, todos pertencemos à grande família que é a humanidade.

Contudo, além da vida natural, temos a vida sobrenatural da graça, pela qual somos filhos de Deus duma maneira eminente e que está acima das exigências da nossa natureza. Recebemos o princípio dessa vida no Baptismo — Sacramento pelo qual fomos regenerados, voltamos a nascer — que, ao dar-nos a graça santificante, nos deu também o início da vida divina em nós, dado que a graça é um dom interno sobrenatural que Deus, por Sua livre benevolência, concede a uma criatura racional para a sua eterna salvação. É o que afirma o Concílio Vaticano II ao falar da vocação universal à santidade na Igreja: «Os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Baptismo da fé, verdadeiramente filhos de Deus e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos»<sup>2</sup>.

Concluindo: cristão é aquele que recebeu o santo Baptismo e quer seguir Jesus Cristo, mesmo com todas as suas misérias e erros. Graças à Encarnação e Redenção de Cristo somos filhos adoptivos de Deus pela graça, somos da família de Deus e podemos aspirar à santidade.

### **3. O sinal distintivo do cristão é o sinal da cruz**

Pelo sotaque de uma pessoa ao falar, descobrimos a que região pertence, e pela língua deduzimos a sua nacionalidade. Também uma das manifestações externas de que somos cristãos é a de fazer muito bem, com frequência e com respeito, o sinal da Cruz. É o sinal ou distintivo de quem, com santo orgulho, se chama e é realmente filho de Deus. Somos cristãos porque seguimos Jesus Cristo que nos remiu encarnando e morrendo por nós na Cruz<sup>3</sup>. Por ela somos identificados. O facto de ser cristão é algo que transcende todas as fronteiras geográficas e linguísticas, de raça, cultura, idade ... «Não há mais do que uma raça na terra: a raça dos filhos de Deus»<sup>4</sup>.

### **4. Precisamos de ganhar intimidade com Jesus Cristo**

Procuramos conhecer e conviver com as pessoas que amamos e só assim o amor que lhes temos cresce e também aumentam as manifestações deste amor, entre as quais está o fazer o que nos

---

<sup>2</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 40; cfr. VATICANO II, *Sacro-sanctum Concilium*, n. 6.

<sup>3</sup> Cfr. 1 Jo. 3, 1.

<sup>4</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 13.

pedem ou sabemos que lhes agrada. Isto dá-se entre pais e filhos, entre esposos e entre amigos.

Também nós, como cristãos e seguidores de Jesus Cristo, desejamos conhecer a vida, as acções e as palavras d'Ele. Só deste modo poderemos amá-l'O e chegar a ser cristãos coerentes com a nossa fé.

Existe um livro no qual podemos encontrar o que Jesus fez e disse, cuja interpretação autêntica nos é transmitida pela Igreja. Esse livro é o Santo Evangelho que significa Boa Nova. Lendo-o diariamente com afã espiritual, podemos ir conhecendo e ganhando cada vez maior amizade com Jesus. E também podemos conviver com Ele pessoalmente, com grande familiaridade, tu a tu, na intimidade da oração — longa ou breve —, ou até no rápido desabafo que podemos ter com Ele em qualquer lugar e a qualquer hora. É, sobretudo, no Sacrário, porque Ele está ali, verdadeira, real e substancialmente presente com o Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, esperando a nossa conversa com Ele.

A leitura do Evangelho, o diálogo íntimo com Jesus, prepara-nos para recebê-l'O com fervoroso amor na Santíssima Eucaristia e prepara-nos para saber lutar com fortaleza. Porque disso se trata precisamente: fazer com que a nossa vida receba o impulso e vigor da nossa fé; que a nossa fé não se fique em palavras e puros sentimentos; com efeito, *nem todo o que diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que cumpre a vontade do meu Pai que está nos céus* (Mt. 7, 21). Por isso diz também o Senhor que o seu verdadeiro amigo é aquele que cumpre os Seus mandamentos (cfr. Jo. 14, 21). É preciso ter sempre presentes as palavras do Apóstolo S. João: *Escrevo-vos, jovens, porque sois fortes e a Palavra de Deus permanece em vós e vencestes o maligno* (1 Jo. 2, 14).

### **5. Os ensinamentos de Jesus estão recolhidos na doutrina cristã**

Só vivendo como Jesus nos pede, seremos Seus fiéis seguidores. Para isso precisamos de conhecer muito bem a doutrina cristã pois, só deste modo, a nossa fé n'Ele será cada vez maior, e o mostraremos se a levamos à prática.

A doutrina cristã compreende:

— *O conteúdo do Credo* onde estão compendiadas as principais Verdades da nossa Santa Religião, que temos de acreditar como Verdades de fé e defender e propagar com a nossa conduta e as nossas palavras, estando dispostos a fazer tudo para o conseguir.

- *Os Mandamentos* manifestam-nos a vontade de Deus a nosso respeito, o modo de nos comportarmos para vivermos realmente como cristãos, como fiéis seguidores de Cristo. A Sua vontade está expressa nos Mandamentos da Lei de Deus ou Decálogo — porque se agrupam em dez — e nos Mandamentos da Santa Madre Igreja; além disso, temos os deveres próprios da nossa condição, estado de vida e profissão de cada um.
- *Os Sacramentos* que são os meios instituídos por Jesus Cristo para nos dar e aumentar em nós a graça divina pela qual nos tornamos filhos de Deus<sup>5</sup>. É por eles que nascemos para a vida da graça, nos fortalecemos nela ou nos é restituída se a tivéssemos perdido pelo pecado mortal.
- *As principais festas cristãs* pelas quais a Sagrada Liturgia nos ensina a seguir a vida de Jesus Cristo, da Sua Santíssima Mãe, de S. José e dos que O seguiram fielmente na terra e gozam eternamente com Ele no Céu: todos os Santos.

#### **6. Precisamos de conhecer melhor Jesus e a Sua doutrina para amar mais a Deus**

Tratando-se de realidades humanas, é muito difícil que um homem possa querer, amar e entregar-se a um ideal que não conhece. O mesmo se dá, e com maior razão, nas realidades sobrenaturais. Daí que devamos conhecer a doutrina, os ensinamentos de Jesus Cristo que nos ajudam a melhorar a nossa vida com obras de amor.

Falando da evangelização, que é a transmissão da Boa Nova, Paulo VI recordava que «a inteligência, nomeadamente a inteligência das crianças e dos adolescentes, tem necessidade de aprender, mediante um sistemático ensino religioso, os dados fundamentais, o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir, e que a Igreja procurou exprimir de maneira cada vez mais rica, no decurso da sua história»<sup>6</sup>.

De modo que temos de compreender a importância enorme que tem o estudo da Doutrina Cristã; o papel insubstituível desempenhado pela inteligência ao conhecer essas verdades reveladas, para orientar a vontade e pôr em prática os ensinamentos de Jesus, porque «ninguém porá em dúvida que um semelhante ensino deva ser ministrado para educar hábitos de vida religiosa e não para permanecer apenas intelectual»<sup>7</sup>.

<sup>5</sup> VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 59.

<sup>6</sup> PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 8-II-1975, n. 44.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

Daqui em diante iremos tratar da Doutrina que Jesus pregou e que a Igreja está encarregada de guardar e transmitir fielmente. Assim tentamos conhecer melhor essas verdades e cumprir melhor a Vontade de Deus. A Igreja é a Esposa de Cristo e nossa Mãe que, movida pelo Amor, nos ensina a amá-l'O. Fazendo destas verdades a nossa vida, manifestaremos o nosso amor visto que «amores são obras e não boas palavras».

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Mostrar a importância do bom conhecimento e vivência da doutrina cristã.
- Reparar que ser cristão é um grande *dom gratuito* de Deus e que *exige* de nós uma grande *responsabilidade* no nosso comportamento.
- Fazer que conheçam o significado do Sinal da Cruz para que o usem com frequência.

### De Liturgia e vida cristã

- Ensinar a persignar-se e benzer-se. Mostrar em que momentos do dia podemos fazer o Sinal da Cruz.
- Ensinar a usar o Catecismo e o Evangelho.
- Mostrar a importância de saber responder às perguntas do Catecismo indicadas em cada sessão.
- Ensinar-lhes como e quando usam o Sinal da Cruz na Liturgia, especialmente na Santa Missa e no Sacramento do Baptismo.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Quando vamos a uma reunião de pessoas que não conhecemos, a primeira coisa que se costuma fazer é apresentarmo-nos:

- Eu (catequista) chamo-me ...
- E vós? (Deixá-los dizer o nome).

Todos nós que aqui estamos temos algo em comum:

- Sabeis o que é?: Somos cristãos.
- Desde quando?: Desde o dia do nosso Baptismo.
- Sabeis onde e quando o recebestes? (Deixá-los responder).

Indicar que procurem saber, se não o sabem; e insinuar que poderiam celebrar o aniversário do próprio baptismo.

b) Comentar a passagem do Evangelho sobre a vocação dos primeiros discípulos (Mt. 4, 18-22; Mc. 1, 16-20; Lc. 5-11), mostrando-lhes:

- Que desde essa altura começaram a ser discípulos de Cristo.
- Que o Senhor os chamou um a um, pelo seu próprio nome.

c) Comentar alguma passagem dos Actos dos Apóstolos sobre a conversão de algum personagem, fazendo-lhes ver:

- Que já eram adultos e seguiram o Senhor e foram batizados.
- Que esta conversão lhes trouxe, muitas vezes, grandes dificuldades, mas venceram-nas pela fé que tinham no Senhor.

## **2. Desenvolver as seguintes ideias**

a) *Cristão é aquele que segue Jesus Cristo* [usar os exemplos que vêm a seguir].

Muitas vezes, quando vamos com os nossos pais e lhes apresentamos algum nosso amigo, fazem os seus comentários, como por exemplo: «— Tu não és da família dos Silva que vivem na rua Direita?» «— Como me reconheceram?» — diz o nosso amigo. «— Porque és como o teu pai quando tinha a tua idade».

Nós também fazemos parte de uma grande família: os cristãos, os seguidores de Jesus Cristo. Começamos a fazer parte desta família sobrenatural no dia do nosso Baptismo.

Diz-se nos Actos dos Apóstolos 11, 26 que S. Paulo e S. Barnabé foram pregar a Antioquia e foi aí onde os discípulos começaram a ser chamados «cristãos».

b) *Ao fazer o Sinal da Cruz manifestamos que somos cristãos* [verificar se sabem, ou ensinar a persignar-se e benzer-se e a distinguir ambos os sinais].

Há muitas coisas no modo de ser dos filhos que permitem descobrir quem são os seus pais: a semelhança física, a maneira de falar, gestos ...

Pois também a família dos cristãos se pode conhecer por algumas coisas que se vêem: porque têm a mesma fé, recebem os mesmos sacramentos, obedecem aos mesmos Pastores, e por muitas outras coisas, entre as quais é preciso destacar o Sinal da Cruz.

A primeira vez que nos fizemos o Sinal da Cruz foi no dia do nosso Baptismo, quando o Sacerdote nos acolheu: «N. ... É com muita alegria que a comunidade cristã te recebe. Em seu nome, eu te assinalo com o Sinal da Cruz; e, depois de mim, também os

teus pais (e padrinhos) te vão assinalar com o mesmo Sinal de Cristo Salvador» (Do Ritual do Baptismo).

Benzemo-nos quando rezamos ao começar o dia, antes e depois das refeições, e em muitas outras ocasiões. Muitos cristãos levam ao pescoço uma medalha ou uma cruz que lembra que são cristãos. Nas casas, nos colégios cristãos e especialmente nas igrejas, há um Crucifixo que indica que aquela casa, colégio ou igreja são de cristãos. E a Cruz é o nosso sinal porque na Cruz morreu Jesus para nos salvar.

Fazemos o Sinal da Cruz com água benta ao entrarmos na igreja. O Sacerdote começa a Santa Missa fazendo o Sinal da Cruz e abençoa-nos no fim fazendo o Sinal da Cruz.

Habituemos as crianças a fazê-lo sempre com respeito e devoção.

- c) *Como cristãos, temos de conhecer muito bem a Doutrina Cristã* [mostrar-lhes que quando se ama alguma coisa ou ela é muito importante, desejamos conhecê-la muito bem].

Um bom filho sabe muito bem a história da sua família, conhece os nomes dos seus avós, sabe quem são e o que pensam os seus pais, etc. O adepto de uma equipa de futebol conhece os nomes dos seus jogadores, em que lugar joga cada um, qual o treinador, a história, etc.

Se fazemos tudo isto com a família natural ou com a nossa equipa favorita, com muito mais razão o devemos fazer com a doutrina e vida de Jesus Cristo — a Doutrina Cristã — uma vez que Ele é o nosso Deus, nosso Mestre, nosso Modelo, e temos que saber o que nos ensinou, pois Ele indica o caminho para sermos felizes na terra e alegrarmo-nos depois com Ele para sempre no Céu.

Um dos momentos mais solenes da catequese é a homilia da Santa Missa. O Sacerdote, que faz as vezes de Jesus, ensina-nos a doutrina cristã. Temos de estar muito atentos porque é o Senhor Quem nos fala pela boca do Sacerdote que lê o Evangelho, beija-o em sinal de respeito e veneração e explica a passagem que acaba de ler.

E, além da homilia, onde mais podemos conhecer a vida cristã? Em muitas partes, e uma delas é precisamente na catequese. A catequese é importante: não se trata de conhecer algo por simples curiosidade, mas de conhecer verdades e modos de viver que são completamente necessários para fazer a Vontade de Deus e ir para o Céu.

- d) *As Partes Principais da Doutrina Cristã* [procurar deixar bem claras estas partes principais da Doutrina Cristã].

Primeiramente, temos de saber as Verdades da nossa fé: quem é Deus, quem é Jesus Cristo, quem criou o mundo, qual é o prêmio ou o castigo que nos espera, etc. Conhecemos tudo isto ao estudar o *Credo*.

Também temos de saber o que é que Deus quer que façamos para alcançarmos o Céu. Sabemo-lo ao estudar *Os Mandamentos da Lei de Deus e da Santa Igreja*.

Como numa família, os cristãos devem saber quais são as festas da sua família. Na família dos filhos de Deus que somos, há festas que recordam momentos importantes. Conhecemo-las ao estudar *As Festas do Ano Litúrgico*.

- e) *Que utilidade tem saber a Doutrina Cristã* [mostrar que não se pode querer viver o que não se conhece].

Talvez já conheçais algumas das coisas que vamos estudar; mas, outras, talvez não. Se as estudamos é para as aprender ou conhecer melhor, com o objectivo de nos portarmos cada vez melhor e agradecermos mais a Jesus. Se conhecermos melhor a Deus, poderemos amá-l'O mais. Se conhecermos melhor o que temos de fazer e receber, podemos ser melhores.

Por conseguinte, estudar o Catecismo é algo muito importante para sermos cristãos autênticos: além da assistência à Santa Missa, de rezar, etc., é talvez a coisa mais importante que fazeis em cada semana.

### **3. Perguntas-resumo**

Que quer dizer ser cristão? Como nos tornamos cristãos? Porque é que a Santa Cruz é o Sinal do Cristão? Que deve saber o cristão? Como aprendemos a doutrina cristã? Que é a catequese? Quais são as partes da doutrina cristã?

## **C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA**

1. No rito de acolhimento da celebração do Sacramento do Baptismo, o Sacerdote dirige-se à(s) criança(s) e diz:

«N. ..., é com muita alegria que a comunidade cristã te (vos) recebe. Em seu nome, eu te (vos) assinalo com o Sinal da Cruz; e, depois de mim, também teus (vossos) pais (e padrinhos) vão assinalar-te (vos) com o mesmo Sinal de Cristo Salvador.»

Recordando este rito baptismal, o catequista pode lembrar aquele momento às crianças. Todos se levantam e o catequista dirige-se-lhes com estas ou semelhantes palavras:

«No dia do vosso baptismo o sacerdote que vos baptizou e os vossos pais e padrinhos fizeram sobre a vossa frente o Sinal da Cruz. Nessa altura vós não o podíeis fazer. Passaram-se os anos e vós hoje já o podeis e sabeis fazer; por isso, com a alegria de estarmos baptizados e pertencermos à Igreja, vamos fazer o sinal de Cristo Salvador, dando-nos conta e agradecendo do fundo do coração sermos pertença desta grande família dos filhos de Deus.»

Todos:

«Pelo sinal da Santa Cruz ... dos nossos inimigos ...»

2. A Cruz é o sinal do cristão porque nela morreu Cristo para nos salvar. Podem aprender algum cântico sobre o tema, por exemplo: «Hossana, tu reinarás! / Na Cruz, tu nos Salvarás!».

3. Recordar-lhes que quando o Sacerdote lhes dá a absolvição, no momento de pronunciar a fórmula — «Eu te absolvo dos teus pecados, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo» — traça uma cruz com a mão direita como que para lembrar que é pela Cruz de Cristo que nos são perdoados os pecados; pode-se até animá-los a benzerem-se quando o Sacerdote faz a cruz.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas do Catecismo.
- Pensar quantas vezes o Sacerdote faz o Sinal da Cruz na Santa Missa.
- Acompanhar as crianças à igreja: fazer o Sinal da Cruz com água benta e apontar-lhes onde está o Crucifixo principal e outras cruzes.
- Explicar-lhes, nessa visita, o significado do ambão e dos livros litúrgicos.
- Que façam no seu caderno um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias ou desenhos.
- Que copiem para o seu caderno algum texto do capítulo anterior [c)] e o comentem.
- Ensiná-los a usar praticamente o Evangelho e a procurar passagens que se lhes indiquem.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 1 e 2.*

# CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 2

*Tema 2 — A Fé é um dom de Deus.*

## I. ASPECTOS DOUTRINAIS

### Introdução

Este tema aborda um ponto central da doutrina cristã: vamos tratar da fé, e *sem fé é impossível agradar a Deus* (Heb. 11, 6). É certo que ninguém se pode salvar sem a graça santificante, a qual exige a colaboração do homem adulto, mas a fé é «princípio e fim da justificação», como ensina o Concílio de Trento<sup>1</sup>.

Pretendemos neste tema estudar os aspectos essenciais da fé, que é uma virtude sobrenatural, infundida por Deus na inteligência, e ver, além disso, as exigências que implica na vida do cristão.

### 1. Fé humana e fé sobrenatural

Na *ordem natural*, os homens movem-se constantemente por uma fé humana, pois são muitas as realidades que ultrapassam a própria experiência. Há um sem número de coisas que desconhecemos pessoalmente e aceitamos, graças à Televisão, à fotografia, aos livros, pelo testemunho dos nossos semelhantes. O sol, as estre-

---

<sup>1</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. VI, *De iustificatione*, cap. 8, Dz 801 (1532).

las, as galáxias que nós vemos como pontos pequenos, dizem-nos os cientistas que são estrelas enormes. Admitimos também a existência de moléculas, átomos, etc., porque confiamos naqueles que sabem. Tudo isto indica que acreditamos no testemunho das pessoas, na sua capacidade intelectual, no seu desejo de contribuir para o progresso da humanidade. Se alguém não depositasse a sua confiança nos outros — pais, educadores, amigos, cientistas — acabaria por enlouquecer, pois teria de fazer tudo sozinho, o que é evidentemente impossível.

Na *ordem sobrenatural* acontece o mesmo. Há muitas coisas que ultrapassam a capacidade natural do nosso entendimento e, se Deus não no-las tivesse revelado, desconheceríamos a sua existência e natureza. Sabemos que Jesus Cristo está realmente presente na Eucaristia; sabemos que Nossa Senhora está no Céu em corpo e alma; sabemos que existem Anjos, porque Deus no-lo manifestou. Iremos agora duvidar de tais realidades? Concerteza que não. Deus que é infinitamente sábio e bom, não pode enganar-Se nem enganar-nos, merece-nos toda a confiança. O mesmo se diga da Igreja que ensina com a autoridade de Deus. E os nossos pais, os sacerdotes e os professores, querem dizer-nos a verdade.

Contudo, iremos nós acreditar em tudo o que nos dizem? Certamente não podemos ser tão crédulos que admitamos tudo sem pensar. Temos, porém, uma garantia de infalível certeza na Igreja, que nos ensina a Doutrina Cristã, já que é ela a depositária da Revelação divina.

A Revelação contém os mistérios que Deus nos quis manifestar, primeiramente pelos Patriarcas e Profetas, e finalmente, por meio do Seu Filho Unigénito, Jesus Cristo. Deus disse o que tinha para nos dizer, e entregou-o à Igreja como Depósito Sagrado, para que ela o guarde e o transmita fielmente sob a assistência do Espírito Santo.

A doutrina de Jesus Cristo pregada pelos Apóstolos tem-se mantido íntegra na Igreja até aos nossos dias apesar de tantas vicissitudes por onde tem passado, fecundando a vida dos cristãos com maravilhosos frutos de santidade. Seríamos loucos se não depositássemos a nossa confiança em Jesus Cristo, nos Apóstolos que foram testemunhas da Sua vida, e na Igreja que nos encaminha para Deus.

## **2. A fé é uma virtude sobrenatural**

O Concílio Vaticano I ensina que a fé «é uma virtude sobrenatural pela qual, com a inspiração e auxílio da graça de Deus, acreditamos que tudo o que Ele revelou é verdadeiro, não devido

à verdade intrínseca das coisas, alcançada pela luz natural da razão, mas pela autoridade do próprio Deus que revela, o Qual não pode enganar-Se nem enganar-nos»<sup>2</sup>.

O Concílio sublinhou que a fé é sobrenatural, dom gratuito de Deus, infundido em nós sem qualquer merecimento da nossa parte, uma vez que ultrapassa a nossa natureza, as nossas forças e exigências naturais. Deus dá a fé liberrimamente e ninguém a pode exigir ou alcançar por si mesmo. É uma dádiva de Deus.

Esta definição refere-se à virtude da fé ou hábito sobrenatural infundido por Deus na inteligência, a qual nos leva a prestar adesão firme às verdades reveladas por Deus. Esta é a fé *subjectiva*. Outras vezes chamamos fé às próprias verdades sobrenaturais reveladas, que constituem o objecto da fé divina ou fé *objectiva*. Assim dizemos: esta é a Fé da Igreja ou Fé Católica. Também as verdades reveladas, objecto da fé, são sobrenaturais. Além disso temos os actos de fé, que a alimentam e desenvolvem.

Notemos finalmente que, com a fé, prestamos assentimento às verdades que Deus nos revelou, não pela evidência intrínseca das mesmas, mas pela *autoridade divina*, já que Ele não pode enganar-Se nem enganar-nos.

Por conseguinte, há uma diferença radical entre a fé que pomos nos homens e a fé em Deus. Enquanto que a primeira é de ordem natural e fruto de razões lógicas, a fé em Deus é totalmente sobrenatural. Todavia, Deus não impõe a fé. A aceitação da fé é um acto livre, e — adaptando-se à nossa natureza inteligente e livre, e para que o obséquio da nossa fé fosse conforme à razão —, «Deus quis juntar aos auxílios internos do Espírito Santo argumentos externos da Sua Revelação, a saber, factos divinos, e, em primeiro lugar, os milagres e profecias que, por mostrarem abundantemente a onnipotência e ciência infinita de Deus, são sinais evidentes da Revelação divina e adaptados à inteligência de todos»<sup>3</sup>. É o que costumamos chamar de *motivos de credibilidade*.

Apesar de tudo, nem cremos pela evidência intrínseca das verdades reveladas, como dissemos, nem pelos motivos de credibilidade, mas pela autoridade do próprio Deus que revela.

---

<sup>2</sup> VATICANO I, *Dei Filius*, cap. 3, Dz 1789 (3008). Cfr. VATICANO II, *Dei Verbum*, n. 2.

<sup>3</sup> VATICANO I, *Dei Filius*, cap. 3, Dz 1790 (3009).

### 3. Pelo Baptismo recebemos a fé para aderirmos ao que Deus nos revelou

Posto isto, perguntamos: onde, quando e como chega a nós esse dom de Deus que é a fé? Pelo Baptismo, que nos dá a graça santificante e com ela todas as virtudes infusas. A fé é-nos infundida, é-nos dada pelo Baptismo juntamente com a graça. Daí que os Santos Padres e S. Tomás chamem dum modo especial ao Baptismo «sacramento da fé»<sup>4</sup>.

### 4. Temos de seguir fielmente a Deus, escutando e obedecendo à Igreja

Deus deu-nos a conhecer as verdades em que devemos acreditar mediante a Revelação, que confiou à Sua Igreja. «A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a Sagrada Tradição, por sua vez transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos»<sup>5</sup>. De modo que os ensinamentos divinos estão contidos na Tradição e na Sagrada Escritura que «estão intimamente unidas e penetradas entre si; com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma só coisa e tendem ao mesmo fim»<sup>6</sup>.

Para nos aproximarmos de Deus é necessário primeiramente que aceitemos pela fé a Sua Doutrina, contida na Tradição e na Sagrada Escritura. Deve ser uma aceitação não só teórica mas também prática, que tende a que a fé se traduza na própria vida e informe os nossos actos quotidianos. A coerência com a fé manifesta-se nas obras de santidade, que são as que provam que estamos perto de Jesus Cristo, visto que «contam de uma alma que, ao dizer ao Senhor na oração 'Jesus, amo-Te' ouviu esta resposta do céu: 'obras é que são amores e não boas palavras'»<sup>7</sup>.

A verdade revelada chega até nós com segurança infalível através do Magistério da Igreja, dado que «o encargo de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição, foi confiado só ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo»<sup>8</sup>.

A Igreja, portanto, com os seus ensinamentos, é quem nos dá a conhecer a Doutrina Cristã para que, conhecendo-a e seguindo-a fielmente no nosso comportamento, nos identifiquemos com Jesus

---

<sup>4</sup> S. TOMÁS, *Summa Theologica*, III, q. 66, a. 1; q. 69, a. 6.

<sup>5</sup> VATICANO II, *Dei Verbum*, n. 9.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> J. ESCRIVA, *Caminho*, n. 933.

<sup>8</sup> VATICANO II, *Dei Verbum*, n. 10.

Cristo como autênticos filhos de Deus pela graça, pelo conhecimento d'Ele, e pelo nosso modo de actuar.

### 5. O Credo ensina-nos as principais verdades da nossa fé

A primeira vista pode parecer-nos que é difícil conhecer a doutrina de Jesus Cristo, que se encontra na Tradição e na Sagrada Escritura. Ou melhor dito, pode pôr-se-nos a questão acerca do modo de conhecer facilmente as verdades fundamentais da nossa fé, sem as quais não nos podemos salvar ou viver cristãmente.

A Igreja, que é nossa Mãe e cuida dos seus filhos, dá-nos a conhecer essas verdades de maneira simples e acessível, apresentando-as em breves fórmulas que integram o que chamamos o *Credo*. A estas fórmulas ou afirmações breves chamamos *artigos*, pois acreditamo-las como distintas e separadas umas das outras.

Temos de saber de cor os artigos do Credo, que nos ensinam as verdades fundamentais da nossa fé cristã; e temos de estudar também as fórmulas simples do Catecismo, conhecendo o seu conteúdo e aplicação à nossa própria vida, pelo menos com o mesmo empenho que pomos nas coisas que muito nos interessam. Dá pena ver como pessoas profisionalmente bem preparadas, são, religiosamente falando, praticamente ignorantes, porque nunca mais voltaram a rever o Catecismo, nem nunca tomaram a sério a obrigação de aprofundar as verdades da sua fé.

### 6. O cristão vive da fé

S. Paulo diz-nos que *o justo vive da fé* (Rom. 1, 17). Para comentar este texto do Apóstolo, podemos servir-nos dumas palavras de Paulo VI: «A fé é um princípio de vida sobrenatural e, ao mesmo tempo, um princípio de vida moral. A vida cristã nasce da fé, goza da comunhão incipiente entre nós e Deus, que a fé estabelece; faz que o Seu infinito e misterioso pensamento circule pelo nosso, dispõe-nos àquela comunhão vital que une a nossa existência somente criada com o Ser increado e infinito, que é Deus ... Por isso, devia deixar de existir o cristão que não cumpre os deveres da sua elevação a filho de Deus, irmão de Cristo, membro da Igreja. A mediocridade, a infidelidade, a incoerência, a hipocrisia deveriam desaparecer da imagem, da tipologia do crente moderno. Uma geração impregnada de santidade deve caracterizar o nosso tempo. Não temos nada que procurar unicamente o santo singular e excepcional, mas sim criar e promover uma santidade do povo, tal como, desde os primeiros tempos do cristianismo o queria S. Pedro quando escreveu aquelas palavras célebres: *Vós sois uma raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo redi-*

*mido; vós que outrora não éreis um povo, sois agora o Povo de Deus» (1 Ped. 2, 9-10) <sup>9</sup>.*

### **7. Devemos proclamar a nossa fé**

Temos de manifestar a fé que professamos e pela qual acreditamos nas verdades que Deus nos deu a conhecer por meio da Igreja com decisão e sem qualquer tipo de inibições.

Temos de dar a conhecer a nossa fé pela palavra e pelas obras. Em primeiro lugar, falando de Deus e dando a conhecer a Sua doutrina, cada um segundo a sua condição e estado. E também com a nossa vida. Confessamos Jesus Cristo pelas obras, no nosso trabalho, na nossa vida de família, nas nossas relações com os outros e até nos divertimentos. A nossa conduta deve estar impregnada da fé que professamos em Jesus Cristo, dado que «seguir Cristo não significa refugiar-nos no Templo, encolhendo os ombros perante o desenvolvimento da sociedade, perante os acertos ou aberrações dos homens e dos povos. A fé cristã, leva-nos pelo contrário, a ver o mundo como criação do Senhor, a apreciar, portanto, tudo o que é nobre e belo, a reconhecer a dignidade de cada pessoa, feita à imagem de Deus e a admirar esse dom especialíssimo da liberdade, que nos faz senhores dos nossos próprios actos e capazes, com a graça do Céu, de construir o nosso destino eterno» <sup>10</sup>.

A fé há-de mostrar-se nas obras e não podemos escondê-la, como se se tratasse de um assunto privado, de algo que fica no interior da consciência pessoal. O cristão terá não só de fazer frequentes actos de fé, mas também professar externamente a sua fé <sup>11</sup>.

## **II. GUIA PEDAGÓGICO**

### **A) OBJECTIVOS**

- Reparar que a fé é um dom de Deus.
- Agradecer a Deus este dom e fazer frequentes actos de fé.
- Fazer ver que é a Igreja quem nos ensina as verdades em que devemos acreditar.

---

<sup>9</sup> PAULO VI, *Discurso* de 3-VII-1968.

<sup>10</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 99.

<sup>11</sup> «A fé exige uma profissão. Também neste aspecto da sua relação com a actividade prática de quem a possui, se vê como a fé não é inerte e estática, mas princípio de vida moral» (PAULO VI, *Discurso* de 14-XII-1966).

## De Liturgia e vida cristã

- Levá-los a recitar atentamente o Credo, por ser o acto de fé mais completo.
- Animá-los a uma maior participação litúrgica, por ser a Liturgia um acto público de fé.
- Ensiná-los a descobrir quais são os momentos do dia mais próprios para fazer pessoalmente actos de fé.
- Levá-los a descobrir a importância de escutar com docilidade a Igreja, porque, através dela, fala Cristo.

## B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar com algumas comparações. Por exemplo, o homem, a olho nu, não pode distinguir muitas estrelas que há no céu, ou ver coisas que estão a muita distância. Para as poder ver, o homem usa o *telescópio* ou serve-se de *binóculos*. Do mesmo modo não pode ver coisas demasiado pequenas, por exemplo, os micróbios, que às vezes dão origem a doenças. Para isso precisa do *microscópio*. Além disso, há coisas que não podemos ver quando falta a luz. Ao chegar a noite, só podemos ver as coisas que estão iluminadas.

Pode-se abrir um diálogo com os alunos com estes ou com outros termos semelhantes:

- Sabeis o que é um telescópio, uns binóculos ou um microscópio?
- Porque é que, com estes aparelhos, podemos ver coisas que não podemos ver a olho nu?: Porque têm lentes de aumento.
- Se vos aparecesse uma pessoa a dizer que as estrelas ou os micróbios não existem, que lhe responderíeis?: Far-lhes-íeis ver que as coisas existem mas não podem ser vistas a olho nu porque nossa vista é limitada.
- E que diríeis a uma pessoa que, ao vir a noite, vos dissesse que as coisas não existem?: Far-lhes-íeis ver que sim, que existem, mas, sem luz, não se podem ver.

b) Antes de realizar um milagre, Jesus Cristo pede um acto de fé (cfr. Mt. 8, 5-13; 9, 18-22; 9, 27-29). O Senhor fica contente e louva as pessoas com fé. Vingar bem que a fé se expressa não só com palavras mas também com gestos (por exemplo, a hemorroísa).

c) Recordar-lhes algum acto litúrgico, por exemplo, a Santa Missa, e perguntar-lhes: Porque assistem, porque escutam o sacer-

dote, porque se ajoelham diante do Sacrário? Todos estes actos são fruto da fé. Sem ela, tornar-se-iam incompreensíveis e ridículos.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Pela fé podemos conhecer muitas coisas acerca de Deus [falar-lhes das coisas que Deus criou: o céu, os animais, as plantas].*

Nós podemos conhecer que Deus existe porque, através das coisas criadas: o mundo, a sua ordem, a sua grandeza, etc., podemos chegar à demonstração da Sua existência. Mas, como é Deus em Si mesmo? Quem é Jesus Cristo? Como é o Céu e o Inferno? ... Estas, e muitas outras coisas fundamentais para o homem, por mais raciocínios que fizéssemos, nunca chegaríamos ao seu conhecimento, se não fosse pela fé.

b) *É grande o dom que Deus nos concedeu para podermos conhecer tudo isto [procurar deixar claro o carácter sobrenatural da fé].*

Para poder conhecer todas essas coisas tão importantes para os homens, Deus deu-nos algo que é excelente: o dom da fé. Por ela, conhecemos as coisas sobre Deus e sobre o modo de nos comportarmos. São coisas que nunca poderíamos saber ou viver, se não tivéssemos o dom da fé. Deus concede-nos esse dom no dia do nosso Baptismo.

c) *Pela fé acreditamos em Deus e em muitas coisas que d'Ele procedem. É a Igreja, nossa Mãe, quem nos ensina essas verdades [usar as comparações do texto anexo].*

Se um dia virdes um insecto através do microscópio, ireis perguntar muitas coisas: Porque tem assim os olhos? Para que servem os pêlos que têm nas patas?, e muitas mais coisas. A quem o perguntareis? Ao professor, porque ele estudou-as antes e sabe-as muito bem.

Do mesmo modo, pela fé sabemos que em Deus há três Pessoas, que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, que morreu na Cruz para nos salvar, que Jesus Cristo está realmente presente na Santíssima Eucaristia, que a Santíssima Virgem é Imaculada e está no Céu, etc. Mas, se nos quisermos inteirar melhor destas coisas, a quem as perguntaremos? À Igreja, que é nossa Mãe e está assistida pelo Espírito Santo para nos dizer sempre a verdade. Ela foi instituída por Jesus Cristo para nos ensinar em Seu nome toda a doutrina cristã. Por isso dizemos: «Creio em tudo o que me diz e ensina a Santa Igreja,

porque é Deus quem mo diz». A certeza que temos dessas verdades, não se apoia na inteligência de uns quantos homens que estudam a Revelação, mas na assistência permanente do Espírito Santo à Igreja que a torna infalível em matéria de fé e costumes.

d) *Toda a Liturgia é um acto de fé* [usar este exemplo].

Se um dia alguma pessoa sem fé entrasse num Templo, não entenderia o que fazem os cristãos: aproximar-se dum confessionário para confessar os pecados; genuflectir ao passar diante do Sacrário; pôr-se de pé para escutar a leitura do Evangelho ... Tudo isto só tem explicação para uma pessoa que tem fé.

e) *O Credo é o melhor acto de fé* [ver se o sabem].

Quando recitamos o Credo, fazemos um acto de fé nas verdades fundamentais que Deus revelou. Aos Domingos, na Santa Missa, rezamos todos juntos o Credo, fazendo assim um acto de fé nas verdades em que todos acreditamos, porque foi o próprio Deus Quem no-las disse, Ele que não pode enganar-Se nem enganar-nos.

Cada um de nós pode rezar muitas vezes, por sua própria conta, o Credo, fazendo assim um acto de fé. No fim desta sessão vamos todos rezar o Credo com muita alegria, agradecendo a Deus este maravilhoso dom da fé.

f) *Temos de fazer muitas vezes actos de fé* [conseguir que aprendam alguns actos de fé dos que a seguir se apontam].

Quando alguém nos faz uma oferta — uma esferográfica, um livro, ou algum brinquedo —, ficamos contentes e procuramos usá-la. Escrevemos com essa esferográfica, lemos o livro ou brincamos com a prenda.

Deus deu-nos a riqueza maior que temos: a nossa fé. Temos que agradecê-la ao Senhor e usá-la. E fazemos isto quando fazemos actos de fé com o nosso coração ou os nossos lábios. Eis alguns actos de fé que vós podeis aprender:

- Creio em Deus Pai, creio em Deus Filho, creio em Deus Espírito Santo.
- Creio na Santíssima Trindade.
- Creio em Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro.
- Creio que Nossa Senhora é Mãe de Deus e nossa Mãe.
- Senhor, eu creio em vós, mas aumentai a minha fé.
- Creio que a Igreja Católica é minha Mãe.

### **3. Perguntas-resumo**

Que quer dizer a palavra «Creio»? Quais as verdades em que temos de acreditar?

Quem nos ensina a Doutrina Cristã? O que é a Liturgia? O que é a Fé? Quem nos dá a Fé?

### **C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA**

1. Quando nos reunimos para celebrar o Sacrifício Eucarístico, o sacerdote lê a Sagrada Escritura; ao terminar a primeira leitura convida-nos a fazer um acto de Fé:

— «Palavra do Senhor».

— «Graças a Deus», e nesta resposta está a nossa Fé e o nosso agradecimento a Deus que nos fala.

2. Pode ler-se, ao começar ou acabar alguma aula ou sessão, uma passagem do Evangelho, de pé e responder ao leitor: «Glória a Vós, Senhor».

### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

— Aprender as perguntas correspondentes do Catecismo.

— Que leiam a história de algum mártir da Igreja, e, na sessão seguinte, um deles a explique aos companheiros.

— Que façam no seu caderno um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias e desenhos.

— Que escrevam, separadamente, os artigos do Credo, pondo a palavra *Creio* em letras maiúsculas e coloridas.

### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 1 e 2; 140 e 141.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 3

*Tema 3 — Deus criou o mundo por amor.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. Só Deus pode criar

Com este tema começamos a desenvolver os artigos de fé contidos no Credo.

O primeiro ensinamento com que nos encontramos é: «Creio em um só Deus, Pai todo poderoso, Criador do céu e da terra».

Abordamos, portanto, a verdade da criação, sabendo que só Deus pode criar e criou todas as coisas pela Sua inteligência e vontade sem necessidade alguma, mas livremente e porque quis.

«Criar» significa «fazer algo a partir do nada». Não devemos imaginar o *nada* como se fosse um termo real positivo do qual parte a acção divina para produzir as coisas; com a expressão «do nada» queremos indicar que o ponto de partida da acção criadora de Deus não é algum ser já existente que Ele transformaria — isso é o que nós fazemos —, mas o *nada*, negação absoluta de qualquer outro ser, além de Deus. Por conseguinte, para criar é necessário um poder infinito, e, por isso, só Deus pode criar, porque só Ele é todo-poderoso. Nem sequer precisa de algum instrumento para criar. Criar por amor significa que a Sua bondade infinita decidiu que as coisas existissem, e elas existem. Existem porque Deus quer, e essa é a verdadeira causa da

sua existência; Deus não as ama porque existem mas elas existem porque Deus as ama. Como afirma S. Tomás, «é o amor de Deus quem infunde e cria a bondade das coisas»<sup>1</sup>. Naturalmente, a vontade está dirigida pela ciência. Por isso, diz-se que «a ciência de Deus é, juntamente com a vontade, causa das coisas». A ciência aliada à vontade constituem o decreto divino que determina criar, e, nesse sentido, diz a Sagrada Escritura: *Faça-se a luz, e a luz foi feita* (Gén. 1, 3); *Faça-se um firmamento entre as águas... e o firmamento apareceu* (Gén. 1, 6).

As vezes usamos a palavra criar de modo impróprio. Podemos assim dizer ou ouvir: «Foi criado um novo modelo de automóvel, ou uma nova linha de alta costura». Estas expressões significam que se produziu ou fabricou algo de novo, mas não que se tenha «criado», porque o fabricante de automóveis ou a modista utilizam coisas que já existem, e propriamente não criam, apenas transformam. Numa palavra: só Deus cria o universo, sem contar com nada para chamar os seres à existência.

## 2. A narração da criação: Deus cria livremente por amor

Lemos na Sagrada Escritura que *no princípio criou Deus o Céu e a Terra* (Gén. 1, 1). Narra a seguir o texto sagrado, de maneira simples e acessível a todas as inteligências, sem pretender uma explicação «científica» do mundo mas com o desejo de nos ensinar uma verdade fundamental, como todas as coisas saíram da mão de Deus e como Ele continua a conservá-las na existência.

Deus não quis manifestar na Revelação a natureza íntima dos seres ou as leis físicas que regem a sua actividade cósmica, mas ensinar-nos as verdades necessárias para a nossa salvação: a criação do mundo e do homem, a Sua providência e governo. a Sua onipotência e liberdade absoluta, a nossa dependência d'Ele, etc. Por isso, os escritores sagrados narram os fenómenos da natureza tais como aparecem à simples observação popular. Contudo, a Bíblia fala de *acontecimentos verdadeiramente históricos*, que não podem ser entendidos como mitos, lendas ou imaginações. O Magistério da Igreja ensina que se tem de admitir o sentido literal do relato da criação, entendido *em sentido histórico*<sup>2</sup>. A razão é que Deus intervém directamente na história, e as grandes verdades da fé cristã estão enraizadas na história: o mundo foi criado por Deus, Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria

---

<sup>1</sup> S. TOMAS, *Summa Theologica*, I, q. 20, a. 2.

<sup>2</sup> Cfr. PIO XII, Enc. *Humani Generis*, 12-VIII-1950, Dz 2329-2330 (3898-3899). *Resposta da Comissão Bíblica*, de 30-VI-1909, Dz 2122 ss (3512 ss).

por obra do Espírito Santo, a Igreja foi fundada por Jesus Cristo, etc.

Não podemos esquecer que pertence aos fundamentos da fé cristã que o mundo começou a existir e que Deus o criou do nada. Deus é o único autor do mundo e criou-o por amor, sem necessidade alguma quer extrínseca quer intrínseca. Nada nem ninguém o obrigava a criar porque nada existia fora d'Ele, e nem sequer é produto de uma necessidade interna da Sua natureza divina.

Actualmente a criação continua, enquanto as almas espirituais e imortais são coisas criadas directamente por Deus<sup>3</sup>. A dependência que todas as coisas possuem em relação a Deus é tão radical que a sua permanência no ser é devida à acção conservadora que é uma espécie de criação contínua. Contudo, no governo do mundo colaboram as criaturas — causas segundas —, às quais Deus quis comunicar a bondade da Sua causalidade. Os pais, por exemplo, colaboram com Deus na transmissão da vida aos seus filhos.

Deus não tinha necessidade alguma de criar: criou tudo por amor. E o Seu amor revela-se particularmente em não Se limitar a chamar-nos à existência, mas em elevar o homem a uma ordem sobrenatural. Depois veio a gravíssima desobediência de Adão e de todo o género humano que ele representava, enquanto que todos pecámos nos nossos primeiros pais. O pecado original afecta-nos a todos, todos o herdamos — excepto a Imaculada Virgem Maria, que foi concebida sem a mancha do pecado original —, e é-nos transmitido pela geração.

Contudo, Deus continuou a amar-nos e prometeu a vinda de Jesus Cristo, nosso Redentor, que havia de morrer para que voltássemos à amizade com Deus, à graça, restaurando a natureza humana. «Saber que saímos das mãos de Deus, que somos objecto da predilecção da Santíssima Trindade, que somos filhos de tão grande Pai»<sup>4</sup>, é para nós fonte de alegria e segurança.

### **3. Todas as coisas criadas são boas e reflectem a glória de Deus**

Quando vamos pela rua e olhamos para os sapatos das pessoas, descobrimos a categoria profissional do fabricante de sapatos; também as coisas criadas cantam as maravilhas de Deus e nos conduzem a Ele, pois *para nós não há mais que um só Deus, o Pai, de Quem tudo procede e para quem nós existimos; e um*

---

<sup>3</sup> Cfr. PIO XII, Enc. *Humani Generis*, 12-VII-1950, Dz 2327 (3896).

<sup>4</sup> J. ESCRIVA, *Amigos de Deus*, n. 26.

só Senhor, Jesus Cristo, por meio do Qual todas as coisas existem e nós igualmente existimos (1 Cor. 8, 6).

Quando nós produzimos alguma coisa, temos na cabeça um modelo, uma ideia que queremos reproduzir; por exemplo, o escritor de uma novela tem a ideia que vai modelando... Ao criar, Deus não teve outro modelo que não fosse Ele mesmo. O protótipo de todas as coisas é a Sua Divina Inteligência, pela qual o Supremo Artífice criou, no princípio, todas as coisas, segundo a Sua Vontade.

Por isso dizemos que a criação é o reflexo e o vestígio da perfeição de Deus, manifestando a sua glória. Através das coisas criadas chegamos a conhecer verdadeiramente a Deus como criador do Universo <sup>6</sup>.

Todas as coisas, pois, são boas porque foram criadas por Deus.

A coisa que nos pode parecer mais insignificante é fruto da Bondade e da Glória de Deus com uma gama multicolor que vai desde os seres do mundo inorgânico até aos seres mais perfeitos que são os Anjos.

Deus faz tudo quanto quer movido pela Sua Bondade. Sendo em Si mesmo a Sua felicidade, não O move a criar outro motivo senão comunicar a Sua Bondade às coisas que fez, sem necessidade alguma de o fazer, só porque quer, por amor.

No caso do homem, quando Deus o cria, pensa em Cristo, por Quem temos a adopção (Ef. 1, 5) e a salvação (Act. 4, 12).

#### 4. A Providência de Deus dirige a criação

Deus criou todas as coisas e não se desliga delas como afirmava o *deísmo*. Dá-se como que uma criação contínua, de modo que, se Deus deixasse de cuidar das coisas, estas voltariam ao nada. Deus tem um cuidado amoroso, dirigindo-as para o seu fim, que é manifestar a Glória Divina. A esse ordenamento ou «razão

---

<sup>6</sup> O contrário seria o «agnosticismo», que é o sistema que nega a capacidade da inteligência humana para chegar a Deus, partindo das coisas criadas. Dizem os agnósticos que não podemos conhecer verdades objectivas e, portanto, que nada podemos saber com certeza da existência de Deus, da Sua natureza ou do Seu operar. O ensino da Igreja, pelo contrário, afirma que podemos adquirir certezas sobre Deus: sobre a Sua existência, sobre o Seu Ser e Operar divinos. Contudo, o que conhecemos pela razão natural não é todo o nosso conhecimento sobre Deus; a esse conhecimento há que acrescentar as verdades reveladas, que propõe o Magistério da Igreja e aceitamos pela virtude sobrenatural da fé. Não obstante, este conhecimento, tanto natural como sobrenatural, é imperfeito. Só no Céu veremos Deus tal como Ele é, face a face, embora não compreendamos a Sua essência, porque Ele é o Ser e nós somos criaturas que recebemos uma participação do Seu Ser. É errónea, portanto, a posição do agnosticismo que desconfia da capacidade natural do entendimento humano para conhecer, com certeza, verdades objectivas acerca de Deus.

da ordem das coisas ao seu fim que existe na mente de Deus»<sup>6</sup>, é o que chamamos Providência. A Providência, em linguagem ordinária, não só abarca o projecto divino de criar as coisas, mas também a sua conservação e governo, conduzindo-as ao fim respectivo. Por conseguinte, dirige o destino dos povos e a vida de cada um de nós. Tudo o que as pessoas fazem tem relação com Deus e agrada-Lhe ou não. Os nossos pensamentos, desejos, obras, divertimentos, etc., são bons ou maus. Nada fica alheio às leis ou atenção de Deus.

Esta doutrina da Providência está recolhida no ensino da Igreja quando nos diz que busquemos a Deus para Lhe dar glória, nos acontecimentos ordinários: «Se, com as palavras 'autonomia das realidades temporais' se entende que as criaturas não dependem de Deus e que o homem pode usar delas sem as ordenar ao Criador, ninguém que acredite em Deus deixa de ver a falsidade de tais assertos. Pois, *sem o Criador, a criatura não subsiste*»<sup>7</sup>.

«De resto, todos os crentes, de qualquer religião, sempre souberam ouvir a Sua voz e manifestação na linguagem das criaturas. Antes, se se esquece Deus, a própria criatura se obscurece»<sup>7</sup>.

A razão, portanto, para a contínua existência das coisas, é que Deus as mantém no ser: *Como poderia subsistir uma coisa, se Vós não o quisésseis, ou como se conservaria sem ordem Vossa?* (Sab. 11, 25).

O conhecimento da Providência e Conservação divinas faz surgir espontaneamente em nós uma decisão confiada de nos pormos nas mãos de Deus para que Ele seja de verdade e para sempre, a fonte da nossa serenidade, segurança e alegria: *Por isso vos digo: não vos inquieteis quanto à vossa vida, com o que haveis de comer ou de beber, nem, quanto ao vosso corpo, com o que haveis de vestir. Porventura não é o corpo mais do que o vestido e a vida mais do que o alimento? Olhai para as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros; e o Vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas? ... Ora se Deus, veste assim a erva do campo que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, como não fará muito mais por vós, homens de pouca fé?* (Mt. 6, 25-30).

O fim da criação é cantar as maravilhas de Deus e dar-Lhe glória. O homem que pode conhecer e amar a Deus, deve louvá-l'O e glorificá-l'O livremente, fazendo-se portador dessas vozes silenciosas que todas as criaturas animadas e inanimadas dirigem para o seu Autor, para afirmar que são obra das Suas mãos.

---

<sup>6</sup> S. TOMAS, *Summa Theologica*, I, q. 22, a. 1.

<sup>7</sup> VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 36.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

*Nota:* Ao tratar estes temas é muito importante não criar nas crianças problemas desnecessários, por exemplo do evolucionismo, etc.: é preferível dar a doutrina positiva e clara da Igreja sobre estes temas.

### A) OBJECTIVOS

- Descobrir e louvar a Onnipotência de Deus quando contemplamos as coisas criadas.
- Incutir o costume de dar graças a Deus e orientar a nossa vida para a Sua glória.
- Mostrar que, com o *trabalho* bem feito, colaboramos com Deus na obra da criação.
- Aumentar a *confiança* em Deus, que cuida de toda a criação e especialmente dos homens.

### De Liturgia e vida cristã

- Animar a repetir com frequência o «Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo», como acto de louvor a Deus.
- Mostrar como na liturgia existem actos de louvor a Deus, em especial na Santa Missa.
- Ensiná-los a fazer diariamente o oferecimento das obras do dia, de manhã ao levantar.
- Acostumá-los a que rezem antes das refeições e dêem graças no fim.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode iniciar-se narrando a criação do mundo, tal como vem no *Génesis* 1, 1-24, destacando:

- Que nada existia quando Deus criou o mundo.
- Como Deus não utilizou nenhum material ou instrumento para criar as coisas.
- Que Deus fez tudo muito bem feito. Ao terminar a obra da criação, diz a Sagrada Escritura que *vendo toda a Sua obra considerou-a muito boa* (Gén. 1, 31).

Num possível diálogo, interessa destacar o que é criar, a diferença entre criar e fabricar, a noção de *nada*, a onnipotência de Deus, etc.

b) Explicar-lhes, segundo os seus conhecimentos, algum órgão do corpo humano: por exemplo o coração ou o cérebro e fazer-lhes ver:

— A perfeição das coisas criadas por Deus.

— Os órgãos criados por Deus, estão tão bem feitos que é difícil substituí-los, apesar dos avanços da ciência.

Estabelecer um diálogo com as crianças levando-as a descobrir como a criação é obra do amor de Deus e da Sua onipotência, tanto nas coisas pequenas, órgãos ou insectos, como nas coisas grandes, como o sistema planetários, as nebulosas, etc.

c) Para introdução pode servir-lhe a projecção de alguns diapositivos sobre paisagens, plantas, flores, animais ... contando-lhes a beleza das coisas e deixando-as intervir com os seus comentários, fomentando a atitude de admiração que os há-de levar ao louvor.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Deus é eterno* [mostrar que quando uma pessoa boa tem uma coisa boa, trata de a comunicar aos outros].

Deus existe desde sempre, é eterno. Houve um momento em que só Ele existia. Mas Ele quis comunicar essas coisas boas: por isso quis criar o mundo e especialmente o homem que foi feito à Sua imagem e semelhança. Deus pensou em todos os homens — em cada um de nós — muito antes de nos criar. Ainda não existíamos e já Ele nos amava.

E, como Deus amava os homens, preparou-lhe um lugar maravilhoso: o mundo criado, com todas as suas maravilhas, o mar, as montanhas, os animais, as plantas, o céu, etc.

b) *Deus criou o mundo do nada* [sublinhar esta ideia].

Para construir um edifício, fabricar um objecto, etc., o homem precisa de tempo e de fazer esforço. Mas Deus fez tudo só com o Seu querer e criou tudo do nada. Antes do Seu acto criador, nada existia.

c) *Criar não é fabricar* [dar exemplos do que é fabricar e modificar].

Dizemos que Deus criou o mundo e não que Deus fabricou o mundo, para indicar que, quando começou a existir, *não havia nada*, pelo que foi Deus Quem fez com que tudo existisse. Criar significa «fazer que exista algo que antes não existia», tirando-o do nada. O homem não pode criar; só pode *modificar*, por exemplo,

o leito de um rio; ou *fabricar*, por exemplo, um tecido, usando como matéria o algodão ou fibras sintéticas.

- d) *Deus criou para Sua glória e por amor* [usar os exemplos que vêm no texto anexo].

Quando contemplamos uma obra de arte — uma catedral, por exemplo —, ficamos maravilhados e louvamos o génio dos seus autores. Aquela obra de arte é uma glória para os que a construíram.

Ao contemplar a grandeza do mundo, os astros, o mar, as plantas; ao olhar a perfeição das mais pequenas coisas — um passarinho, um insecto — ficamos maravilhados e louvamos a Deus, que é o seu autor. O mundo é como um reflexo do que Deus é e o universo canta a glória de Deus. O homem deve unir-se a essa glorificação, não só por ser a criatura mais perfeita de entre a criação visível, mas também porque Deus pôs tudo ao seu serviço. Pensando no homem, criou todas as coisas e pô-las nas suas mãos (Gén. 1, 29-30).

- e) *O homem coopera na criação com o seu trabalho* [vincar que o trabalho não é um castigo, mas um meio para o nosso aperfeiçoamento, colaborando com Deus].

Deus podia ter criado as coisas tal como agora existem, por exemplo, as mesas, as casas, as centrais eléctricas ..., mas quis que o homem dominasse a criação trabalhando-a e usufruindo-a. Quando o homem trabalha, colabora com Deus para dominar a criação, já que Deus assim o quis.

Mas assim como na criação Deus fez tudo muito bem porque é Deus e porque O move o amor que tem aos homens, também o homem, quando trabalha, deve fazer tudo bem feito e por amor a Deus, para que, ao ver esse trabalho, Deus possa dizer: «O que fizeste, está bem feito».

(Este momento pode ser aproveitado para lhes ensinar modos práticos de fazer bem as coisas: por exemplo, pôr os livros em ordem, fazer os deveres com limpeza, etc.).

- f) *Deus conserva e governa o mundo* [relacionar com a alínea anterior].

Para que as coisas que temos durem muito tempo, procuramos conservá-las: reparam-se os defeitos, lubrificam-se as máquinas, resguardam-se as coisas do frio ou do calor ... Se não se tem cuidado com as coisas, elas estragam-se e já não nos servem. Podemos assim imaginar a Criação do mundo, com a diferença de que, se Deus não o conservasse, desapareceria e voltaria ao nada.

Além disso, Ele governa este mundo, e de maneira especial os homens, com as leis que lhes deu, respeitando sempre a liberdade dada ao homem, como um dos seus grandes dons.

- g) *Temos de oferecer o trabalho ao Senhor e agradecer-Lhe os benefícios que d'Ele recebemos* [ensinar a fazer o oferecimento das obras do dia].

Ao começar o dia, devemos oferecer a Deus tudo o que iremos fazer. Pode servir a tradicional oração do *Oferecimento das obras do dia* (Ofereço-Vos, ó meu Deus, em união com o SS. Coração de Jesus...) ou outra. Apresentamos uma, como exemplo:

«Eu Vos adoro, meu Deus, e Vos amo com todo o coração. Dou-Vos graças por me teres criado, feito cristão e conservado nesta noite. Ofereço-Vos as acções deste dia, fazei que sejam todas segundo a Vossa santa vontade, para maior glória Vossa. Preservai-me do pecado e de todo o mal. A Vossa graça seja sempre comigo e com todos os que me são caros. Amen.»

Para não comer como os pagãos que não conhecem a Deus, os cristãos rezam antes e depois das refeições. Ao começar a refeição, podemos dizer: «Abençoi-nos, Senhor, e a estes alimentos que recebemos das Vossas mãos. Por Cristo Nosso Senhor. Amen». No fim: «Damo-Vos graças, Deus omnipotente, por todos os Vossos benefícios. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amen!».

### 3. Perguntas-resumo

O que é criar? Porque é que Deus é criador? Os homens criam? Como coopera o homem na criação? O que é a Providência Divina?

### C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

Num momento da sessão, de preferência no fim, pode fazer-se uma *Celebração da Palavra*, breve e simples, com este possível esquema:

- a) Cântico de entrada, por exemplo, *Deus e Senhor que nos criastes*.
- b) Leitura de uma passagem da Sagrada Escritura. Pode ser Gén. 1, 26-28 ou Gén. 1, 3-25; ou ainda sobre a Providência de Deus, Mt. 6, 28-33.
- c) Cantar ou recitar em diálogo o Salmo 8.
- d) Recitar todos juntos o primeiro artigo do Credo.

e) Cântico final: «Santo, Santo, Santo é o Senhor ...» (da Missa).

Podem-se introduzir outras leituras e a recitação do Glória da Missa.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Realizar, por grupos, um cartaz sobre a criação com desenhos, fotografias e textos bíblicos e litúrgicos.
- Aprender, na prática, a fazer a reverência e posições de adoração e louvor na liturgia.
- Fazer, no caderno, um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias e desenhos.
- Copiar algum versículo do *Génesis* 1, 3-25 ou do *Salmo 8* e comentá-lo.
- Em todas as actividades é importante mostrar-lhes que é um trabalho seu e que têm de o apresentar muito bem feito: letra legível, sem borrões nem emendas, muito limpo.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 29 a 32.

# CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 4

*Tema 4 — Deus criou os Anjos.*

## I. ASPECTOS DOUTRINAIS

### **Introdução**

Depois de termos tratado o tema da criação, passamos agora a analisar, separadamente, as diversas criaturas que saíram das mãos de Deus. Por agora vamos tratar dos Anjos. Desde pequenos ensinaram-nos a recorrer a eles. Vivemos e crescemos com a ajuda dos Anjos. Mas, quem são os Anjos? Para que foi que Deus Nosso Senhor os criou?

Quando soubermos responder melhor a estas perguntas, sere-mos mais agradecidos a Deus e trataremos os Anjos com mais confiança e intimidade.

### **1. Os anjos são espíritos puros criados por Deus**

Que os Anjos existem é uma verdade de fé, e a sua existência pertence a essas verdades da Revelação que amamos do íntimo do coração, que conhecemos com certeza, e que temos de estar dispostos a defender.

O nome «anjo» significa «enviado» e exprime o seu *ofício* como *executor* da Providência divina em favor dos homens; quando nos referimos à sua natureza, chamamos-lhes «espíritos» (cfr. Heb. 1, 14). A Sagrada Escritura fala com muita frequência dos Anjos e da sua missão.

Assim, recordamos como Jacob viu, em sonhos, uma escada por onde subiam e desciam os anjos de Deus (Gén. 28, 12); como o anjo Rafael acompanhou Tobias, livrando-o de muitos perigos (Tob. 5, 5; 6, 2 e 16; 8, 3; 11, 8 e 15). O Evangelho narra-nos a intervenção do arcanjo S. Gabriel na Anunciação a Nossa Senhora (Lc. 1, 26 ss.); um anjo revela a José o propósito de Herodes que quer matar o Menino (Mt. 2, 13); depois das tentações no deserto, Jesus é servido por anjos (Mt. 4, 11); e na agonia do Horto, Deus Pai envia a Cristo um anjo para O consolar (Lc. 22, 43). Jesus fala-nos dos anjos que cuidam das crianças (Mt. 18, 10). E nos Actos dos Apóstolos narram-se várias intervenções dos anjos em favor dos Apóstolos (cfr. Act. 1, 10-11; 5, 19-20; 12, 6-15; etc.). Por estes e por muitos outros textos da Sagrada Escritura é evidente a existência e intervenção dos anjos.

Como tudo o mais, também os anjos foram criados por Deus «que, com a Sua virtude onnipotente criou do nada, no princípio, uma e outra criatura conjuntamente, a espiritual e a corporal, isto é, os anjos e o mundo»<sup>1</sup>.

Esta doutrina da existência real dos anjos como criaturas de Deus, foi recordada pelo Papa Paulo VI: «Cremos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, Criador das coisas visíveis, como é este mundo onde decorre a nossa vida, e das coisas invisíveis, quais são os puros espíritos, também denominados anjos...»<sup>2</sup>.

Os anjos são seres espirituais, pessoais e livres, que não têm corpo como nós nem figura alguma corporal. Quando são representados com forma sensível é para ajudar a nossa imaginação, e porque assim apareceram muitas vezes, como lemos na Sagrada Escritura.

Os anjos, como espíritos puros que são, têm entendimento, vontade e poder muito superiores aos dos homens.

### **2. Submetidos à prova por Deus, uns permaneceram fiéis e outros não**

Todos os anjos foram criados em estado de graça e elevados à ordem sobrenatural: Deus submeteu-os depois a uma prova para que pudessem merecer o Céu;

Esta prova é-nos descrita pela Sagrada Escritura com imagens sensíveis, dizendo-nos que se *travou uma batalha no Céu: Miguel e os seus anjos pelejavam contra o Dragão e este pelejava também juntamente com os seus anjos. Mas não prevaleceram, e não houve mais lugar no Céu para eles* (Ap. 12, 7-8). A prova

---

<sup>1</sup> IV CONCÍLIO DE LATRÃO, ano 1215, cap. 1, Dz 428 (800).

<sup>2</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 8.

significou o fim da sua capacidade de merecer. Por isso, diz Santo Agostinho que, enquanto «uns permanecem inquebrantavelmente fiéis no Bem comum a todos, que é o próprio Deus, a Sua eternidade, verdade e amor; outros, pelo contrário, orgulhosos do seu poder, como se fossem para si mesmos o próprio Bem, afastaram-se do Bem supremo, comum e beatificante, e voltaram-se para si mesmos; e cheios de soberba, mentirosos e invejosos tomaram a sua impertinente soberba como sublime eternidade, a sua artificiosa mentira como seguríssima verdade e os seus desejos particulares como amor puro. A bem aventurança dos primeiros funda-se, pois, no amor abnegado a Deus; e a causa da desgraça dos segundos é o contrário, terem-se afastado de Deus. Com razão, pois, se diz que os primeiros são bem-aventurados, pois estão unidos a Deus, e que os segundos são infelizes desventurados, pois estão afastados de Deus»<sup>3</sup>. Por soberba, quiseram ser semelhantes a Deus e caíram no pecado.

Aqueles anjos que se revoltaram contra Deus, abusando da sua liberdade, são os que chamamos *demónios*. Todos eles juntamente com Lúcifer — também chamado Satán ou Satanás — foram condenados ao Inferno eternamente (Ju. 6). Os demónios são maus, não por natureza, mas por terem usado mal a sua liberdade; foram criados bons mas tornaram-se maus. Satanás «foi condenado a ser trevas em vez de luz, ou — com mais exactidão — converteu-se a si mesmo em trevas»<sup>4</sup>.

Os demónios têm poder para tentar os homens. O diabo tenta a Cristo (Mt. 4, 1-10); sugere a Judas que atraia Jesus (Jo. 13, 2); luta contra o Reino de Deus (é o inimigo que semeia a cizânia) (Lc. 22, 53); fomenta a propagação de falsas doutrinas (1 Tim. 4, 11); etc. A Lúcifer em particular se atribui a tentação que ocasionou o pecado de Adão e Eva. No Antigo Testamento é-nos descrito sobretudo como tentador dos homens.

Ao contrário, os anjos que permaneceram fiéis ajudam-nos, guardam-nos e defendem-nos. O príncipe dos anjos bons é S. Miguel Arcanjo, cuja fidelidade a Deus está reflectida no significado do seu nome: «Quem como Deus?».

### **3. Os anjos foram criados livremente por Deus para O servirem a Ele, a Jesus Cristo e aos homens**

Deus não teve necessidade alguma de criar os anjos. Fê-lo porque, sendo infinitamente sábio, poderoso e providente, quis manifestar a Sua bondade participando-a aos seres que se Lhe

---

<sup>3</sup> SANTO AGOSTINHO, *De civitate Dei*, liv. 12, cap. 1.

<sup>4</sup> S. GREGÓRIO NAZIANZENO, *Oratoria*, 6, Sect. 12.

assemelham, entre os quais se destacam os anjos, que são Seus servidores, servidores de Jesus Cristo e dos homens.

De entre os anjos bons, a Sagrada Escritura menciona os nomes de Miguel, que expulsou Lúcifer do Céu; de Gabriel, que anunciou a Maria a Encarnação do Filho de Deus; e de Rafael que acompanhou Tobias.

Podemos observar nos Evangelhos como os Anjos servem e assistem a Jesus Cristo: depois de nascer, um anjo anuncia aos pastores a Boa Nova e, *de repente, juntou-se ao anjo uma multidão do exército celeste, louvando a Deus dizendo: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do Seu agrado»* (Lc. 2, 13-14). Os anjos serviram-n'O depois das tentações no deserto; e um anjo assiste a Jesus Cristo na oração do Horto.

Por outro lado, os anjos estão em relação com os homens. Como diz a *Carta aos Hebreus: não são eles todos espíritos ao serviço de Deus, enviados a fim de exercerem um ministério a favor daqueles que hão-de herdar a salvação?* (Heb. 1, 14).

De entre os ministérios que desempenham os anjos da parte de Deus em relação com os homens podemos indicar o conselho, a inspiração, a guarda, a defesa, a protecção e cooperação na nossa salvação eterna.

Podemos observar estes encargos na ajuda que o Arcanjo S. Rafael prestou a Tobias: acompanhou-o na sua longa viagem (a vida); arranhou-lhe uma herança (o Céu); defendeu-o do monstro (demónio e inferno); procurou-lhe uma esposa (descoberta da sua vocação matrimonial); e erstituiu a vista ao seu pai que era cego (remédio e ajudas materiais) (Tob. 5, 5 ss).

#### 4. Convivência amiga com os Anjos da Guarda

A Divina Providência encarregou os Anjos da Guarda de ajudarem as pessoas a alcançarem o seu fim sobrenatural. A eles — e, dum modo especial, aos Arcanjos S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael — se dirige a oração *Colecta* do dia da sua festa: *Ó Deus: com ordem admirável, Vós estabeleceste as funções dos Anjos e dos homens; concedei-nos, propício, seja a nossa vida protegida na terra por aqueles que Vos assistem e servem no Céu*<sup>5</sup>.

A missão dos Anjos da Guarda é, pois, *auxiliar* o homem na luta contra as tentações e perigos, e dar boas inspirações ao seu coração. Também prestar serviços materiais, quando isto for conveniente para o bem espiritual das almas. No fim da vida, como manifesta a Liturgia da Igreja nas orações da recomendação da

---

<sup>5</sup> Festa dos Arcanjos S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael. *Oração Colecta da Missa.*

alm, o Anjo da Guarda acompanhará a alma à presença do próprio Deus.

Embora tenham a perfeição da sua natureza espiritual, elevada, além disso, à ordem da graça, os anjos não têm o poder de Deus nem a Sua Sabedoria infinita de modo que não podem conhecer o íntimo das consciências. Por isso, precisamos de lhes dar a conhecer, de alguma maneira, as nossas necessidades.

É essa a razão pela qual se recomenda um tratamento de amizade com o Anjo da Guarda: *Tem confiança com o teu Anjo da Guarda. Trata-o como amigo íntimo — é-o efectivamente — e ele saberá prestar-te mil e um serviços nos assuntos correntes de cada dia. Recorre ao teu Anjo, na hora da provação, e ele te há-de amparar contra o demónio e dar-te santas inspirações*<sup>6</sup>.

Os Anjos da Guarda não só cuidam de cada homem em particular, mas também estendem o seu patrocínio às instituições sociais — países, corporações, cidades, pessoas morais, etc. —, velando para que os fins corporativos das diferentes comunidades, mesmo daquelas cuja finalidade é a consecução de um bem material, se encaminhem, em última instância para o fim sobrenatural único para todos, que é Deus\*.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Confirmar a fé na existência dos Anjos e dos demónios.
- Mostrar que o Anjo da Guarda, que todos temos, é um dom que a Providência de Deus nos fez.
- Conversar frequentemente com os Anjos como com os nossos melhores amigos e pedir-lhes a sua ajuda.

### De Liturgia e vida cristã

- Aprender a Oração ao Anjo da Guarda.
- Conhecer as festas litúrgicas dedicadas aos Anjos.
- Mostrar-lhes como a Igreja, na Missa, faz contínuas referências à intercessão dos Anjos.

---

<sup>6</sup> J. ESCRIVÁ, *Caminho*, nn. 562 e 567.

\* A confirmar esta doutrina está o facto de os pastorinhos de Fátima terem sido preparados para as Aparições de Nossa Senhora pelo Anjo da Guarda de Portugal: «Que fazeis? Oraí muito. (...) Atraí assim sobre a vossa Pátria a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal» (Memórias da Irmã Lúcia, p. 56) N. do T.

- Incutir neles o costume de confidenciar os seus problemas ou dificuldades ao Anjo da Guarda.
- Conhecer o significado da água benta.

## B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Narrar, de forma viva, alguma passagem da Sagrada Escritura na qual intervenham os Anjos. Por exemplo: *Actos dos Apóstolos* 12, 1-10, destacando:

- Como S. Pedro está na prisão e os cristãos, preocupados com ele, fazem incessantes orações.
- Deus envia um anjo para auxiliar S. Pedro.
- Que este anjo o liberta da prisão e lhe resolve todas as dificuldades que encontra.
- Acompanha-o até à rua, ficando S. Pedro são e salvo. (Outros textos que se podem empregar são: Lc. 2, 13-14; Mt. 4, 1-11; Lc. 22, 43).

O diálogo com as crianças pode centrar-se, entre outros, nos seguintes temas: espiritualidade dos Anjos; não têm corpo; como ajuda S. Pedro a sair da prisão; como se apresenta de forma visível e fala com S. Pedro ...

b) A história resumida de Tobias (Tob. 4-12) \* pode ser muito apropriada para a introdução do tema, mostrando-lhes:

- Que quem acompanha Tobias é o Arcanjo S. Rafael.
- Que nos recomendemos a S. Rafael ao emprendermos uma viagem.
- Que o que fez S. Rafael com Tobias, fazem os Anjos da Guarda connosco.

No diálogo podem ser postos em evidência os temas da ajuda dos Anjos em assuntos espirituais e materiais; a comparação da nossa vida com uma viagem (o Anjo da Guarda é a nossa companhia); rezarmos a S. Rafael quando entrarmos num automóvel.

c) O tema dos demónios poderá, além disso, ser tratado com o comentário a algum texto da Sagrada Escritura. Por exemplo: Mc. 1, 13 ss ou Apoc. 12, 718, ver:

- Que os demónios existem.
- Que são poderosos, porque são anjos caídos.
- Que têm por missão tentar os homens.

---

\* Cfr. Folheto CAS JUVENIL: *Dois amigos*.

Se há diálogo com as crianças, vale a pena tratar o tema da tentação não como algo mau, porque o não é, mas como ocasião para robustecer a vida espiritual. Sem carregar as tintas, falar-lhes na existência de endemoninhados.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *A existência dos Anjos e dos demónios é uma verdade de fé* [recordar episódios do Evangelho onde aparecem Anjos ou demónios: podem-se usar os textos já citados que ainda se não tenham utilizado].

Por vezes, os nossos pais ou avós contam-nos histórias e falam-nos, talvez, de bruxas, do homem do saco que rapta meninos maus, etc. Nós sabemos que tudo isso são *histórias*, que tudo isso não é verdade.

Contudo, quando nos falam dos Anjos e dos demónios, não o fazem como se fosse um conto para que nos portemos melhor. Os Anjos e os demónios existem de verdade. Deles nos falou Deus e Ele não pode enganar, nem sequer para que sejamos melhores. Ele diz-nos sempre a verdade. Acreditamos, pois, que existem os Anjos e os demónios, tão certo como acreditamos na nossa existência.

- b) *Os demónios são Anjos que pecaram contra Deus* [procurar explicar de modo simples as ideias que se seguem].

Deus criou os Anjos, que eram todos bons. A certa altura, porém, muitos deles, chefiados por Lúcifer, disseram: *Não queremos servir a Deus*. Os outros permaneceram fiéis a Deus, dizendo: *Nós queremos servir a Deus*. Os Anjos bons eram chefiados por S. Miguel. Travou-se uma batalha no Céu e venceram S. Miguel e os Anjos bons. Os rebeldes ou demónios, juntamente com Lúcifer, foram condenados ao inferno eterno, porque desobedeceram a Deus e pecaram gravemente contra Ele.

- c) *Os demónios tentam os homens* [usar algum dos exemplos da Sagrada Escritura já narrados].

Desde o momento em que pecaram, os demónios odeiam a Deus e a todos aqueles que O amam. Por isso querem que os homens ofendam a Deus, e sejam condenados ao inferno. Eis o motivo que leva os demónios a tentarem os homens. Temos muitos exemplos na Sagrada Escritura: a tentação de Eva quando o demónio se lhe apresenta em forma de serpente (Gén. 3, 1-24); as tentações de Jesus no deserto (Mt. 4, 1-12); etc.

Também nos tentam a nós de muitas maneiras aliciando-nos ao mal (dar exemplos). A tentação não é pecado. Cair nela, isso sim, é pecado. Por isso, quando nos sentirmos tentados, devemos recorrer a Deus e dizer no íntimo do nosso coração: «Afasta-te, Satanás». Também devemos recorrer à Santíssima Virgem, nossa Mãe, e ao nosso Anjo da Guarda.

*Nota:* Nesta alínea e na anterior podem servir as ideias da Introdução C).

- d) *Os Anjos da Guarda defendem-nos e ajudam-nos* [contar a história de Tobias].

Há no Antigo Testamento um livro muito bonito; é o livro de *Tobias*. Conta-se aí que o filho de Tobias devia fazer uma viagem muito longa, cheia de perigos. Então procura um companheiro de viagem e Deus envia-lhe um arcanjo, que o acompanha e lhe ensina o caminho, fazendo-o voltar feliz a casa. Este arcanjo era S. Rafael.

Nós também vamos a caminho do Céu e nesta nossa viagem, há muitos perigos para a nossa alma e o nosso corpo. Deus dá-nos um companheiro que está sempre ao nosso lado, embora o não vejamos.

O nosso Anjo ama-nos como o melhor dos nossos amigos, protege-nos noite e dia, e fala-nos ao coração convidando-nos a fazer bem as coisas. Quando rezamos, ele reza connosco e apresenta a nossa oração a Deus. Que bom amigo é o nosso Anjo da Guarda.

*Nota:* Esta alínea pode suprimir-se quando o ponto de partida for B. 1. b).

- e) *Sentido do uso da água benta.*

A Igreja recomenda aos cristãos usar a água benta, que é um sacramental, para implorar o perdão dos nossos pecados veniais e alcançar a protecção de Deus contra as investidas do demónio. Santa Teresa de Jesus dizia: «Aquilo de que mais foge o demónio para não mais voltar, é da água benta».

### **3. Perguntas-resumo**

Para que foi que Deus criou os Anjos? Quem são os Anjos? Quem é o Anjo da Guarda? Quem são e o que fazem os demónios? Para que serve a água benta?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

### 1. No Cânone I da Santa Missa diz o Sacerdote:

«Deus todo-poderoso,  
nós vos suplicamos  
que, pelas mãos do Vosso santo Anjo,  
mandeis levar estas oferendas  
ao Vosso altar celeste,  
à presença da Vossa divina Majestade.»

Quando no Domingo assistirmos à Santa Missa, recordemos que o nosso Anjo está ao nosso lado e deponhamos nas suas mãos as nossas preocupações, os nossos propósitos e as nossas súplicas para que ele as apresente ao Senhor.

2. Recordar-lhes as festas dos Anjos no ano litúrgico. A Igreja manifesta a sua fé e devoção aos Anjos de muitas maneiras: uma delas é com as festas que lhes dedica. No dia 29 de Setembro a dos Arcanjos S. Miguel, S. Gabriel e S. Rafael; 2 de Outubro celebra-se as festas dos Santos Anjos da Guarda; e no dia 10 de Junho o Santo Anjo da Guarda de Portugal.

## D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Aprender as perguntas correspondentes do Catecismo.
- Recolher, por grupos, os episódios da Sagrada Escritura nos quais aparecem os Anjos. Depois, cada grupo exporá o seu trabalho.
- Fazer cada um um cartaz com um episódio evangélico em que aparece algum anjo.
- Que façam, no seu caderno, um breve resumo das ideias da sessão, utilizando fotografias ou desenhos para ilustrar o tema.
- Fazer uma redacção sobre o tema seguinte: «Os demónios tentam os homens».
- Fazer um breve comentário a estes versículos do Salmo 90:

*Nenhum mal te atingirá,  
E o flagelo não se aproximará da tua tenda.  
Porque mandou aos Seus Anjos  
Que te guardem em todos os teus caminhos.  
Eles te levarão nas suas mãos,  
Para que não tropeces em alguma pedra.*

## E) PERGUNTAS DO CATECISMO

*Manual de Doutrina Católica, nn. 33 a 37.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 5 — Deus criou o Homem  
livre e responsável.*

GC - 5

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

Depois dos Anjos, que são espíritos puros, na escala dos seres criados aparece o homem, composto de alma e corpo. A alma é a parte espiritual, dotada de inteligência e vontade e, por conseguinte, de responsabilidade; o corpo é a parte material que serve de instrumento à alma com a qual está unido essencialmente. A alma e o corpo unidos formam o homem, que também é criatura de Deus e tem um destino sobrenatural, como os Anjos. Consideremos a criação do homem.

#### **1. Deus criou o homem**

A Sagrada Escritura nos primeiros capítulos do *Génesis* descreve, de uma maneira pedagógica e simples, a origem das diversas criaturas que povoam a face da terra. Quando o lugar que iria ocupar já estava preparado *então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* (Gén. 1, 26). *E o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo* (Gén. 2, 7). Com estas palavras ensina-nos a criação do homem, saído das mãos de Deus.

Aprofundando o conteúdo da narração bíblica, vemos que o homem é uma criatura composta de alma e corpo, unidos para formar um único ser. O corpo provém da terra; a alma é criada *directa e imediatamente por Deus*, tanto no caso de Adão e Eva, como quando agora cria a alma de cada homem. A razão é que a alma é uma substância espiritual e imortal. Isto faz do homem a criatura mais nobre da criação visível, enquanto nele se reúne o universo material e espiritual.

Não é como os Anjos, seres simplesmente espirituais; mas também não é como os animais irracionais: é um ser peculiar, composto de alma e corpo substancialmente unidos. Ao ter uma alma espiritual, pode dar conscientemente glória a Deus; ao participar do corporal, alcança o vértice do mundo material, dignificando as coisas da terra que Deus colocou nas suas mãos para que, usando-as, O conheça, O sirva e O ame.

## **2. O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus**

A fotografia de um ser querido é uma imagem que nos lembra essa pessoa. É vulgar ouvirmos dizer que uma pessoa se parece ou é semelhante à sua mãe na cara, pela maneira de falar, etc.

Também a Sagrada Escritura diz que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. Que quer isso dizer? Em que consiste esta semelhança? Ora Deus é espírito puríssimo que não tem corpo. A nossa semelhança com Ele à maneira de imagem encontra-se na alma, como afirma o Concílio Vaticano II: «não se engana o homem, quando se reconhece por superior às coisas materiais (...) ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal»<sup>1</sup>.

A imagem natural de Deus no homem foi sublimada pela graça que é uma certa semelhança da Divindade participada no homem. Adão e Eva foram elevados por Deus a uma ordem sobrenatural à intimidade com Deus, recebendo para isso a graça: Este dom não era devido à natureza humana mas foi uma grande dádiva, completamente gratuita.

## **3. O homem é um ser composto de alma e corpo**

A realidade do corpo humano, como algo material que é, comprova-se pelos sentidos; porém, a existência e a natureza espiritual da alma são deduzidas das operações do entendimento e da vontade, que são faculdades da alma e têm a mesma natu-

---

<sup>1</sup> VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 14.

reza do princípio do qual procedem. Se o conhecimento e o amor humano são universais, imateriais, espirituais, também o devem ser os princípios donde procedem a inteligência, a vontade, a alma. Também a revelação divina nos fala da natureza da alma (cfr. Gén. 2, 7; 3 Re. 17, 21; Ecl. 12, 7; Sab. 3, 1 ss, Mt. 10, 28.39; 16, 25, etc.).

O Magistério da Igreja propõe como verdade da nossa fé que Deus cria em cada homem, uma alma espiritual e imortal: «Cremos em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, Criador das coisas visíveis ...e das coisas invisíveis ... e também Criador, em cada homem, da alma espiritual e imortal»<sup>2</sup>.

*A alma imortal.* A alma, criada directamente por Deus, teve princípio mas não terá fim: é imortal. O Concílio Lateranense V define a imortalidade da alma contra os erros do século XVI: «Condenamos e reprovamos todos aqueles que afirmam que a alma intelectiva é mortal ou única em todos os homens e aos que disto duvidam, pois ela não é só verdadeira e essencialmente por si a forma do corpo ... mas também é imortal»<sup>3</sup>.

A morte é a separação da alma do corpo, mas embora o homem morra, a alma permanece incorruptível e imortal depois da morte. Como diz o Senhor: *Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma* (Mt. 10, 28).

A Sagrada Escritura fala-nos do juízo de Deus, que recompensará as boas obras e castigará os pecados que não foram reparados na terra; o que confirma a imortalidade da alma. A liturgia da Igreja revela a sua fé na imortalidade da alma tanto no culto dos santos como nos sufrágios pelos defuntos. Como diz o Prefácio da Missa pelos Defuntos: *e, se a certeza da morte nos entristece, conforta-nos a promessa da imortalidade.*

*Para os que crêem em Vós, Senhor, a vida não acaba, apenas se transforma; e, desfeita a morada deste exílio terrestre, uma habitação eterna se adquire no céu*<sup>4</sup>.

Deus criou o homem em perfeita harmonia, de modo que as paixões estavam submetidas à razão, o corpo à alma e a alma a Deus. Porém, esta harmonia foi desfeita pelo pecado original que todos herdamos dos nossos primeiros pais. Depois do pecado, é necessário o empenho da nossa vontade que colabora com a graça de Deus, se quisermos conseguir o domínio sobre as paixões.

---

<sup>2</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 8.

<sup>3</sup> V CONCÍLIO DE LATRÃO, ano 1513, Dz 738 (1440).

<sup>4</sup> *Missa de Defuntos*, Prefácio I.

#### 4. O homem é um ser livre e responsável

Porque tem uma alma espiritual, o homem é um ser livre. Isto equivale a dizer que pode fazer o bem, actuando de acordo com os desígnios e os planos traçados por Deus, mas também pode abusar da sua liberdade e fazer o mal, opondo-se aos mandamentos de Deus.

A liberdade é a faculdade de escolher os meios respeitando a ordenação ao fim. Portanto, o homem actua recta e livremente quando actua de acordo com as normas que Deus lhe impôs para a consecução do seu fim. Uma criatura aperfeiçoa-se e é feliz quando age conforme a vontade de Deus. Do mesmo modo que o homem é livre, também é responsável, isto é, tem de responder pelos seus actos. A responsabilidade é a propriedade pela qual o homem está obrigado a responder pelos seus actos.

Vulgarmente fala-se de responsabilidade num sentido positivo, enquanto uma pessoa se esforça por ser coerente com as suas obrigações e os seus deveres, tornando-se merecedora da liberdade. Ponhamos um exemplo: Se aproveitamos diariamente o tempo na escola, estudando e convivendo com os companheiros, de modo que, no fim, não só passamos no exame, mas também melhoramos a formação, fomos verdadeiramente responsáveis, no sentido exacto da expressão. Mas se não tivéssemos procedido assim, perdendo o tempo e não aproveitando as oportunidades de nos formarmos, também seríamos responsáveis, em sentido moral, perante a consciência, os pais, a escola e perante Deus.

Porque somos livres e responsáveis, caminhamos para Deus livre e responsabilmente; Deus não quer respostas forçadas porque «o Senhor nos deu gratuitamente... outra maravilhosa dádiva humana, a liberdade pessoal, que exige de nós — para que não se corrompa; convertendo-se em libertinagem — integridade, empenho eficaz em desenvolver a nossa conduta dentro da lei divina, porque *onde está o Espírito de Deus, aí há liberdade*» (2 Cor. 3, 17)<sup>5</sup>.

#### 5. A felicidade de viver para a glória de Deus

A Bíblia fala-nos do fim do homem ao dizer-nos: *Deus criou o homem da terra; formou-o à Sua própria imagem. Ele o fez de novo voltar à terra. Revestiu-o de força segundo a sua natureza. Determinou-lhe um tempo e um número de dias, e deu-lhe domínio sobre tudo o que há na terra. Ele o fez temido por todos os seres vivos, e deu-lhe o domínio sobre os animais e as aves. Deu-lhe uma companheira semelhante a ele, da sua própria subs-*

---

<sup>5</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 184.

tância, com inteligência, olhos, língua e ouvidos, e juízo para pensar, e encheu-os de saber e inteligência. Criou neles a ciência do espírito, encheu-lhes o coração de sabedoria, e mostrou-lhes o bem e o mal. Pôs o Seu olhar sobre os seus corações, a fim de lhe mostrar a grandeza das Suas obras, para que louvassem a santidade do Seu nome e O glorificassem pelas Suas maravilhas, publicando a magnificência das Suas obras... E disse-lhes: «Guardai-vos de toda a iniquidade» (Ecl. 17, 1 ss).

Deus concedeu esses dons aos nossos primeiros pais para que vivessem como filhos Seus e fossem felizes. É este o nosso fim e aí está a nossa grandeza.

De entre esses dons, uns eram naturais, outros sobrenaturais e alguns preternaturais. São dons *naturais* os que são devidos à natureza humana pelo facto de ser homem. Entre estes, destacam-se a inteligência e a vontade para darmos glória ao Criador de modo muito mais excelente que os seres irracionais. Chamamos *sobrenaturais* aos dons que ultrapassam a natureza e que de nenhum modo lhe são devidos. São um dom extraordinário da parte de Deus uma vez que, pela graça, o homem participa da vida de Deus e torna-se herdeiro do céu. Além da graça, são dons sobrenaturais as virtudes infusas e os dons do Espírito Santo. Os dons *preternaturais* que Adão perdeu ao cometer o pecado original, eram outros dons de Deus que ultrapassam as exigências da natureza humana. Eram cinco: integridade, impassibilidade, imortalidade, domínio e ciência infusa.

O resultado de tudo era que «o homem, como explica Santo Agostinho, vivia no paraíso à vontade, enquanto quis o que Deus tinha mandado: gozava de Deus, do Bem, por meio do qual ele era bom; vivia sem necessidades e poderia ter vivido sempre assim (...). O seu corpo não conhecia a corrupção produzida pela desordem dos sentidos. (...) Gozava de perfeita saúde no seu corpo e de absoluta tranquilidade de espírito»<sup>6</sup>.

Embora Adão perdesse pelo pecado os dons sobrenaturais e os preternaturais, com a Sua Redenção, Jesus Cristo devolveu-nos os sobrenaturais, que nos são dados pelos Sacramentos ao mesmo tempo que nos perdoam os pecados. Tanto os dons naturais como os sobrenaturais se devem pôr ao serviço de Deus, da Igreja e das almas, para que dêem fruto.

Quando actuamos assim, damos glória a Deus, aperfeiçoamo-nos com as virtudes humanas e sobrenaturais, e contribuimos para que todas as criaturas se dirijam a Deus.

---

<sup>6</sup> SANTO AGOSTINHO, *De civitate Dei*, liv. 14, cap. 26.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

*Nota:* Dada a amplitude e importância deste tema, desenvolvem-se dois guias, embora com os mesmos objectivos, para dar em duas sessões.

### PRIMEIRA SESSÃO

#### A) OBJECTIVOS

- Descobrir o significado que tem para o homem o ser «criado à imagem e semelhança de Deus».
- Mostrar a nossa total dependência de Deus.
- Ajudar a viver a responsabilidade, descobrindo a vontade de Deus em todas as coisas.
- Fazer com que valorizem a confissão e a direcção espiritual.

#### De Liturgia e vida cristã

- Conseguir que sejam agradecidos pelos dons de Deus, ajudando-os a descobri-los.
- Levá-los a descobrir como a inteligência e a vontade podem estar ao serviço do bem ou do mal.
- Ensinar-lhes, nos pequenos pormenores, a usar responsabilmente o dom da liberdade.
- Descobrir-lhes como, através da Liturgia e de modo especial na Santa Missa, se pode dar graças a Deus.
- Levá-los a valorizar a importância do exame de consciência para uma acção responsável.
- Animá-los a viver com sinceridade a confissão.

#### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

##### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Narrar, de forma muito viva, as passagens do *Génese* sobre a criação dos nossos primeiros pais, Adão e Eva (Gen. 1 e 2), destacando e mostrando:

- A importância que dá a narração à criação do homem.
- Deus cria um a um: primeiro Adão e depois Eva.
- Cria a alma e infunde-a no corpo de Adão e Eva.
- Deus fez o homem e a mulher «à Sua imagem e semelhança».
- Como, no fim da criação, Deus abençoa Adão e Eva.

O diálogo com os alunos pode cingir-se a estes pontos:

- Sabeis que o homem tem corpo e alma. Dirá o livro do *Génesis* que Deus criou a alma?: Sim, quando Deus «lhe insuflou pelas narinas um sopro de vida».
- Deus tem mãos?: Não. Porque é que o *Génesis* diz que com Suas mãos modelou o primeiro homem?: É uma maneira simples de falar para se entender mais facilmente.
- Deus criou do nada o corpo de Adão?: Não. Formou-o de uma matéria que já existia.

b) Partindo da comparação dos animais, plantas ou coisas com o homem, descobrir:

- Como os animais actuam por instinto, mas sem liberdade.
- É o hábito que os leva a actuar.
- Ao contrário, o homem actua porque quer e quando quer, porque tem liberdade.

No diálogo, podem-se descobrir pormenores concretos da vida das crianças em que elas exercitam a liberdade: por exemplo, ir ou não à escola, fazer ou não os deveres, etc.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Deus criou o homem com o seu corpo e alma* [utilizar a narração do *Génesis*].

O livro do *Génesis* diz-nos que Deus formou o corpo do homem «do barro da terra» e «insuflou-lhe pelas narinas um sopro de vida». Com essas palavras tão simples, inteligíveis para todos, Deus diz-nos que formou o homem de uma matéria que já existia, e que, depois criou directamente do nada uma alma e uniu-a a esse corpo. Depois de Adão e Eva, os homens recebem o corpo dos pais mas a alma recebem-na *directamente* de Deus.

- b) *Deus criou o homem «à Sua imagem e semelhança»* [explicar bem o que é imagem e semelhança].

A obra de um artista é um reflexo desse artista. E assim, embora, por vezes, uma obra de pintura, arquitectura ou literatura, não leve a assinatura do autor, podemos descobri-lo porque nela está reflectida a sua personalidade. O homem é imagem de Deus porque reflecte Deus. Vejamos alguns aspectos mais importantes:

1.º — *O homem é um ser inteligente*. Os animais não pensam; o homem pode pensar e exprimir em palavras o seu pensamento. Sabe calcular, contar, medir, etc., fabrica motores, descobre a

electricidade. Distingue-se dos demais seres pela sua razão, pela sua inteligência, que é um reflexo da inteligência de Deus. Os animais louvam Deus sem o saber; o homem louva-O sabendo o que faz.

2.º — *O homem é um ser livre.* Os animais governam-se por instintos e não podem agir de outra maneira. As plantas governam-se por leis a que obedecem cegamente. O homem pode escolher: pode fazer esta ou aquela coisa conforme lhe apraz. Um homem que está triste pode decidir não comer; pode amar ou não os seus pais; pode cumprir ou não as leis que o Senhor lhe deu. Deus dá-lhe possibilidade de escolher livremente. Deus, que é livre, quer que os homens sejam livres.

3.º — *O homem é rei e senhor do Universo.* Deus confiou o mundo ao homem para que este o submetesse e o transformasse. O homem pode domesticar animais selvagens, desviar os rios, fazer explodir as rochas, cortar as árvores, etc. Deus quis que assim fosse. Sendo Deus dono e Senhor de tudo, porque tudo foi criado por Ele e tudo Lhe pertence, pô-lo nas mãos do homem para que fosse senhor e dominador da terra. Nisto também o homem se parece com Deus, pois Este deu-lhe o poder de dominar sobre os animais, as plantas ... o universo inteiro.

4.º — *É sobretudo, pela graça que o homem é imagem de Deus.* Embora o tema da graça se desenvolva noutra sessão, é importante dar-mo-nos conta de que, de entre todos os benefícios de Deus ao homem, o que mais nos assemelha a Ele é a graça santificante, que recebemos no Baptismo. A graça torna-nos participantes da Sua natureza e eleva-nos à dignidade de Seus filhos.

c) *Temos de dar muitas graças a Deus* [levá-los a aprender alguma jaculatória].

Quando conhecemos com maior profundidade tudo o que Deus fez por nós, sentimos desejos de louvar a Deus e de Lhe dizer que Lhe agradecemos ter-nos feito semelhantes a Ele, enriquecendo-nos com tantos dons. Podemos dizer-Lhe muitas vezes ao dia:

— «Obrigado, Senhor, por me teres criado e me teres feito cristão!»

— «Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.»

d) *Usar a inteligência e a vontade para o bem* [este tema deve ser muito prático, usando exemplos que eles conheçam].

Os homens, porque são livres, podem usar bem ou mal a sua inteligência e vontade. Podem viver à base de mentiras, de

errôs. Podem fazer ou desejar coisas más: matar, roubar... Quando os homens actuam assim não são felizes, porque não fazem o bem e sentem remorso na sua consciência; e não podem ir para o Céu.

Temos de aprender a usar a nossa inteligência e vontade, dizendo a verdade, aprendendo bem o que nos ensinam e fazendo o que o Senhor quer. Assim seremos felizes na terra e depois, para sempre, no Céu.

### 3. Perguntas-resumo

Que é o homem? Para que criou Deus o homem? Que quer dizer criado «à Sua imagem e semelhança»? Como usar bem a inteligência e a vontade? O que é a liberdade?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Santa Missa também se chama Sacrifício Eucarístico, que significa sacrifício de acção de graças. Seria bom ajudá-los a descobrir dentro da Santa Missa alguns momentos especiais de acção de graças para que os aproveitem quando forem à Missa, por exemplo:

a) Todos os prefácios começam com um agradecimento a Deus por Jesus Cristo: *Senhor, Pai Santo, Deus eterno e onnipotente! É verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação dar-Vos graças sempre e em toda a parte por Cristo Nosso Senhor.*

b) Na Anáfora II, depois do momento da Consagração, diz-se: *... nós Vos oferecemos, em acção de graças, o pão da vida e o cálice da salvação pois nos admitistes à Vossa presença para Vos servir neste mistério.*

c) Na Anáfora III também no mesmo momento se reza, dizendo: *... e esperando a Sua vinda gloriosa, nós Vos oferecemos, em acção de graças, este sacrifício vivo e santo.*

d) É importante levá-los a descobrir este aspecto de agradecimento ao Senhor e recomendar-lhes que, depois da Missa, permaneçam uns momentos em acção de graças.

2. Pode servir como resumo da sessão comentar parte da Anáfora IV, onde se diz: *Pai Santo! Nós Vos glorificamos porque sois grande, e tudo criastes com sabedoria e amor. Formastes o homem à Vossa imagem e lhe confiastes o universo, para que, servindo-Vos unicamente a Vós, seu Criador, dominasse sobre todas as criaturas.*

3. Poderão aprender a cantar o salmo de acção de graças: «Dai graças ao Senhor porque Ele é bom, porque é eterno o Seu amor» (F. Domingos) ou «Pelo Vosso eterno amor, bendito sejas, Senhor» (Manuel Luís).

#### D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Saber responder às perguntas do Catecismo.
- Escrever com letras grandes e comentar a frase de Jesus: *Vós valeis mais que todas as coisas do mundo* (Cfr. Mt. 10, 31).
- Compor por grupos uma oração em forma de ladainha, sobre os benefícios recebidos de Deus, com o refrão «Nós Te damos graças, Senhor».
- Fazer um cartaz sobre a criação do homem onde se evidencie a diferença com o resto da criação.

(Em todos os trabalhos é muito conveniente recordar-lhes o sentido de responsabilidade, na pontualidade, nos encargos, etc.).

#### E) PERGUNTAS DO CATECISMO

*Manual de Doutrina Católica*, n. 38 a 43.

## SEGUNDA SESSÃO

*Nota:* Os OBJECTIVOS são os mesmos da sessão anterior.

#### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

##### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar com o exemplo seguinte: «Um professor explica um dia os rios mais importantes do seu país: como se chamam, por onde passam, o seu comprimento, etc. Depois manda aos alunos que façam um trabalho sobre este tema. Uma vez terminados os trabalhos, os alunos entregam-nos ao professor que os corrige e lhes dá uma classificação. Positiva aos que responderam bem e negativa aos que responderam mal». *Destacar:*

- Os alunos *dependem* do professor quanto à sua formação.
- Os alunos *são livres* em responder desta ou daquela maneira; podem ou não fazer caso do que disse o professor.

No diálogo pode focar-se, aludindo a situações concretas, o tema da responsabilidade académica e a liberdade do aluno nesse campo: estudar mais ou menos, uma disciplina ou outra. Falar-lhes da sua responsabilidade perante as notas.

b) Comentar brevemente a parábola dos talentos (Mt. 25, 14-30 ou Lc. 19, 12-17) mostrando-lhes:

- Que os talentos não se referem só à inteligência.
- Que são todos os dons que recebemos de Deus.
- Que temos de os fazer frutificar.
- Que no fim da vida temos de dar contas a Deus.

Dialogar com eles sobre a falta de responsabilidade daquele que só recebeu um talento. Como o mais importante não é o número de talentos mas o rendimento. Como o prémio é igual tanto para o de cinco como para o de dois.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *O homem depende de Deus* [mostrar-lhes quão ridículo é orgulharmo-nos do que nos é emprestado].

Tudo o que o homem tem, recebeu-o de Deus: o corpo, indirectamente através dos pais e a alma directamente d'Ele. Além disso, mantém-nos na existência e concede-nos muitos dons, entre os quais se destaca a graça santificante que recebemos no momento do nosso Baptismo. A única maneira lógica e honrada de viver é apercebermo-nos da nossa dependência de Deus. Pois, queiramos ou não, dependemos continuamente d'Ele para poder viver e fazer qualquer coisa.

b) *O homem é responsável pelos seus actos* [dar exemplos de como os homens são responsáveis].

1.º — *A terra não é responsável.* Após um terramoto, não podemos perguntar à terra porque fez isso. Não só não nos pode responder, porque não tem inteligência e vontade, como não podia fazer de outro modo. O terramoto foi consequência de leis físicas que se cumpriram. Nem sequer é responsável das coisas bonitas: o nascimento de uma flor, etc.

2.º — *Os animais também não são responsáveis.* Se um cavalo mata ou fere o seu dono com um coice quando este o curava de uma ferida, não é responsável por isso, não sabe o que faz; age por instinto. Do mesmo modo, não é responsável dos bons serviços que presta ao seu dono: trabalho, etc.

3.º — *O homem, pelo contrário, é responsável pelo que faz.* Ao chegarmos a casa, perguntam-nos o que fizemos durante o dia e nós respondemos: estudámos, jogámos um desafio de futebol ou demos um passeio; somos responsáveis do que fizemos, porque podíamos não ter estudado...

Se fizemos o que devíamos fazer, merecemos um prémio; se não, merecemos um castigo. Nem a terra, nem o cavalo, nem as plantas merecem um prémio ou um castigo pelo que fazem.

c) *Como devemos comportar-nos?* [dar exemplos concretos e levá-los a viver um deles nesse dia].

Dizíamos há pouco que somos merecedores dum prémio ou dum castigo, conforme fizemos ou não o que devíamos fazer. O que temos de fazer é cumprir em tudo a vontade de Deus. Os Mandamentos da Lei de Deus, da Santa Igreja, as obrigações da nossa idade e estado dizem-nos o que temos de fazer para com Deus, para com os outros e para connosco mesmos.

— *Deus sente-Se orgulhoso e premeia-nos quando cumprimos a Sua vontade.*

— *As outras pessoas são mais felizes e agradecidas quando nos portamos bem com elas.*

— *Nós sentimo-nos mais alegres e contentes com a nossa vida quando, apesar das dificuldades, fazemos o que devemos fazer.*

d) *Para poder cumprir sempre a vontade de Deus devemos deixar que nos ajudem* [concretizar o tema da confissão e do exame de consciência à noite].

Muitas vezes ser-nos-á difícil saber o que Deus quer de nós e conhecer a Sua vontade. Por isso, o Senhor deixou-nos certas pessoas que, em Seu nome, nos fazem ver qual é a Sua vontade a nosso respeito. Essas pessoas são os nossos pais, os nossos educadores e o sacerdote a quem nos confessamos habitualmente. Ele poderá ajudar-nos dum modo especial a descobrir a vontade de Deus a nosso respeito porque nos conhece. Para isso, temos de ser muito *sinceros*, para que nos conheçam, e muito *constantes*, para que possamos ser cada vez melhores.

Se nos habituarmos a fazer um exame de consciência, breve mas sério, no fim do dia, veremos se cumprimos a vontade de Deus (explicar como podem fazer este exame de consciência).

### 3. Perguntas-resumo

O que é ser responsável? Porque dependemos de Deus? O que é a direcção espiritual? Qual a virtude mais importante para que nos aproveite a confissão?

### **C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA**

Qualquer uma das expostas na sessão anterior.

### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Aprender e repetir as respostas às perguntas da sessão anterior.
- Fazer em grupo um cartaz com diversas actuações de homens ou crianças, dizendo quais as responsáveis e quais as irresponsáveis.
- Fazer uma redacção sob o tema: «A responsabilidade».
- Aconselhá-las a falarem com um sacerdote durante a semana.

### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

As mesmas da sessão anterior.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 6

*Tema 6 — Os nossos primeiros pais  
desobedeceram a Deus e pecaram.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### Introdução

O estudo do pecado original há-de levar-nos a sermos responsáveis. Também nos ajuda a compreender um pouco mais a actuação paternal de Deus sobre os Seus filhos. Quando somos ofendidos, as consequências costumam ser desastrosas: indignamo-nos, atiramos à cara todo o bem que fizemos àquela pessoa, custa-nos perdoar — e às vezes até não perdoamos —, e esperamos que o ofensor percorra sozinho o caminho do desagravo.

O pecado original foi um grande pecado porque os primeiros pais eram criaturas privilegiadas — eram filhos de Deus —, e a sua culpa teve consequências funestas em todos os homens — excepto na Virgem Maria — e em toda a história humana. Mas Deus não os destruiu como faria o homem se estivesse no lugar de Deus. Romperam-se as relações de amizade, mas Deus preparou-lhes o caminho do regresso que havia de durar séculos: os que eram imprescindíveis segundo os planos divinos para receberem o perdão. Isto é impressionante: Deus percorreu Ele só o caminho da reconciliação, enquanto os homens se mostravam duros de coração e continuavam a pecar. Tanto perdoou Deus que, imediatamente depois do pecado original, lhes prometeu o

perdão que se havia de consumir no futuro e Adão e Eva entenderam-no muito bem porque transmitiram essa esperança aos seus filhos, e aos filhos de seus filhos (cfr. Gén. 3, 15). A promessa incluía que a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Filho Unigénito, encarnaria, trabalharia e nos redimiria numa Cruz. Mais não se pode fazer. Esta é a misericórdia de Deus. Devemos fazer o propósito de confiar sempre no nosso Pai Deus, apesar das nossas inumeráveis misérias.

### **1. No Paraíso antes do pecado**

A vida dos nossos primeiros pais no Paraíso Terreal era muito feliz, pois gozavam de tudo, principalmente da amizade com Deus, e nada sofriam. Quando Deus quisesse, passariam a gozar da Sua presença para sempre no Céu. Por isso os tornou participantes já da Sua vida divina dando-lhes o dom sobrenatural da graça santificante, que os tornava Seus filhos e de uma maneira especial semelhantes a Ele.

Além disso deu-lhes outros dons magníficos que chamamos dons preternaturais, porque não são devidos, em sentido estrito, à natureza humana: iluminou o seu entendimento para conhecer o bem e fortaleceu a sua vontade para tender para Ele com facilidade; não tinham inclinação para o mal e viviam felizes; não estavam sujeitos à dor, às doenças e nem à morte.

Este conjunto constituído pela graça santificante (dom sobrenatural) e privilégios especiais (dons preternaturais), foram dados a Adão e Eva para serem transmitidos a toda a humanidade, que eles representavam. Assim podiam com toda a facilidade conhecer e amar a Deus.

### **2. A Bíblia**

**descreve o pecado original dos nossos primeiros pais**

O texto sagrado ensina-nos o seguinte: 1.º) que o demónio interveio para tentar os nossos primeiros pais; 2.º) que o homem pecou, e, como consequência, perdeu o seu estado de amizade com Deus; 3.º) que esta desgraça atinge todos os seus descendentes; 4.º) que Deus não abandonou o homem caído no pecado e anunciou-lhe, de maneira velada, a vinda do Salvador.

Adão e Eva revoltaram-se contra Deus e pecaram quando estavam perfeitamente dotados para viver na presença do Criador e confiar absolutamente n'Ele. Afastaram-se de Deus e perderam os dons sobrenaturais e preternaturais; todo o seu ser sofreu, piorou, e, por isso, as paixões insurgem-se contra a razão, impedem o livre exercício da vontade e dificultam a prática do bem; e com o pecado entrou no mundo o mal, a dor e o sofrimento.

Deus fez o mundo bom, mas os homens estragaram-no com a sua infidelidade.

A Sagrada Escritura descreve-nos dum modo simples, para que todos possamos compreender, que Adão e Eva cortaram os laços de amizade que os uniam a Deus: *A serpente disse à mulher: «É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?»*. A mulher respondeu-lhe: *«podemos comer o fruto das árvores do jardim, mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes morrereis»*. A serpente retorquiu à mulher: *«Não, não morrereis; mas Deus sabe que, no dia em que o comerdes abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal»*. Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer, pois era de atraente aspecto, e precioso para esclarecer a inteligência, agarrou no fruto, comeu, deu dele a seu marido, que estava junto dela, e ele também comeu» (Gén. 3, 1-6).

Como aos Anjos, Deus quis sujeitar o homem a uma prova. Deus queria oferecer aos nossos primeiros pais uma oportunidade de eles mostrarem a sua fidelidade de modo que o que era um puro dom divino passasse a ser, ao menos em parte, mérito seu ao exercerem o dom da liberdade. Deu-lhes oportunidade de actuar conforme o que eram; não como animais que dão glória a Deus mesmo sem querer, porque seguem necessariamente os seus instintos.

Os nossos primeiros pais não escutaram Deus e deixaram-se seduzir pelo demónio *que os incitava a ser iguais a Deus e a não permanecerem na Sua dependência, podendo decidir por si mesmos o bem e o mal*.

Adão e Eva *viam claramente* que violavam o mandamento de Deus; tinham perfeita advertência e pleno consentimento em matéria grave. Além disso, eram os representantes de toda a humanidade.

E com todas essas condições, porque quiseram, usando mal a liberdade que Deus lhes tinha dado, desobedeceram, não cumpriram o mandamento divino e pecaram; e neles todos nós, porque deles descendemos e herdámos a natureza humana. Foi este um pecado particularmente grave, que chamamos *pecado original*.

### **3. As consequências do pecado nos nossos primeiros pais**

Como diz S. Paulo, *por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte penetrou em todos os homens, pois todos pecaram em Adão* (Rom. 5, 12). Os efeitos ou consequências deste pecado foram a perda da graça

santificante (a amizade com Deus) para si e para os seus descendentes e a perda dos dons preternaturais ficando em estado de pecado, com o seu reato (obrigação de expiar) e a sua mancha, e merecendo a pena eterna. Estavam sujeitos à ignorância, às paixões, a trabalhar com dor e à morte. Deus amaldiçoou a terra e disse que esta daria espinhos e abrolhos, e os homens comeriam o pão com o suor do seu rosto.

Como particular consequência do pecado original, há que destacar a *inclinação ao pecado* a que chamamos *concupiscência*. Por ela, o homem tem uma grande facilidade para pecar: possui uma ânsia desordenada de prazeres e coisas terrenas. Esta inclinação é *concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida* (1 Jo. 2, 16). A origem de todas as paixões, de todos os males que existem, de todas as dores e de todas as guerras, está no pecado original.

#### 4. O pecado original é um pecado hereditário

Em Rom. 5, 12 já citado, S. Paulo revela-nos o mistério da transmissão do pecado de Adão e Eva a toda a sua descendência. A Tradição guardou pacificamente esta verdade até ao século V. É uma verdade de fé definida, como recordou Paulo VI: «Cremos que em Adão todos pecaram; o que significa que, por causa da culpa original cometida por ele, a natureza humana comum a todos os homens caiu num estado em que sofre as consequências daquela culpa»<sup>1</sup>.

A mancha do pecado original transmite-se a todos os homens porque, como membros da humanidade, todos pecámos em Adão e Eva; é um verdadeiro pecado, embora não seja voluntário como o são os pecados pessoais. O Papa Paulo VI afirma que o pecado original é verdadeiro pecado em nós; não se trata, porém, de um acto pecaminoso, mas de uma situação pecaminosa herdada: a inversão da união sobrenatural com Deus<sup>2</sup>.

Assim, todo o homem nasce *sem a vida da graça* que, segundo os planos de Deus, deveria herdar dos nossos primeiros pais, simultaneamente com a vida natural; e «é a natureza humana

---

<sup>1</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VII-1968, n. 16. Foi definida essa verdade no Concílio de Cartago, aprovado pelo Papa Zózimo; no Concílio de Orange, aprovado pelo Papa Bonifácio II, e no Concílio de Trento.

<sup>2</sup> Assim o exprime Orígenes: «Cada uma das almas que nasce da carne está manchada pela sujidade do pecado e da maldade (...). A isto podemos acrescentar que é esta a razão pela qual a Igreja administra o baptismo às crianças, isto é, para perdoar os pecados. Pois, se nas crianças nada existisse capaz de ser perdoado, seria supérflua a graça do Baptismo» (ORÍGENES, *In Levit.*, 8, 3).

assim decaída, despojada do dom da graça que antes a revestia, ferida nas suas próprias forças naturais e sujeita ao domínio da morte, que é transmitida a todos os homens; e é neste sentido que cada homem nasce em pecado»<sup>3</sup>. Só a Virgem Maria foi preservada do pecado original por privilégio especial, sendo concebida Imaculada, em atenção aos méritos de Seu Filho Jesus Cristo.

Por tudo isto, visto «que o pecado original é transmitido com a natureza humana, 'não por imitação, mas por propagação' e que, portanto, ele é 'próprio de cada um'»<sup>4</sup>, compreende-se que nas actuais circunstâncias a natureza do homem se encontre ferida e muitas vezes não se incline ao bem espontaneamente, antes, pelo contrário. Daí que tenhamos que lutar contra a concupiscência própria e alheia para conseguir fazer o bem. E esta luta consiste em afastar os obstáculos e preparar o coração para acolher a graça de Deus.

### 5. Fomos redimidos por Jesus Cristo

Deus, quando impôs aos nossos primeiros pais o castigo pelo pecado original, anunciou também a promessa da futura redenção ao dizer à serpente: *Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela. Esta esmagar-te-á a cabeça, ao tentares mordê-la no calcanhar* (Gén. 3, 15).

Isto é, um dia o demónio será vencido, pois do género humano (da Mulher, a Santíssima Virgem) sairá um Redentor (a descendência), Jesus Cristo que salvará a humanidade do pecado e das suas graves consequências (descendência da serpente). Este anúncio salvador é conhecido como o Proto Evangelho, isto é, a primeira Boa Nova da Salvação dada por Deus no Paraíso Terreal, nos primórdios da humanidade, depois do primeiro pecado. O que Deus anunciou no Antigo Testamento por meio dos Profetas, cumpriu-se em Jesus Cristo e cumpre-se constantemente na Igreja.

Em Jesus Cristo, morto na Cruz e ressuscitado, encontramos o sentido redentor da dor humana, incompreensível sob outros pontos de vista. O sofrimento adquiriu em Jesus Cristo um valor, cuja plenitude até Ele se desconhecia: as nossas dores físicas e morais jamais serão tão grandes como as do Senhor, mas se as unirmos aos Seus méritos na Cruz, à Sua intercessão a nosso favor, então sentir-nos-emos reconfortados e possuidores de um tesouro valiosíssimo. Graças a Deus, onde havia pecado há graça; onde havia trevas há luz; onde havia dor há corredenção ...

---

<sup>3</sup> PAULO VI, *o. c.*

<sup>4</sup> *Idem.*

Pelo Baptismo são-nos aplicados individualmente os infinitos méritos de Jesus Cristo que nos justificam, fazendo-nos passar do estado de pecado ao estado de graça e de adopção de filhos de Deus. A pena e a culpa do pecado original e dos pecados pessoais, se os houver, é-nos perdoada totalmente; mas permanecem os vestígios do pecado pelos quais continuamos sujeitos ao erro, à concupiscência e à morte.

Contudo, recebemos neste sacramento a adopção como filhos de Deus pela graça, pela qual somos incorporados a Jesus Cristo: *Sobre esta água, Senhor, desça por Vosso Filho a virtude do Espírito Santo, para que todos sepultados pelo Baptismo na morte com Cristo, com Ele ressuscitem para a vida*<sup>5</sup>.

#### A) OBJECTIVOS

- Levá-los a compreender que Deus fez o mundo bom e que o pecado lesa a ordem imposta pelo Criador.
- Mostrar que o pecado é o pior de todos os males.
- Que distingam bem entre *concupiscência* e *pecado*, sublinhando que a concupiscência não é pecado mas uma inclinação para o mal.
- Que caiam na conta que é preciso lutar para serem bons, pois estamos inclinados para os sete pecados capitais, como consequência do pecado original.

#### De Liturgia e vida cristã

- Fomentar nas crianças a atitude de arrependimento.
- Que aprendam ou recordem a «Confissão» e o «Acto de Contrição».
- Mostrar-lhes como somos atraídos para o pecado.
- Habitua-los ao exame de consciência frequente: todas as noites.
- Que descubram como no Baptismo se manifesta o amor redentor de Deus aos homens.
- Ajudá-los a fomentar a atitude de arrependimento.

#### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

##### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

- a) Descrever o pecado dos nossos primeiros pais tal como vem narrado no *Génesis* 3. Convém insistir no diálogo que segue:
- Como era a vida de Adão e Eva no Paraíso antes do pecado?:  
Muito feliz; não podiam sofrer qualquer mal; depois de vive-

---

<sup>5</sup> *Ritual do Baptismo*, Bênção e invocação de Deus sobre a água.

rem felizes na terra, passariam sem morrer a gozar de Deus eternamente no Céu.

- Porque é que há dor, sofrimento, ódio, guerras...? Porque é que todos morremos? Porque é que descobrimos no nosso interior o mal, a inveja, o rancor...?: Por culpa do pecado original.
- Foi muito grave este pecado?: Sim, já que tinham plena liberdade, conhecimento e deliberação, e a matéria era grave.
- Todos os homens nascem com este pecado?: Sim, por serem descendentes de Adão e Eva.
- Por meio de quem veio a salvação?: Por meio de Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem.

b) A partir do facto do Baptismo, mostrar às crianças a razão — o porquê — deste Sacramento:

- Como meio pelo qual Jesus Cristo perdoa o pecado original.
- Todos nascemos com ele, herdado dos nossos primeiros pais.
- Não se pode perdoar a não ser pelo Baptismo.

O diálogo pode continuar na direcção da alínea anterior.

## **2. Desenvolver as seguintes ideias**

- a) *Os nossos primeiros pais eram muito felizes no Paraíso Terreal* [servir-se das ideias contidas em Gén. 2, 8-25].

Deus, levado de amor, criou os homens para que um dia pudessem contemplá-l'O e viver eternamente junto d'Ele. Por isso os fez participantes da Sua vida divina. A este grande e imerecido dom chamamos a vida da *graça* ou *graça santificante*. Além disso, Deus colocou-os num lugar excelente — o Paraíso Terreal — e deu-lhes ainda muitos outros dons que não mereciam: iluminou a sua inteligência, fortaleceu a sua vontade; estavam livres da sua inclinação ao mal, à dor, à doença e a outros males; estavam até preservados da morte. Estes dons deviam ser transmitidos por Adão e Eva a toda a Humanidade.

- b) *Deus quis submeter Adão e Eva a uma prova, como o fez com os Anjos* [perguntar-lhes se conhecem qual foi a prova a que Deus os submeteu: Gén. 2, 16-17].

Como aos Anjos, Deus quis submeter os nossos primeiros pais a uma prova. Por isso lhes deu um mandamento. Se o cumprissem, conservavam todas as graças e dons para si e seus descendentes. Deus podia impor este mandamento, pois era seu Soberano e Senhor absoluto, e queria que dela saíssem vitoriosos.

- c) *Os nossos primeiros pais pecaram* [mandá-los repetir a narração do pecado original].

Tentados pelo demónio em forma de serpente, Adão e Eva não obedeceram a Deus e pecaram. Foi um pecado de soberba, pois quiseram ser como Deus. Ficaram submetidos ao demónio. Com este pecado perderam a amizade com Deus (graça) e os dons que Deus lhes tinha dado gratuitamente. Passaram da felicidade à desgraça e da alegria à tristeza. Ficaram submetidos à *concupiscência*, que não é pecado mas inclina ao mal.

- d) *Todos os homens nascem com este pecado e sofrem as suas consequências* [usar o texto de Rom. 5, 12. Perguntar-lhes se alguém foi preservado deste pecado: a Virgem Maria].

Adão, como era princípio e cabeça do género humano, não só ele perdeu as graças e dons mas também todos os seus descendentes. Em Adão pecou todo o género humano. E nós, ao recebermos dos nossos primeiros pais a natureza, recebemo-la manchada com aquela culpa e, portanto, privados da graça e daqueles dons. Isto é o que chamamos *pecado original* com o qual todos nascemos.

- e) *Consequências do pecado original em nós* [deixar claro como os males da humanidade são consequência do pecado original].

Todos os pecados e males da humanidade têm a sua origem no pecado de Adão. Todos os homens nascem com as gravíssimas consequências do pecado original. Por isso existe em nós uma inclinação ao pecado, que é a *concupiscência*. Esta revela-se na ânsia desordenada pelas coisas terrenas; por exemplo: gozos, bens, honras, consideração. Os homens vivem também no meio de inumeráveis penas e calamidades e, por fim, morrem. Pelo pecado original, o demónio adquiriu domínio sobre o mundo.

- f) *Deus teve compaixão dos homens e prometeu-lhes um Redentor* [explicar a promessa feita em Gén. 3, 15].

Contudo, apesar do pecado, Deus teve compaixão dos homens e prometeu-lhes uma redenção futura. Deus prometeu que do género humano sairia um Redentor — Jesus Cristo — que salvaria a humanidade do pecado e das suas graves consequências.

### 3. Perguntas-resumo

Quem foram os nossos primeiros pais? Deus impôs-lhes algum preceito? Obedeceram eles a esse preceito? Que é o pecado original? A quem prejudicou o pecado dos nossos primeiros pais?

### C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. O Baptismo é como uma morte e uma ressurreição. Morremos para o pecado e ressuscitamos para a nova vida da graça. Depois de derramar a água sobre o baptizado, o sacerdote unge-o com o Santo Crisma e diz: *Deus Todo-Poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que te libertou do pecado e te regenerou pela água e pelo Espírito Santo, unge-te com o Crisma da salvação, para que, reunido ao Seu povo, permaneças, eternamente, membro de Cristo, sacerdote, profeta e rei.*

E, pondo-lhe uma veste branca, diz: *N. ..., agora és nova criatura e estás revestido de Cristo. Esta veste branca seja para ti símbolo da graça ...*

2. Pode ser conveniente rever o rito da confissão, para que as crianças aprendam alguma jaculatória simples, entre as que aparecem no ritual. Podem ser:

- Antes da acusação dos pecados dizer: «Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que eu Te amo».
- Depois de confessar os pecados e antes da absolvição: «Senhor, Filho de Deus, tende piedade de mim, que sou pecador», ou «Meu Deus, porque sois tão bom, tenho muita pena de Vos ter ofendido. Ajudai-me a não tornar a pecar».

### D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas respectivas do Catecismo.
- Fazer um resumo da sessão no caderno, ilustrando-o com fotografias ou desenhos.
- Preparar-se para receber o sacramento da Penitência.
- Assistir a uma cerimónia do Baptismo recebendo do sacerdote ou do catequista uma explicação das cerimónias.
- Fazer um comentário sobre a oração do Baptismo da alínea C) 1.
- Aprender o cântico «Pecámos, Senhor, tende compaixão de nós».

### E) PERGUNTAS DO CATECISMO

*Manual de Doutrina Católica, nn. 44-49.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 7 — Jesus livra-nos dos nossos pecados e torna-nos filhos de Deus.*

GC - 7

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

Tudo parecia indicar que o homem, por sua culpa, estava definitivamente separado de Deus. Mas Deus, na Sua infinita misericórdia, teve compaixão da humanidade. Enviou-lhe um Redentor, o Seu Filho Jesus Cristo, que nos salvou dos nossos pecados, restituindo-nos a filiação divina e tornando-nos herdeiros do Céu. Como diz S. Paulo *onde abundou o pecado, superabundou a graça, para que, assim como o pecado reinou pela morte, assim também reine a graça pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo Nosso Senhor* (Rom. 5, 20-21).

#### **1. Deus Pai foi preparando os homens para a chegada do Messias que é Jesus Cristo**

S. Paulo começa a Epístola aos Hebreus fazendo um resumo da história da Salvação: *Tendo Deus falado outrora aos nossos pais, muitas vezes e de muitas maneiras, pelos Profetas, agora falou-nos nestes últimos tempos pelo Filho a Quem constituiu herdeiro de tudo, e por Quem igualmente criou o mundo.*

*Sendo Ele o resplendor da Sua glória e a imagem da Sua substância e sustentando todas as coisas pela Sua palavra pode-*

*rosa, depois de haver completado a purificação dos pecados, sentou-Se à direita da Majestade Divina nas alturas* (Heb. 1, 1-3).

O facto central de toda a história é a vinda do Messias, Jesus Cristo, para nos salvar dos nossos pecados. O homem não tinha qualquer mérito ou direito para que Deus enviasse um Redentor, que resgatasse a humanidade do pecado e da morte eterna; foi Deus Pai Quem tomou a iniciativa para salvar os homens, manifestando a Sua vontade em diferentes etapas:

*Os Patriarcas* são pessoas reais que prefiguram com a sua vida diversos aspectos do futuro Messias e de como levará a cabo a salvação do homem.

Isaac é uma figura típica do Messias. A obediência heróica de Abraão, seu pai, leva-o a oferecê-lo a Deus no monte, tal como lhe tinha sido indicado, levando a lenha para o sacrifício; mas é substituído miraculosamente por um cordeiro que aparece preso nas silvas, vindo a ser pai de um povo tão numeroso como as estrelas, do qual nasceria o Salvador prometido (cfr. Gén. 22, 1-8). O sacrifício de Isaac prefigura o Sacrifício de Jesus Cristo.

Também o foi Moisés a quem o Senhor escolheu para que libertasse o Seu povo da escravidão do Egipto, conduzindo-o à terra prometida. Ele transmitiu ao povo eleito os Mandamentos, dados por Deus, quando fazia com os homens uma Aliança pela qual Se comprometia a salvá-los de todos os perigos, se eles Lhe fossem fiéis (cfr. Gén. 3, 7 ss 19 e 20). Por ser instrumento da Aliança de Deus e da transmissão do Decálogo, prefigura Jesus, Autor da Nova Aliança e da Nova Lei.

Por meio das *Profecias* vai-se revelando com mais clareza o futuro Redentor. Já no *Génesis*, Deus promete a vitória sobre o demónio por meio do Messias e com a cooperação de uma mulher que seria a Santíssima Virgem (cfr. Gén. 3, 14-15). Isaiás diz-nos: *Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um Filho e o Seu Nome será Emanuel, Deus connosco* (Is. 7, 14; 11, 1 ss). Igualmente afirmam com insistência a chegada do Redentor, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Miqueias anuncia o lugar do nascimento do Messias com estas palavras: *Mas tu, Belém de Efrata, tão pequena para seres contada entre as famílias de Judá, é de ti que Me há-de sair Aquele que governará em Israel. As Suas origens remontam aos tempos antigos, aos dias do longínquo passado* (Miq. 5, 1).

Por meio dos Patriarcas e dos Profetas, Deus foi preparando os homens para a chegada do Redentor, que carregaria com os pecados, morrendo na Cruz para salvar os homens. Isto exige de nós uma conversão, para corresponder a tão grande Amor.

## 2. Jesus Cristo é o Redentor do mundo

Deus, na Sua infinita misericórdia, quis resgatar o que estava perdido e salvar o mundo da escravidão a que estava submetido por causa do pecado: «Em Cristo se realizou plenamente a nossa reconciliação e se nos deu a plenitude do culto divino. Esta obra da Redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus, prefigurada pelas Suas grandes obras no povo da Antiga Aliança, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da Sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão»<sup>1</sup>.

Isto é o que afirmamos ao dizer que Jesus Cristo é o Redentor do mundo: que por Sua Paixão e Morte venceu o demónio, o pecado e a morte, restituindo ao Pai a criação inteira. Por Ele e n'Ele, a criatura humana recuperou a graça divina e o direito à glória que tinha perdido ao afastar-se de Deus pelo pecado.

*Cristo resgata-nos do domínio do pecado.* Sabemos que todo o mal que existe no mundo tem a sua origem no verdadeiro mal que é o pecado. Jesus Cristo, para nos aproximar de novo da amizade divina, resgata-nos do pecado que é origem de toda a escravidão. Por isso dizemos que Jesus Cristo «padeceu sob Pôncio Pilatos, Cordeiro de Deus que leva sobre si os pecados do mundo, morreu por nós pregado na Cruz, salvando-nos com o Seu sangue redentor»<sup>2</sup>.

Fomos libertados da escravidão do pecado original e dos pecados pessoais pela paixão e morte na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. A humanidade inteira foi salva. A Igreja administra o tesouro divino da Redenção — actuando Cristo de modo invisível através dos Seus ministros — e perdoa-nos o pecado original, dá-nos a graça santificante e torna-nos filhos de Deus, por meio do sacramento do Baptismo; quando cometemos algum pecado depois do Baptismo, é-nos perdoado pelo sacramento da Penitência.

*Resgata-nos da morte eterna e do demónio.* Pelo pecado original, que todos cometemos em Adão, ficamos submetidos ao castigo da morte. Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim também a morte penetrou em todos os homens, pois todos pecaram (Rom. 5, 12).

O pecado foi a causa da entrada da morte e condenação eterna no mundo, e também a morte temporal, que é a sepa-

---

<sup>1</sup> VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 5. Cfr. *Unitatis Redintegratio*, n. 2.

<sup>2</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 12.

ração da alma do corpo. Jesus Cristo resgata-nos da morte física porque Ele ressuscitou e nós ressuscitaremos com Ele; e da morte eterna porque, ao perdoar-se o pecado, perdoa-se a pena eterna do inferno. *Se a morte reinou pelo pecado de um só homem, com muito mais razão aqueles que recebem em abundância a graça e o dom da justiça reinarão na Vida por meio de um só, Jesus Cristo* (Rom. 5, 17). Somos resgatados quando, através dos sacramentos, se nos aplicam os méritos ganhos pelo Redentor pregado na Cruz.

Outra consequência do pecado é o domínio que o demónio exerce sobre aqueles que o cometem. Nascemos com o pecado original, sem a graça, e sob o domínio de Satanás já que *aquele que peca, esse é do demónio, porque o demónio peca desde o princípio* (1 Jo. 3, 8). Satanás é o pai do pecado e da mentira (cfr. Jo. 8, 44), mas *para isto é que o Filho de Deus Se manifestou: para destruir as obras do demónio* (1 Jo. 3, 8). Por conseguinte, fomos libertados da escravidão de Satanás.

### 3. Somos filhos de Deus em busca da santidade

Jesus Cristo restituiu-nos o estado de graça que tínhamos perdido pelo pecado original. Pelos Seus méritos somos participantes da natureza divina e herdeiros, segundo a esperança, da vida eterna. Podemos e devemos chamar a Deus muitas vezes: *Pai! Meu Pai!* A santidade consiste em deixar que a graça nos identifique com Jesus, e alcança-se por meio da Cruz. Por isso, convém distinguir bem entre *Redenção objectiva* (obra da Redenção) e *Redenção subjectiva* (justificação), que é a realização dessa Redenção em cada um dos homens pela aplicação dos méritos de Jesus Cristo. Daí que todos os homens estejam redimidos objectivamente mas nem todos se salvem: porque não O querem reconhecer como Deus, não guardam a Sua lei, ou não se valem dos meios de santificação que são a oração, a mortificação e a recepção dos sacramentos.

É a graça que, ao assemelhar-nos a Jesus Cristo, Filho natural de Deus, nos torna a nós filhos adoptivos. As diferenças de filiação são absolutas: «Por Cristo ascendemos a uma dignidade sobrenatural; contudo, não somos filhos de Deus como Ele o é, sem diferença alguma, mas pela graça que nos assemelha a Ele, pois Ele é o Filho genuíno coeterno do Pai; ao contrário, nós somos filhos adoptivos por Sua bondade»<sup>3</sup>.

A Redenção, que Jesus Cristo nos alcançou, exige de nós uma contínua conversão. Trata-se, com certeza, de um facto histórico ocorrido uma só vez, mas cuja eficácia dura para sempre.

---

<sup>3</sup> S. CIRILO DE ALEXANDRIA, *In Ioann. Com.* 1, 9.

Para corresponder generosamente não basta acreditar nela e aproximar-se tibiamente dos sacramentos, mas procurar ardentemente a santidade pessoal. Chamamo-nos e somos filhos de Deus, e temos em Jesus Cristo e na Sua acção divina perpetuada na Igreja o apoio mais firme da esperança. Podemos aspirar à santidade que é o triunfo da caridade sobrenatural sobre as nossas misérias, e devemos procurá-la como a única coisa verdadeiramente importante.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Distinguir bem entre a Redenção objectiva (obra da Redenção) e Redenção subjectiva (justificação) que é a correspondência pessoal.
- Descobrir como Deus ama os homens apesar do pecado.
- Agradecer a Jesus Cristo ter-nos libertado dos nossos pecados.

### De Liturgia e vida cristã

- Conseguir que aumentem o amor a Jesus Cristo que, por amor, nos veio salvar.
- Fomentar a atitude de agradecimento ao Senhor, nosso Salvador.
- Ensinar-lhes como a liturgia nos convida a considerar este tema, dum modo especial no tempo do Advento e Natal.
- Entusiasmá-los a dizer jaculatórias chamando a Jesus Cristo «O Salvador».

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Baseando-se na parábola do filho pródigo (Lc. 15, 11-32), desenvolver o exemplo seguinte:

«Um casal jovem tinha recebido dos seus pais uma grande herança: terras, casas, dinheiro no banco, etc. Este casal, não escutando os conselhos dos pais, começou a gastar muito dinheiro em coisas desnecessárias: automóveis, divertimentos, viagens, etc. Chegou a altura em que já tudo tinham gasto e não tinham de que viver. Nada puderam deixar de herança para os seus filhos.»

Algo semelhante aconteceu aos nossos primeiros pais, Adão e Eva.

Pode-se comentar o facto anterior com um diálogo nestes termos: Que foi que Deus deu aos nossos primeiros pais?: A graça santificante e os dons preternaturais. Lembrais-vos de alguns?: O dom da ciência, da integridade, da impassibilidade, da imortalidade e do domínio. Qual foi o mais importante?: A graça santificante. Porquê?: Porque nos torna filhos e Deus e herdeiros do Céu.

b) Os jornais falam, com frequência, de homens e crianças que expõem a sua vida para salvar os outros.

- Expõem-se a perigos, mesmo de morte, para ajudar os seus semelhantes.
- Os que são ajudados, recordam sempre com gratidão aqueles que os ajudaram em momentos difíceis.
- A esses homens e crianças podemos chamar-lhes propriamente «salvadores».

No diálogo podemos perguntar-lhes se conhecem algum caso semelhante e comentá-lo.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Deus não abandona os homens, apesar dos seus pecados* [apoiar-se nas promessas que Deus fez a Adão e Eva: Gén. 3, 15].

Apesar do pecado, Deus continuou a amar os nossos primeiros pais e todos os seus descendentes. Quis pôr em ordem tudo o que o pecado havia destruído. Para isso, prometeu-lhes que, num determinado tempo, salvaria os homens do seu pecado e voltariam a ter o dom da graça. Voltariam a ser filhos de Deus e herdeiros do Céu pela graça.

- b) *Ao longo da história, Deus recorda muitas vezes a promessa que fez a Adão e Eva* [recordar brevemente a promessa de um Salvador ao longo do Antigo Testamento].

Para que os homens não se esquecessem de que ia enviar ao mundo um Salvador, Deus recorda-lhes com frequência essa promessa através de Abraão, Jacob, Moisés, David ... São sobretudo, os Profetas que nos falam do Messias, do Salvador que haveria de vir. Assim, Isaías (7, 14) fala-nos de que nasceria de uma «virgem». Miqueias (5, 1) diz até onde vai nascer: Belém.

- c) *Esse Salvador ou Messias é Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem [mostrar-lhes o grande amor de Deus para com os homens ao enviar-nos como Salvador o Seu próprio Filho].*

Para salvar o mundo dos seus pecados Deus não manda um Anjo: envia o Seu próprio Filho. Por isso diz o Senhor: *Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único* (Jo 3, 16). O Salvador é Jesus Cristo, o Filho de Deus, nascido do ventre puríssimo da Virgem Maria. Por isso o Senhor Se chama Jesus, que quer dizer «Salvador». O Anjo anunciou-O assim a S. José: *a Virgem dará à luz um filho e pôr-Lhe-ás o nome de Jesus; porque Ele salvará o povo dos seus pecados* (Mt. 1, 21).

- d) *Jesus salva o que se perdeu com o pecado [fazê-los recordar o que Adão e Eva perderam com o pecado original].*

Jesus Cristo, com a Sua vida, paixão, morte e ressurreição, livrou-nos do pecado. Além disso, enche-nos a alma da graça santificante, que nos torna filhos de Deus e herdeiros do Céu. Tudo isto nós o podemos ter se nos aproximarmos de Jesus Cristo para que nos limpe dos nossos pecados e nos encha da graça santificante, por meio dos sacramentos.

- e) *Todos devemos ser muito agradecidos para com Jesus Cristo [é um momento importante para lhes mostrar quão gratos devemos ser para com Deus recordando a cura dos dez leprosos: Lc. 17, 11 ss].*

Costumamos dizer que é próprio dos bons filhos serem agradecidos. Depois de termos visto o que Jesus fez por nós, não podemos deixar de Lhe dizer: «Graças Vos dou, Senhor, porque me salvaste por amor!». Outras jaculatórias podem ser:

«Dou-Te graças, meu Deus, por ...!»  
«Obrigado, Senhor, obrigado só a Ti!»  
«Meu Senhor e meu Salvador!»

### **3. Perguntas-resumo**

Para que Se fez homem o Filho de Deus?

De que nos salva Jesus Cristo?

Que significa o nome de «Jesus»?

Como nos salvou Jesus Cristo?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Pode-se fazer uma breve celebração da palavra, com os elementos seguintes:

a) Cântico de entrada: *Vinde, Senhor!*, de M. Luís («Cantemos Todos», n.º 209).

b) Leitura bíblica: entre outros textos: Isaías 62, 11-12; Isaías 7, 10-14; Jeremias 23, 5-8, ou qualquer outra leitura dos domingos ou dias feriais do Advento e Natal.

c) Recitar em coro esta antífona:

*Ó Senhor, Pastor da Casa de Israel,  
que conduzis o Vosso Povo,  
vinde resgatar-nos pelo poder do Vosso braço!  
Vinde depressa, Senhor! Vinde Salvador!*

*Ó Sabedoria, saída da boca do Pai,  
anunciada pelos profetas:  
Vinde ensinar-nos o Caminho da Salvação!  
Vinde depressa, Senhor! Vinde Salvador!*

*Filho de David, estandarte dos povos e reis,  
a quem clama o mundo inteiro,  
Vinde libertar-nos, Senhor! Não tardeis mais!*

(Das antífonas maiores do Advento)

d) Oração: «Despertai, Senhor, os nossos corações, e movei-nos a preparar os caminhos do Vosso Filho: que o Vosso amor e perdão apressem a salvação que os nossos pecados retardam. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amen».

e) Canto de despedida: *Vem, Senhor Jesus!*, de F. Santos («Cantemos Todos», n.º 558).

2. Levá-los a ler uma das preces eucarísticas da Santa Missa, dando-se conta de quantas vezes chamamos a Jesus «Salvador», «Redentor» ...

## D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas do Catecismo.
- Que façam, no seu caderno, um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias e desenhos.

- Fazer um mapa do país de Jesus, assinalando a cores as cidades que aparecem no Evangelho.
- Preparar em grupos um cartaz com frases ou palavras alusivas ao tema. Por exemplo: Jesus, o Salvador, Maranathá.
- Fazer em grupos ou individualmente uma oração dando graças a Jesus por nos ter salvo.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 50 e 51.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 8 — Jesus Cristo é o Filho de Deus:  
perfeito Deus e perfeito Homem.*

GC - 8

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

A catequese consiste em aprender a Doutrina cristã para nos comportarmos de acordo com os ensinamentos recebidos. A sua finalidade é viver a própria vida de Jesus Cristo, e não somente adquirir algumas ideias mais ou menos belas, mais ou menos atraentes ou razoáveis.

Quem é Jesus Cristo? Sabemos que é o Filho de Deus feito homem. Mas servimo-nos do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja, para conhecer a vida e a doutrina do Senhor; para termos uma imagem verdadeira e podermos ganhar intimidade com Ele e segui-l'O vivendo a Sua mesma vida, porque Ele é *o Caminho, a Verdade e a Vida* (Jo. 16, 6).

#### **1. Jesus Cristo é verdadeiro Deus**

«Jesus Cristo, durante a Sua vida terrestre, manifestou, de diversos modos, com as palavras e com as obras, o mistério adorável da Sua pessoa. Depois de Se ter tornado *obediente até à morte* (Fil. 2, 8), foi exaltado pelo poder de Deus, na ressurreição gloriosa, como convinha ao Filho *por meio do qual tudo* (1 Cor. 8, 6) foi criado pelo Pai. A respeito d'Ele, S. João afirmou solene-

mente: *No princípio já existia o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus ... E o Verbo fez-Se homem* (Jo. 1, 1 e 14; cfr. 1, 18).

«A Igreja conservou sempre, santamente, a fé no mistério do Filho de Deus feito homem, transmitindo-a no decurso dos anos e dos séculos, com uma linguagem cada vez mais explícita. Com efeito, no Símbolo de Constantinopla, que até hoje é recitado na celebração eucarística, ela professa a sua fé em 'Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos... Deus verdadeiro de Deus verdadeiro... da mesma substância do Pai... que por nós, homens, e para nossa salvação... Se fez homem'»<sup>1</sup>.

Nestas palavras está expressa a nossa fé em Jesus Cristo como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, conforme o ensino perene e imutável da Igreja. Com absoluta certeza, pois, «cremos em Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus... igual ao Pai, segundo a divindade, e inferior ao Pai segundo a humanidade»<sup>2</sup>.

Assim, pelo que o próprio Deus nos revelou na Sagrada Escritura, e porque no-lo ensina a Santa Igreja, cremos fielmente que Jesus Cristo é o Filho de Deus, perfeito Deus e perfeito homem.

## 2. Jesus Cristo é verdadeiro homem

Para nos aproximarmos de Jesus Cristo, temos de acreditar na Sua Divindade e na Sua Humanidade, unidas na única Pessoa do Verbo; conhecemos melhor a Divindade através da Sua Santíssima Humanidade. É Deus e homem verdadeiro, desde o primeiro instante da Sua concepção virginal nas puríssimas entranhas da Virgem Maria. A Encarnação não é o processo crescente de transformação de um homem na Divindade, mas a assunção de uma natureza humana pela Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Deus, sem deixar de O ser, humilha-Se e toma a natureza humana real e não só aparentemente, como quando alguém veste a roupa. Pelo contrário, Deus e Homem é uma e a mesma pessoa, como diz o Espírito Santo por meio de S. João: *No princípio já existia o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus (...). E o Verbo fez-Se homem e habitou entre nós* (Jo. 1, 1. 14).

A Humanidade Santíssima de Cristo — com as Suas palavras, gestos e obras —, é caminho para a Divindade, pois a Pessoa que opera n'Ele é o Verbo; de modo que «cada um desses gestos

---

<sup>1</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração para salvaguardar de alguns erros recentes a fé nos mistérios da Encarnação e da Santíssima Trindade* (8-III-1972), n. 2.

<sup>2</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 11.

humanos é gesto de Deus. *Em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade* (Col. 2, 9). Cristo é Deus feito homem, homem perfeito, homem cabal. E, na Sua humanidade, dá-nos a conhecer a divindade»<sup>3</sup>.

*Infância de Jesus.* Por disposição divina, que aparece revelada na profecia de Miqueias (cfr. Miq. 5, 2), Jesus Cristo havia de nascer em Belém. E assim foi. Para o seu cumprimento, Deus quis servir-Se de diversas circunstâncias: *Saiu um edito da parte de César Augusto — conta S. Lucas —, para ser recenseada toda a terra (...) cada qual na sua própria cidade* (Lc. 2, 1.3); José e Maria subiram da Galileia a Belém para cumprir essa ordem, e, *quando eles ali se encontravam, completaram-se os dias de Ela dar à luz e teve o Seu filho primogénito, que envolveu em panos e recostou numa manjedoura, por não haver para eles lugar na hospedaria* (Lc. 2, 6-7). Esse menino recém-nascido é Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

*Vida oculta.* Depois de Nossa Senhora e S. José terem cumprido o que a Lei estabelecia acerca do Menino — circuncisão, apresentação e purificação, subida a Jerusalém — *desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no Seu coração* (Lc. 2, 51). Em duas linhas resume o Santo Evangelho o resto da vida de Jesus até aos trinta anos. Essa vida oculta foi de obediência e de intenso trabalho na oficina; de vida de família, em que resplandeciam todas as virtudes, de modo que *crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens* (Lc. 2, 52). Por isso é o modelo que devemos imitar.

*Vida Pública.* O ministério público de Jesus compreende cerca de três anos. O início situa-se no momento de ser baptizado por João Baptista (cfr. Mt. 3, 13 ss), sem necessidade alguma, mas para nos dar o exemplo. Depois, Jesus retirou-Se para o deserto e, ao regressar, chamou os primeiros discípulos. Em Caná foi convidado para umas bodas — juntamente com os Seus discípulos — e ao pedido de Sua Mãe, realizou o primeiro milagre: a mudança da água em vinho (cfr. Jo. 2, 1 ss). Pouco tempo depois escolheu definitivamente — em número de doze — os Seus Apóstolos.

Jesus pregava e ensinava em todos os lugares: nos montes, nas praças, no deserto, nas sinagogas, nas margens do lago de

---

<sup>3</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 109.

Geízaré e no Templo de Jerusalém. Ensinava com autoridade, e confirmava a Sua doutrina com milagres: ressuscitou mortos, curou leprosos e enfermos, deu vista aos cegos, multiplicou os pães no deserto, acalmou a tempestade no mar, etc.

### 3. A Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo

*Paixão e Morte.* Deus tinha ordenado que o Seu Filho — para nos resgatar do pecado, da morte eterna e do domínio de Satanás — padecesse e morresse na Cruz, restituindo-nos a graça que nos torna filhos de Deus e herdeiros da glória.

Quando chegou a hora, reuniu-Se Jesus com os Apóstolos e deu-lhes uma prova sublime de amor: numa sala espaçosa e bem adornada, celebrou a Páscoa judaica comendo com eles o Cordeiro Pascal, e estabeleceu a Nova Páscoa instituindo a Eucaristia. Despedia-Se e, ao mesmo tempo, ficava entre nós, com presença invisível mas real, verdadeira e substancial, no Santíssimo Sacramento do Altar (cfr. Mt. 26, 26-29; 1 Cor. 11, 23-29).

Ao sair do Cenáculo, Jesus dirigiu-Se com os Apóstolos ao Horto das Oliveiras, enquanto lhes anunciava que, naquela mesma noite, todos O abandonariam e Pedro O negaria. No Horto prenderam Jesus, e o processo que Lhe instauraram foi duplo: perante a autoridade dos judeus e perante a autoridade romana.

No dia seguinte, pelo meio-dia, Jesus foi crucificado no Monte Calvário, em Jerusalém, e o sol obscureceu-se até às três da tarde. A essa hora expirou Jesus e o véu do templo rasgou-se de alto a baixo, para significar que tinha terminado a Antiga Lei. A terra tremeu e muitos corpos de santos que tinham morrido ressuscitaram e apareceram a muitos. O centurião romano que vigiava a execução, confessou: *Este era verdadeiramente o Filho de Deus* (Mt. 27, 54). Em seguida, o corpo foi descido da Cruz e depositaram-no num sepulcro novo, fechando-se a entrada com uma grande pedra.

*Ressurreição.* Na manhã de domingo, umas mulheres dirigiram-se para o Sepulcro, levando consigo aromas que tinham preparado; perguntavam umas às outras quem lhes iria mover a pesada pedra da entrada do Sepulcro, mas, ao chegar, viram-na já retirada.

Jesus tinha saído do sepulcro, ressuscitando pelo Seu próprio poder, com corpo glorioso, aparecendo diversas vezes aos Apóstolos e a uma multidão de discípulos até ao dia da Ascensão. Estava já realizada a Redenção de todos os homens. Surge nos céus um cântico de louvor. A Igreja comemora este momento decisivo da História da Salvação com júbilo especial, no Precónio

Pascal: «Esta é a noite que liberta da corrupção do mundo, cego pelo mal, aqueles que por toda a terra crêem em Cristo: noite que os restitui à graça e os reúne na comunhão dos Santos»<sup>4</sup>.

#### **4. Temos de conhecer e amar Jesus, que é o nosso modelo**

Temos de «olhar para Ele, sabendo que estamos perante um mistério. Precisamos de aceitar o mistério pela fé, aprofundar o seu conteúdo. Para isso necessitamos das disposições humildes da alma cristã: não pretender reduzir a grandeza de Deus aos nossos pobres conceitos, às nossas explicações humanas, mas compreender que esse mistério, na sua obscuridade, é uma luz que guia a vida dos homens»<sup>5</sup>.

Mas, como diz S. Gregório Magno, «só crêem verdadeiramente aqueles que, no seu actuar, põem em prática aquilo em que acreditam. Por isso, acerca dos que da fé só possuem palavras, diz S. Paulo: professam conhecer a Deus, mas negam-n'O com as obras»<sup>6</sup>.

Daí que temos de conhecer e amar Jesus: acostumando-nos à leitura do Evangelho, recebendo-O com frequência na Sagrada Comunhão com a alma limpa de pecado, visitando-O na Igreja, porque sabemos que está real, verdadeira e substancialmente presente no Sacrário. N'Ele temos todos os nossos ideais, e a nossa força para sermos melhores e mais fiéis.

## **II. GUIA PEDAGÓGICO**

### **A) OBJECTIVOS**

- Conseguir que eles conheçam muito bem a doutrina cristã sobre este tema.
- Conhecer e amar a Jesus Cristo.
- Imitar Jesus Cristo, nosso modelo.

### **De Liturgia e vida cristã**

- Fazer diariamente uns minutos de oração, para conviver com Jesus.
- Fazer a Visita ao Santíssimo, onde Cristo está realmente presente.

---

<sup>4</sup> VIGÍLIA PASCAL, *Precónio Pascal*.

<sup>5</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 13.

<sup>6</sup> S. GREGÓRIO MAGNO, *In Evangelium Homiliae*, 26, 9; PL 76, 1202.

- Ler todos os dias um pouco do Evangelho: concretizar com cada criança o tempo, etc.
- Fazer-lhes ver como na Liturgia o personagem central é Jesus Cristo, perfeito Deus e perfeito homem.
- Ajudá-los a amar o Senhor como o melhor dos amigos.

## **B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA**

### **1. Introdução** (diversos pontos de partida)

a) Apoiando-se no que se disse nos aspectos doutrinários, contar-lhes episódios da vida de Jesus Cristo ou apoiar-se num período: vida oculta, infância, vida pública, paixão... Ampliar este tema no diálogo, comentando o lugar do nascimento, o nome de Sua Mãe, os anos que viveu, o Seu primeiro milagre, onde foi crucificado, etc.

b) Jesus Cristo tinha amigos; os seus mais íntimos eram os Apóstolos. Estava mais tempo com eles, falava-lhes mais intimamente; eles contavam-Lhe as suas tristezas e alegrias. Para os Apóstolos, Jesus era o melhor dos seus amigos, porque tinha um coração grande que sabia amar.

No diálogo é importante descobrir-lhes que Jesus está vivo e que quer ser para cada um de nós o melhor amigo. Que fazemos com os amigos? Que podemos fazer com Jesus para sermos de verdade seus amigos?

c) Contar-lhes brevemente o milagre da cura do paralítico (Mt. 9, 1-8) fazendo-lhes ver:

- Como Jesus cura o paralítico porque tem poder sobre a doença.
- E como também perdoa os seus pecados. Os judeus estranham que perdoe os pecados e dizem: Quem pode perdoar os pecados senão Deus?
- Jesus Cristo perdoa os pecados porque é Deus.

O diálogo pode destacar a divindade do Senhor: com os milagres prova a Sua Divindade, sublinhando que o milagre da própria Ressurreição é a grande prova da Sua Divindade. Porque é que os judeus não o aceitam? Que é necessário para afirmar que Cristo é Deus?

### **2. Desenvolver as seguintes ideias**

a) *Introdução* [recordar, com a ajuda das crianças, o tema anterior].

Na sessão anterior vimos as profecias que nos falavam de Jesus Cristo: onde iria nascer, como seria, que faria por nós...

Contudo, a realidade ultrapassa tudo o que se possa imaginar. O Messias profetizado nasceu realmente, viveu entre nós e, por causa dos nossos pecados, morreu na Cruz. Depois ressuscitou e subiu aos céus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Neste tema veremos esta verdade central da doutrina cristã.

b) *Jesus Cristo é verdadeiro Deus* [usar os textos citados a seguir].

Nós sabemos que Jesus Cristo é Deus porque Ele no-lo disse e porque o demonstrou com as Suas obras. Disse-nos Ele: *Eu e o Pai somos um só; Quem Me vê a Mim, vê o Pai; Ninguém conhece o Pai senão o Filho.*

Jesus Cristo faz coisas que só Deus pode fazer. Cura os enfermos: os surdos, os mudos, os cegos, os leprosos... ressuscita os mortos: o seu amigo Lázaro, o filho da viúva de Naim... perdoa os pecados: ao paralítico, à Madalena, à mulher adúltera...

c) *A Ressurreição de Cristo é a maior prova da Sua Divindade* [usar o guia doutrinal, destacando o que se diz a seguir].

Jesus Cristo morreu verdadeiramente e ressuscitou também verdadeiramente. Apareceu repetidas vezes aos Seus discípulos. Os Seus inimigos queriam ocultar essa prova da Sua divindade (cfr. Mt. 28, 11-16).

d) *Jesus Cristo é verdadeiro homem* [usar as ideias dos textos que se citam a seguir].

Jesus Cristo é igual a nós, excepto no pecado e no erro. Ele não teve nenhum pecado, nem nunca Se enganou. Contudo, teve uma Mãe como nós temos; trabalhou com as Suas mãos, ajudando a S. José; teve fome e sede, comia e bebia; cansava-Se depois de Se esforçar; teve amigos e chorou quando Seu amigo Lázaro morreu; sorria e alegrava-Se com os Seus discípulos, com as crianças...

e) *Jesus Cristo está vivo e é o nosso modelo* [este ponto é fundamental: conseguir que os alunos descubram, com entusiasmo, que Jesus Cristo está vivo].

Jesus Cristo venceu a morte, ressuscitou e subiu aos Céus. Está em todo o lado, porque é Deus; vê tudo e ouve tudo; está no Céu e no Sacrário, na Hóstia Consagrada, com o Seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade.

Podemos falar com Ele das nossas coisas e das Suas coisas. Ele escuta-nos e fala-nos, não com palavras mas em nosso coração. Temos que aprender de Jesus, porque com a Sua vida, com as Suas obras e palavras, ensinou-nos o que devemos fazer para nos salvarmos. Ele mesmo disse: *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.*

f) *Devemos conhecer e amar Jesus. Podemos fazê-lo através da oração e da leitura do Evangelho* [convém que os alunos aprendam a usar o Evangelho, e este é um bom momento para os ensinar].

Os amigos, para serem melhores amigos, saem juntos, conhecem onde vive cada um, como pensa, qual foi a sua vida, falam das suas coisas, etc. Com Jesus, acontece o mesmo:

*Evangelho.* Quando lemos o Evangelho conhecemos mais a Jesus; não como era, mas como é, como ama os Seus amigos, o que espera deles. Por isso, é muito bom ler todos os dias o Evangelho, embora por breves momentos.

*Oração.* Na oração, que podemos fazer na Igreja ou na nossa casa, em lugar onde estejamos tranquilos e em silêncio, falamos com o Senhor daquilo que nos preocupa, do que desejamos, pedimos-Lhe coisas e agradecemos-Lhe.

*Visita ao Santíssimo.* Embora Jesus esteja em toda a parte porque é Deus, está de um modo especial na Santíssima Eucaristia, no Sacrário; por isso, é muito bom que todos os dias Lhe façamos uma visita, ainda que muito rápida, para O saudar, falar com Ele e escutar o que Ele nos diz no íntimo do nosso coração.

### 3. Perguntas-resumo

Quem é Jesus Cristo? Porque é que Jesus Cristo é perfeito Deus e perfeito homem? Onde está agora Jesus Cristo? Como podemos conversar com Ele?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Levá-los a que reparem como se terminam as orações: *Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amen.*

Outras vezes, diz-se apenas: *Por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amen.* Deste modo refere-se tudo a Jesus Cristo.

2. Também ao terminar o Cântone se manifesta muito claramente a mediação de Jesus Cristo: *Por Cristo, com Cristo, em*

*Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre, na unidade do Espírito Santo. Amen.*

3. No prefácio do Natal, canta-se: *Pelo mistério do Verbo encarnado, nova luz da Vossa glória brilhou sobre nós, para que, vendo a Deus com os nossos olhos, aprendamos a amar as coisas invisíveis.*

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas respectivas do Catecismo.
- Que façam no caderno um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias e desenhos.
- Que realizem em grupos um cartaz sobre a pessoa de Jesus Cristo pondo num lado as coisas que faz por ser Homem e no outro as que faz por ser Deus.
- Fazer um comentário de algum ou alguns dos textos da alínea anterior.
- Que expliquem, numa redacção breve, em que consiste a leitura do Evangelho, a Visita ao Santíssimo e a oração.
- Levar as crianças à Igreja e ensinar-lhes os modos de mostrar *adoração* a Deus no Sacrário.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 52 a 62.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 9 — Jesus Cristo revela-nos  
que Deus é nosso Pai.*

GC - 9

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

A revelação que Deus faz ao povo judeu — na Sua pedagogia divina — é a de manifestar-lhe a Sua Onnipotência, a Sua Justiça, etc. e, ao mesmo tempo, a Sua Providência particular sobre esse povo eleito. Chegada a plenitude dos tempos, Jesus Cristo revela-nos algo maravilhoso, que jamais teríamos suspeitado: Deus é nosso Pai e nós somos Seus verdadeiros filhos por adopção; portanto, todos os homens são irmãos. Isto é assim porque Jesus Cristo veio para nos tornar novamente filhos de Deus. Mas, além disso, é preciso que nós aceitemos este dom divino e vivamos como filhos de Deus.

#### **1. Deus é o nosso Pai do Céu**

Os discípulos e amigos de Jesus que O seguiam, iam aprendendo d'Ele a Sua doutrina e conviviam com Ele na intimidade. Nesse convívio teria lugar a revelação de um ensino muito grato para nós. Certo dia, Jesus retirou-Se com os discípulos para um lugar deserto e pôs-Se a orar. Ao terminar, um deles disse-lhe: *Senhor, ensina-nos a rezar como João ensinou os seus discípulos* (Lc. 11, 1).

Notemos o que Jesus lhes revela: *Quando rezardes, dizei: Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu* (Mt. 6, 9 ss). Os discípulos com certeza ficaram muito impressionados ao ouvir dizer aquilo. As palavras do Senhor tinham penetrado até ao fundo dos seus corações, e cada um sentia dentro de si o assombro daquela nova descoberta: somos filhos de Deus! Por isso: «É preciso convencermos-nos de que Deus está junto de nós continuamente. — Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado.

E está como um pai amoroso — quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos — ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando ... e perdoando.

Quantas vezes fizemos desanuviar a fronte dos nossos pais, dizendo-lhe, depois de uma travessura: não torno a fazer mais! — Talvez naquele mesmo dia tenhamos tornado a cair ... — E o nosso pai, com fingida dureza na voz, de cara séria, repreende-nos ..., ao mesmo tempo que se enternece o seu coração, conhecedor da nossa fraqueza, pensando: pobre rapaz, que esforços faz para se portar bem!

É necessário que nos embebamos, que nos saturemos de que é Pai e muito Pai nosso, o Senhor que está junto de nós e nos céus»<sup>1</sup>.

## **2. Deus cuida especialmente dos homens, que são Seus filhos**

Como um pai cuida dos seus filhos como de nenhuma outra coisa, assim o nosso Pai cuida especialmente de nós: *Olhai para as aves do Céu: Não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós mais do que elas?*

*Não vos preocupeis, dizendo: Que comeremos nós, que beberemos ou que vestiremos? Os pagãos, esses sim, afadigam-se com tais coisas; porém, o vosso Pai Celeste bem sabe que tendes necessidade de tudo isso. Procurai primeiro o Seu reino e a Sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo* (Mt. 6, 26-31-33).

Cuida de toda a criação: dos astros, da terra, do mar, das plantas e dos animais; mas cuida muito mais do homem. Nada acontece às pessoas sem que Deus o queira ou, pelo menos, o permita para bem da sua alma. Não temos qualquer razão para nos revelarmos perante a dor ou a desgraça, nem podemos jamais

---

<sup>1</sup> J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 267.

desconfiar de Deus, como fazem os pagãos. Para os cristãos a dor tem um sentido divino, pois o próprio Jesus Cristo sofreu infinitamente na Cruz pelos nossos pecados. A dor é sempre ocasião de conversão, de purificação e de mérito perante Deus. Job soube entender a mão de Deus na Sua prova, quando disse: *Mesmo que me tire a vida, não tenho outra esperança* (Job. 13, 15).

O cuidado providente de Deus sobre os homens realiza-se de acordo com a natureza humana, adaptando-se à nossa condição de seres inteligentes e livres. Não nos tira a nossa liberdade mas respeita-a, embora a empreguemos mal. Sem liberdade não podemos amar a Deus, e deu-no-la para que livremente O amemos de todo o coração. Outra razão que manifesta o cuidado amoroso de Deus é que nos confiou à guarda dos Anjos, sob cuja protecção estamos e a quem devemos obedecer (cfr. Act. 27, 23):

### **3. Jesus é o Filho de Deus e nós somos filhos adoptivos pela graça**

*Filiação natural de Jesus Cristo.* Podemos ver que Jesus é propriamente o Filho Unigénito do Pai sobretudo nos textos do Novo Testamento. Tanto no Baptismo (cfr. Mt. 3, 17), como na Transfiguração (cfr. Mt. 17, 5) ouviu-se a voz do Pai que dizia: *Este é o Meu Filho muito amado, no qual pus o Meu enlevo.* S. João diz no seu Evangelho: *E o Verbo fez-Se homem e habitou entre nós, e nós vimos a Sua glória, glória que Lhe vem do Pai, como Filho único, cheio de graça e de verdade* (Jo. 1, 14). O próprio Jesus o afirmou diante dos príncipes dos sacerdotes quando Lhe disseram: «*Declara-nos se Tu és o Messias*». Ele respondeu-lhes: «*Se vo-lo disser, não Me acreditareis e, se vos perguntar, não respondereis. Mas o Filho do Homem sentar-se-á, doravante à direita do poder de Deus*». Disseram todos: «*Tu és, então, o Filho de Deus?*». Ele respondeu-lhes: «*Vós o dizeis, Eu sou*». Então exclamaram: «*Que necessidade temos já de testemunhas? Nós próprios O ouvimos da Sua boca*» (Lc. 22, 67-71).

Esta revelação da Sua Filiação em relação ao Pai, foi-a Jesus fazendo pouco a pouco, preparando os que O escutavam com pedagogia divina.

Vamos agora deter-nos na *filiação divina adoptiva* que nos corresponde como puro dom de Deus. Ao redimir-nos do pecado, Jesus Cristo tornou-nos filhos adoptivos de Deus, chegando a ser Seus filhos de um modo sobrenatural — pela graça —, não pela carne ou pelo sangue: *Vede que admirável amor o Pai nos consagrou, ao chamar-nos filhos de Deus. E somo-lo de facto. Se o mundo não nos conhece, é porque não O conheceu a Ele. Caríssimos, agora somos filhos de Deus e ainda não se manifestou o*

que havemos de ser. Sabemos que, quando se manifestar, sere-  
mos semelhantes a Ele, porque O veremos tal como é (1 Jo. 3, 1-2).  
E isto dá-se, ainda segundo S. João, com aqueles que recebem  
Jesus Cristo como Filho de Deus e crêem no Seu nome (cfr. Jo. 1, 12).

Tornamo-nos filhos de Deus pelo Baptismo. Por isso o chama-  
mos sacramento da regeneração (uma nova geração, não segundo  
a natureza mas conforme a vida da graça), e é considerado como  
o primeiro fruto da Redenção que se nos aplica. «Os fiéis, incor-  
porados na Igreja pelo Baptismo, são destinados pelo carácter  
baptismal ao culto da religião cristã e, regenerados para filhos  
de Deus, devem confessar diante dos homens a fé que de Deus  
receberam por meio da Igreja»<sup>2</sup>. É o que exprime S. Paulo quando  
diz: *Vós não recebestes um espírito de escravidão, para cair de  
novo no temor; recebestes, pelo contrário, um espírito de adopção,  
pelo qual chamamos: «Abba, Pai»* (Rom. 8, 15).

Esta graça, que nos torna filhos de Deus, temos de a aumen-  
tar pela recepção dos sacramentos, sobretudo da Penitência e da  
Eucaristia, e cooperando com a graça pelas nossas obras, que devem  
corresponder ao comportamento de um filho de Deus. Para isso,  
é preciso tentar viver em intimidade contínua com Deus, que está  
junto de nós e nos céus: «Manda-se-nos louvar e honrar o Verbo,  
a Quem conhecemos como Salvador e rei; e por Ele ao Pai, não  
em dias escolhidos, como fazem alguns, mas constantemente ao  
longo de toda a vida, e de todos os modos possíveis»<sup>3</sup>.

#### **4. Devemos ser agradecidos e ter confiança em Deus, nosso Pai**

Filhos de Deus! Se nos embebemos bem desta realidade:  
*eu sou filho de Deus*, veremos sempre as coisas com uma luz nova  
e respiraremos plenamente o ar límpido da confiança no Senhor.  
Nada nos deve fazer perder a alegria e o optimismo cristão: nem  
os pecados nem as misérias próprias ou alheias, pois sabemos  
que o Senhor, como bom Pai, está sempre disposto a perdoar-nos,  
se recorrermos a Ele com confiança e repetirmos muitas vezes  
o regresso do filho pródigo (Lc. 15, 11-32).

«Um filho de Deus trata o Senhor como Pai. Não servil-  
mente, nem com uma reverência formal, de mera cortesia, mas  
cheio de sinceridade e de confiança. Deus não Se scandaliza com  
os homens. Deus não Se cansa das nossas infidelidades. O nosso  
Pai do Céu perdoa qualquer ofensa quando o filho volta de novo  
até Ele, quando se arrepende e pede perdão. Nosso Senhor é tão

---

<sup>2</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 11.

<sup>3</sup> S. CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata* 7, 7, 35; PG 9. 450.

verdadeiramente Pai, que prevê os nossos desejos de sermos perdoados e adianta-Se com a Sua graça, abrindo amorosamente os braços»<sup>4</sup>.

Assim temos de comportarmo-nos com o nosso Pai do Céu: agradecendo-lhe — nunca o faremos suficientemente — o que faz por nós, unindo-nos aos méritos de Jesus Cristo e tratando-O com a confiança de um filho para com seu Pai.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Conseguir que descubram o grande dom de ser filho de Deus.
- Levá-los a dar valor à graça santificante e que rejeitem, por isso, o pecado e a ocasião de pecado.
- Conseguir que tratem a Deus como a um Pai.
- Alcançar que vivam a presença de Deus ao longo do dia.

### De Liturgia e vida cristã

- Conseguir que os alunos rezem devagar o Pai Nosso, pensando no que dizem.
- Ensiná-los a viver, concretizando os momentos e pormenores, a presença de Deus nas diversas circunstâncias. Iniciá-los na oração mental.
- Fomentar neles a confiança em Deus que é Pai.
- Fazê-los descobrir como nas orações da liturgia nos dirigimos a Deus com muita confiança, pedindo-Lhe muitas coisas.
- Fomentar o sentido de segurança e paz perante as contrariedades, porque todas vêm da mão de Deus que é o nosso Pai.
- Acostumá-los a dar graças e a pedir perdão com frequência durante o dia.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se iniciar este tema comentando a passagem de Mateus 6, 26-33, sobre o abandono do homem à Providência de Deus, ou pondo algum caso ou exemplo em que se descubra o carinho dos pais para com seus filhos (por exemplo, preparação do aniversário natalício de um irmão), ou então estabelecendo directa-

---

<sup>4</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 64.

mente um diálogo com os alunos com base nas seguintes perguntas:

- Quais são as pessoas que nos querem mais?: Os pais.
- Porquê?: Porque nos deram a vida, nos educam, cuidam de nós, assistem-nos na doença, dão-nos de comer e de vestir, preocupam-se com as nossas coisas, querem que sejamos felizes, etc.
- Vós quereis muito aos vossos pais porque vos dão tudo isso. Há alguém que nos dê mais coisas, que nos queira mais do que os nossos pais?: Sim, Deus. Deixar que as crianças expõem as diversas circunstâncias que se apresentam no dia a dia e que manifestam o carinho dos seus pais.

b) No dia do nosso baptismo recebemos o maior dom da vida: a graça santificante e, desde então, somos filhos adoptivos de Deus e podemos chamar-Lhe Pai. Por isso nos diz S. Paulo: *Vós não recebestes um espírito de escravidão ... recebemos, pelo contrário, um espírito de adopção, pelo qual chamamos «Abba, Pai»!*

Comentar com eles, em diálogo, as consequências que implica a adopção: entrar a formar parte duma família, ter direito ao alimento e vestuário ..., etc.; tomar os apelidos dos novos pais e também ter direito à herança como qualquer outro filho.

## **2. Desenvolver as seguintes ideias**

- a) *Jesus Cristo revelou-nos que Deus é nosso Pai* [explicar com muita simplicidade e clareza, as ideias assinaladas, servindo-se, se necessário, de algum exemplo].

Antes de vir Jesus Cristo, os homens sabiam que Deus é nosso Criador. Deus dá-nos a vida, cria a alma para cada um de nós, e dá-nos o corpo através dos nossos pais; os nossos pais, porque assim o quis Deus, deram-nos um corpo, mas a alma espiritual e imortal é criada imediatamente por Deus. Contudo, Jesus Cristo fez-nos de novo filhos de Deus e revelou-nos esta realidade: que Deus é nosso Pai.

- b) *Deus dá-nos a Sua própria vida* [trata-se de descobrir, apresentando as razões, porque é que Deus é mais nosso Pai que os pais da terra].

Quando nascemos, vivíamos porque Deus infundiu no nosso corpo uma alma que dava vida a esse corpo. Por esta alma, dotada de inteligência e vontade, já somos semelhantes a Deus. Mas Deus quis dar-nos algo mais, algo que nos aproximasse mais

d'Ele: a graça que nos faz participar da Sua própria vida. Deus, no Seu infinito amor por nós quis que fôssemos ainda mais parecidos com Ele e tivéssemos algo da Sua própria vida.

Pela graça santificante, que foi infundida em nós pelo Baptismo, participamos da vida de Deus. Somos de verdade filhos Seus, muito mais filhos Seus do que por nos ter criado e, por conseguinte, muitíssimo mais filhos Seus que dos nossos pais da terra.

c) *Jesus Cristo e nós somos filhos de Deus de maneira diferente* [explicar com algum exemplo o que é um filho natural e um filho adoptivo].

Podemos comparar a diferença que existe entre Jesus Cristo e nós em relação a Deus com a que existe entre um filho natural e outro adoptivo em relação a seus pais.

Jesus Cristo é o Filho natural de Deus: procede do Pai e é Deus como Ele, onipotente, eterno, omnisciente, sem princípio nem fim. Nós, desde o dia do nosso Baptismo somos filhos adoptivos de Deus pela graça santificante. O Baptismo foi para nós como um novo nascimento.

A adopção legal confere os direitos ao filho adoptado mas não é verdadeiro filho da família que o adopta; a adopção sobrenatural, pelo contrário, confere os direitos porque somos verdadeiramente filhos de Deus, embora filhos adoptivos pela graça.

Por isso, esta comparação entre a adopção legal e a adopção sobrenatural não é de todo exacta. Os filhos adoptivos por lei humana não têm o mesmo sangue que os seus pais; nós temos a vida de Deus: a graça santificante, que é uma semelhança participada da natureza divina.

Tomando as ideias do ponto de partida, fazer-lhes uma comparação com o filho adoptivo no aspecto humano. Com a adopção da parte de Deus:

- Começamos a fazer parte de uma família, a família dos filhos de Deus (Baptismo), temos a mesma comida, o Corpo e o Sangue do Senhor (Eucaristia).
- Temos um mesmo apelido: *cristão*, discípulo, seguidor de Cristo.
- Além disso, participamos da vida de Deus pela graça.
- E, se somos bons filhos receberemos a herança que Deus, nosso Pai nos tem preparada: o Céu.

d) *Jesus mostrou-nos também como Deus cuida de todos nós* [pode-se comentar o texto de Mateus 6, 25-34].

A certa altura, Jesus quis mostrar de modo claro e patente como Deus cuida de todos nós. Explicou ao povo como, se Deus

cuida com tanto carinho das aves do céu e dos lírios do campo, cuida muito mais de todos nós. De toda a criação visível, os homens são o mais importante para Deus. Temos, portanto, que estar serenos e tranquilos, confiando em Deus. Ele só deseja o nosso bem, a nossa felicidade.

- e) *Como devemos viver a nossa filiação divina* [pode-se aproveitar este momento para lhes mostrar como podem viver a presença de Deus ao longo do dia].

Temos de reparar, muitas vezes ao dia, que Deus nos vê e que estamos na Sua presença. Há muitas coisas que no-lo podem recordar: o sol, a chuva, o crucifixo que temos na escola, a imagem da Virgem Maria ... Antes de começar qualquer trabalho devemos pedir-Lhe ajuda e, ao terminar, devemos agradecer-Lhe. Quando o demónio nos tentar, recordar que Deus vê também os nossos pensamentos. Podemos também pedir ajuda ao Anjo da Guarda, que Deus nos deu para nos ajudar. Quando sentimos uma alegria, podemos contá-la a Deus e agradecer-Lha; perante as dificuldades, pedir-Lhe ajuda, sabendo que Ele nos quer ajudar; se temos a desgraça de O ofender, pedir-Lhe logo perdão, e se cometemos algum pecado grave, confessarmo-nos logo.

### **3. Perguntas-resumo**

Os cristãos são filhos de Deus? Quando nos tornamos filhos adoptivos de Deus? Como devemos conviver com Deus se somos Seus filhos? De que maneira Deus cuida de nós? Que significa filiação divina?

## **C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA**

1. A Igreja, na sua liturgia, pede a Deus por meio do Seu Filho Jesus Cristo tudo quanto necessita para a salvação. Escolhemos algumas orações como exemplo:

«Senhor, nosso Deus, que, por meio de Vosso Filho, fizestes de nós criaturas novas, olhai com bondade a obra das Vossas mãos e, pela vinda do Vosso Unigénito Filho, Jesus Cristo, purificai-nos dos vestígios da nossa antiga vida de pecado.»

«Ó Deus, Vós quisestes dar-nos um modelo de vida na Sagrada Família de Nazaré: concedei que em nossas famílias imitemos as suas virtudes e vivamos unidos pelo Vosso amor; reunidos depois na Vossa casa, gozaremos as alegrias eternas.»

Estas orações podem servir para que os alunos aprendam a dirigir-se a Deus.

2. Pode-se acabar a sessão de catequese dizendo o seguinte: «Hoje vamos terminar a aula do mesmo modo que termina o rito do Baptismo. Pomo-nos de pé e recordamos aquele maravilhoso dia e rezamos a Deus nosso Pai, apercebendo-nos do que dizemos:

*Catequista:*

«Regenerados pelo Baptismo, vós sois chamados e sois de verdade filhos de Deus. Pela Confirmação haveis de receber um dia a plenitude do Espírito Santo; aproximando-vos do altar do Senhor, participareis da mesa do Sacrifício; membros da Igreja, chamais a Deus Vosso Pai. E agora, no Espírito de adopção filial que todos recebemos, vamos rezar como o Senhor nos ensinou.

*Todos: Pai nosso ...»*

*Catequista:*

«Deus todo-poderoso, que pela água e pelo Espírito Santo nos regenerou para a vida eterna, abençoe com infinita bondade estes Seus fiéis, para que sejam sempre e em toda a parte membros vivos do Seu povo e gozem da Sua paz, em Jesus Cristo Nosso Senhor.

*Todos: Amen»*

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Que façam no seu caderno um breve resumo das ideias da sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias e desenhos.
- Ter uma reunião por grupos para fazer uma lista das coisas que fazem os nossos pais por nós. Depois ler aos restantes grupos as conclusões.
- Fazer uma comparação, a duas colunas, entre o que recebemos dos nossos pais da terra e aquilo que nos dá Deus, nosso Pai do Céu.
- Escrever duas pequenas orações ou jaculatórias, que manifestem a nossa confiança em Deus.
- Fazer com o catequista, se for possível, uma visita à pia baptismal da Igreja Paroquial e aí agradecer a Deus a graça do Baptismo.
- Cantar o Pai-Nosso.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 17 a 19.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 10 — Deus escolheu a Virgem Maria  
para Mãe de Jesus.*

GC - 10

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

Deus que criou o homem do nada, formando-o à Sua imagem e semelhança, cumulou-o de dons naturais e sobrenaturais (inteligência, vontade, liberdade; graça, virtudes infusas, dons) e pô-lo em estado de felicidade. O homem caminhava na presença do Senhor.

Adão e Eva, contudo, perderam o estado de felicidade, em que foram criados por Deus, ao cometer o pecado original.

Para resgatar o homem dessa situação de pecado, Deus na Sua misericórdia, dispôs-Se a enviar o Seu Filho ao mundo, fazendo-Se homem, no seio de uma mulher que seria a Sua Mãe. Deste modo, como Adão e Eva foram solidários na desgraça, o Filho de Deus e Sua Mãe, sê-lo-ão também na restauração da humanidade caída. Assim aparece já na promessa do Génesis: *Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça ao tentares mordê-la no calcanhar* (Gén. 3, 15). E embora a Redenção tenha sido realizada por Cristo, que morreu e ressuscitou para nos salvar, Deus quis que cooperasse nesta obra essa criatura privilegiada que é a Virgem Maria. Desde o momento em que aceitou ser Mãe de

Deus, dando o Seu consentimento para que incarnasse nas Suas puríssimas entranhas a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, (*Eis aqui a escrava do Senhor: faça-se em Mim segundo a Tua palavra* — Lc. 1, 38), participava na obra da Redenção e da santificação dos homens, plenamente identificada com Jesus Cristo.

### 1. Maria é a Mãe de Deus

O Evangelho narra-nos como Deus enviou o arcanjo S. Gabriel para comunicar a Maria que A havia escolhido para Mãe do Messias. Nossa Senhora escutou atentamente o que Deus lhe pediu e deu o Seu consentimento para ser Mãe de Deus. Disse-Lhe o Anjo: *«Não tenhas receio, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Hás-de conceber no Teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus (...)*». Maria disse, então: *«Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra»*. E o anjo retirou-se de junto dela (Lc. 1, 30-38).

«Cremos que Maria é a Mãe sempre Virgem do Verbo Encarnado, nosso Deus e Salvador Jesus Cristo»<sup>1</sup>.

Com estas palavras o Papa recolhe a fé da Igreja em Santa Maria, como Mãe de Deus.

Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Redimi-nos do pecado original e de todos os pecados pessoais pelo sacrifício da cruz<sup>2</sup>. Para isso, sem deixar de ser Deus, fez-Se homem nas puríssimas entranhas da Virgem Maria. Assim professa a Igreja a sua fé neste mistério: «Se alguém não confessar que Deus é verdadeiramente o Emanuel e, por isso, que a Santíssima Virgem é Mãe de Deus (pois deu à luz carnalmente o Verbo de Deus feito homem), seja anátema»<sup>3</sup>. Esta é a nossa fé em Santa Maria: é a Mãe de Deus. Contra os que queriam negar essa realidade, proclamou a Igreja a sua Fé, no citado Concílio de Éfeso, e receberam-na com alegria os fiéis: «A história conserveu-nos testemunhos de alegria dos cristãos perante estas decisões claras, nítidas, que reafirmavam aquilo em que todos já acreditavam: 'todo o povo da cidade de Éfeso, desde as primeiras horas da manhã até à noite; permaneceu ansioso à espera da resolução (...). Quando se soube que o autor das blasfémias tinha sido deposto, todos, a uma só voz, começaram a glorificar a Deus e a aclamar o Sínodo, porque tinha caído o inimigo da fé. Logo que

---

<sup>1</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 14.

<sup>2</sup> Cfr. *ibidem*, n. 17.

<sup>3</sup> CONCÍLIO DE ÉFESO, ano 431, Dz 113 (252).

saímos da igreja, fomos acompanhados com archotes a nossas casas. Era de noite: toda a cidade estava alegre e iluminada' <sup>4</sup>» <sup>5</sup>.

A maternidade divina é o título mais importante da Santíssima Virgem e o maior dom concedido por Deus a uma criatura. Para isso — para ser Sua Mãe — Deus encheu-A de graça e de extraordinários privilégios: Conceição Imaculada, Maternidade sempre Virginal, Assunção aos Céus, etc.

Jesus Cristo é o Filho de Deus que assume a natureza humana, subsistindo a única Pessoa do Verbo em duas naturezas: a divina e a humana. Maria é Mãe de Deus, porque gerou no Seu seio virginal a natureza humana de Cristo. Evidentemente que não gerou a natureza divina, que não pode ser gerada; mas, do mesmo modo que as mães não geram a alma dos seus filhos, visto ser criada imediatamente por Deus e, contudo, são verdadeiras mães de seus filhos, assim a Santíssima Virgem é verdadeiramente Mãe de Jesus, Mãe de Deus, porque Jesus é Deus. Verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, numa só pessoa. Ela gerou a natureza humana, mas a pessoa desta natureza não é criada, mas divina, a mesma Pessoa divina do Verbo, sendo por isso, verdadeira Mãe de Deus.

## **2. Porque Jesus é nosso irmão, Maria é a nossa Mãe do Céu**

Toda e eficácia que as nossas acções possam ter em ordem à nossa salvação, está em relação directa com a nossa união com Jesus Cristo. Assim no-lo exprimiu Ele mesmo no Evangelho: *Eu sou a videira verdadeira e Meu Pai é o agricultor (...). Como a vara não pode dar fruto por si mesma se não estiver na videira, assim acontecerá se não estiverdes em Mim* (Jo. 15, 1-4). S. Paulo desenvolve esta mesma ideia falando do corpo, como imagem para exprimir a nossa união com Jesus Cristo, e diz assim: *Pois, como em um só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, constituímos um só corpo em Cristo, sendo, individualmente, membros uns dos outros* (Rom. 12, 4-5).

Pelo facto de Maria ser Mãe de Jesus Cristo, nossa Cabeça, é também nossa Mãe, visto sermos membros do Corpo de Cristo.

Esta maternidade espiritual que começa na Encarnação confirma-se na cooperação com a obra da Redenção. Como diz o Concílio Vaticano II, «Santa Maria concebendo, gerando e alimentando

---

<sup>4</sup> S. CIRILO DE ALEXANDRIA, *Epistolae*, XXIV (PL 77. 138).

<sup>5</sup> J. ESCRIVÁ, *Mãe de Deus, nossa Mãe, Amigos de Deus*, n. 275.

a Cristo, apresentando-O ao Pai no Templo, padecendo com Ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. É por esta razão nossa Mãe na ordem da graça»<sup>6</sup>.

Ao terminar a III sessão do Concílio Vaticano II, Paulo VI proclamou Nossa Senhora «*Mãe da Igreja*, isto é, Mãe de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores que a chamam Mãe amorosa»<sup>7</sup>.

### 3. Como filhos fiéis amamos a nossa Mãe

Todo o bom filho trata de demonstrar o carinho à sua mãe. Por isso nós, que somos filhos de Santa Maria, queremos exprimir-Lhe este amor com actos bem determinados.

Em primeiro lugar, tributamos-Lhe um culto especial. Desde tempos muito remotos, os cristãos têm-n'A vindo a celebrar com festas em Sua honra, homenageando os Seus privilégios. Muitas igrejas Lhe estão dedicadas, por exemplo, Santa Maria Maior, a Igreja da Dormição, Nossa Senhora do Loreto, etc. Além disso, invocavam-n'A com orações muito afectuosas, que nasceram do coração dos filhos mais enamorados: a *Salve Rainha*, o *Lembraivós* e, sobretudo, a *Ave Maria*, que recolhe as palavras do Arcanjo Gabriel, quando Lhe anunciou o mistério da Sua maternidade. O Concílio Vaticano II recomenda a todos os filhos da Igreja «que tenham em grande estima as práticas e exercícios de piedade para com Ela, aprovados no decorrer dos séculos pelo Magistério»<sup>8</sup>. Há um já muito enraizado e tradicional, abençoado, particularmente, pelos Sumos Pontífices: a reza do *Terço*. Como diz o Papa Paulo VI, «o vosso terço é uma escada que vós subis em comum, degrau por degrau, indo ao encontro de Cristo. Porque também esta é uma das características do terço, a mais importante e a mais bela de todas; isto é, uma devoção que, por meio de Nossa Senhora, nos leva a Cristo. Cristo é o termo desta longa e repetida invocação a Maria. Fala-se a Maria para chegar a Cristo. Ela trouxe-O ao mundo. É a Mãe do Senhor. Conduz-nos a Ele se formos Seus devotos»<sup>9</sup>.

Outras demonstrações de carinho para com a Santíssima Virgem são o costume de trazer o Escapulário, saudá-l'A ao contem-

---

<sup>6</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 61.

<sup>7</sup> PAULO VI, *Maria, Mãe da Igreja* (Discurso de clausura da III sessão do Concílio Vaticano II, 21-IX-1964).

<sup>8</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 61.

<sup>9</sup> PAULO VI, *Discurso* de 10-V-1964.

plar as imagens que há nos lares cristãos; tê-l'A especialmente presente aos sábados, dedicados a Ela; as «flores» e a romaria do «Mês de Maio», visitando uma ermida ou santuário a Ela dedicados, etc.

Também temos de A imitar para nos assemelharmos a Ela, do mesmo modo que os filhos se assemelham a sua mãe, procurando viver a Sua pureza, a Sua fé e a Sua entrega a Deus, a Sua caridade, etc.

Tudo isto significa que devemos recorrer ao Seu amparo e acolher-nos à Sua protecção em todos os perigos e necessidades, cheios de confiança filial em nossa Mãe<sup>10</sup>.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

*Nota:* Sobre a Virgem Maria desenvolvem-se três temas neste Curso Elementar de Catequese: Este, o C (preparação para a festa da Imaculada) e o I (para dar durante o mês de Maio). Convém ter isto em conta.

### A) OBJECTIVOS

- Levar à consciência dos alunos a convicção de que Maria é a nossa Mãe, que vive no Céu.
- Fomentar a confiança e o amor filial a Nossa Senhora.
- Acostumar-se a conversar frequentemente com Maria Santíssima.

### De Liturgia e vida cristã

- Animá-los a conhecer mais a Santíssima Virgem, lendo o Evangelho e algum livro sobre a Sua vida.
- Repetir algumas orações à Santíssima Virgem, especialmente a *Ave-Maria* e *Salve-Rainha*.
- Entre todos os privilégios de Nossa Senhora, a liturgia faz contínua referência ao mais importante: a Sua Maternidade Divina.
- A Igreja põe sempre como intercessora a Santíssima Virgem, Mãe de Deus e Mãe da Igreja.

---

<sup>10</sup> Cfr. LITURGIA DAS HORAS, *Completas*, Antífonas finais à Santíssima Virgem.

## B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Narrar, de maneira viva, a passagem de Lc. 1, 26-38, destacando:

- Como Deus enviou o Arcanjo S. Gabriel para dar a conhecer a Maria que tinha sido escolhida para Mãe de Jesus.
- Que desde o instante em que Maria foi concebida, tinha ficado cheia de graça, para ser a Mãe de Jesus Cristo.
- Que Maria disse sempre SIM ao que Deus Lhe pedia.

Depois pode-se falar de alguns momentos da vida de Nossa Senhora, especialmente da Sua participação na Cruz, de como Jesus Cristo no-l'A deu como Mãe e como esteve presente no dia de Pentecostes junto dos Apóstolos.

No diálogo podem entrar pormenores da narração, por exemplo: como se chama o Arcanjo, onde estava Nossa Senhora, que estava a fazer, a que foi que respondeu *Sim* a Santíssima Virgem ..., etc.

b) Pode-se começar com algum episódio referente ao carinho das mães. Também pode abrir-se, desde o início, um diálogo sobre o que as nossas mães fazem por nós, deixando que todos falem e recolhendo os pormenores mais significativos para os aplicar à Santíssima Virgem. Destacando:

- Que a Santíssima Virgem é de verdade nossa Mãe; não é somente um belo título.
- Que Ela vive no Céu e vê-nos, ouve-nos e, sobretudo, nos ama.
- Que, como acontece com as nossas mães da terra, Ela nos faz muitos favores, de alguns dos quais nem sequer nos apercebemos.

### 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Maria é verdadeira Mãe de Deus* [usar o exemplo das nossas mães].

Qualquer um de nós tem uma mãe, que é a nossa verdadeira mãe, porque nos trouxe no seu seio durante nove meses; depois desse tempo, nascemos, porque ela nos deu à luz.

Jesus Cristo nasceu de Santa Maria. Ela trouxe-O durante nove meses no Seu seio. Deus infundiu a Alma nesse Corpo e a esse Corpo e Alma Se uniu a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade: o Verbo de Deus.

Maria trouxe no Seu seio Jesus Cristo, com o Seu Corpo, Alma e Divindade durante nove meses, após os quais Jesus Cristo nasceu em Belém. Ela é verdadeira Mãe de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Portanto, Maria é verdadeira Mãe de Deus.

b) *Maria é nossa Mãe* [explicar pormenorizadamente as razões dadas].

Muitas razões se poderiam dar para mostrar como Maria também é nossa Mãe. Eis as principais:

1. *Porque Jesus Cristo é nosso irmão.* S. Paulo diz que Jesus é o *primogênito de muitos irmãos* (Rom. 8, 29). Logo, se Maria é a Mãe de Jesus, nosso irmão, com toda a razão A podemos chamar, Ele e nós, «nossa Mãe», embora a maternidade em relação a Cristo seja física e natural, e em relação a nós espiritual.

2. *Porque Jesus Cristo no-l'A deu como Mãe.* Ao pé da Cruz, S. João representava a todos os homens; a ele, e portanto a nós, entregou Jesus Cristo Maria como Mãe. A cada um de nós disse Ele: *Eis aí a tua Mãe.* E desde aquele momento, todos os cristãos receberam Maria em sua casa, no seu amor, e temos de A amar como Mãe.

3. *Porque Ela se comportou e se comporta sempre como uma Mãe intercedendo por todos nós.* Os cristãos de todos os tempos, e também nós, pedimos coisas à Santíssima Virgem, que está em corpo e alma no Céu. Ela está ali, mas ouve-nos, ajuda-nos, ama-nos. Cada um de nós poderia contar muitas coisas que Deus nos concedeu por intercessão de Maria, nossa Mãe, e muitíssimas outras que nos concedeu sem que o saibamos. Ela ama-nos como a filhos, e pede a Deus o melhor para cada um de nós.

c) *Nós somos Seus filhos* [mostrar como deve comportar-se um bom filho para com a sua mãe].

Há um ditado que diz: «É próprio de bons filhos ser agradecidos». Com a nossa mãe da terra não nos basta saber que ela nos trouxe ao mundo, nos ama e se preocupa conosco. Filho de verdade é aquele que corresponde a esse amor e ama com obras a sua mãe; se não, é um mau filho. Com a nossa Mãe do Céu passa-se o mesmo. Não basta que saibamos que Ela é nossa Mãe, que nos ama, que vela por nós, etc., mas devemos demonstrar-Lhe que A amamos.

- d) *Devoções marianas* [explicar-lhes algumas das devoções e, de acordo com a idade e circunstâncias, levá-los a viver ou, se já vivem, a melhorar algumas delas].

Ao longo dos séculos, precisamente para demonstrar esse amor de bons filhos a sua Mãe Santa Maria, os cristãos têm procurado modos e maneiras diferentes de Lhe agradecer o Seu amor e intercessão. Talvez não possamos viver todas essas devoções diariamente, mas só algumas. Entre essas devoções temos:

1. *Saudação a Nossa Senhora ao levantar e ao deitar.* As mães gostam que as saúdem pela manhã e se despeçam delas à noite. O mesmo se passa com Nossa Senhora, que é nossa Mãe. Podemos fazê-lo, rezando com devoção, três Ave-Marias.

2. *Saudar os quadros e imagens da Santíssima Virgem.* Nas Igrejas, ruas, praças, casas, etc., os cristãos colocaram quadros e imagens da Santíssima Virgem para que nos seja fácil lembrar-nos e recorrermos com frequência a Ela. Ao ver a Sua Imagem, podemos olhar para Ela e dizer uma jaculatória. Recorrer à Sua intercessão sempre e especialmente quando temos alguma tentação.

3. *O Angelus ou Rainha do Céu.* Muitos cristãos têm o costume de rezar ao meio-dia o *Angelus* ou, no tempo pascal, o *Rainha do Céu*. Com esta oração recordamos a Santíssima Virgem nos momentos mais importantes da Sua vida.

4. *O Terço.* Vão-se repetindo as Ave-Marias enquanto se consideram com o pensamento os diversos mistérios da nossa santa Redenção. É uma tradição muito enraizada entre os cristãos, vivamente recomendada pela Igreja, e que até Nossa Senhora recomendou. Pode ajudar-nos a amar muito mais Nossa Senhora.

5. *O Mês de Maio.* O povo cristão dedica este mês a honrar de modo especial a Santíssima Virgem. Adornam-se os altares com flores, e, em cada dia, podemos ter qualquer pormenor especial para com Nossa Senhora.

6. *O Escapulário do Carmo.* A Santíssima Virgem prometeu a S. Simão Stock, no século XIII, que quem morresse com o Seu Escapulário não se condenaria. O Escapulário recorda-nos a nossa Mãe e torna mais fácil recorrer a Ela em cada momento.

7. *O Sábado, dia dedicado a Nossa Senhora.* A Igreja quis dedicar um dia por semana, o sábado, para que honremos dum modo especial Nossa Senhora. Para além de viver melhor as devoções marianas, podemos rezar ou cantar a *Salve-Rainha*.

8. *As Romarias a um Santuário Mariano.* Em qualquer ocasião, mas sobretudo no mês de Maio, os cristãos visitam os Santuários e imagens da Santíssima Virgem, para honrá-la e aumentar assim a sua devoção. É costume ir a rezar o Terço, com espírito de recolhimento e mortificação.

9. *As festas dedicadas a Nossa Senhora.* Ao longo do ano a Igreja celebra com alegria as festas da Santíssima Virgem. Nós devemos celebrar com especial alegria essas festas da nossa Mãe. As principais são:

- 1 de Janeiro: Santa Maria, Mãe de Deus.
- 2 de Fevereiro: A Purificação de Nossa Senhora.
- 25 de Março: A Anunciação.
- 13 de Maio: Nossa Senhora de Fátima.
- 15 de Agosto: A Assunção aos Céus.
- 8 de Setembro: A Natividade de Maria.
- 8 de Dezembro: A Imaculada Conceição.

### 3. Perguntas-resumo

Quem é a Virgem Maria? Porque dizemos que a Virgem Maria é Mãe de Deus? Quando nos deu Jesus Maria por nossa Mãe? Que devoções marianas conheces?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Igreja, na Liturgia da Missa, recorda com frequência a Santíssima Virgem sob o título de Mãe de Deus, pondo-a também como a melhor intercessora, junto de S. José.

«Veneramos a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo» (Cânone I).

«E a todos nós, Vossos filhos, concedei, Pai de misericórdia, a graça de alcançarmos no Vosso reino, a herança do Céu, com a Virgem Santa Maria, Mãe de Deus» (Cânone IV).

A Santíssima Virgem está presente também na Santa Missa pois, como no Calvário, está junto de Seu Filho que oferece o Seu Sangue pelos nossos pecados. Temos de nos unir a Ela para que nos ajude a participar no Santo Sacrifício da Missa.

2. A maior festa de Nossa Senhora que a Igreja celebra é no primeiro dia do ano: a Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. Nesta festa a Igreja pede:

«Ó Deus: pela Virgindade fecunda de Maria Santíssima destes aos homens os bens da salvação eterna; fazei-nos sentir a inter-

cessão da Virgem Mãe, de quem recebemos o autor da vida, Jesus Cristo, Vosso Filho.»

Ponhamos sempre Santa Maria como intercessora na nossa oração.

3. Podem perguntar-lhes se usam o Escapulário. Em caso negativo, organizar na Capela ou Igreja, de forma digna e solene, a sua imposição.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Saber responder às perguntas do Catecismo relativas ao tema.
- Fazer um resumo, no caderno, das ideias mais importantes da sessão, ilustrando-o com fotografias e desenhos.
- Fazer um jornal de parede sobre o tema: «As mães amam os seus filhos».
- Fazer um trabalho de redacção com o título: «A Santíssima Virgem na Santa Missa».
- Rezar um mistério do Terço.
- Aprender a rezar o *Angelus*.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 122 a 125.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 11

*Tema 11 — Jesus Cristo ressuscitou  
para nos salvar.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

Ensina-nos a Revelação que a morte que Adão mereceu como castigo do seu pecado, atinge todos os seus descendentes. Herdamos o pecado original e as suas consequências. Mas a Encarnação do Verbo transformou essa solidariedade de pecado e de morte com Adão, em solidariedade de graça e vida com Jesus Cristo.

Jesus Cristo veio para destruir o pecado, a morte e o poder do demónio, o que fez através da Sua Paixão, Morte e Ressurreição. Unidos a Cristo também nós triunfamos sobre eles, se bem que o nosso triunfo só seja definitivo na ressurreição no fim dos tempos. Assim, diz-nos a Sagrada Escritura que *como por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte, assim também a morte penetrou em todos os homens, pois todos pecaram (...), assim também reine a graça pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo, Nosso Senhor* (Rom. 5, 12.21; cfr. 1 Cor. 15, 3-4.21-23.26).

#### **1. O pecado ofende a Deus, cuja dignidade é infinita**

Se isto é assim, devemos perguntar-nos o que é o pecado, que gravidade misteriosa encerra ele, já que Jesus Cristo — Deus e Homem — sobe à Cruz para nos libertar dele.

O pecado é, antes de tudo, ofensa e separação de Deus. Não pode dar-se, nem se dá de facto, um pecado mortal que não ofenda a Deus. Neste sentido diz Paulo VI: «E em todos os tempos o pecado apareceu claramente à consciência cristã não só como transgressão da lei divina, mas também — embora nem sempre directa e abertamente — como desprezo ou esquecimento da amizade pessoal entre Deus e o homem, verdadeira ofensa de Deus nunca suficientemente avaliada; mas ainda, como ingrata recusa do amor divino, que nos foi oferecido em Cristo»<sup>1</sup>.

O Concílio Vaticano II urge o ensino exposto quando afirma: «inculque-se nos espíritos, juntamente com as consequências sociais do pecado, a natureza própria da penitência, que é detestação do pecado por ser ofensa a Deus»<sup>2</sup>. Portanto, devemos fixar, como pertencendo à fé e ao ensino da Igreja, que todo o pecado é, antes de tudo — e isto é fundamental —, uma ofensa pessoal a Deus, Criador e Senhor de tudo, cuja dignidade é infinita. O pecado mede-se pela dignidade da pessoa ofendida.

Mas, além disso, o pecado causa dano à Igreja, Corpo Místico de Cristo no qual todos somos solidários com Ele e com os outros membros. Por isso, os pecados de cada um contribuem — na medida em que é possível ao pecador — para desfigurar o rosto da Esposa de Jesus Cristo; isto é, o pecado tem também — como recorda o Concílio — uma dimensão social<sup>3</sup>. Daí que seja o sacerdote quem, em representação de Cristo e como ministro da Igreja, perdoa a cada um as suas ofensas pessoais a Deus.

Pouco poderia fazer o homem para reparar essa ofensa infinita. Mas Deus teve compaixão da humanidade e deu-nos a prova mais sublime do Seu amor: a Encarnação do Filho Unigénito, que morreu para nos redimir e ressuscitou glorioso, para nunca mais morrer.

## 2. A redenção de Jesus Cristo e o pecado

A obra da Redenção é fruto do infinito amor de Cristo ao Pai e aos homens. A Sua oferenda tem valor infinito porque é oferenda do Filho de Deus. Quem sofre é o Verbo de Deus na Sua Humanidade Santíssima. Deste modo, uma ofensa infinita paga-se com uma satisfação infinita.

---

<sup>1</sup> PAULO VI, Const. *Indulgentiarum Doctrina*, n. 2.

<sup>2</sup> VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 109.

<sup>3</sup> «Por-se-á de relevo o aspecto social da graça e do pecado, visto que os actos (...) se repercutem, de alguma maneira, em todo o corpo da Igreja» (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Ritual do Sacramento da Penitência*, n. 25 c.).

Jesus sabe que o maior mal dos homens é o pecado, mal definitivo e radical. Só à luz do pecado pode entender-se a grandeza da Redenção, como só à luz da Redenção pode entender-se toda a miséria do pecado. E é o próprio Deus, na Sua Revelação, Quem nos dá o sentido e dimensão completa do pecado. Por isso, a pregação de Jesus inicia-se com um apelo à penitência (cfr. Mt. 4, 17); e por isso, ao mesmo tempo, desenvolve toda a força do Seu amor e misericórdia para com os pecadores. Descreve com vivos traços o gozo que produz no Seu coração de Pai o regresso do filho pródigo (cfr. Lc. 15, 14-32), e a confissão do Bom Ladrão (cfr. Lc. 23, 43); etc. E morre perdoadando aos que O crucificam, *porque não sabem o que fazem* (Lc. 23, 34).

### **3. Jesus Cristo é o Sacerdote que Se ofereceu a Si mesmo**

A realidade do Sacerdócio de Jesus Cristo encontra-se expressa na Sagrada Escritura e no Magistério da Igreja. Na Carta aos Hebreus lemos: *irmãos santos, que participais da vocação celestial, considerai Jesus o Apóstolo e Sumo Pontífice da fé que professamos* (Heb. 3, 1).

Por seu lado, o Concílio de Trento ensina que «neste divino Sacrifício, que na Missa se realiza, se contém e se imola incruentamente Aquele mesmo Cristo que uma só vez Se ofereceu a Si próprio, cruentemente no altar da Cruz»<sup>4</sup>.

Jesus Cristo é, pois, o Sacerdote que, oferecendo-Se a Si mesmo no Sacrifício cruento de uma vez para sempre, resgatou-nos da escravidão do pecado e fez-nos filhos de Deus.

Mas este Sacrifício da Cruz repete-se e actualiza-se de modo incruento, para aplicar os Seus méritos, na Santa Missa, onde Cristo actua através do Seu ministro visível que é o Sacerdote. Recorda-o o Vaticano II: «Está presente (Cristo) no Sacrifício da Missa (...), na pessoa do ministro — O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é O mesmo que Se ofereceu na Cruz»<sup>5</sup>.

### **4. Jesus Cristo entregou-Se à morte por Amor**

Ao contemplar a Paixão de Cristo, podemos perguntar qual a razão de tantas humilhações, tão grande dor física e moral, em favor da nossa salvação quando «bastava o mais pequeno padecimento para redimir o género humano de todos os pecados», como ensina S. Tomás de Aquino<sup>6</sup>. E, contudo, «Cristo, inocente,

<sup>4</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Ses. XXII, *De Sacrificio Missae*, Dz 940 (1743).

<sup>5</sup> VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 7.

<sup>6</sup> S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, III, q. 46, a. 5 ad 3.

imolado no altar da Cruz, não derramou uma pequena gota de sangue — que teria sido suficiente para a redenção de todo o género humano pela Sua união com o Verbo — mas derramou-o copiosamente com um rio»<sup>7</sup>.

A resposta não pode ser outra senão a que nos dá S. João: *Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o Seu Filho único, para que todo o que n'Ele crer não pereça mas tenha a vida eterna* (Jo. 3, 16). E o mesmo evangelista recorda-nos aquelas palavras de Jesus: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos* (Jo. 15, 13). O Senhor não só morreu pelos Seus amigos, mas também pelos Seus inimigos e perseguidores, que O atormentavam, pelos quais pedia perdão ao Pai (cfr. Lc. 23, 24); cumprindo-se desta maneira o que diz S. Paulo: *Deus demonstra o Seu amor para conosco, pelo facto de Cristo ter morrido por nós, quando ainda éramos pecadores* (Rom. 5, 8).

Perante este sublime testemunho de amor, quem não há-de amar a Cristo?

### 5. A Ressurreição de Jesus Cristo

Por fim, Jesus que Se entregou, livre e conscientemente à morte da Cruz, para nos redimir dos pecados, ressuscitou glorioso do sepulcro. É o que chamamos mistério pascal, a Páscoa: a passagem do Senhor. A Igreja canta a Ressurreição de Cristo: «Os cristãos entoem cantos ao Cordeiro imaculado, oferecido em nova Páscoa. Redimiui o Seu rebanho: a Seu Pai Cristo inocente converteu os pecadores. Morte e vida combateram, mas o Príncipe da vida reina vivo, após a morte. 'Vem contar-nos, ó Maria, o que viste no caminho!'. 'Vi o túmulo de Cristo redivivo e glorioso; vi os Anjos que o atestam, e a mortalha com as vestes; Cristo ergueu-Se de entre os mortos, Ele que era a minha esperança; vê-l'O-eis na Galileia!'»<sup>8</sup>.

No Credo professamos que «ressuscitou ao terceiro dia». Quer dizer que, depois de morrer realmente — separação da alma e do corpo —, a alma voltou ao Seu corpo para nunca mais morrer. Há claras diferenças em relação a outras ressurreições, por exemplo a de Lázaro, porque Jesus ressuscitou por Seu próprio poder; e, além disso, passou para a Vida eterna para nunca mais morrer: *Tenho poder para a (a vida) dar e para tornar a tomá-la* (Jo. 10, 18).

O corpo de Cristo ressuscitado é o mesmo que morreu na Cruz e que foi sepultado. *Vede as Minhas mãos e os Meus pés; sou*

<sup>7</sup> CLEMENTE VI, Bula *Unigenitus Dei Filius*, 27-I-1343, Dz 550 (1025).

<sup>8</sup> Cfr. *Sequência da Missa do Domingo da Ressurreição*.

*Eu mesmo. Palpai-Me e olhai que um espírito não tem carne, nem ossos, como verificais que Eu tenho (...); e comeu diante de todos (Lc. 24, 39-43).*

O *sepulcro vazio* é a prova física da Ressurreição. S. João presenciou no Calvário a morte do Senhor. Viu como O desceram e amortalharam à maneira judaica. Por isso, escreve que, ao entrar no sepulcro, *viu e acreditou* (Jo. 20, 8).

Assim se entende que Cristo entrasse e saísse do Cenáculo sem necessidade de que Lhe abrissem as portas. Só é possível como explicação a Ressurreição gloriosa de Jesus.

Os Padres da Igreja dedicam páginas sublimes a comentar estas passagens do Evangelho, com o propósito de fortalecer a fé dos cristãos: «O que O negou três vezes, unicamente por medo a uma criada, transformou-se de tal maneira — queria provar, com os factos, que havia presenciado a ressurreição —, que desprezou todo o povo e dirigiu-se à assembleia dos judeus para lhes dizer que o Crucificado e sepultado tinha ressuscitado ao terceiro dia de entre os mortos e subido ao Céu; mais ainda, dizer que já não tinha medo nem aos mais horríveis tormentos. Donde lhe vinha esta confiança? Donde, senão da certeza da Ressurreição»<sup>9</sup>.

A Ressurreição é o fundamento da nossa fé (cfr. 1 Cor. 15, 14-19) porque é a última e definitiva prova de que Cristo é Deus. Também é garantia da futura ressurreição dos nossos corpos: *Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também, em Cristo, todos serão vivificados* (1 Cor. 15, 20-22).

É também verdade de fé que Jesus Cristo, quarenta dias após a Ressurreição, subiu ao Céu em corpo e alma onde está sentado à direita de Deus Pai. Significa isso a elevação definitiva da natureza humana de Jesus ao estado de glória divina. Do Céu acompanha-nos como nos prometeu: *E Eu estarei convosco, todos os dias, até ao fim dos tempos* (Mt. 28, 20).

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Crescer no amor a Jesus Cristo, que Se entregou por nós à morte de Cruz.
- Agradecer as Suas dores e morte, com as quais fomos salvos.

---

<sup>9</sup> S. LEÃO MAGNO, *Sermão 17*, cap. 4.

- Viver especialmente unidos a Cristo nas festas da Semana Santa e Páscoa da Ressurreição.
- Tomar consciência de que, como cristãos, todos os Domingos comemoramos, de modo especial, a Ressurreição de Cristo.

### **De Liturgia e vida cristã**

- Mostrar-lhes que a Santa Missa é o mesmo Sacrifício de Cristo na Cruz.
- Animá-los a participar plenamente, sobretudo pela comunhão, no Sacrifício Eucarístico.
- Aprender os Mistérios Dolorosos e Gloriosos do Terço.
- Ajudá-los a viver a Semana Santa participando nos ofícios litúrgicos.
- Ensiná-los a viver o espírito de mortificação em união com Cristo sofredor.
- Fomentar a alegria cristã fundada na Ressurreição de Cristo.

## **B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA**

### **1. Introdução (diversos pontos de partida)**

a) Desenvolver, brevemente, a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Para isso, além do Evangelho, pode servir percorrer os Mistérios Dolorosos do Terço ou as Estações da *Via Sacra*. Em resumo, apresentam-se os seguintes factos:

- Oração no Horto das Oliveiras e traição de Judas.
- Julgamento em casa do Sumo Sacerdote, Herodes e Pilatos.
- Negação de Pedro.
- Flagelação e coroação de espinhos.
- Condenação de Jesus à morte.
- Jesus com a Cruz às costas a caminho do Calvário.
- Quedas de Jesus.
- Encontro com Sua Mãe, a Verónica, o Cireneu, as mulheres que choram ...
- Jesus é despojado das Suas vestes e crucificado.
- Jesus na Cruz: sede, bom ladrão, perdoa, dá-nos Sua Mãe ...
- Jesus morre. A lança do soldado.
- O Corpo de Jesus, descido da Cruz e depositado no sepulcro.

Ao narrar as diversas cenas convém que fique destacado:

- Que Jesus, por ser Deus, sabia que ia sofrer.
- Que, apesar de tudo, o fez por amor aos homens.
- Mostrar como reagem os homens em todo o drama do Calvário: uns indiferentes, outros insultando, outros crucificam-n'O, outros

choram, outros, como a Santíssima Virgem, S. João, Maria Madalena ... sofrem e unem-se à Paixão de Cristo.

No diálogo com os alunos podem-se fazer, aqui e além, perguntas. Ao narrar a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, tentar que completem as cenas com pormenores de que se recordem: nomes, lugares, personagens, etc.

b) Servindo-se da história da primitiva cristandade, comentar-lhes alguns martírios dos primeiros cristãos. Mostrar-lhes:

- Como aceitavam, com alegria, a dor.
- Como, inclusive, iam cantando quando se aproximavam do martírio.
- Que tudo isto o faziam pela fé em Jesus ressuscitado.
- Que sabiam que eles também iriam ressuscitar como Cristo para uma vida nova.

O diálogo pode centrar-se no valor da fé na Ressurreição. Se Cristo não tivesse ressuscitado, a nossa fé não teria sentido. É importante, neste momento, comentar o valor dos pequenos sofrimentos: doenças, morte de entes queridos, etc.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Jesus Cristo é o nosso Salvador.*

Tratar-se-ia de fazer um breve resumo do Tema n.º 7, recordando como o homem, pelo pecado, precisa de ser salvo, redimido. Deus, no Seu infinito amor por nós, enviou-nos o Seu Filho Jesus Cristo para nos salvar dos nossos pecados. Jesus Cristo, o Filho de Deus feito Homem, é o Salvador.

b) *Jesus Cristo oferece um Sacrifício de valor infinito* [pode-se comparar o sacrifício de Cristo com o de Isaac: Génesis 22, 1-19].

Na Sagrada Escritura temos uma cena muito bela: Deus pede a Abraão que sacrifique o seu único filho Isaac: Abraão não lhe diz nada, mas pega no filho, carrega-lhe a lenha às costas e sobe ao monte para o sacrificar. Mas Deus, uma vez posta à prova a fé de Abraão, não consentiu que fosse sacrificado.

Jesus Cristo foi até ao extremo na generosidade da Sua entrega. Cristo sabia que ia morrer na Cruz e aceitou-o por nosso amor. Jesus Cristo — da mesma maneira que Isaac carregou a lenha às costas — levou sobre os seus ombros a Cruz onde ia morrer, até ao cimo do monte Calvário. Deus Pai, que não quis ver sofrer Abraão vendo o seu filho Isaac morrer, permitiu ver Seu Único Filho morrer na Cruz, com dores terríveis.

Qualquer coisa que Cristo fizesse podia salvar-nos, porque tudo o que fazia tinha um valor infinito visto ser Deus. Se quis sofrer tanto, foi para nos mostrar quanto nos ama e para nos fazer compreender a gravidade do pecado.

- c) *Jesus Cristo ofereceu-Se a Si mesmo como Sacerdote* [comparar com os sacrifícios do Antigo Testamento].

No Antigo Testamento os sacerdotes eram os encarregados de oferecer os sacrifícios a Deus. Ofereciam esses sacrifícios em nome de todo o povo. Às vezes ofereciam frutos da terra — trigo, vinho, etc. —, e outras vezes animais (cfr. Êx. 29, 38-46).

Jesus Cristo é o Sacerdote eterno e não oferece coisas da terra ou animais, mas oferece-Se a Si mesmo, sabendo que, para Deus, Seu Pai, era este o sacrifício mais perfeito, o maior de todos os sacrifícios que se tinham oferecido e que se poderão oferecer sobre a terra.

Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o *Sacerdote* que Se ofereceu a Si mesmo na Cruz e a *Vítima* desse sacrifício.

- d) *Para que foi que Jesus Cristo Se ofereceu na Cruz?* [não se trata tanto de aprofundar os motivos mas que os alunos saibam os frutos da Redenção].

Jesus Cristo ofereceu-Se na Cruz principalmente por *quatro motivos*:

1.º — *Para dar glória a Deus Pai.* O fim do homem é dar glória a Deus. Jesus Cristo, representando todos os homens, dá a Deus glória infinita com a Sua Paixão e Morte.

2.º — *Para dar graças a Deus Pai.* Jesus Cristo, com a Sua Paixão e Morte, agradece a Deus em nome de todos os homens.

3.º — *Para reparar as ofensas de todos os pecados.* O homem era escravo do pecado e pelas próprias forças não se podia libertar. Pelo pecado, o homem tinha a alma manchada e nada a podia limpar. Com o Seu sacrifício, Jesus Cristo quebra as cadeias do pecado; com o Seu sangue limpa a mancha que esses pecados produzem na alma. Jesus Cristo entrega a Sua vida por nós, para que nós, morrendo para o pecado, possamos viver a vida da graça.

4.º — *Para pedir a Deus o que precisamos.* Jesus Cristo, oferecendo o Seu sacrifício, faz com que Deus Pai escute sempre o que Lhe pedimos em Seu nome. Por isso, quando Cristo nos ensinou como havemos de pedir, disse-nos: *Tudo quanto pedirdes a Meu Pai, em Meu nome, Ele vo-lo dará. Pedi e recebereis* (Jo. 16, 23-24).

e) *Com a Sua Ressurreição, Jesus Cristo venceu a morte e o pecado.*

Com a Sua Paixão e Morte, Jesus Cristo trava um combate para nos livrar do pecado, para vencer o demónio e a morte.

Com a Sua Ressurreição, ganhou esta batalha: «A morte e a vida travaram entre si um duelo: Ressuscitando, Jesus Cristo ganhou esta batalha». Estas palavras, que se lêem no Domingo de Ressurreição, resumem-nos muito bem todo o sentido da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

### 3. Perguntas-resumo

Porque foi que Jesus Cristo quis sofrer tanto na Paixão e na Cruz? Por quem padeceu e morreu Jesus Cristo? Que é a Santa Missa? Como ressuscitou Jesus Cristo? Porque devem estar alegres os cristãos?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Santa Missa não é uma recordação de algo que já passou, mas a renovação incruenta do mesmo Sacrifício de Cristo na Cruz. Por isso no Cântone da Missa diz-se: «memorial», e não simples «recordação». O sacerdote, depois da consagração, diz: «Celebrando *agora*, o *memorial* da morte ressurreição de Vosso Filho ...

- nós Vos oferecemos, o pão da vida e o cálice da salvação,
- em acção de graças ...
- humildemente Vos suplicamos ...
- a Vós, Deus Pai todo-poderoso toda a honra e toda a glória agora e para sempre, na unidade do Espírito Santo<sup>10</sup>.

Fazer ver a importância do «Amen» com que respondem às palavras anteriores que diz o sacerdote.

Toda esta maravilha que é a Santa Missa deve ajudar-nos a vivê-la melhor e reparar naquilo em que participamos.

2. A Morte e Ressurreição de Cristo obtém-nos a remissão dos nossos pecados. É sobretudo com a Sua Morte e Ressurreição que Cristo é o Salvador.

A Igreja, cheia de grande alegria, canta na Vigília Pascal o seu Precónio festivo e, entre outras coisas, diz:

Esta é aquela noite em que, destruindo a prisão da morte, Cristo Se levanta vitorioso do túmulo.

---

<sup>10</sup> *Missal Romano*, Oração Eucarística II.

De nada, com efeito, nos serviria ter nascido,  
se não houvéramos sido redimidos.  
Ó admirável benignidade da Vossa comiseração  
para connosco!  
Ó inesgotável excesso de caridade!  
Para o povo regastardes,  
o próprio Filho entregastes!

Descobrir-lhes a alegria da ressurreição e que se unam à Igreja que canta com alegria o Seu Salvador.

3. Toda a Semana Santa é uma ótima ocasião para que os alunos vivam a liturgia da Igreja. Convirá explicar-lhes bem as diversas funções e actos litúrgicos, e levá-los a participar neles.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas respectivas do Catecismo.
- Que façam no seu caderno um breve resumo das ideias da sessão, ilustrando-o com fotografias e desenhos.
- Fazer, por grupos, alguma visita a doentes ou velhinhos da freguesia ou cidade.
- Na Igreja, se for possível, fazer a *Via Sacra*.
- Ver quantas vezes aparecem as palavras «glória», «graças», «pedimos» e «sacrifício» na Oração Eucarística n.º 1, e indicá-lo no caderno.
- Aprender de cor os Mistérios Dolorosos e Gloriosos do Terço. Podem comentar algum Mistério.
- Realizar um cartaz sobre as estações da *Via Sacra* pondo sob cada um o texto evangélico correspondente.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 63 a 70.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 12 — O Espírito Santo  
opera a nossa santificação.*

GC - 12

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

Com a Morte e Ressurreição de Jesus Cristo ficou consumada a Redenção. Agora, na Igreja e pela Igreja, terão de aplicar-se a cada homem os seus frutos, para que todos e cada um dos fiéis se santifiquem, porque esta é a vontade de Deus (cfr. 1 Tess. 4, 3). Esta acção santificadora — embora todas as operações *ad extra* sejam comuns às três Pessoas — atribui-se ao Espírito Santo, Terceira Pessoa Divina; por isso, vamos tratar nesta tema: Quem é o Espírito Santo? Como nos santifica? Como há-de ser a nossa relação pessoal com Ele?

#### **1. O Espírito Santo**

**é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade**

O Antigo Testamento fala-nos com frequência veladamente do Espírito de Deus (cfr. Salmo 103, 30; Is. 11, 2; Ez. 36, 27; etc.). Mas só no Novo Testamento aparece com clareza a revelação do Espírito Santo, como Terceira Pessoa da única Natureza divina.

*O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.* Na fórmula trinitária do Baptismo, aparece juntamente com

o Pai e o Filho: *Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo* (Mt. 28, 19).

O nome de Paráclito, que significa «consolador» ou «advogado» (cfr. Jo. 14, 16.17.26), aparece muitas vezes no sentido de uma Pessoa real. Por isso se Lhe atribuem acções que só os seres pessoais realizam, como ser mestre da Verdade, dar testemunho de Cristo, conhecer os mistérios de Deus (cfr. Jo. 16, 13; 15, 26; 1 Cor. 2, 10; etc.).

Ao Espírito Santo aplicam-se indistintamente os nomes de Espírito Santo e Deus, como podemos ler nos *Actos dos Apóstolos*: *Ananias, porque é que Satanás invadiu o teu coração a ponto de te levar a mentir ao Espírito Santo?; (...) não foi aos homens que tu mentiste, mas a Deus* (Act. 5, 3 e ss).

Ao Espírito Santo atribui-se a Encarnação do Filho de Deus (cfr. Lc. 1, 35 e ss). Ele é também o dispensador da graça divina (cfr. Jo. 3, 6; 20, 22; 1 Cor. 12, 11).

Por tudo isto dizemos que o Espírito Santo é Pessoa divina, não um atributo ou virtude divina impessoal. Assim o confessa a fé da Igreja: «Cremos no Espírito Santo, que falou pela Lei e anunciou pelos profetas e desceu sobre o Jordão, que falou pelos Apóstolos e habita nos Santos; e assim cremos n'Ele que é Espírito Santo, Espírito de Deus, Espírito perfeito, Espírito consolador e incriado»<sup>1</sup>.

*O Espírito Santo é Pessoa realmente distinta do Pai e do Filho.* Assim o manifestam a fórmula trinitária do Baptismo (cfr. Mt. 28, 19), a manifestação visível do Espírito Santo no Baptismo de Jesus em forma de pomba (cfr. Mt. 3, 16); e o discurso de despedida de Jesus, no qual o Espírito Santo Se distingue do Pai e do Filho, visto que são Eles que O enviam, e Ele é enviado ou doado (cfr. Jo. 14, 16-26; 15, 26).

A doutrina da Igreja relativa ao Espírito Santo enquanto Deus, como Pessoa que procede do Pai e do Filho e é enviado por Ambos, tem sido ensinada firmemente e com solenidade desde o princípio até aos nossos dias. Recordemos estas palavras de Paulo VI: «Cremos no Espírito Santo, Senhor e fonte de vida, que com o Pai e o Filho recebe a mesma adoração e a mesma glória. Falou-nos por meio dos profetas, foi-nos enviado por Cristo depois da Sua Ressurreição e Ascensão ao Pai»<sup>2</sup>. Há um só Deus, uma única natureza e três Pessoas realmente distintas: Pai, Filho e Espírito Santo.

<sup>1</sup> *Símbolo de Epitânio, século IV, Dz 13(44).*

<sup>2</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-IV-1968, n. 13.

## 2. Ao Espírito Santo é atribuída a nossa santificação, embora seja obra das três Pessoas Divinas

Recordemos que Adão e Eva cometeram o pecado original, e neles todos pecámos. O homem, que tinha saído bom e santo das mãos do Criador, tornou-se inimigo de Deus, ficando manchado e morto para a vida da graça.

Apesar disso, Deus não o abandonou e quis salvá-lo através da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, Deus e Homem verdadeiro, que nos resgatou do pecado. Esta salvação realizada perfeitamente por Cristo, deve ser aplicada a cada homem em particular, e, para isso, instituiu a Igreja e os Sacramentos.

Na nossa santificação intervêm as três Pessoas Divinas, porque o princípio das operações é a natureza e em Deus há uma só essência ou natureza. Porque o Espírito Santo é Amor e a santificação é obra fundamentalmente do Amor de Deus, a obra da nossa santificação atribui-se ao Espírito Santo<sup>3</sup>.

*O Espírito Santo santifica-nos principalmente pelos Sacramentos.* Os Sacramentos são sinais sensíveis instituídos por Jesus Cristo, que significam e conferem a graça. Viver em graça de Deus é tão importante que ninguém pode agradar a Deus, se não possui a graça santificante.

Ora bem, embora Deus possa conceder a Sua graça de várias maneiras, o certo é que, ordinariamente, a graça — participação real e física da natureza divina — é-nos dada ou desenvolve-se por meio dos sete Sacramentos. «Pelo Baptismo são os homens enxertados no mistério Pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados, recebem o espírito filial que 'nos faz clamar: Abba Pai' (Rom. 8, 15), transformando-se assim nos verdadeiros adoradores que o Pai procura. E sempre que comem a Ceia do Senhor, anunciam igualmente a Sua morte até Ele vir»<sup>4</sup>.

A vida divina que nos santifica nasce, fortalece-se e recupera-se, quando a tínhamos perdido, por meio dos Sacramentos. São, pois, os meios de salvação através dos quais principalmente nos santifica o Espírito Santo.

*O Espírito Santo habita na alma em graça e guia-nos com as Suas inspirações.* O Espírito Santo habita na alma do justo e distribui os dons divinos segundo a Sua vontade, pois «não é um artista que desenha em nós a substância divina como se Ele

---

<sup>3</sup> VATICANO II, *Apostolicam Auctositatem*, n. 3.

<sup>4</sup> VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 6.

fosse alheio a ela, não é desse modo que nos conduz à semelhança divina, mas Ele mesmo, que é Deus e de Deus procede, imprime-Se nos corações que O recebem como o selo sobre a cera e, desse modo, pela comunicação de Si mesmo e pela semelhança, restabelece a natureza segundo a beleza do modelo divino e restitui ao homem a imagem de Deus»<sup>5</sup>.

O Espírito Santo ilumina-nos com as Suas inspirações para conhecer a Deus e os próprios deveres: Espírito de fortaleza sustém-nos nas lutas contra as paixões; Espírito de santidade, purifica-nos e estimula-nos para o bem. Esta realidade da presença do Espírito Santo na alma em graça expressa-se, em breves palavras, dizendo que o cristão é Templo do Espírito Santo.

### **3. Tratamos na intimidade o Espírito Santo seguindo docilmente os Seus ensinamentos**

Se o Espírito Santo é o Santificador das nossas almas, daí se conclui a necessidade que temos de O conhecer, conviver com Ele e seguir os Seus ensinamentos, mostrando que O amamos, como Pessoa divina que é. Temos de falar com Ele, pedir-Lhe coisas, conviver com Ele, como nos ensina a Liturgia<sup>6</sup>.

O convívio contínuo leva-nos a amá-l'O e, por conseguinte, a que sigamos com docilidade os Seus ensinamentos, «porque é o Espírito Santo que, com as Suas inspirações, vai dando tom sobrenatural aos nossos pensamentos, desejos e obras (...). Se formos dóceis ao Espírito Santo, a imagem de Cristo ir-se-á formando, cada vez mais nítida, em nós e assim nos iremos aproximando cada vez mais de Deus Pai»<sup>7</sup>.

Uma característica das almas que se deixam guiar pela acção do Espírito Santo é o abraçar-se à Cruz, visto que «só quando o homem, sendo fiel à graça, se decide a colocar no centro da sua alma a Cruz, negando-se a si mesmo por amor de Deus, estando realmente desapegado do egoísmo e de toda a falsa segurança humana, quer dizer, só quando vive verdadeiramente de Fé, é que recebe com plenitude o grande fogo, a grande luz, a grande consolação do Espírito Santo»<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> S. CIRILO DE ALEXANDRIA, *Thesaurus de sancta e consubstantiali Trinitate*, 34 (PG 75, 609).

<sup>6</sup> «Vossos sete dons concedei à alma do que em Vós confia: virtude na vida, amparo na morte, no céu alegria» (*Sequência da Missa de Pentecostes*).

<sup>7</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 135.

<sup>8</sup> *Ibidem*, n. 137.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

*Nota:* Sobre o Espírito Santo desenvolvem-se este e os temas 36 (o Sacramento da Confirmação) e H (no Pentecostes, Jesus enviou o Espírito Santo à Sua Igreja). Convirá ter isto em conta ao programar e desenvolver este tema.

### A) OBJECTIVOS

- Mostrar que o Espírito Santo é uma das três Pessoas da Santíssima Trindade: um só Deus e três Pessoas realmente distintas.
- Descobrir que é o Espírito Santo quem nos santifica.
- Acostumar-se a recorrer ao Espírito Santo que está na nossa alma em graça, para viver como bons cristãos.

### De Liturgia e vida cristã

- Acostumá-los a dirigir-se ao Espírito Santo pedindo-Lhe algum dos Seus dons.
- Mostrar-lhes a alegria de estar em graça e de ser templos vivos do Espírito Santo.
- Descobrir-lhes como na Liturgia se recorre continuamente ao Espírito Santo pedindo a santificação.
- Animá-los a repetir com frequência o «Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo».

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Descrever, com vivacidade, o Baptismo de Jesus narrado por S. Lucas 3, 21-22, destacando:

- Que S. João Baptista baptizou Jesus não porque Lhe fizesse falta, mas porque Jesus queria dar exemplo.
- Que nesta cena do Evangelho aparecem as três Pessoas da Santíssima Trindade:
  - A voz que se ouve é a do Pai.
  - Jesus Cristo, que Se baptiza, é o Filho.
  - A figura da pomba representa o Espírito Santo.

O diálogo pode centrar-se à volta da forma de pomba e da presença das três divinas Pessoas no Baptismo de Jesus; de que outra maneira o Espírito Santo Se apresenta na Sagrada Escritura (a chama de fogo = luz e calor).

b) Quando o homem está em graça tem a Deus na sua alma santificada e, por isso, se diz que a alma é, nessa altura, «templo vivo do Espírito Santo». A partir desta Verdade convém explicar-lhes:

- A felicidade que é possuir Deus dentro de nós.
- Que devemos estar contentes e agradecermos esse dom.
- Que nos devemos sentir seguros porque, possuindo Deus, de nada devemos ter medo.

No diálogo é fundamental fazer-lhes nascer a atitude de alegria, agradecimento e segurança em Deus, assim como o enorme valor da vida em graça.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *O Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade* [explicar o que é um mistério e como conhecê-lo e compreendê-lo são coisas diferentes].

O maior mistério do cristianismo é o mistério da Santíssima Trindade. Esse mistério, que, por sermos limitados, nunca o poderemos compreender, diz-nos que em Deus há três Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. As três Pessoas são Deus, as três são eternas, as três são onipotentes, etc., mas há um só Deus.

A Igreja explicou-nos este mistério e nós professamos a nossa fé nele quando rezamos o Credo e dizemos: «Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho».

b) *Deus Pai, Filho e Espírito Santo realizam a salvação* [pode-se mostrar a presença das três Pessoas na passagem da Anunciação: Lucas 1, 26-38].

Sabemos que foi a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Filho, que Se fez homem e morreu e ressuscitou por nós. Com a Sua vida, morte e ressurreição, nós, homens, fomos salvos. Mas, na nossa salvação, estiveram presentes as três Pessoas divinas: o Pai amou-nos tanto que enviou o Seu Único Filho; o Filho amou-nos tanto que morreu por nós; o Espírito Santo amou-nos tanto que veio no dia de Pentecostes para ser a Alma da Igreja.

c) *O Espírito Santo santifica-nos* [destacar o papel do Espírito Santo].

Dissemos que há um só Deus; portanto, todas as coisas que Deus faz, são feitas pelas três Pessoas divinas. Contudo, umas atribuem-se ao Pai, outras ao Filho e outras ao Espírito Santo. Assim, umas vezes dizemos que Deus Pai é Criador do mundo, porque é obra da onipotência divina e o poder Se atribui ao Pai,

Princípio sem fim, embora o mundo fosse criado também pelo Filho e o Espírito Santo. Se se considera a Sabedoria de Deus na criação, atribui-se ao Filho, que procede da inteligência do Pai (cfr. Jo. 1, 3). Ao Espírito Santo apropria-se particularmente a santificação dos homens porque procede do amor do Pai e do Filho. Por isso, intitulamos este tema «O Espírito Santo opera a nossa santificação», embora a santificação dos homens seja obra de toda a Santíssima Trindade.

d) *O Espírito Santo santifica-nos principalmente por meio dos Sacramentos e das Suas inspirações* [procurar apresentar exemplos simples].

Deus é Santo e nós tornamo-nos cada vez mais santos, na medida em que nos vamos unindo mais a Deus.

- Os Sacramentos são os meios ordinários para receber a graça santificante e os dons do Espírito Santo.
- Quando estamos em graça «somos templos de Deus», *temos o Espírito Santo dentro da nossa alma* em graça e Ele vai-nos santificando.
- O Espírito Santo fala-nos dentro de nós, diz-nos *o que é que Deus quer e espera de cada um de nós*. Quando fazemos caso destes conselhos e inspirações, somos melhores, santificamo-nos.

e) *Devemos conviver com o Espírito Santo* [ensiná-los, com exemplos concretos, a conviver com o Espírito Santo].

Sabemos que o Espírito Santo é o «doce hóspede da alma», que está dentro de nós quando vivemos em graça. Da mesma maneira que convivemos com o Pai e com Jesus Cristo, Nosso Senhor, devemos habituar-nos a falar com o Espírito Santo, nosso santificador. Ao Espírito Santo devemos pedir, especialmente, os *dons*, que são necessários para viver de verdade como cristãos:

- *O dom da sabedoria*, que nos faz saborear as coisas de Deus.
- *O dom do entendimento*, que nos ajuda a entender melhor as verdades da nossa fé.
- *O dom do conselho*, que nos ajuda a saber o que Deus quer de nós e dos outros.
- *O dom da fortaleza*, que nos dá força e coragem para fazer as coisas que Deus quer.
- *O dom da ciência*, que nos ensina quais são as coisas que nos ajudam a caminhar para Deus.
- *O dom da piedade*, com que amamos mais e melhor a Deus e ao próximo.

— *O dom do temor de Deus, que nos ajuda a não O ofender quando o nosso amor fraquejar.*

f) *Algumas orações dirigidas ao Espírito Santo.*

— «Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.»

— «Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.»

— «Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso amor.»

— «Vinde Espírito Santo e enviai do Céu um raio da Vossa luz.»

### 3. Perguntas-resumo

Quem é o Espírito-Santo? Para que enviou Jesus Cristo o Espírito Santo? Quais são os dons do Espírito Santo? Como podemos conviver com o Espírito Santo?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A acção santificadora do Espírito Santo aparece claramente na Santa Missa quando, antes da consagração, o celebrante estende as mãos sobre o pão e o vinho e diz: «Santificai estes dons, derramando sobre eles o Vosso Espírito, de modo que se convertam, para nós, no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Cânone II). «Humildemente Vos suplicamos, Senhor, Vos digneis consagrar estes dons que Vos apresentamos; santificai-os pelo Espírito Santo, para que se convertam no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho» (Cânone III). É ao Espírito Santo que a Igreja invoca para que, usando as palavras do Senhor, o sacerdote realize o mistério sublime da «transubstanciação», que converte o pão e o vinho no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

2. No dia de Pentecostes, festa do Espírito Santo, a Igreja canta um hino em que se resume a oração constante que nós, cristãos, havemos de dirigir ao Divino Espírito Santo [pode ser recitada em dois grupos, alternando as estrofes]:

Vinde, ó santo Espírito,  
vinde, Amor ardente,  
acendei na terra  
Vossa luz fulgente.

Vinde, Pai dos pobres:  
na dor e aflições,  
vinde encher de gozo  
nossos corações.

Benfeitor supremo  
em todo o momento,  
habitando em nós  
sois o nosso alento.

Descanso na luta  
e na paz encanto,  
no calor sois brisa,  
conforto no pranto.

Luz de santidade,  
que no céu ardeis,  
abrasai as almas  
dos Vossos fiéis.

Sem a Vossa força  
e favor clemente,  
nada há no homem  
que seja inocente.

Lavai nossas manchas,  
a aridez regai,  
sarai os enfermos  
e a todos salvai.

Abrandai durezas  
para os caminantes,  
animai os tristes,  
guiai os errantes.

Virtude na vida,  
amparo na morte,  
no céu alegria.

Vossos sete dons  
concedei à alma  
do que em Vós confia:

Virtude na vida,  
amparo na morte,  
no céu alegria.

Pode-se comentar alguma das estrofes descobrindo-lhes alguns aspectos aplicáveis à vida.

#### D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Que façam no caderno um resumo das ideias da sessão.
- Escrever no caderno com letras artísticas a seguinte oração: «Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso amor».
- Dividir os alunos em grupos e que cada grupo comente uma estrofe da Sequência da alínea c).
- Aprender o cântico: *O Espírito do Senhor encheu a terra inteira! Aleluia, Aleluia* (M. Luís), ou outro ao Espírito Santo.
- Fazer uma redacção sobre a frase: «Luz que penetra as almas».

#### E) PERGUNTAS DO CATECISMO

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 76 a 80.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 13 — A Igreja continua  
a missão de Jesus.*

**GC - 13**

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### Introdução

Jesus Cristo veio salvar todos os homens — não só os Seus contemporâneos ou conterrâneos, mas a todos —, porque *Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade* (1 Tim. 2, 3-4). Para isso veio ao mundo e redimiu-nos dos nossos pecados; para isso enviou o Espírito Santo; para isso fundou a Igreja que continua a obra redentora de Jesus. Como diz o Concílio Vaticano I: «O Pastor eterno e bispo das nossas almas (1 Ped. 2, 25) quis edificar a Santa Igreja para tornar perene a obra salvífica da Redenção»<sup>1</sup>. Os que se condenam não é porque Ele não lhes ofereça a Sua graça e misericórdia, mas porque abusam da sua liberdade e rejeitam o convite divino.

A Santa Igreja é uma obra divina que, como ensina o Concílio Vaticano II, «prefigurada já desde o princípio do mundo e admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na Antiga Aliança, foi constituída no fim dos tempos e manifestada pela efusão do Espírito, e será gloriosamente consumada no fim dos séculos. Então, como se lê nos Santos Padres, todos os justos

---

<sup>1</sup> VATICANO I, *Pastor aeternus*, Prólogo, 18-VII-1870, Dz 1821 (3050).

depois de Adão, desde o justo Abel até ao último eleito, se reunirão em Igreja Universal junto do Pai»<sup>2</sup>.

Por isso é tão importante o conhecimento da nossa Mãe a Santa Igreja e a nossa atitude perante ela. «Não pode ter a Deus por Pai — ensina S. Cipriano — quem não tem a Igreja por Mãe»<sup>3</sup>. E Santo Agostinho: «Fora da Igreja Católica pode encontrar-se tudo menos a salvação. Pode-se ter honra, sacramentos, cantar *aleluia*, responder *Amen*, aceitar o Evangelho, ter fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo, e pregá-la; mas nunca, a não ser na Igreja Católica, se pode encontrar a Salvação»<sup>4</sup>. Temos que amar a Igreja, como nos exorta Santo Agostinho: «Amemos a Deus como a um Pai, amemos a Igreja como a uma Mãe»<sup>5</sup>.

«A Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus»<sup>6</sup>, segundo se afirma no Concílio Vaticano II, e do nosso comportamento para com ela depende a nossa salvação.

### 1. Jesus Cristo instituiu a Igreja para continuar a Sua obra salvífica

«Jesus Cristo veio ao mundo para fundar a Igreja»<sup>7</sup>, diz S. Tomás. Para narrar o começo da vida pública do Senhor, S. Marcos diz-nos que *Jesus veio para a Galileia pregar a Boa Nova de Deus*, e dizia: *Completou-se o tempo e o Reino de Deus está perto; arrependei-vos e acreditai na Boa Nova* (Mc. 1, 14-15).

Relata-nos a seguir a vocação dos primeiros discípulos: Simão e André, Tiago e João (cfr. Mc. 1, 16-20). Escolheu depois os Doze para que O acompanhassem e para os enviar a pregar e deu-lhes poder de expulsar demónios. E a Simão deu-lhe o nome de Pedro (cfr. Mc. 3, 13-19).

S. Mateus refere-nos uma cena encantadora e transcendental para a fundação da Igreja. Em Cesareia de Filipe, Jesus perguntava aos Seus discípulos: *Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?* E Simão Pedro respondeu: *Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*. Então disse Ele a Pedro: *És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o Meu Pai que está nos céus. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja e as portas*

---

<sup>2</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 2.

<sup>3</sup> S. CIPRIANO, *De Catholicae Ecclesiae unitate*, 6.

<sup>4</sup> S. AGOSTINHO, *Sermo ad Caesariensis ecclesiae plebem*, 6.

<sup>5</sup> Idem, *Enarrat in Ps. 88, sem. 2, 14*.

<sup>6</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 1.

<sup>7</sup> S. TOMÁS, *Super Ev. Math. 16, lect. 2*.

*do inferno nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo quanto ligares na terra ficará ligado nos céus, e tudo quanto desligares na terra ficará desligado nos céus* (Mt. 16, 13-20).

A Pedro promete-lhe o governo da Igreja, os poderes da Igreja, da qual será o fundamento e a cabeça visível. Pedro será o Chefe da Igreja de Cristo. É o que se conhece como a promessa do Primado de Pedro.

Também aos restantes Apóstolos confere esses poderes sobrenaturais em união com Pedro e sob a sua autoridade: *Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu* (Mt. 18, 18).

Além de encarregar Pedro e os Apóstolos do governo da Igreja, o Senhor institui os sacramentos que «brotaram do lado aberto de Cristo suspenso na Cruz»<sup>8</sup>, diz Santo Agostinho, e que são os canais da graça da Redenção.

Por último, na tarde de Sexta-feira Santa, Jesus morre na Cruz selando a Sua obra com o Seu sangue.

Depois da Ressurreição gloriosa, confere a Pedro o Primado que lhe tinha prometido. Perguntou-lhe Jesus: *Simão, filho de João, tu amas-Me mais do que estes? Ele respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Jesus disse-lhe: Apascenta os Meus cordeiros, apascenta as Minhas ovelhas*» (cfr. Jo. 21, 15-17). Para cumprir esta missão, Pedro tem a garantia de que a sua fé jamais vacilará: *Eu roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos* (Lc. 22, 32) e as forças do inferno não prevalecerão contra a Igreja (cfr. Mt. 16, 18).

Todos recebem o Espírito Santo (cfr. Jo. 21, 22; Act. 2, 1 ss) e são enviados por Cristo, como Ele foi enviado pelo Pai (cfr. Jo. 20, 21), com esta missão: *Foi-Me dado todo o poder no céu e na terra: Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo* (Mt. 28, 18-20).

O Senhor subiu ao Céu, mas continua, de modo invisível na Igreja, representado por Pedro, Seu Vigário, que é a cabeça visível de magistério e de governo. Dá-lhes os Seus poderes; deixa-lhes a Sua doutrina; deixa-lhes os Seus Sacramentos; deixa-lhes a Sua Igreja.

---

<sup>8</sup> S. AGOSTINHO, *Enarrat. in Ps. 138*, prolog. n. 2.

## 2. A Igreja é o Povo de Deus

O Concílio Vaticano II quis explicar a natureza da Igreja com a imagem de *Povo de Deus*. O povo israelita — povo de Deus —, é figura deste novo e definitivo Povo de Deus que é a Igreja, ao qual estão chamados todos os homens sem distinção de raça, língua ou nação.

As características deste Povo de Deus são «a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como em Seu templo. A sua lei é o novo mandamento, o de amar assim como o próprio Cristo nos amou (cfr. Jo. 13, 34). Por último, tem por fim o Reino de Deus, o qual, começado na terra pelo próprio Deus, se deve desenvolver até ser também por Ele consumado no fim dos séculos»<sup>9</sup>.

Todos os homens são chamados a formar parte do Povo de Deus, unidos por vínculos sobrenaturais. A Igreja nada suprime à condição de cada povo ou das pessoas, já que o seu carácter universal está baseado no espírito.

A Igreja é constituída por homens de *uma raça eleita, sacerdotio real, nação santa, povo adquirido ... , que outrora não eram o Seu povo, mas que agora é o povo de Deus* (1 Ped. 2, 9-10).

Fazem parte da Igreja todos os que estão incorporados pela profissão da mesma fé, a participação nos mesmos sacramentos, e a obediência à Hierarquia. Unidos pela Caridade, compõem o elemento humano da Igreja a Hierarquia Sagrada, os leigos e os religiosos, todos de igual modo chamados à santidade<sup>10</sup>.

## 3. Jesus Cristo

### deu à Sua Igreja uma constituição hierárquica

A forma de governo da Igreja é a que Cristo quis para ela. A Igreja não foi fundada por homens, como outras sociedades humanas; está composta por homens, mas não foi fundada por eles. Daí que o poder de governo pelo qual se orienta, não é de origem humana mas divina.

E a vontade de Cristo foi que Pedro e os Apóstolos — e os seus sucessores: o Papa e os Bispos — governassem a Igreja. Trata-se de uma missão conferida por Jesus a Pedro e aos Apóstolos de modo imediato e com carácter permanente, pelo qual foi transmitida aos legítimos sucessores segundo a promessa de que estaria com eles até ao fim dos tempos (cfr. Mt. 28, 20). Como

---

<sup>9</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 9.

<sup>10</sup> *Ibidem*, nn. 40 e 41.

os homens morrem e a Igreja é perene, outros haviam de suceder-lhes.

Jesus Cristo constituiu a Pedro como primeiro entre os Apóstolos e cabeça visível da Igreja, e conferiu-lhe imediata e pessoalmente o primado de jurisdição. O Papa é, pois, princípio e fundamento visível da plena unidade, tanto dos Bispos como dos fiéis, no governo, no magistério e na administração dos sacramentos. Os Bispos são princípio de unidade nas dioceses, governando, em união com o Papa, os fiéis que lhes estão confiados. O seu poder é próprio, ordinário e imediato — recebido directamente de Jesus Cristo —, sob a autoridade suprema e universal do Romano Pontífice. Conjuntamente formam o Colégio Episcopal. Os poderes hierárquicos da Igreja compreendem o poder de governar — autoridade legislativa, judicial e punitiva —, de ensinar, e de santificar, que corresponde ao tríplice ofício de Jesus Cristo como pastor ou rei, como profeta ou mestre, e como sacerdote.

#### 4. Notas da Igreja

A Igreja é um mistério composto de realidades divinas e humanas, sobrenaturais e naturais, invisíveis e visíveis. Para contemplar a Igreja é necessário a fé. Tem, no entanto, certas características externas que ajudam a compreender que a Igreja é o Povo de Deus fundado por Jesus Cristo. Como diz o *Credo do Povo de Deus* do Papa Paulo VI: «cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica, edificada por Jesus Cristo sobre a pedra, que é Pedro»<sup>11</sup>. É o que chamamos *notas* da Igreja.

*Unidade.* A Igreja é una. Assim o quis Jesus (cfr. Jo. 17, 21). Com unidade de fé, que professamos no Credo. O Credo que hoje recitamos é essencialmente idêntico ao professado nos primeiros séculos. Unidade também nos sete sacramentos que nos santificam e que são os que Jesus instituiu. Unidade de governo sob a autoridade suprema do Papa, que é o Vigário de Cristo e a cabeça visível.

*Santidade.* A Igreja é santa. Jesus morreu por ela para a santificar (Ef. 5, 26-27), e enriqueceu-a com o Espírito Santo<sup>12</sup>. Embora apareçam no comportamento dos homens da Igreja misérias e pecados, «não faltam, aqui e agora, generosidades, afirmações heróicas, vidas de santidade que não produzem ruído, que

---

<sup>11</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 19.

<sup>12</sup> «Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis» (VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 39).

se consomem com alegria no serviço aos irmãos na fé e a todas as almas»<sup>13</sup>.

*Catolicidade.* Católica quer dizer universal. Assim o quis o Senhor ao enviar os discípulos como *testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo* (Act. 1, 8). Está realmente espalhada pelos cinco continentes.

*Apostolicidade.* Jesus Cristo fundou a Igreja sobre Pedro e os restantes Apóstolos. Os seus sucessores são o Papa e os Bispos, e é nota característica da Igreja a ligação ininterrupta a eles no tempo.

Não há, portanto, várias Igrejas; há uma só Igreja fundada por Jesus Cristo, como há um único Deus. Demonstremos a nossa fé e o nosso amor, muito unidos aos Sagrados Pastores: «Não te separe da Igreja, porque nada há mais forte. A tua esperança, a tua salvação, o teu refúgio é a Igreja. Ela é mais alta que o céu e mais larga que a terra. Nunca envelhece, vive sempre. Por isso, para mostrar a sua solidez inquebrável, a Escritura chama-lhe montanha»<sup>14</sup>.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Mostrar como a Igreja continua a obra da salvação.
- Conseguir que amem muito a Santa Igreja, nossa Mãe.
- Alcançar que nutram pela Hierarquia da Igreja um grande respeito e veneração.

### De Liturgia e vida cristã

- Conseguir que rezem, especialmente na Santa Missa, pela Igreja e a Hierarquia.
- Descobrir-lhes como toda a Liturgia é um acto de culto que, em união a Cristo Cabeça invisível da Igreja, esta tributa a Deus.
- Ensinar-lhes a amar o Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra, e que rezem todos os dias por suas intenções. Do mesmo modo pelo Bispo do lugar.
- Que agradeçam a Deus o pertencer à verdadeira Igreja.

---

<sup>13</sup> J. ESCRIVÁ, *El fin sobrenatural de la Iglesia*, Madrid, 1973, p. 11.

<sup>14</sup> S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Homilia sobre a prisão de Eutrópio*, n. 6.

## B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar esta sessão partindo da eleição dos primeiros discípulos, tal como nos é narrada por S. João 1, 35-42. Pode-se destacar:

- S. João e Santo André foram dos primeiros discípulos de Jesus.
- Estiveram com Jesus todo o dia, conhecendo-O, falando com Ele.
- Em seguida, esses discípulos começaram a levar os seus irmãos e amigos ao Senhor.
- Pouco a pouco o grupo dos discípulos de Jesus foi aumentando.

No diálogo com os alunos pode-se tratar destes pontos: Como se chamaram os primeiros discípulos do Senhor?: João e André.

Quem lhes disse que Jesus era o Messias?: S. João Baptista. De quem era irmão S. Pedro?: De Santo André.

Como se chamava S. Pedro antes de conhecer Jesus?: Simão.

Que significa Pedro?: *Pedra* sobre a qual Cristo edificou a Sua Igreja.

b) Enquanto Cristo estava na terra duma maneira visível, Ele mesmo curava, perdoava, ensinava a doutrina. Mas no dia da Ascensão subiu ao Céu.

- Quem perdoa agora? Quem ensina aos homens o caminho do céu? Deixar que os alunos respondam a estas e semelhantes perguntas. Deixando claro, no fim do diálogo que é o próprio Cristo que continua a fazê-lo, mas agora fá-lo através da Sua Igreja.

### 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Os Apóstolos foram os primeiros membros da Igreja, chamados directamente por Cristo [relacionar com a passagem narrada anteriormente].*

A Igreja é como uma grande família ao redor de Jesus. E os primeiros membros desta família chamados por Ele, foram os Apóstolos, eleitos directamente por Cristo. Outro grupo de pessoas seguia também o Senhor, escutando a Sua doutrina. A este grupo chama o Evangelho «os discípulos do Senhor».

Assim começou a Igreja: Cristo, os 12 Apóstolos e os restantes discípulos. De entre todos os Apóstolos, o Senhor escolheu a S. Pedro, para que fosse como que o fundamento da Sua Igreja.

- b) *O Senhor deu determinados poderes* [pode-se usar alguma das passagens do Evangelho Mt. 28, 18].

Jesus sabia que não estaria sempre de modo visível com os Seus Apóstolos. Enquanto estava com eles, Jesus pregava, perdoava os pecados, etc.; mas, como Ele ia morrer, ressuscitar e subir aos céus com o Seu corpo glorioso, deu aos Apóstolos poder para perdoar os pecados, para pregar, para celebrar o Santo Sacrifício da Missa e todos os outros poderes que agora tem a Igreja. Os Apóstolos deram esses poderes aos seus sucessores, e estes aos seguintes, e assim até aos nossos dias.

- c) *No dia do Pentecostes, o Espírito Santo fortaleceu a Igreja* [ter presente o relato de Actos 2, 1-6].

Quando Jesus subiu aos céus, os Apóstolos não sabiam claramente como cumprir o que o Senhor lhes tinha mandado. Por isso veio o Espírito Santo, que iluminou as suas inteligências para saberem o que tinham de fazer, e deu força ao seu coração para que não tivessem medo a nada e a ninguém. Desde esse momento o Espírito Santo está na Igreja fortalecendo-a, ajudando-a, e não a abandonará até ao fim dos tempos.

- d) *Todos os cristãos fazem parte da Igreja* [ter presente o guia doutrinal].

Desde o dia do nosso Baptismo, somos todos discípulos de Cristo e formamos parte desta família dos filhos de Deus que é a Igreja. Somos tão discípulos de Cristo como aqueles que, juntamente com os Apóstolos, ouviam e conviviam com o Senhor.

Mas, como também S. Pedro e os Apóstolos tinham de morrer, transmitiram a certos homens eleitos por Deus os poderes que tinham recebido do próprio Senhor: isto é, pregar, administrar os Sacramentos (Confirmação, Confissão, Santa Missa ...), etc. Estes sucessores dos Apóstolos são os Bispos.

De entre os Apóstolos, como vimos, S. Pedro foi o escolhido por Jesus para dirigir os outros Apóstolos e toda a Igreja. O sucessor de S. Pedro é o Papa ou Romano Pontífice. É ele quem dirige os Bispos e toda a Igreja.

- e) *Cristo fundou uma só Igreja e a Igreja Católica é a única verdadeira* [explicar bem as notas da verdadeira Igreja].

Cristo fundou uma só Igreja. Falava-lhes, frequentemente, de um só rebanho e de um só pastor. A verdadeira Igreja fundada por Cristo é *una, santa, católica, apostólica, romana*. E estas características ou notas são as que possui a Igreja Católica — cuja

cabeça visível ou chefe é o Papa, que é Bispo de Roma, e por isso se chama Igreja Romana — à qual temos a dita e a sorte de pertencer.

É *una*, porque temos um só Papa, um só Credo e os mesmos Sacramentos.

É *santa*, porque Santíssimo é Jesus Cristo que a fundou, santa é a Sua doutrina, e santos os meios que tem para nos santificar, como são, por exemplo, os Sacramentos. Além disso, sempre houve, há e sempre haverá, santos na Igreja Católica.

É *católica*, que significa universal, porque a todos chama ao seu regaço e está espalhada por toda a parte. Durará até ao fim do mundo e é a mesma em todo o lado, com o mesmo Papa, o mesmo Credo e os mesmos Sacramentos.

É *apostólica*, porque está fundada sobre os Apóstolos e ensina a doutrina que eles ensinaram. O Papa e os Bispos são os legítimos sucessores de S. Pedro e dos restantes Apóstolos.

É *romana*, porque há uma autoridade máxima na Igreja — que é o Papa, sucessor de Pedro —, e está em Roma como esteve também S. Pedro. É o representante visível de Jesus Cristo, o *Vice-Cristo*, como dizia Santa Catarina de Sena.

f) *Temos de amar a Santa Igreja, nossa Mãe* [concretizar aqui os momentos em que podem rezar pela Igreja e a sua Hierarquia].

— Que dom tão grande nos fez o Senhor ao podermos pertencer à Sua Igreja! Por isso, com gratidão e amor, dizemos: «Creio na Igreja que é una, santa, católica, apostólica e romana». Podemos repetir, muitas vezes, ao longo do dia: «Amo a minha Mãe, a Santa Igreja».

E como o amor se demonstra com obras, temos de rezar pela Igreja: pelo Papa, Bispos, Sacerdotes e todos os cristãos. De modo especial, ao participar na Santa Missa podemos oferecê-la pela Igreja.

### 3. Perguntas-resumo

Que é a Santa Igreja? Qual é a sua missão? Quando começamos a fazer parte da Igreja? Quais são as notas ou características que Cristo conferiu à Sua Igreja? Quem é o Papa?

### C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

A Igreja, e cada um de nós, sente-se necessitado da contínua ajuda de Deus e pede intensamente a força que só Ele pode dar.

No Cânone I da Missa há uma oração que pede de modo especial pela Igreja:

«Nós Vos pedimos e suplicamos  
por Jesus Cristo, Vosso Filho, Nosso Senhor  
que Vos digneis aceitar e abençoar estes dons,  
esta oblação pura e santa.  
Nós Vo-la oferecemos pela Santa Igreja Católica:  
dai-lhe a paz e defendei-a,  
uni-a e governai-a no mundo inteiro,  
com o Vosso servo o nosso Papa N.,  
o nosso Bispo N.,  
e todos os que são fiéis à verdade  
e guardam a fé católica e apostólica.»

Unir-se neste momento à oração que a Igreja apresenta por si mesma. Em todos os Cânones da Missa se pede, com palavras semelhantes, pelo Papa, pelos Bispos e por todos os fiéis.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Que façam no caderno um breve resumo das ideias da sessão, ilustrando-o com fotografias e desenhos.
- Fazer um jornal de parede com um esquema da constituição e notas da Igreja.
- Fazer uma redacção sobre o Papa, com referência à biografia do Papa actual, ilustrando-a com fotografias.
- Em grupos, estudar o texto litúrgico da alínea c) descobrindo: Que se pede? Por meio de quem? Quem o pede? Por quem se pede?
- Compor livremente uma oração breve sobre as necessidades da Igreja.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 84 a 95; 102 a 107.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 14 — A Igreja é o Corpo Místico  
de Cristo.*

GC - 14

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

Para melhor entender a natureza específica da Igreja — visível e invisível, humana e divina, natural e sobrenatural —, o Magistério tem utilizado, conforme o ensino de S. Paulo (cfr. Rom. 12, 5; 1 Cor. 10, 17; 12, 12 ss.; Col. 1, 18; etc.) a comparação com o corpo humano. Referimo-nos à doutrina do Corpo Místico de Cristo exposta, com particular atenção, pelo Papa Pio XII na encíclica que começa com essas mesmas palavras<sup>1</sup>.

É uma imagem que tenta explicar a realidade da natureza íntima da Igreja, embora sem a esgotar. Desta doutrina sobressaem muitas consequências de ordem prática para a nossa vida cristã, se queremos seguir fielmente Jesus Cristo.

Estudamos aqui este aspecto da Igreja depois de sabermos — cfr. lição anterior — que foi fundada por Jesus Cristo como sociedade Una, Santa, Católica e Apostólica; com uma estrutura hierárquica constituída — quanto ao governo — pelo Romano Pontífice e pelos Bispos, e — na ordem sacramental — pelos Bispos, presbíteros e diáconos.

<sup>1</sup> PIO XII, Enc. *Mystici Corporis Christi*, 29-VI-1943.

Este tema ajudar-nos-á a sentir a necessidade de amar e estar muito unidos a Cristo, que é a Cabeça invisível deste corpo, assim como à Sagrada Hierarquia que O representa, enquanto utilizamos os meios de santificação — os sacramentos, a liturgia, etc. — com os quais se consegue o fim sobrenatural da Igreja, que consiste em dar glória a Deus e salvar os homens conduzindo-os ao Céu.

### 1. Jesus Cristo é a Cabeça do Corpo Místico

Ao despedir-Se na Última Ceia, Jesus prometeu aos Apóstolos que lhes enviaria o Espírito Santo (cfr. Jo. 6, 7), e cumpriu essa promessa no dia de Pentecostes (cfr. Act. 2, 1-5), depois da Ascensão. A partir desse momento, o Novo Testamento fala com insistência no Espírito Santo. Recolhendo essa doutrina, Santo Agostinho afirma que o Espírito Santo é como que a alma da Igreja.

Ao Espírito Santo é atribuída a missão de santificar os homens, transformando-os e tornando-os conformes à imagem do Filho, para que se comportem como filhos adoptivos de Deus; mantém a Esposa de Cristo — outra imagem da Igreja usada por S. Paulo (cfr. Ef. 5, 22 ss) — santa, sem ruga nem mancha; governa a Igreja fazendo-a triunfar dos seus inimigos, enquanto inspira frutos contínuos de boa doutrina e de santidade.

Mas no corpo há uma cabeça — parte principal — e uns membros. A Cabeça da Igreja é Jesus Cristo, e os membros somos nós, fiéis baptizados: *Foi num só Espírito que todos nós fomos baptizados, a fim de formarmos um só Corpo* (1 Cor. 12, 13).

O Concílio Vaticano II afirma esta capitalidade de Cristo sobre a Igreja com estas palavras que toma de S. Paulo: «A Cabeça deste Corpo é Cristo. Ele é a imagem do Deus invisível e n'Ele foram criadas todas as coisas e todas n'Ele subsistem. Ele é a Cabeça do Corpo que é a Igreja»<sup>2</sup>.

Sobre esta realidade comenta Santo Agostinho: «O Cristo total é composto pela cabeça e pelo corpo, verdade esta que não duvido que conheceis bem. A Cabeça é o nosso próprio Salvador, que padeceu sob Pôncio Pilatos e agora, depois de ressuscitar de entre os mortos, está sentado à direita do Pai. E o Seu corpo é a Igreja. Não esta ou aquela Igreja, mas a que está espalhada por todo o mundo (...). Pois toda a Igreja, formada pela reunião dos fiéis — porque todos os fiéis são membros de Cristo — têm Cristo como Cabeça, que governa do Céu o Seu Corpo. E, embora esta seja invisível ao Corpo, está contudo, unida pelo amor»<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 7.

<sup>3</sup> S. AGOSTINHO, *Ennarationes in Psalmos* 56, 1; PL 36, 662.

No corpo humano, a alma vivifica todo o organismo pela cabeça e pelo coração, por meio do sangue. Assim também na Igreja, a graça que recebemos de Cristo Cabeça, vem a ser como a seiva espiritual que vivifica todos os membros do Corpo Místico pelo impulso do Espírito Santo «o qual, sendo um e o mesmo na Cabeça e nos membros, unifica e move o corpo inteiro, a ponto de os Santos Padres compararem a Sua acção à que o princípio vital, ou alma, desempenha no corpo humano»<sup>4</sup>.

## 2. Participamos dos bens do Corpo Místico

Como dissemos, em várias passagens da Sagrada Escritura compara-se por analogia, o corpo humano ao Corpo de Cristo (cfr. Rom. 12, 4-5; 1 Cor. 12, 15 ss). Os membros que compõem este corpo têm uma comunhão espiritual: *Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele* (1 Cor. 12, 26). É uma comunhão de bens e de graças, em que entram os méritos superabundantes de Jesus Cristo, da Santíssima Virgem e S. José, dos Santos, e das almas em graça; bens e graças que se aplicam a cada um dos membros.

Referimo-nos, ao falar desta comunhão de bens e de graça, ao *dogma da Comunhão dos Santos*, pois participamos, pela graça, da mesma vida divina. A ela se refere Pio XII, quando escreve: «Mistério verdadeiramente tremendo e que jamais será suficientemente meditado: que a salvação de muitos depende das orações e sacrifícios voluntários dos membros do Corpo Místico de Cristo»<sup>5</sup>. Se recordarmos esta realidade, podemos oferecer muitas orações, sacrifícios e trabalhos por toda a Igreja: pelo Romano Pontífice, pelos Bispos e Sacerdotes, e por todos os fiéis; especialmente por aqueles que mais precisem de auxílios espirituais.

## 3. Estamos em comunhão com toda a Igreja

Esta união com Jesus Cristo faz também com que todos os membros estejam unidos entre si. A grande família da Igreja compõe-se de três grupos: a Igreja *triumfante*, que abarca os que já gozam eternamente de Deus; a Igreja *padecente*, de que fazem parte aqueles membros que se acham no Purgatório para se limpar e purificar das suas faltas e entrar no Céu; a Igreja *militante*, que compreende todos nós, os que peregrinamos ainda na terra em busca da Pátria definitiva.

---

<sup>4</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 7.

<sup>5</sup> PIO XII, Enc. *Mystici Corporis Christi*, 29-VI-1943.

Vivendo em graça e contribuindo com os nossos méritos — pequenos mas importantes —, pomos os meios para estarmos unidos a todos os fiéis: os que já triunfaram para sempre, os que se purificam no Purgatório, e os que caminham ainda nesta terra.

Esta união manifesta-se de modo particular ao celebrar a Santa Missa, momento em que a Igreja dirige um culto perfeito à Santíssima Trindade, honra e invoca os Santos, enquanto que Deus Pai, Filho e Espírito Santo a santifica e lhe dá unidade: «Assim, ao celebrar o sacrifício eucarístico, unimo-nos no mais alto grau ao culto da Igreja celeste, comungando e venerando a memória, primeiramente da gloriosa sempre Virgem Maria, de S. José, dos Santos Apóstolos e mártires e de todos os Santos»<sup>6</sup>.

#### 4. Os Sacramentos formam e desenvolvem o Corpo Místico de Cristo

«É nesse corpo que a vida de Cristo se difunde nos que crêem, unidos de modo misterioso e real, por meio dos sacramentos, a Cristo padecente e glorioso»<sup>7</sup>.

O corpo humano assimila elementos vitais com os quais se alimenta, supera as deficiências ou enfermidades, se reproduz, etc.

De igual modo, o Corpo Místico tem uns meios vitais para ser, subsistir e se desenvolver, tal como Cristo o quis. São os Sacramentos da fé: «Com efeito, pelo Baptismo somos assimilados a Cristo; *todos nós fomos baptizados no mesmo Espírito, para formarmos um só corpo* (1 Cor. 12, 13). Por este rito sagrado é representada e realizada a união com a morte e ressurreição de Cristo: *fomos sepultados, pois, com Ele, por meio do Baptismo, na morte; se, porém, nos tornámos com Ele um mesmo ser orgânico por morte semelhante à Sua, por semelhante ressurreição o seremos também* (Rom. 6, 4-5)»<sup>8</sup>.

A Eucaristia alimenta-nos e sustenta-nos, desenvolvendo a vida sobrenatural, porque «ao participar realmente do corpo do Senhor, na fracção do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós. *Porque há um só pão, que somos muitos, formamos um só corpo, visto participarmos todos do único pão* (1 Cor. 10, 17). E deste modo nos tornamos todos membros desse corpo (cfr. 1 Cor. 12, 27), *sendo individualmente membros uns dos outros* (Rom. 12, 5)»<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 7.

<sup>7</sup> *Ibidem*, n. 7.

<sup>8</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 7.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

Os demais sacramentos realizam esta mesma função de meios vitais do Corpo Místico. Assim, a Confirmação dá força aos membros que a recebem, para defender publicamente a fé: «Por sua vez, com o Sacramento da Penitência, oferece-se aos membros da Igreja caídos no pecado um remédio salutar, não somente para olhar pela saúde deles mesmos, mas também para afastar de outros membros do Corpo Místico o perigo de contágio, e, inclusive, para lhes proporcionar um estímulo e exemplo de virtudes» <sup>10</sup>.

A Santa Igreja, nossa Mãe, cuida com carinho especial dos seus filhos doentes, e atende-os, de modo carinhoso, com o Sacramento da Unção dos Doentes, que completa a purificação do pecado, alivia e cura também as doenças corporais se for conveniente para a alma, dispondo-os para a passagem à Vida Eterna.

Embora o pertencer ao Corpo Místico de Cristo se faça pelo Baptismo, podemos dizer que cresce e se estende «pelo matrimónio, no qual os cônjuges são mutuamente ministros da graça, se atende à ordem e aumento exterior da comunidade cristã e, mais ainda, também à recta educação religiosa da prole, sem a qual correria gravíssimo risco o Corpo Místico. E com o Sacramento da Ordem dedicam-se e consagram-se a Deus os que hão-de imolar a Vítima Eucarística, os que hão-de alimentar o povo fiel com o Pão dos Anjos e com o alimento da doutrina os que hão-de dirigi-lo com os mandamentos e conselhos divinos, os que, finalmente, hão-de confirmá-lo com os restantes dons celestiais» <sup>11</sup>.

Mas não pode esquecer-se que, para que um membro viva no corpo humano, é indispensável que esteja unido à cabeça e receba a influência directa e imediata da alma; de modo semelhante, a vida dos membros do Corpo Místico depende absolutamente da união com Jesus Cristo que o Espírito Santo fomenta e da união aos Pastores da Igreja. Esta união realiza-se e reforça-se por uma vida de fé e pela participação dos sacramentos, especialmente o da Penitência e Santíssima Eucarístia que são os de uso ordinário e frequente.

Em resumo e concretamente, trata-se de estar muito unidos ao Romano Pontífice e aos Bispos, e amar intensamente a Igreja, pois, como declara S. Cipriano «não pode ter a Deus como Pai, quem não tem a Igreja por Mãe» <sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> PIO XII, Enc. *Mystici Corporis Christi*, 29-VI-1943.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> S. CIPRIANO, *De Catholicae Ecclesiae unitate*, 6, PL 4, 502.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Sentir a responsabilidade que é pertencer ao Corpo Místico de Cristo.
- Levá-los a um perfeito conhecimento do dogma da Comunhão dos Santos.
- Acostumar-se a estar unidos com a Igreja triunfante que está no Céu, por meio da devoção à Santíssima Virgem e aos Santos.
- Rezar com frequência pelas benditas almas do Purgatório.

### De Liturgia e vida cristã

- Ensiná-los a viver unidos aos outros membros da Igreja na terra, por meio da caridade.
- Acostumá-los a recomendar-se à intercessão dos Santos, conhecendo algumas das festas mais importantes do ano litúrgico.
- Mostrar-lhes como a Igreja, na sua Liturgia, dedica uma festa a Todos os Santos.
- Fomentar neles a devoção às benditas almas do Purgatório, rezando e oferecendo algo por elas.
- Ensinar-lhes como a Igreja fomenta essa devoção, pedindo todos os dias na Santa Missa pelos defuntos e dedicando-lhes um dia especial.
- Fomentar neles a recepção frequente dos Sacramentos como o melhor meio de viver a Comunhão dos Santos.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar com a seguinte comparação: as mãos, os pés, a cabeça ... são distintos, mas todos são importantes. S. Paulo quando ensinava aos primeiros cristãos o que é a Igreja, dizia que era parecida com um corpo: *Pois como em um só corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, constituímos um só corpo em Cristo, sendo individualmente membros uns dos outros* (Rom. 12,4-5).

A cabeça desse Corpo Místico que é a Igreja, é Jesus Cristo. Os membros somos todos nós, os cristãos.

No diálogo com os alunos, as ideias atrás expostas, podem ficar mais claras com estas ou semelhantes perguntas: Sabeis porque é que a Igreja se parece com um corpo?: Porque tem Cristo por Cabeça e nós somos os seus membros. Como se chama

este corpo especial?: Corpo Místico. Sabeis porque se chama místico?: Porque a sua actividade e a sua vida é a graça que não se vê com os olhos da carne.

b) Numa família, todos os membros se ajudam uns aos outros, estão dispostos a dar tudo o que têm para ajudar aquele que está necessitado.

O mesmo acontece na Igreja; uns membros (os que estão no Céu) têm mais possibilidade de ajudar os outros membros (nós, os que estamos na terra e os que estão no Purgatório).

No diálogo podem abordar-se estes temas: Como pode ajudar-nos a Igreja do Céu? Podemos ajudar as almas do Purgatório? Como podemos ajudar-nos mutuamente?

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Pelo Baptismo começamos a formar parte desse Corpo que é a Igreja* [mostrar-lhes como eles vivem já essa realidade desde o dia do Baptismo].

Já sabemos que, quando recebemos o Baptismo, começamos a pertencer à Igreja. E a Igreja é o Corpo Místico de Cristo; por isso, dizemos nós que, pelo Baptismo, começamos a pertencer, a fazer parte do Corpo de Cristo.

Imaginemos que uma mão, que está viva por estar unida ao corpo e à cabeça, se separa desse corpo. Sabemos muito bem que essa mão ficaria morta, não serviria para nada, corromper-se-ia. Nós, pela graça que recebemos no Baptismo, unimo-nos a Cristo, que é a Cabeça desse Corpo, e começamos a ser membros vivos. Se perdemos a graça, separamo-nos da cabeça e somos membros mortos.

b) *Cada membro da Igreja está unido aos outros membros* [apresentar exemplos nos quais apareça esta verdade: protecção dos Santos na nossa vida].

Sabeis muito bem como, no corpo, o sangue chega a todos os membros. Esse sangue, limpo e bom, faz com que os membros permaneçam vivos.

No Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, há também algo que é como o sangue do corpo: a graça e os dons sobrenaturais que Deus nos dá.

c) *Existe uma união entre a Igreja do Céu, do Purgatório e da Terra* [pode dar-se o exemplo dos vasos comunicantes].

A Igreja é formada não só pelos que pertencem a ela pelo Baptismo e vivem na terra, mas também pelos Santos que estão

no Céu. A estes chamamos *Igreja triunfante*, e aos que estão a purificar-se no Purgatório, antes de entrarem no Céu, chamamos *Igreja padecente*.

Estamos todos unidos porque a nossa única Cabeça é Cristo, e a Sua graça é a vida que anima todos os Seus membros.

- d) *Esta união com toda a Igreja constitui a Comunhão dos Santos* [explicar o que é uma transfusão de sangue e como esta transfusão se faz quando uma pessoa perdeu sangue ou o tem doente].

Na Igreja acontece algo parecido com a transfusão de sangue. A graça de Cristo, os méritos da Santíssima Virgem e dos Santos ajudam-nos, na nossa vida da alma, como uma transfusão de sangue ajuda a vida do corpo.

Igualmente, as nossas orações, boas obras, etc., são como sangue puro que damos aos outros: aos nossos pais e irmãos, amigos, e também às benditas almas do Purgatório. E as acções e boas obras dos outros membros da Igreja ajudam-nos e fazem bem às nossas almas.

Tudo isto é o que chamamos *Comunhão dos Santos*.

- e) *Como viver a Comunhão dos Santos* [concretizar algum propósito e alguma oração pelos outros, e especialmente pelos fiéis defuntos].

A Comunhão dos Santos é uma realidade tão bela e consoladora, tão importante para a vida e santidade da Igreja, que não podemos perder as oportunidades de a viver, lutando para sermos melhores e ajudar os outros.

A nossa união com Deus *mediante a recepção dos Sacramentos* é a melhor maneira de viver essa Comunhão dos Santos; pelos Sacramentos unimo-nos a Deus que é o Santo por excelência. Com a nossa *devoção e oração à Virgem Maria e aos Santos* conseguimos que nos ajudem, porque conseguem de Deus muitas graças para cada um de nós.

Nós também podemos ajudar a *Igreja padecente*, oferecendo a Santa Missa, o nosso trabalho e as nossas orações, pelas almas que estão no Purgatório e desejam gozar de Deus no Céu. E, de igual modo, podemos ajudar a *Igreja militante*, todos os cristãos que lutamos ainda nesta terra, oferecendo muitas obras meritórias durante o dia: deste modo, ajudamos os nossos pais, irmãos, familiares, amigos, vizinhos e toda a Igreja.

### 3. Perguntas-resumo

Que quer dizer Comunhão dos Santos? Quem são os membros da Igreja? Como podemos viver a Comunhão dos Santos?

#### C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. No Santo Sacrifício da Missa, a Igreja vive o dogma da Comunhão dos Santos. No Cântico, pede por todos os fiéis, sobretudo pelos que estão presentes, recorda os Santos que estão no Céu para que intercedam por nós e também pede pelos defuntos, para que Deus lhes conceda a paz.

— «... a fim de alcançarmos a herança eterna, em companhia dos Vossos eleitos, com a Virgem Maria, Mãe de Deus, os bem-aventurados Apóstolos e gloriosos mártires ...e todos os Santos, por cuja intercessão esperamos o Vosso auxílio ...».

— «Confirmai a Vossa Igreja na fé e na caridade, ao longo da sua peregrinação na terra ...».

— «Lembra-Vos dos nossos irmãos defuntos, e de quantos cumpriram a Vossa vontade e partiram já deste mundo. Acolhei-os com bondade no Vosso Reino ...».

*Oração Eucarística III*

Que os alunos quando assistirem à Santa Missa, se unam às preces de toda a Igreja.

2. Na festa de Todos os Santos, no dia 1 de Novembro, a Igreja pede: «Deus eterno e Onnipotente, que nos concedeis a graça de honrar numa única solenidade os méritos de todos os eleitos, dignai-Vos derramar, em atenção a tão numerosos intercessores, a desejada abundância da Vossa misericórdia».

Mostrar-lhes que, dentro dessa multidão, estará, com certeza, algum familiar seu, a quem se podem dirigir como seu intercessor.

3. Na festa dos Fiéis Defuntos devemo-nos unir em oração por todos quantos estejam no Purgatório esperando gozar eternamente de Deus. A Igreja reza assim:

«Ó Deus: Vós fizestes subir ao céu o Vosso Filho Unigénito, vencedor da morte; concedei aos Vossos servos defuntos que, libertos desta vida mortal, mereçam contemplar-Vos eternamente como Seu Criador e Redentor.»

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas respectivas do Catecismo.
- Fazer um breve resumo no caderno das ideias que fixou na sessão, ilustrando-o com fotografias ou desenhos.
- Fazer um jornal de parede pintando um triângulo e em cada vértice os diversos estados da Igreja (triunfante, padecente, militante).
- Recordar o dia do Santo do seu nome e escrever no caderno, com letras artísticas, a oração que a Igreja dirige ao Santo.
- Aprender o Cântico *Marcha da Igreja* de D. Julien ou *Povo de Reis* de L. Deiss.
- Desenhar cada um segundo a sua imaginação, uma representação dos três estados da Igreja, por exemplo, a imagem de um barco rumo ao céu.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 85 a 95; 115 a 121.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 15

*Tema 15 — Jesus Cristo virá de novo  
como juiz no fim do mundo.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### Introdução

Jesus Cristo é nosso Redentor e Senhor. É o melhor Amigo que temos, que nunca falha. Se não O deixarmos, Ele nunca nos abandonará. Por isso não tenhamos medo de nos aproximarmos d'Ele e de O contemplarmos como Juiz: «Subiu ao Céu, donde virá de novo, para julgar os vivos e os mortos, cada um segundo os próprios méritos»<sup>1</sup>. O próprio Jesus que nós conhecemos e com Quem convivemos habitualmente, voltará um dia no fim do mundo como Supremo Juiz, depois da ressurreição da carne. Reafirmará então o prémio ou castigo que deu a cada um no momento da morte, segundo os méritos ou deméritos contraídos por pensamentos, palavras, actos ou omissões. Certamente que a Sua misericórdia é infinita, mas também não é menos certo que é infinitamente justo.

O Senhor torna-Se presente nas nossas ocupações diárias. Cumprindo a Sua vontade, demonstramos-Lhe a nossa fé e o nosso amor. Se assim fizermos, não teremos surpresas irreparáveis no fim da vida. O Juízo Final será então como o nosso

<sup>1</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 12.

último exame de consciência. Serão uma realidade aquelas palavras: «'Achei graça ao ouvi-lo falar na 'conta' que lhe pedirá Nosso Senhor. Não, para vós não será Juiz — no sentido austero da palavra — mas simplesmente Jesus'. Esta frase, escrita por um Bispo santo, que consolou mais de um coração atribulado, bem pode consolar o teu»<sup>2</sup>.

### **1. Dupla vinda de Jesus Cristo**

Em diversas passagens da Sagrada Escritura se fala de uma dupla vinda de Jesus Cristo. A primeira vinda foi quando *o Verbo Se fez carne e habitou entre nós* (Jo. 1, 14). Realizou-se quando *ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à lei* (Gál. 4, 4). Refere-se aqui a Sagrada Escritura ao facto central de toda a História da Humanidade: a Encarnação do Filho de Deus; a primeira vinda de Jesus Cristo<sup>3</sup>.

Além desta primeira vinda de Jesus Cristo, haverá ainda uma segunda, quando vier, no fim do mundo, para julgar todos os homens. Esta segunda vinda é chamada na Sagrada Escritura pelo nome de *Dia do Senhor*. Em várias passagens do Evangelho, Jesus Cristo manifesta que *quanto àquele dia e àquela hora ninguém o sabe* (Mt. 24, 36). *Vós mesmos sabeis que o dia do Senhor virá como um ladrão, de noite* (1 Tes. 5, 2).

Esta segunda vinda do Senhor será para julgar todos os homens segundo as obras que realizaram. O seu anúncio é um convite a cada um de nós para O seguirmos, para vivermos em plenitude a nossa vocação cristã; numa palavra, encoraja-nos a fazer o que é agradável aos olhos de Deus.

### **2. Um dia havemos de nos apresentar diante de Jesus para Lhe apresentarmos contas da nossa vida**

Todos os dias, ao levantar, podemos oferecer ao Senhor todos os pensamentos, palavras e acções que vamos realizar durante o dia. Ao terminarmos os nossos afazeres diários podemos fazer um exame geral sobre os nossos pensamentos, palavras e acções que oferecemos pela manhã ao Senhor e também sobre as omissões que tivermos cometido. Damos graças ao Senhor pelas

---

<sup>2</sup> J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 168.

<sup>3</sup> «Teríamos a possibilidade de nos unirmos à Perenidade e à Imortalidade, se a Imortalidade e a Perenidade não tivessem sido antes o que nós somos, para que o passageiro fosse aniquilado pelo perene e o mortal pelo imortal e nós recebêssemos a atenção para o estado de filhos?». S. IRENEU, *Adversus Haereses*, lib. 3, cap. 19, lect. 1.

boas obras que, ajudados pela Sua graça, realizamos e pedimos-Lhe perdão pelo que fizemos menos bem. Fazemos logo o propósito de nos portarmos melhor no dia seguinte, contando com a Sua ajuda.

Virá um dia, no fim da nossa vida sobre a terra, em que todos nos apresentaremos diante de Jesus para Lhe darmos conta dos nossos pensamentos, palavras, obras e omissões. Será como o último exame geral que fazemos, desta vez face a face com o Senhor. Este juízo será feito por Jesus Cristo como Juiz Supremo e chama-se *juízo particular*. Por isso a Igreja pede, quando algum dos seus filhos parte deste mundo: «Que Vosso Filho, Jesus Cristo, em Quem sempre acreditou, como seu Salvador, seja para ele juiz misericordioso»<sup>4</sup>.

O Senhor no Evangelho fala-nos, com vários exemplos e diversas parábolas, da morte e da prestação de contas (juízo) que a acompanha. Assim, temos a parábola das virgens loucas e das virgens prudentes (cfr. Mt. 25, 1-13), onde o Senhor nos ensina a necessidade de estarmos sempre vigilantes, de fazer o que Deus quer que façamos em cada momento.

Também na parábola dos talentos nos ensina Jesus Cristo, sobretudo, a necessidade de corresponder habitualmente à graça de uma maneira generosa e constante. O Senhor deu-nos qualidades naturais e o dom da graça. Devemos fazê-los frutificar, rendendo ao máximo, pois um dia havemos de dar contas a Jesus, como Juiz Supremo, de toda a nossa vida.

O juízo particular é, em poucas palavras, o acto de cada alma comparecer perante Jesus Cristo, imediatamente após a morte, para prestar contas de todas as suas acções e omissões. «Quando alguém parte desta vida, comparece imediatamente ante o tribunal de Deus, e ali se segue um exame justíssimo de tudo quanto se fez, disse ou pensou, em qualquer altura. Este é o juízo particular»<sup>5</sup>.

### 3. O juízo universal

Pertence também à fé católica a existência do *juízo universal* que terá lugar depois da ressurreição da carne: «Com efeito, antes de reinarmos com Cristo glorioso, cada um de nós será apresentado *perante o tribunal de Cristo, a fim de ser remunerado pelas obras que realizou enquanto vivia no corpo, boas ou más* (2 Cor. 5, 10); e, no fim do mundo, *os que tiverem feito boas obras, irão para a ressurreição da vida, os que tiverem prati-*

---

<sup>4</sup> Missa das Exéquias, Oração sobre os dons.

<sup>5</sup> S. PIO V, *Catecismo Romano*, I, 8. 3.

*cado más acções, para a ressurreição da condenação* (Jo. 5, 29; cfr. Mt. 25, 46)»<sup>6</sup>.

Este segundo juízo foi anunciado e profetizado por Jesus Cristo: *Quando o Filho do Homem vier na Sua glória, acompanhado por todos os Seus anjos, sentar-Se-á, então, no Seu trono de glória. Perante Ele reunir-se-ão todas as nações* (Mt. 25, 31-32). Primeiro será a ressurreição dos mortos: logo aparecerá o Juiz Supremo — Jesus Cristo — que revelará a consciência de cada um, ditando a sentença: «Irão para a vida os que responderam ao Amor e à Misericórdia de Deus, e irão para o fogo inextinguível os que até ao fim opuseram a sua recusa. E o Seu Reino não terá fim»<sup>7</sup>.

Os Anjos separarão então os bons dos maus e Jesus pronunciará uma dupla sentença: *Vinde, benditos de Meu Pai, recebei em herança o que vos está preparado desde a criação do mundo (...); afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos* (Mt. 25, 34.41).

#### **4. Viver a sinceridade total porque estamos sempre na presença de Deus**

Como consequência do que acabamos de dizer devemos tirar o propósito claro e decidido de sermos muito sinceros, sabendo que estamos sempre na presença de Deus e que um dia seremos julgados de todos os nossos pensamentos, palavras, obras ou omissões.

#### **Conclusão**

Estas realidades são chamados *Novíssimos*, porque serão os últimos acontecimentos: a morte, o juízo (particular e universal), o inferno e o paraíso. O purgatório, como sabemos, existe com um carácter temporal já que nele se purificam as almas até à sua partida definitiva para o Céu. A Igreja ensina a realidade destes *Novíssimos* porque eles existem verdadeiramente e não pode ignorá-los e para que o seu conhecimento estimule a nossa vida cristã: o cumprimento da vocação pessoal e da correspondência aos dons recebidos de Deus. Daí que busquemos a caridade como verdadeiro motor da nossa vida; o que interessa sobretudo é amar a Deus como deve ser amado, e ao próximo por amor de Deus. A um filho de Deus não o deve mover exclusivamente o medo de se sentir envergonhado no dia do juízo ou de ser condenado ao inferno; antes de tudo, há-de ser o Amor a

---

<sup>6</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 48.

<sup>7</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 12.

movê-lo. «Por este mesmo amor somos incitados a viver mais para Ele, que por nós morreu e ressuscitou (cfr. 2 Cor. 5, 15). Esforçamo-nos, por isso, por agradar a Deus em todas as coisas (cfr. 2 Cor. 5, 9)»<sup>8</sup>.

Nesta perspectiva, a vida quotidiana deve avançar numa contínua linha de generosidade, para se dar de todo a Deus. Então o Cristão não viverá segundo uma perspectiva acanhada, que seria fruto do calculismo, mas na entrega generosa à vontade de Deus. Procura seguir tudo o que se indica na Lei de Deus e nos Mandamentos da Igreja; mas entendendo bem que não se pode limitar a *cumprir*, porque — no meio das suas limitações — procura dar-se ao Amor dos amores; nisso consiste a santidade a que somos chamados: «A princípio custará. É preciso esforçar-nos por dirigir-nos ao Senhor, por agradecer a Sua piedade paternal e concreta para conosco. A pouco e pouco, 'o amor de Deus torna-se palpável — embora isto não seja coisa de sentimentos —, como se recebessem uma estocada na alma. É Cristo que nos persegue amorosamente: *Eis que estou à porta e chamo* (Ap. 3, 20)»<sup>9</sup>.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Mostrar-lhes como cada um terá de responder pessoalmente pelos seus actos, diante de Deus.
- Levá-los a sentir a necessidade de estarem preparados para quando Deus os chamar.
- Levá-los a descobrir que junto à misericórdia divina está também a Sua justiça.

### De Liturgia e vida cristã

- Mostrar aos alunos a importância do exame de consciência para melhorar a nossa conduta diária.
- Ensiná-los a fazer bem o exame (breve e concreto) de cada noite.
- Procurar que rezem o «Acto de Contrição» com frequência.
- Recordar-lhes que temos uma arma poderosa para conseguir o que nos propomos: o exame particular.

---

<sup>8</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 48.

<sup>9</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 8.

- Estimular os alunos a que façam bem as coisas para que Jesus, quando nos julgar, fique contente.
- Valorizar a confissão frequente para que o Senhor não tenha que nos condenar pelos nossos pecados.

## **B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA**

### **1. Introdução (diversos pontos de partida)**

#### **a) Pode-se começar desenvolvendo as seguintes ideias:**

Recordai-vos como no Natal celebrávamos o nascimento de Jesus; veio à terra e fez-Se homem para nos salvar. Há pouco tempo víamos como Jesus morreu, ressuscitou e subiu ao Céu. Talvez nos perguntemos: voltará Jesus de novo à terra? A nossa fé cristã diz-nos com toda a certeza que sim.

Pode-se comentar, com vivacidade, Mateus, 25, 31-46, destacando:

- Que Jesus Cristo virá gloriosamente no fim dos tempos.
- Que será o Juiz de todos os homens.
- Que o Senhor sabe tudo o que fizemos, dissemos e pensámos: o bem e o mal.
- Que dará a cada um o que merecer: a uns o prémio do Céu, pelas suas boas obras, e a outros o castigo do inferno, pelos seus pecados.

b) Esta sessão poderia igualmente começar-se expondo a conduta de uma criança que não estuda e que tira boas notas nas provas da escola porque copia nos exames.

Deixar que os alunos julguem tal conduta. Quem dirige a sessão terá de encaminhar o diálogo mostrando-lhes a pena que os pais dessa criança sentiriam ao saber que lhes apresenta boas notas porque copia nos exames. Castigá-lo-ão? Como? Têm direito a castigá-lo? Porquê?

Estas e outras perguntas podem dar ocasião ao diálogo com os alunos. (Em certos ambientes é muito melhor orientar o caso no sentido dos prémios, isto é, positivamente).

### **2. Desenvolver as seguintes ideias**

#### **a) *Depois da morte de cada um será o juízo particular* [explicar com imagens como a alma se apresentará diante de Deus].**

Quando alguém morre, a alma separa-se do corpo. A alma não morre porque é imortal. Essa alma apresenta-se imediatamente diante de Deus, que a julgará, e, conforme for esse juízo,

irá para o Céu para o gozo eterno de Deus, para o Purgatório, se precisar de se purificar antes de ir para o Céu, ou para o Inferno, como castigo pelos seus pecados, se tiver morrido sem a graça de Deus. O Senhor é misericordioso mas também é justo e dar-nos-á o prémio ou o castigo, se cumprirmos ou não a Sua santa vontade.

A este juízo diante de Deus que toda a alma tem depois da morte, chamamos *juízo particular*.

b) *Os corpos ressuscitarão no fim dos tempos* [pode-se comentar o texto de S. João 5, 28-29].

Quando morre uma pessoa, enterra-se o seu corpo no cemitério, e este decompõe-se. Quando visitastes o cemitério, no dia de Fiéis Defuntos, talvez tenhais visto que em algumas sepulturas onde repousam os restos mortais de um cristão está escrito: «A espera da ressurreição do último dia». Que quer dizer isto? Significa que, no fim do mundo, todos os corpos ressuscitarão para se unirem às suas almas. Por isso, dizemos no Credo: «Espero a ressurreição dos mortos». Desde esse momento, os homens, em corpo e alma, viverão eternamente e, segundo as suas obras, gozarão de Deus para sempre ou sofrerão também o castigo do Inferno.

c) *O juízo universal* [unir com o texto de Mateus 25, 31-46].

No fim do mundo, os homens, em corpo e alma, serão novamente julgados por Jesus Cristo. Este juízo será público, diante de todos os homens. Nada mudará do estabelecido no juízo particular, mas será um juízo na presença de todos os homens que viveram na terra desde o princípio até ao fim, e estarão presentes em corpo e alma.

O Juiz será Jesus Cristo, que virá com toda a Sua glória, rodeado dos Anjos, e porá os bons à Sua direita e os maus à Sua esquerda. Os maus irão para o Inferno eterno; e os bons irão para o Céu gozar eternamente de Deus.

d) *Como podemos preparar o nosso juízo diante de Deus* [levá-los a concretizar algum dos objectivos].

O Senhor quer que estejamos preparados para prestarmos contas da nossa vida, quando nos julgar. Se não queremos ter surpresas, devemos preparar-nos; e podemos preparar-nos do seguinte modo:

— *Pedindo perdão ao Senhor*, quando nos damos conta de que fizemos o mal. Podemos rezar o Acto de Contrição ou dizer alguma jaculatória pedindo perdão.

— *Fazendo todos os dias o exame de consciência*: o exame de consciência é como um julgamento que nós fazemos a nós próprios para vermos se cumprimos a vontade de Deus. Trata-se de pensar, brevemente, as coisas que fizemos nesse dia: ao descobrirmos as que fizemos bem, damos graças a Deus; ao vermos as que fizemos mal, pedimos-Lhe perdão e formulamos um propósito firme de as fazermos bem no dia seguinte. Este exame ajuda-nos a estar preparados para o juízo final e para melhorarmos muito a nossa vida cristã.

— *A Confissão*: é a melhor maneira de nos prepararmos para o juízo de Deus. Nela pedimos perdão ao Senhor dos nossos pecados, e o Senhor perdoa-nos todas as nossas faltas. Como vedes, isto prepara-nos bem para esse juízo diante de Deus. Se morrermos depois de nos confessarmos e estando em graça de Deus, o nosso julgamento será alegre, muito feliz, porque veremos então que Deus nos abraça e nos recompensa, porque o Seu amor, na confissão, perdou todos os pecados que cometemos contra Ele.

### **3. Perguntas-resumo**

Quando voltará Jesus Cristo a aparecer visivelmente na terra? Quantos juízos há? Que é o juízo particular? E o geral? Que quer dizer ressurreição dos mortos? Que significa a vida eterna? Como nos podemos preparar bem para o juízo particular e geral? Que é e para que serve o exame de consciência?

## **C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA**

1. A Igreja, na Missa do I Domingo do Advento reza a seguinte oração: «Deus Onnipotente, dai aos Vossos fiéis a graça de irem corajosamente ao encontro de Cristo pelos caminhos da justiça, para que Ele os chame à Sua direita e mereçam possuir o reino dos Céus».

Que os alunos se apercebam que cada coisa boa que fazem aumenta o seu pequeno tesouro de graças, de modo que possam «comprar» a entrada no Céu. Aprender a fazer as coisas de tal modo que possamos pensar com alegria no dia do juízo.

2. Ao começar a Santa Missa, o sacerdote, dirigindo-se aos assistentes, diz:

«Irmãos, reconheçamos as nossas culpas para celebrar dignamente os santos mistérios.»

Explicar que a breve pausa de silêncio é para recordar os pecados já confessados e pedir novamente perdão deles ao Senhor, e preparar-nos convenientemente — se não há pecados mortais — para receber a Sagrada Comunhão, que é uma antecipação da glória que receberemos depois de sermos julgados pelo Senhor.

3. Uma das coisas necessárias para nos confessarmos bem é o exame de consciência, que se vai preparando dia a dia no breve tempo que gastamos, cada noite, a recordar: o que fizemos bem, o que fizemos mal; o que podemos fazer melhor no dia seguinte.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas do Catecismo.
- Que façam nos seus cadernos um resumo das ideias da sessão, ilustrando com desenhos e fotografias.
- Em grupos, indicar dez aspectos concretos sobre boas acções que podemos fazer em relação: a Deus, aos outros e a nós mesmos.
- Escrever no caderno a resposta a esta pergunta: Porque é aconselhável fazer todas as noites o exame de consciência?
- Descobrir o número de vezes que o sacerdote pede perdão dos pecados na Santa Missa.
- Escrever uma oração inventada para pedir a Nossa Senhora que interceda por nós na hora da morte. Por exemplo: «Lembrai-vos, ó Mãe de Deus, quando estiveres diante do Senhor, de dizer de nós boas coisas».

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 74 e 75; 261 a 263.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 16 — O Céu é o prémio  
para os que amam a Deus.*

GC - 16

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### Introdução

A Constituição dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II, dedica o capítulo VII ao carácter escatológico da Igreja, isto é, às verdades que se referem ao fim dos tempos: «Unidos, pois a Cristo na Igreja, e marcados com o sinal do Espírito Santo 'que é o penhor da nosas herança' (Ef. 1, 14), chamamo-nos filhos de Deus e em verdade o somos (cfr. Jo. 3, 1); mas não aparecemos ainda com Cristo na glória (cfr. Col. 3, 4), na qual seremos semelhantes a Deus, porque O veremos como Ele é (cfr. 1 Jo. 3, 2)»<sup>1</sup>.

É tão divino e tão diferente de tudo o que conhecemos na terra que agora encontramos sérias dificuldades para pensar nesse prémio. Por muito que o imaginemos, não conseguimos valorizá-lo tal como é. Apesar disso, temos a certeza de que esse prémio existe e qual a felicidade, porque Deus o revelou e a Igreja o ensina. A principal felicidade consiste em ver a Deus face a face — sem o véu da fé — e sentir-se com a alma e o corpo, na fonte de amor da Santíssima Trindade.

<sup>1</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 48.

Na dita dô céu está a felicidade por que tanto ansiamos na terra. Porque o nosso coração está feito para amar a Deus. As vezes consegue-o, mas outras distrai-se com as criaturas que se tornam obstáculo que nos acultam Deus. A alegria nunca será completa na tera; pelo contrário, a felicidade do Céu é completa e perfeita; é a plenitude total da pessoa; é a felicidade procurada e encontrada continuamente, sem cansaço algum.

**1. A alma humana não morre.  
O corpo ressuscitará para gozar  
ou sofrer eternamente com ela**

Paulo VI apresenta na sua Profissão de Fé a crença da Igreja na ressurreição da carne, pois que as almas que morrem em graça «formam o Povo de Deus, para além da morte, a qual será definitivamente vencida no dia da ressurreição, quando estas almas se reunirem aos próprios corpos»<sup>2</sup>.

O homem é composto de corpo e alma, formando uma unidade tão íntima que os dois formam um só ser, uma só pessoa.

Nesta perspectiva encontramos uma das razões principais em que se funda a dignidade da pessoa humana. «Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas»<sup>3</sup>.

A alma pode subsistir sem o corpo pois não desaparece com a corrupção deste, que tem lugar precisamente quando a alma se separa dele pela morte. Por isso a Igreja ensina-nos, e acreditamo-lo firmemente, o dogma da subsistência das almas separadas dos seus corpos após a morte, quer estejam na glória, no purgatório ou no inferno, à espera da ressurreição do corpo, que terá lugar no juízo universal<sup>4</sup>.

A verdade da ressurreição da carne segundo a qual todas as almas voltarão a unir-se aos seus próprios corpos, pertence à fé da Igreja que se apoia nos ensinamentos de Jesus Cristo: *Não vos admireis com isto porque vai chegar a hora em que todos os que tiverem praticado o mal hão-de ressuscitar para a condenação* (Jo. 5, 28-29). Todos, portanto, ressuscitaremos: os nossos corpos, separados da alma pela morte, voltarão a unir-se a ela para participar do mesmo destino: eternamente com Deus ou serem condenados para sempre.

---

<sup>2</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 28.

<sup>3</sup> VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 14.

<sup>4</sup> Cfr. BENTO XII, Cont. *Benedictus Deus*, 29-I-1336, Dz 530 (1000).

## 2. Imediatamente após a morte, a alma recebe a sua sentença

Recordamos que o juízo particular se realiza imediatamente após a morte, pelo qual a alma recebe o prémio ou o castigo, até que se volte a unir ao corpo, no juízo universal.

Neste tempo intermédio entre ambos os juízos, a alma encontra-se numa situação excepcional, sem informar o corpo. Mas, uma vez que todo o homem, e não só a sua alma, foi criado para o céu, é justo que seja o homem — composto de alma e corpo — quem receba o prémio ou o castigo. Assim sucederá depois do juízo universal, que confirmará — sem mudar — a sentença dada pelo Senhor, no juízo particular: a alma juntar-se-á ao corpo ressuscitado e assim o homem receberá o prémio ou o castigo pelas suas obras.

Portanto, não é correcto dizer que todo o homem há-de ressuscitar, como se tivesse desaparecido totalmente antes. Na morte separa-se a alma do corpo, mas a alma continua a existir enquanto o corpo volta à terra: decompõe-se em matéria inorgânica (mas não volta ao nada, apenas deixa de existir como corpo organizado).

Seria absurdo dizer que a alma ressuscitará, pois que isso supõe que antes tinha desaparecido e deixado de existir. Isto é impossível porque foi criada por Deus como espiritual e imortal e o espírito não se corrompe nem desaparece. Logo, a alma, no juízo universal, não ressuscitará, mas voltará a animar o seu corpo.

Em resumo, a expressão correcta que emprega habitualmente o Magistério da Igreja para ensinar esta doutrina fala de *ressurreição da carne, ou do corpo*, mas não da alma.

## 3. Os que se salvam são felizes para sempre

Recordemos aquelas palavras inspiradas por Deus: *Nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem jamais passou pelo pensamento do homem, o que Deus preparou para aqueles que O amam* (1 Cor. 2, 9).

As vezes, quando ouvimos falar do céu, representamo-lo como um lugar, e, quase instintivamente, levantamos os olhos para cima, para o alto. Não existe, contudo, uma revelação expressa acerca do lugar do céu. Fundamentalmente *o céu é um estado*: aquele em que se acham os bem-aventurados que gozam da visão beatífica da Santíssima Trindade. É a visão imediata de Deus e de todas

as coisas n'Ele, com a alegria e gozo como consequência dessa visão<sup>5</sup>.

No céu os bem-aventurados estarão a gozar eternamente da visão de Deus, Uno e Trino que *enxugará as lágrimas dos seus olhos; não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor, porque as primeiras coisas passaram* (Apoc. 21, 4).

Com as palavras do próprio Jesus Cristo: *E a vida eterna consiste nisto: Que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste* (Jo. 17, 3). Por isso dizemos que a bem-aventurança dos que se salvam consiste em ver, amar e possuir para sempre a Deus Pai, Filho e Espírito Santo, fonte de todo o bem, porque *agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos como Ele é* (1 Jo. 32).

Conhecer a Deus, amá-l'O eternamente e gozá-l'O para sempre, são três aspectos da felicidade na visão beatífica. No céu a felicidade consiste essencialmente na visão face a face de Deus — que chamamos *visão beatífica* — e no amor que nasce, necessariamente, do conhecimento de Deus, como bem supremo.

#### **4. Deus preparou bens inefáveis para aqueles que O amam**

Não compreendemos bem tudo o que Deus preparou para os que O amam, porque os bens do céu não se podem comparar com os da terra.

Além desse especial conhecimento de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, os bem-aventurados gozarão também dos bens criados que correspondem às nossas aspirações humanas gerais e pessoais: a companhia das pessoas santas que mais amamos na terra, família, amigos e gozaremos também com a glória dos nossos corpos ressuscitados<sup>6</sup>.

Com toda a razão exclamaremos aquelas palavras da Sagrada Escritura: *Mas vejo que honraste sobremaneira os teus amigos, ó Deus; muito se fortaleceu o seu império.* (Salmo 138, 17). A glória, a honra e a paz serão para todos os bem-aventurados (cfr. Rom. 2, 10).

Todos os bem-aventurados serão eternamente felizes, mas não serão premiados do mesmo modo, sem diferença alguma. Os

---

<sup>5</sup> «Cremos que a multidão das almas, que estão reunidas com Jesus e Maria no Paraíso, formam a Igreja do céu, onde elas, na eternidade feliz, vêem Deus como Ele é» (PAULO VI, *o. c.*, n. 29).

<sup>6</sup> Cfr. S. TOMAS, *In Simbolum Apostolorum*, a. 12, n. 1015.

prêmios serão maiores ou menores, conforme o merecimento de cada um, e, contudo, todos eles serão absolutamente felizes, pois estarão plenamente cheios de Deus segundo a sua capacidade.

**5. O desejo do céu  
anima-nos a lutar agora para o conseguirmos,  
vivendo a caridade**

Ganharemos o céu, a visão beatífica de Deus se vivermos na terra demonstrando o amor a Deus pela fé que professamos n'Ele e na Sua doutrina.

Temos de trabalhar e de nos comportarmos como Deus quer; é o modo de provar que O amamos, fomentar a gloriosa esperança do céu: «Mas como não sabemos o dia nem a hora, é preciso que, segundo a recomendação do Senhor, vigiemos continuamente, a fim de que, no termo da nossa vida terrena (cfr. Heb. 9, 27) mereçamos entrar com Ele para o banquete de núpcias e ser contados entre os eleitos (cfr. Mt. 25, 31-46)»<sup>7</sup>. Cristo espera-nos; por isso, temos já um programa de vida a seguir: nos trabalhos de cada dia viver com obras a fé e o amor ao Senhor<sup>8</sup>.

Alcançaremos a bem-aventurança eterna, passado o umbral da morte, segundo a medida do nosso amor ao Senhor, demonstrado em obras.

Vale a pena esforçarmo-nos e trabalhar sem descanso — porque a santidade pode ser vivida em qualquer situação — animados pelo desejo de conseguir para muitos a bem-aventurança eterna.

«Não podemos parar. O Senhor pede-nos uma luta cada vez mais rápida, cada vez mais profunda, cada vez mais ampla. Somos obrigados a superar-nos, porque nesta competição a única meta é a chegada à glória do céu. E se não chegássemos ao céu, nada teria valido a pena»<sup>9</sup>.

Sabemos que realizamos todo este programa com a ajuda do Senhor, que nos acompanha no nosso caminhar diário e nos espera na meta, para que sejamos vencedores. Essa é a vontade de Deus e temos os meios para a cumprir, vivendo o primeiro dos mandamentos: «Devemos amar a Deus não como este ou

---

<sup>7</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 48.

<sup>8</sup> «Porque Vós nos dais a graça de celebrar neste dia a Vossa cidade, a nossa mãe, a Jerusalém do alto, onde os nossos irmãos os Santos Vos louvam sem cessar. E nós, peregrinos dessa cidade para ela caminhamos animosamente na fé, alegres de vermos glorificados os ilustres filhos da Igreja que nos ajudam e estimulam em nossa fragilidade». *Solenidade de Todos os Santos*, Prefácio.

<sup>9</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 77.

aquele bem, mas como o Bem em si. Pois há que buscar o bem da alma e não o bem que ela abandona, julgando-o, mas aquele a que ela se apega por amor. E isso não é senão Deus. Não a alma boa, não o bom anjo, não o bom céu, mas o Bem Bom»<sup>10</sup>.

### **Conclusão**

Temos diante dos nossos olhos um panorama maravilhoso preparado pela sabedoria e bondade infinitas de Deus Pai: a meta está em gozá-l'O vivendo a Sua própria vida. Enquanto caminhamos na terra, a graça é o penhor da glória futura; graça que recebemos eficazmente quando nos abeiramos dos Sacramentos. Recebamos com frequência o perdão de Deus, no sacramento da Penitência, com o qual a graça, se a não tivermos perdido, nos é aumentada; recebamos o Senhor na Sagrada Comunhão onde alcançamos a maior intimidade possível nesta vida com Ele, o que mais se assemelha à glória do céu.

## **II. GUÍA PEDAGÓGICO**

### **A) OBJECTIVOS**

- Fomentar a esperança do céu.
- Agradecer a Deus o que Ele preparou para os que Lhe são fiéis.
- Lembrar-se do céu perante as dificuldades que se apresentam.

### **De Liturgia e vida cristã**

- Levá-los a compreender o significado das coroas e auréolas com que são representadas as três Pessoas Divinas, a Santíssima Virgem e os Santos.
- Agradecer o Baptismo.
- Estimular a aprendizagem dos Mistérios Gloriosos do Rosário.

### **B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA**

#### **1. Introdução (diversos pontos de partida)**

- a) Pode-se começar expondo o tema da seguinte maneira: Hoje vamos falar do céu. Dizei-me: Como imaginais vós o céu? — deixá-los responder ordenadamente.

Depois de tudo o que dissestes, pode-se muito bem dizer: «É tudo isso ... e muitíssimo mais que isso». S. Paulo diz sobre

---

<sup>10</sup> S. AGOSTINHO, *De Trinitate*, lib. 8, cap. 3.

o céu: *nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram nem jamais passou pelo pensamento do homem, o que Deus preparou para aqueles que O amam* (1 Cor. 2, 9). É como se nos dissesse: ponde-vos a sonhar e nunca chegareis a imaginar como ele é na realidade; o céu é muitíssimo mais do que pensais, porque Deus preparou-nos a felicidade para sempre, e nunca nos cansaremos de a gozar.

b) Expor com explicações simples um desporto preferido pelos alunos, por exemplo, o basquetebol e perguntar-lhes:

Que é preciso fazer para ganhar?

Partindo desta experiência, manifestar que toda a vida cristã é um desporto sobrenatural que consiste em servir a Deus e aos outros. O triunfo desta competição é a chegada à glória do céu.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Para o céu vão os que morrem com a alma limpa de todo o pecado* [mostrar-lhes a comparação entre o vestido branco e alma em graça].

S. João fala-nos também, como S. Paulo, de uma visão que teve do céu e escreveu: *vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam diante do trono e diante do Cordeiro (Cristo), de vestidos brancos e com palmas nas suas mãos* (Apoc. 7, 9-10).

*De vestidos brancos* quer dizer que estão limpos, que não tinham pecados, porque quando morreram estavam na graça de Deus. A estes, no juízo particular e depois no universal, Deus dá-lhes como prémio a entrada no céu e serem eternamente felizes. Jesus Cristo disse-nos que só os puros de coração poderão ver a Deus.

b) *O céu consiste em ver, amar e ser felizes com Deus eternamente* [ter presente a descrição do Apocalipse 21, 1-4].

Nós sentimo-nos felizes quando contemplamos coisas bonitas, a natureza, um filme, etc. Pois Deus é o Sumo Bem, a Beleza Infinita: por isso, o homem que anseia ver coisas maravilhosas fica completamente satisfeito ao ver Deus.

Nós também nos sentimos felizes estando com pessoas amigas: os nossos pais, irmãos, amigos... Eles amam-nos e nós amamo-los e isto torna-nos felizes. Pois Deus ama-nos muito mais que todos os amigos juntos. Por isso, amá-l'O-emos muito no céu e seremos amados eternamente por Ele. Veremos a Deus tal como Ele é, e isto encher-nos-á de um amor indescritível.

Ali só haverá alegria, não haverá doenças, nem dores, mas somente gozar da presença de Deus, ver a Santíssima Virgem e todos os Santos; encontrar-nos-emos com todos aqueles que foram fiéis a Deus, muitos dos quais conhecemos cá na terra. S. João diz-nos que Deus há-de erigir o Seu tabernáculo entre eles e enxugará as lágrimas dos seus olhos; não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor, porque as primeiras coisas passaram (Apoc. 21, 3-4).

c) *O pensar no céu ajudou os mártires a sofrer o martírio [servir-se da história que se narra].*

Ao longo da vida da Igreja foram muitos os homens que, por amor a Deus, para defender a sua fé e com esperança na glória, sofreram o martírio, pois preferiram a morte a renegar a Deus e a Sua glória. Um destes factos ocorreu em Roma nos primeiros séculos. A história deixou-nos este relato maravilhoso:

«O prefeito de Roma, Públio, tentou persuadir Santa Felicidade, viúva e mãe de sete filhos, para que sacrificasse aos ídolos. A princípio com bons modos, e, como ela não cedesse, com ameaças: 'Desgraçada! — dizia-lhe ele — já que estás contente com morrer, salva, ao menos, a vida dos teus filhos!'. Felicidade respondeu: 'Só viverão se não sacrificarem aos ídolos, enquanto que, se sacrificassem, seria a sua ruína'. No dia seguinte levaram-na novamente com os filhos perante o juiz. Este dizia-lhe: 'Tem piedade dos teus filhos, destes bravos e valentes jovens!'. E ela respondeu-lhe: 'A tua compaixão é um crime, a tua piedade é uma crueldade!'. E, dirigindo-se depois aos filhos, dizia-lhes: 'Olhai para o céu, olhai para o alto. Lá vos espera Cristo com todos os Seus santos'. Esta mãe, antes de sofrer o martírio, teve que assistir à morte de todos os filhos, como se, com verdadeiro amor, tivesse querido fazer com que os seus filhos chegassem antes dela à presença de Cristo, a gozar n'Ele eternamente.»

Assim, olhando para o céu, pensando no prémio que Deus tem preparado para os que Lhe são fiéis, morreram esses jovens e muitos milhares de mártires.

d) *O pensar no céu ajuda-nos a ser melhores nas coisas de cada dia [levá-los a pensar em ocasiões concretas em que podem lembrar-se do céu e tornarem-se fortes para vencer].*

É muito provável que Deus não venha pedir a nenhum de nós que defendamos a nossa fé pelo martírio. Pede-nos, a todos, isso sim, que sejamos heróicos nas pequenas coisas de cada dia;

em fazer bem as coisas, em evitar sempre o pecado, em amar cada dia mais a Deus e ao próximo, numa palavra, em lutar para sermos bons cristão. Tudo isto, como muito bem sabeis, é tão heróico como morrer martirizado.

Muitas vezes, custa-nos ser bons e cumprir o que o Senhor nos pede, porque ao fazer bem as coisas, de certeza que ninguém nos vai premiar cá na terra. Alguma vez até podemos perder algum amigo, quando nos portamos bem, ou fazer com que alguém se ria e escarneça de nós. Nesses momentos, podemos fazer o que nos aconselha o autor do *Caminho*: «Está bem que sirvas a Deus como um filho, sem paga, generosamente... Mas não te preocupes se uma vez ou outra pensas no prémio» (n.º 669).

Deus conhece todos os actos bons que fazemos e Ele dar-nos-á o prémio no céu. Vale a pena fazer sempre e em cada momento a vontade de Deus!

e) *Temos de ajudar os outros a ganhar o céu* [concretizar como se pode ser apóstolo].

O céu é, sem dúvida, uma maravilha. Mas, como dissemos, só podem entrar nele os que morrem na graça de Deus. Talvez ao nosso lado haja pessoas que não se dão conta de tudo isto e vivam uma vida afastada totalmente de Deus, com grave perigo de serem excluídos do céu no fim da vida.

Este facto deve-nos mover interiormente e fazer-nos cair na conta de que temos de ser muito apostólicos, para conseguirmos que todos os homens se salvem. Para isso podemos rezar, oferecer pequenas mortificações, viver muito bem a nossa vida cristã, dando bom exemplo, falar aos outros de Deus... Deus premiará esses desejos e teremos a felicidade e o gozo de nos encontrarmos no céu com essas almas que ajudámos na terra.

Como em qualquer desporto, para ganhar o céu, devemos ter uma boa equipa de amigos a quem possamos ajudar e beneficiando também nós da sua ajuda.

### **3. Perguntas-resumo**

Que é o Céu? Quem vai para o Céu? Porque devemos ter esperança em Deus? Que devemos fazer para ganhar o Céu? Qual a maior felicidade dos que estão no Céu?

## **C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA**

1. Na cerimónia do Baptismo, o Sacerdote, depois de ungi-los com o Santo Crisma a cabeça da criança, impõe-lhe uma veste branca, dizendo ao mesmo tempo:

«N. ..., agora és nova criatura e estás revestido de Cristo. Esta veste branca seja para ti símbolo da graça; ajudado pela palavra e pelo exemplo de todos, conserva-a sempre imaculada até à vida eterna» (*Do ritual dos Sacramentos*).

2. Explicar muito bem o cântico seguinte: «*Cidadãos do céu ...*» ou «*Para ti, morada santa*».

3. Mostrar como a Igreja nos pede que façamos muitos actos de esperança; por exemplo o seguinte:

«Espero em Deus Pai; espero em Deus Filho;  
espero em Deus Espírito Santo;  
espero na Santíssima Trindade;  
espero no meu Senhor Jesus Cristo,  
Deus e Homem Verdadeiro.»

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer no caderno um breve resumo das ideias da sessão, utilizando fotografias ou desenhos para ilustrar o tema.
- Fazer uma redacção breve sobre o tema: «A felicidade».
- Aprender o cântico: «*Cidadãos do céu ...*» ou «*Para ti, morada santa*».
- Compor uma oração, escrevendo-a no caderno, onde se peça a Deus: luz para que nos ilumine, ajuda para lutar contra as dificuldades e companhia para que não nos abandone nas quedas.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 264-266.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 17

*Tema 17 — O Inferno é o castigo  
para os que não amaram a Deus.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

Se observarmos uma moeda seja ela qual for, veremos que tem verso e reverso, cada face com as suas inscrições. Ao estudarmos agora a existência do inferno podemos dizer que é como o reverso duma moeda. O verso é o céu preparado pela misericórdia de Deus para os que O amam. O inferno, por contraste, é o afastamento total e definitivo da justiça infinita de Deus. Devemos situá-lo no conjunto dos atributos divinos que, em Deus, estão perfeitamente unidos. Ao falar do inferno, destaca-se principalmente a Sua Justiça Suprema, mas não esqueçamos que Deus é também Misericórdia Infinita. Não se trata de ter medo servil de Deus, mas de dar o devido valor à gravidade do pecado mortal que exige, de Deus nosso Pai, uma sanção com penas eternas.

O inferno existe porque o pecado é uma realidade desde a revolta de Lúcifer. Um conhecimento mais perfeito do pecado ajuda a compreender a realidade do inferno: quem comete um pecado mortal ofende gravemente a Deus. Não O ama pois afasta-se deliberadamente d'Ele e volta-se para as criaturas. Daí que, se ao morrer se encontra em pecado mortal, está numa situação habitual de rejeição de Deus. Este é o profundo mistério da criatura que

renega o seu Pai, Criador e Senhor, e, por isso, é castigada com a exclusão definitiva da presença de Deus.

Daí que o Concílio Vaticano II, ao tratar do carácter escatológico da Igreja (sobre os últimos dias) exorta a viver a caridade com obras a fim de que no termo da nossa vida sobre a terra, que é só uma (cfr. Hebr. 9, 27), (...) não sejamos lançados como servos maus e preguiçosos (cfr. Mt. 25, 26), no fogo eterno (cfr. Mt. 25, 41), nas trevas exteriores, onde 'haverá choro e ranger de dentes' (Mt. 22, 13; 25, 30)»<sup>1</sup>.

### 1. O Inferno existe

Faz-nos muito bem aprender e recordar de vez em quando esta verdade que pertence ao depósito da Fé, da Revelação feita por Deus. Porque se alguma vez esquecemos o amor misericordioso de Deus, lembrar-nos-emos ao menos que Ele é Justo Juiz e o Seu santo temor far-nos-á reagir<sup>2</sup>.

Nos Evangelhos, duma maneira ou doutra Jesus repete várias vezes palavras que falam da existência do inferno: *Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode fazer perecer na Geena o corpo e a alma* (Mt. 10, 28). A *geena* é o termo hebraico que equivale a inferno. Para os que ouviam Jesus representava um lugar cheio de podridão e mau cheiro, para onde se atiravam todos os detritos da cidade. Estavam em contínuo estado de combustão.

Quando Jesus Cristo usa o exemplo da parábola do joio que cresce, lado a lado, neste mundo, com o bom trigo, termina ensinando-nos o que é o inferno. *Assim, pois, como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será no fim do mundo: o Filho do Homem enviará os Seus anjos que hão-de tirar do Seu reino todos os escandalosos e todos quantos praticam a iniquidade, e lançá-los-ão na fornalha ardente; ali haverá choro e ranger de dentes* (Mt. 13, 40-42).

Também aparece exposta admiravelmente esta verdade na parábola do rico avarento e do pobre Lázaro. Com uma simplicidade maravilhosa — que qualquer pessoa pode entender — Jesus representa nela a existência do inferno; as suas penas; o afastamento abismal de Deus — principal castigo que sofrem os condenados — e os sofrimentos corporais; a sua relação com os pecados de acção ou de omissão nesta vida, etc. (cfr. Lc. 16, 19-31).

---

<sup>1</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 48.

<sup>2</sup> O Santo Padre Paulo VI recorda que «vão para a vida eterna os que responderam ao Amor e à Misericórdia de Deus, e irão para o fogo inextinguível os que até ao fim opuseram a sua recusa» (*Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 12).

Existe, portanto, um inferno, eterno como o céu, no qual os condenados nunca mais verão a Deus, ao mesmo tempo que serão atormentados no corpo e na alma. Assim o entendeu sempre a Igreja, como revelado por Deus na Sagrada Escritura<sup>3</sup>.

A recordação desta verdade ajuda-nos a despertar do sono em que, às vezes, nos encontramos e que nos leva a esquecer a responsabilidade das nossas acções e omissões perante Deus.

Porque a vida do homem está ordenada ao gozo eterno de Deus, enquanto que pelo pecado mortal muda radicalmente esse rumo: ofende gravemente a Deus. Convém recordar: «Há inferno. — Uma afirmação que para ti é, sem dúvida, um lugar comum —. Vou-ta repetir: há inferno!

Serve-me tu de eco, oportunamente, ao ouvido daquele companheiro ... e daquele outro»<sup>4</sup>.

## 2. Vão para o Inferno os que morrem em pecado mortal

É da fé da Igreja que as almas dos que morrem em pecado mortal vão para o inferno.

Deus dá-nos a conhecer muitas vezes na Sagrada Escritura esta verdade. Assim, os que morrem afastados de Deus sem fazer penitência ressuscitarão para a *ignomínia e reprovação eterna* (Dan. 12, 2), *depois disto, eles morrerão sem honra, desterrados entre os mortos, numa eterna ignomínia* (Sab. 4, 19). Também Jesus Cristo afirma em várias ocasiões esta verdade: que os pecados graves são castigados no inferno, ao qual chama *geena*, fogo eterno, fogo inextinguível e suplício eterno (cfr. Mt. 5, 29; 25, 41-46; Mc. 9, 42).

Os Padres da Igreja dão testemunho unânime da realidade do inferno. Santo Inácio de Antioquia ensina-nos que todo aquele que «pela sua péssima doutrina corromper a fé em Deus, pela qual Jesus Cristo foi crucificado, irá para o fogo inextinguível, ele e os que escutam essa doutrina»<sup>5</sup>.

Os Santos Padres fundamentam a sua doutrina na revelação feita por Jesus Cristo, apoiados na ideia da Justiça divina, que não deixa impunes os que transgridem os mandamentos.

---

<sup>3</sup> Recordemos estas palavras de Bento XII: «Definimos ainda que, segundo a comum ordenação de Deus, as almas dos que saem do mundo em pecado mortal actual, imediatamente depois da sua morte vão para o inferno onde são atormentadas com penas infernais» [*Cont. Benedictus Deus*, 29-I-1336. Dz 531 (1001)].

<sup>4</sup> J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 749.

<sup>5</sup> S. INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos Efésios*, cap. 16, 2.

No Símbolo *Quicumque* encontramos a fé da Igreja nesta verdade eterna. Jesus Cristo «há-de vir julgar os vivos e os mortos. À Sua vinda, todos os homens hão-de ressuscitar com os seus corpos e hão-de prestar contas dos seus próprios actos; e os que tiverem feito o bem irão para a vida eterna; mas o que tiverem feito o mal irão para o fogo eterno»<sup>6</sup>. Depois da vinda final de Jesus Cristo também sofrerão para sempre nos seus corpos os que morreram em pecado mortal.

### 3. As penas eternas do Inferno

As penas que sofrem eternamente os que são condenados ao inferno são de duas espécies: pena de dano e pena de sentido.

A *pena de dano* corresponde ao afastamento voluntário de Deus que o homem realiza quando comete o pecado mortal. Isto constitui propriamente a essência do castigo do inferno, e consiste em ver-se privado da visão beatífica. Torna uma realidade aquelas palavras do Senhor dirigidas aos condenados: *Afastai-vos de Mim, malditos!* (Mt. 25, 41). Este afastamento total de Deus constitui o motivo principal do sofrimento.

A *pena de sentido* consiste nos tormentos causados sobre a sensibilidade do corpo e da alma. Desconhecemos, no entanto, que espécie de sofrimentos serão. Deus fala-nos na Sagrada Escritura com frequência do fogo do inferno, para onde são lançados os condenados. *Assim será no fim do mundo: O Filho do Homem enviará os Seus anjos que hão-de tirar do Seu reino todos os escandalosos e todos quantos praticam a iniquidade, e lançá-los-ão na fornalha ardente; ali haverá choro e ranger de dentes* (Mt. 13, 40-42). Esta mesma doutrina pode ser encontrada naquele parábola do rico avarento e do pobre Lázaro, na qual o inferno nos é apresentado como um lugar de tormentos (cfr. Lc. 16, 23).

As penas do inferno são eternas. Santo Agostinho afirma: «Uns vivem na vida eterna uma vida verdadeiramente feliz, outros viverão na morte eterna uma vida desgraçada: nem a duns nem a dos outros terá fim (...). A morte eterna dos condenados não terá fim e o castigo comum a todos consistirá em que não poderão pensar nem no fim, nem em tréguas, nem na diminuição das suas penas»<sup>7</sup>.

### Conclusão

Já vemos qual o destino daqueles que morrem em pecado mortal porque não amaram a Deus. É o pecado mortal a raiz

<sup>6</sup> Símbolo *Quicumque*, Dz 40 (76).

<sup>7</sup> S. AGOSTINHO, *Enchiridion*, cap. 29, sec. 111 e 113.

de todos os males que há na terra e deste mal eterno, porque «não esqueças, filho, que, para ti; na terra só há um mal, que deves temer, e, com a graça de Deus evitar: o pecado»<sup>8</sup>.

É preciso fazer o propósito firme de afastar o pecado mortal. Também o de evitar o pecado venial que nos inclina a pouco e pouco a faltas mais graves. Se tivermos a desgraça de cair, havemos de estar completamente decididos a sair imediatamente desse estado recorrendo ao Sacramento da Penitência. Nele Deus perdoa-nos sempre — por meio do Sacerdote — desde que estejamos arrependidos e com desejo de evitar ofender o nosso Pai do Céu.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Afirmar a fé na existência do inferno.
- Dar a devida importância à gravidade do pecado mortal.
- Fomentar o santo temor de Deus.

### De Liturgia e vida cristã

- Inculcar nos alunos o costume de pedir perdão a Deus, ao terminar o dia, fazendo um acto de contrição.
- Estimar a confissão frequente para não viver nunca no pecado mortal.
- Lembrar-se com frequência de que existe o inferno, para não pecar.
- Fomentar a reza da última petição do Pai Nosso.
- Estimular os alunos a que aceitem com generosidade a penitência que lhes é imposta na Confissão sacramental e façam pequenas mortificações, moderadas pelo director espiritual, para evitar que seja Deus a ter de nos castigar.
- Descobrir que bater com a mão no peito significa e leva ao arrependimento.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode começar narrando a parábola do rico avarento e do pobre Lázaro (Lc. 16, 19-31) destacando:

- Como Lázaro na terra passou infortúnios, mas confiou em Deus e foi para o céu gozar de Deus eternamente.

---

<sup>8</sup> J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 386.

- O rico avarento, que vivia afastado de Deus, ao morrer, foi para o inferno eterno.
- Como aquele que está no inferno nunca mais de lá pode sair.

Pode abrir-se diálogo, comentando o texto de S. Lucas com as seguintes perguntas:

- Pensais que se pode falar do céu para os condenados?: Não. O caso de Lázaro e do avarento é uma parábola.
- Que fez o rico avarento?: Gozou só ele das suas riquezas, esquecendo-se dos outros.
- E Lázaro?: Sofreu com resignação as dificuldades e não perdeu a esperança em Deus.
- O inferno é eterno?: Sim.

b) Para explicar os tormentos do inferno convém recordar aos alunos o que nos sucede quando tudo nos aborrece e nada nos satisfaz. Como exemplo pode narrar-se o episódio de Tântalo que foi castigado a padecer fome e sede continuamente, tendo à sua frente frutas e alimentos deliciosos e água muito fresca, mas, ao tentar apanhá-las, tudo se lhe escapava.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Existe o inferno* [levá-los a descobrir os fundamentos desta verdade de fé].

Sabemos que Jesus Cristo nos diz a verdade, porque é Deus e não pode enganar-Se nem enganar-nos.

Ele falou-nos com toda a clareza de que existe o inferno. Aparece em muitas passagens do Evangelho. Além da cena do rico avarento e do pobre Lázaro, lembrai-vos que há dias falamos do Juízo Final onde Deus dizia aos maus, aos da Sua esquerda: *Afastai-vos de Mim, malditos, para o fogo eterno que está preparado para o diabo e para os seus anjos* (Mt. 25, 41). Cristo diz do bom ladrão que entrará com Ele no Seu reino (cfr. Lc. 23, 43), e de Judas afirma que melhor lhe seria não ter nascido.

Por outro lado, se nos pusermos a pensar veremos que o inferno existe porque Deus é justo e assim como tem de premiar os homens que livremente fizeram o bem, tem que castigá-los quando livremente fazem o mal. Que outro significado podiam ter aquelas palavras de Jesus de que os maus irão para um lugar onde o verme que os rói nunca morre e o fogo nunca se apaga? (cfr. Mc. 9, 45).

E não disse também: *Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode fazer perecer o corpo e a alma* (Mt. 10, 28)?

Se quando praticássemos algum desporto, embora o importante seja participar, não se ganhasse ou não se perdesse, não nos esforçaríamos, nem lutaríamos. Do mesmo modo, Deus premeia ou castiga no desporto sobrenatural da nossa própria luta.

- b) *Vão para o inferno os que morrem em pecado mortal* [pode servir a parábola dos convidados ao banquete nupcial: Mt. 22,1-14].

O Senhor, no Juízo, lançará os maus no inferno. Mas, quem são esses que vão para o inferno? S. Paulo responde-nos dizendo que: *Os que praticarem as obras da carne não herdarão o Reino de Deus* (cfr. Ef. 5, 5). E essas obras da carne são: *Prostituição, impureza, desonestidade, idolatria, malefícios, inimizades, contendas, ciúmes, iras, rixas, discórdias, partidos, invejas, homicídios ...* (Gál. 5, 19-21).

São, numa palavra, os que, ao morrer, têm a alma manchada pelo pecado mortal. Porque, como vimos ao estudar o céu, só os que têm a veste branca, o que significa estar em graça de Deus, entrarão nele. O convidado para o banquete que não leva o traje nupcial não é rejeitado pelo rei, mas é ele próprio que rejeita o rei não levando a veste branca quando a podia levar.

- c) *No inferno os condenados sofrem uma pena de dano e outra de sentido* [esforçar-se por que compreendam essa dupla pena].

Nós sabemos que seremos felizes para sempre na presença de Deus e todos queremos ser felizes para sempre, temos *esperança* em sê-lo. Mas os condenados ao inferno já não têm esperança, sabem que nunca mais serão felizes, porque estarão afastados de Deus por toda a eternidade, juntamente com os demónios e os outros condenados. Saber que nunca mais estarão com Deus, que nunca mais serão felizes causa uma dor indescritível que consome a alma. Esta dor é o que se chama *pena de dano*, a pena mais dura do inferno.

Mas há ainda outra pena: a *pena de sentido*, que é o fogo eterno, em que se abraçarão os corpos dos condenados e que atormentará a alma. É um fogo especial que nunca acabará nem se consumirá.

- d) *O inferno é eterno* [usar os textos do Evangelho citados atrás].

Quando sentimos muita sede ou fome, queremos chegar depressas a casa para beber ou comer. Quando estamos muito

cansados duma viagem ou depois de praticarmos desporto, sentimentos desejos enormes de chegar a casa e descansar.

Mas no inferno não há descanso, não mais se deixará de sofrer, nunca acaba: é eterno. Disse-o o Senhor: *Ide malditos para o fogo eterno*. Por isso, tanto a existência do inferno como a eternidade das suas penas é uma verdade de fé, que devemos crer com todas as nossas forças.

e) *O pensar no inferno pode ajudar-nos a não pecar* [que fique clara a necessidade de lutar e recorrer ao Senhor].

Muitas vezes, quando se nos apresenta a tentação, ela atrai-nos de tal maneira que nos esquecemos de Deus, e de que pecando O ofendemos e podemos perder o céu. É bom, nestes momentos, pensar que o nosso pecado pode levar-nos para sempre ao inferno, e fazer-nos perder a felicidade. O medo ao castigo, embora não seja o melhor, pode ajudar-nos a não ofender a Deus.

f) *A existência do inferno deve levar-nos ao apostolado* [concretizar os modos em que podem fazer apostolado].

Assim como dizíamos do céu, também a existência do inferno nos deve mover a ser apostólicos. O demónio não se permite descanso para conseguir que as almas ofendam a Deus e se condenem para sempre. Nós também devemos mover-nos para ajudar os outros a amar a Deus. Podemos fazê-lo com as nossas orações, oferecendo pequenos sacrifícios, dando bom exemplo, falando aos outros de Deus e destas verdades eternas.

### 3. Perguntas-resumo

Que é o inferno? Quem vai para o inferno? Em que consistem as penas dos que estão no inferno? Porque fala Jesus no Evangelho das penas do inferno?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Pedir ao sacerdote da paróquia que, quando celebrar a Santa Missa, se lembre de rezar por um familiar ou amigo falecido.

2. Pode-se rezar um *responsório* por todos os fiéis defuntos. Explicar-lhes o sentido.

## D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

— Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.

— Fazer um breve resumo, com ilustrações de fotografias e desenhos, das ideias expostas na sessão.

- Ensinar o cântico seguinte: «*Eu ponho a minha esperança no Senhor*».
- Que os alunos escrevam no seu caderno três respostas à pergunta seguinte: Como impedir que se continue a ofender a Deus?
- Desenhar um lago de fogo com pessoas dentro.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 264, 269 e 270.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 18

*Tema 18—As almas do purgatório purificam-se para se unirem a Deus.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### Introdução

«Cremos que as almas de todos aqueles que morrem na graça de Cristo, quer as que devem ainda ser purificadas no Purgatório, quer as que são recebidas por Jesus do Paraíso, no mesmo instante em que deixam o próprio corpo, como sucedeu com o Bom Ladrão, formam o Povo de Deus, para além da morte»<sup>1</sup>.

A Igreja ensina que existe o Purgatório, onde as almas se purificam dos pecados veniais e das penas temporais que os seus pecados mereceram e que não foram satisfeitas na terra.

Pela morte, a alma separa-se do corpo e apresenta-se diante de Jesus Cristo para ser julgada pelas suas obras.

A partir desse momento, recebe o prémio, de acordo com os seus méritos, ou o justo castigo pelas suas más acções. No fim do mundo haverá a ressurreição da carne e o juízo universal.

Para gozar eternamente de Deus no céu é necessário estar completamente purificado de qualquer culpa ou pecado. Por ele a pessoa ofende a Deus com maior ou menor gravidade. É uma

---

<sup>1</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 28.

desordem que deixa vestígios na alma, pelos quais merece as penas temporais, que têm de ser satisfeitas ou nesta ou na outra vida.

A hora da morte pode acontecer que uma pessoa não tenha satisfeito ainda as penas temporais que merecia pelos seus pecados ou achar-se em pecado venial. Como não está em pecado mortal nem afastada totalmente de Deus não merece as penas do inferno. Mas também não merece o céu pois falta purificar-se: para ir para o céu tem de estar totalmente purificada, ninguém manchado lá pode entrar.

### 1. Existe o Purgatório

As almas dos justos que, no momento da morte, estão em pecado venial, ou não tenham satisfeito as penas temporais devidas pelos seus pecados, vão para o Purgatório onde acabarão de se purificar para entrarem no céu e gozarem eternamente de Deus.

A Sagrada Escritura ensina-nos a existência do Purgatório. No livro dos Macabeus conta-se que Judas Macabeu enviou a Jerusalém duas mil dracmas de prata para que se fizessem sacrifícios pelos pecados dos que tinham morrido. Estavam convencidos de que poderiam libertar os defuntos dos seus pecados e das suas penas temporais por meio da oração e do sacrifício (cfr. 2 Mac. 12, 42-46); S. Gregório Magno comenta-o expressamente; «Dá-se a entender, nesta frase, que algumas culpas se podem perdoar neste mundo e outras também no futuro»<sup>2</sup>.

O Magistério da Igreja tem ensinado esta doutrina de Jesus Cristo que pertence ao depósito da Fé.

Por isso, acreditamos que existe um fogo do Purgatório onde se purificam as almas dos justos, atormentadas durante um tempo limitado, para que se lhes possam abrir as portas do Céu, no qual não entra ninguém com mancha.

### 2. Os que vão para o Purgatório sofrem muito

Do mesmo modo que no inferno, as almas dos que vão para o Purgatório sofrem grandes penas, embora com a diferença de que estas não são eternas ao contrário das do inferno.

A *pena de dano* que sofrem é a privação temporal da visão beatífica de Deus. Teve já lugar o Juízo particular e a alma está segura da sua salvação. Sabe que a impossibilidade de ir para o céu é apenas temporária, e possui a certeza de que no fim alcançará a bem-aventurança eterna.

---

<sup>2</sup> S. GREGÓRIO MAGNO, *Diálogos*, 4, 39.

Os que estão no Purgatório sofrem pelo amor que têm a Deus. Não é possível estar na presença da Sua Santidade infinita com a mais pequenina mancha. As almas do Purgatório vêem isto com uma clareza meridiana: há uma tensão ou sofrimento, pois queriam estar junto de Deus, mas precisam de se purificar dos seus pecados e penas. Daí que essa separação temporária seja para eles muito dolorosa.

A *pena de sentido* acrescenta-se à pena de dano, conforme o que diz o Apóstolo: *Se a obra construída subsistir, o construtor receberá a paga. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá a perda. Ele, porém, será salvo, como que através do fogo* (1 Cor. 3, 14-15).

Afirmamos que existem *penas de sentido* no Purgatório: que ali se sofre também, sensivelmente, duros castigos, já que «as suas almas são purificadas depois da morte com as penas do Purgatório»<sup>3</sup>.

As almas dos justos que se encontram no Purgatório, embora sofram a *pena de dano* e de *sentido* apresentam uma grande diferença em relação às que morreram em pecado mortal e se acham no inferno. As penas destas são eternas, enquanto que as almas do Purgatório chegarão um dia a ver face a face a Santíssima Trindade.

### 3. Podemos ajudar as almas a sair do Purgatório

O capítulo VII da Constituição *Lumen Gentium* é dedicado aos Novíssimos. Ao tratar das relações da Igreja peregrina com a Igreja celestial afirma a realidade da Comunhão dos Santos de que beneficiam as almas do Purgatório, já que «cultivou (a Igreja) com muita piedade desde os primeiros tempos do Cristianismo a memória dos defuntos e *porque é coisa santa e salutar rezar pelos mortos, para que sejam absolvidos de seus pecados* (2 Mac. 12, 46) por eles ofereceu também sufrágios»<sup>4</sup>.

As almas que estão no Purgatório sofrem muito e purificam-se pelo amor. De acordo com a vontade divina elas são purificadas dos seus pecados veniais e da pena temporal não satisfeita pelos seus pecados, por meio da *pena de sentido*. Mas a Igreja *Militante*, formada pelos que vivem na terra, possui o tesouro dos méritos infinitos de Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, de S. José e de todos os Santos, e também os correspondentes às nossas boas obras. Esses méritos podem ser aplicados, como sufrágio, em favor dessas almas do Purgatório. Deste modo pode-

---

<sup>3</sup> II CONCÍLIO DE LYON, *Profissão de fé de Miguel Paleólogo*, 6-VII-1274, Dz 464 (856).

<sup>4</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 50.

mos aliviar as suas penas e reduzir o tempo da sua purificação. Irão mais cedo para o céu, onde os teremos como poderosos intercessores. Esta é uma das maravilhosas manifestações da Comunhão dos Santos: A comunicação de graças e méritos entre os membros que estão unidos à Cabeça do Corpo Místico, que é Jesus Cristo. Isto pensava Judas Macabeu quando mandou oferecer sacrifícios pelos pecados dos defuntos, e Santo Agostinho, quando, na morte de sua mãe Mónica, se dirigiu ao Senhor com estas palavras: «Perdoai-lhe, Senhor! Lembrai-Vos que, perto do dia de sua morte, não desejou que o seu corpo fosse pomposamente sepultado (...). Mostrou apenas desejo de que nos lembrássemos dela junto do Vosso altar, onde nunca tinha faltado um só dia a render-Vos homenagens porque sabia que lá se distribui a Vítima Santa, que nos liberta da nossa condenação»<sup>5</sup>.

Nós, cristãos, temos de oferecer a Santa Missa, orações e sacrifícios por essas almas que se encontram no Purgatório. Pouco a pouco vão satisfazendo as penas merecidas, ao aplicarmos-lhes os méritos infinitos do Sacrifício da Cruz, que se oferece sacramentalmente todos os dias sobre o altar, na Santa Missa.

### Conclusão

Devemos recordar com frequência a existência do Purgatório e as penas enormes que sofrem as almas que lá vão parar. Tere-mos para com elas uma grande devoção, procuraremos aliviar as suas penas e elas, uma vez no Céu, serão aliadas poderosas que intercederão em nosso favor junto da Santíssima Trindade. Ofereceremos orações e sacrifícios — sobretudo a Santa Missa —, para que sejam aliviadas dessas penas.

Ao meditar no Purgatório também sentiremos a necessidade de sermos muito fiéis a Deus, enquanto estamos na terra, que é o tempo de alcançar méritos.

Procuraremos fazer em tudo a vontade de Deus e fugiremos da mediocridade que faz levar uma vida cristã tibia. Não nos moveremos pelo medo ao Purgatório mas pelo amor de Deus, e as nossas obras na terra ir-se-ão enchendo de plenitude. Esta é a pergunta que nos deveremos fazer: «Dizes-me que sim, que queres. — Está bem. Mas queres como um avaro quer ao seu ouro, como uma mãe quer ao seu filho, como um ambicioso quer às honras, ou como um pobrezito sensual, ao seu prazer? — Não? — Então não queres»<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> S. AGOSTINHO, *Confissões*, 9, 13.

<sup>6</sup> J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 316.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Reforçar a fé na existência do Purgatório.
- Ajudá-los a viver a Comunhão dos Santos com as almas do Purgatório.
- Fomentar os desejos de purificação nesta vida, para entrar quanto antes no Céu.

### De Liturgia e vida cristã

- Mostrar-lhes a necessidade de viver em graça para se poder entrar no Céu.
- Acostumá-los a pedir pelos defuntos, especialmente pelos amigos e familiares.
- A Igreja na sua Liturgia pede todos os dias pelas benditas almas do Purgatório.
- No Ano Litúrgico há uma festa dedicada à oração pelos defuntos.
- Animá-los a oferecer também algumas pequenas mortificações pelas almas do Purgatório.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar com a história seguinte: Imaginai que um dia vos convidam para uma festa muito importante e no convite que vos chega, logo no início, ao alto, aparece: «Só se pode assistir com vestido branco». E pensai que tendes um vestido branco, mas que está muito sujo. Que faríeis vós? Concereteza que iríeis lavá-lo e passá-lo imediatamente a ferro.

Pois algo semelhante se passa com o Céu. Para lá se poder entrar disse o Senhor que é preciso estar em graça de Deus, mas com a alma completamente limpa de qualquer pecado ou mancha de pecado. Quando alguém está em graça de Deus é como ter o vestido branco, mas os pecados veniais ou as manchas que os pecados já perdoados deixaram são como manchas ou rugas que tem esse vestido.

Do mesmo modo que não nos atreveríamos a ir a essa festa tão importante com o vestido sujo ou amarrotado, também a alma que morre em graça de Deus mas que tem algumas manchas ou rugas vai para o Purgatório purificar-se e limpar-se completamente.

O diálogo pode versar sobre o exemplo anterior deixando claro o que é a graça, porque é que ela é necessária para entrar no Céu, como viver em graça ..., etc.

b) Quando nos ferimos, a primeira coisa que devemos fazer é procurar que a ferida não ganhe infecção; para isso desinfectamo-la com água oxigenada ou álcool. Depois temos de procurar que ela cicatrize.

Quando pecamos é como uma ferida que fazemos na nossa alma e esta ferida pode ganhar infecção e por isso recorreremos à Confissão que é como a água oxigenada ou o álcool que tira a infecção. Depois cicatriza-se com as boas obras que fazemos. Mas, se quando morremos não está ainda cicatrizada, vamos para o Purgatório para que a ferida acabe de cicatrizar e o nosso corpo fique limpo de qualquer sinal da ferida.

No diálogo é importante descobrir, seguindo a comparação, que essa ferida afecta o Corpo Místico que é toda a Igreja.

## **2. Desenvolver as seguintes ideias**

a) *A existência do Purgatório é uma verdade de fé* [relacionar com a introdução].

É uma verdade da nossa fé a existência do Purgatório. Para além de ser a Igreja que assim no-lo diz, vemos que é algo fácil de entender. Uma pessoa que morre e não está em pecado mortal já não pode ir para o Inferno, mas também ainda não está completamente limpa, pois tem pecados veniais, manchas que outros pecados já confessados deixaram, etc., e, por isso, também não pode entrar no Céu. Daí que seja necessário outro lugar onde as almas se possam purificar antes de entrar no Céu, já completamente limpas de qualquer mancha.

b) *No Purgatório há uma pena de dano e outra de sentido* [pode-se comparar com as penas do inferno].

As almas que vão para o Purgatório também sofrem dois tipos de penas: a *pena de dano* que, como no Inferno, consiste em não ver a Deus. Mas com uma grande diferença: no Inferno as almas nunca mais verão a Deus enquanto que as almas do Purgatório, depois de se purificarem irão para o Céu.

Também se sofre no Purgatório uma *pena de sentido*, que produz sofrimentos, mas este sofrimento, que é grande, não dura para sempre; nisso se diferencia também das penas do Inferno.

Com isto fica claro que o Purgatório não é eterno: quando todas as almas que ali se encontram estiverem purificadas, deixará de existir, porque já não será necessário.

- c) *Podemos ajudar as almas que estão no Purgatório* [concretizar bem como se podem ajudar].

Quando alguém está a passar mal porque, por exemplo, está doente ou precisa de alimentos, todos nós nos preocupamos e procuramos ajudá-lo. Deus quis que nós, os que estamos na terra — a Igreja Militante — possamos ajudar as almas que estão no Purgatório — a Igreja Padecente. No Purgatório há muitas almas que estão a purificar-se, sofrendo e desejando ardentemente subir ao Céu para estar eternamente com Deus. Temos de nos preocupar em ajudar essas almas.

Podemos ajudar as almas do Purgatório da seguinte maneira:

- *Oferecendo a Santa Missa em sufrágio por elas*: é a melhor maneira que temos de as ajudar, pois a Missa tem um valor infinito.
- *Pedindo ao Senhor*, por intercessão da Santíssima Virgem, que leve estas almas para o Céu. Nossa Senhora é Mãe também dos que estão no Purgatório e Ela ajuda-os. Temos de Lhe pedir que tire do Purgatório os nossos familiares, amigos e aquelas almas mais abandonadas, que não têm quem reze por elas.
- *Oferecendo boas obras* também podemos ajudar essas almas: ao oferecer o nosso trabalho, alguma esmola, uma pequena mortificação, estando alegres, preocupando-nos com os outros, etc. Deus aceita essas coisas e aplica-as às almas do Purgatório.

Tudo isto é viver a Comunhão dos Santos com a Igreja Padecente.

- d) *As almas do Purgatório podem pagar-nos os favores que lhes fizemos* [explicar-lhes bem em que consiste esta ajuda].

Quando ajudamos ou fazemos um favor a alguma pessoa boa, esta só deseja encontrar uma ocasião para nos agradecer e pagar esse favor. Pois quando nós, com a nossa oração e mortificação conseguimos que uma alma que está no Purgatório passe definitivamente a gozar de Deus, no Céu, quantas vezes mais ela nos pagará esse favor que lhe fizemos! São almas que estão eternamente diante de Deus, vendo-O face a face, e poderão interceder por nós, para que sejamos cada vez melhores.

Que bom negócio para a nossa salvação é ter uma grande devoção às almas do Purgatório e procurar ajudá-las o mais possível!

A Igreja dedica todo o Mês de Novembro às benditas almas do Purgatório, animando-nos a que as ajudemos com a nossa oração e sacrifícios.

- e) *O pensar no Purgatório ajudar-nos-á a ser mais mortificados* [concretizar os pormenores].

Quando alguma coisa na vida nos custa ou nos faz sofrer, se pensarmos no Purgatório, nos nossos pecados, suportaremos isso com alegria, pois essas coisas que nos fazem sofrer, se as fizermos por amor de Deus e em expiação das nossas faltas, ajudam a purificar-nos na terra, tirando-nos tempo de Purgatório. É bom, até, que façamos pequenas mortificações com intenção de purificar os nossos pecados e os pecados dos outros: deste modo vamos limpando a nossa alma e preparando-nos para receber de Deus o grande prémio que nos tem preparado.

### **3. Perguntas-resumo**

Que é o Purgatório? Que espécie de penas existem nele? Como podemos ajudar as almas do Purgatório?

## **C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA**

1. A Igreja como boa mãe lembra todos os dias os seus filhos do Purgatório ao pedir pelos defuntos:

«Lembraí-Vos dos nossos irmãos defuntos, e de quantos cumpriram a Vossa vontade e partiram já deste mundo. Acolhei-os com bondade no Vosso reino, onde também nós esperamos ser recebidos, para vivermos eternamente com eles na Vossa glória» (Do Cânone III).

Devemos unir-nos à Santa Igreja e pedir também por esses nossos irmãos que esperam passar para o Céu para gozar de Deus.

2. Na festa dos Fiéis Defuntos, a Igreja oferece todo o valor infinito do sacrifício da Missa em favor das almas do Purgatório e reza:

«Concedei, Senhor, nós Vos pedimos, que os Vossos servos defuntos, por quem celebramos o mistério pascal, sejam estabelecidos na mansão da luz e da paz.»

O Santo Sacrifício da Missa é a melhor prenda que podemos oferecer aos nossos familiares e conhecidos que já morreram; podemos ajudá-los a que, quanto antes, se encontrem com Deus.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Aprender a responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer, no caderno, um breve resumo da sessão, ilustrando-o com fotografias ou desenhos.
- Conversar com os pais para saber quais os membros da família e os conhecidos que morreram. Fazer uma lista.
- Trabalhar, em grupo, sobre o tema «Que podemos fazer pelos defuntos?» e tirar uma conclusão geral das respostas dos grupos.
- Fazer um comentário a um dos textos da alínea anterior.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 267 e 268.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 19 — O Mistério  
da Santíssima Trindade.*

GC - 19

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### **Introdução**

O mistério da Santíssima Trindade — que há um só Deus, uma só essência ou natureza divina em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo — é o mistério fundamental da nossa fé, que nos revelou o Filho de Deus, Jesus Cristo. Mas é também o mistério fundamental da nossa vida sobrenatural, uma vez que, por vontade divina, a Santíssima Trindade habita na alma dos cristãos em graça. A nossa vida tem como finalidade última o conhecimento e o amor de Deus, Uno e Trino.

A vida íntima de Deus chega a nós pela graça que recebemos no Baptismo. Pela graça participamos da natureza divina, da vida divina e, então, as nossas acções adquirem um conteúdo sobrenatural: podemos conhecer e amar a Deus tal como Ele é em Si mesmo.

Por isso este insondável mistério é sempre actual e deve influir na vida dos homens, precisamente porque Ele é a grande Verdade. Recordou-o Paulo VI: «É necessário que o mistério da Santíssima Trindade, que faz parte das verdades principais da

revelação, ilumine com a pureza da verdade a vida dos cristãos»<sup>1</sup>.

Isto faz com que a Igreja o recorde constantemente aos cristãos e viva deste mistério: ao benzermo-nos (Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo), ao rezar o Glória (Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo), na Santa Missa: Glória, conclusão da Colecta (Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo), Credo, Doxologia final do Cântico (Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre, na unidade do Espírito Santo. Amen), etc.

A insistência particular na Santa Missa explica-se porque «Toda a Trindade está presente no sacrifício do Altar. Por vontade do Pai, cooperando com o Espírito Santo, o Filho oferece-Se em oblação redentora. Aprendamos a conhecer e a relacionar-nos com a Santíssima Trindade, Deus Uno e Trino, três pessoas divinas na unidade da Sua substância, do Seu amor e da Sua acção eficaz e santificadora ...).

«O amor da Trindade pelos homens faz com que, da presença de Cristo na Eucaristia, nasçam para a Igreja e para a humanidade todas as graças»<sup>2</sup>.

A Igreja acredita neste mistério, adora-o e louva-o, sendo o centro da nossa fé e da nossa vida já na terra. Ao dispormo-nos agora a estudar este maravilhoso mistério tenhamos presente que o Céu consiste em contemplar face a face a Deus Uno e Trino e louvá-Lo por todo o sempre, gozando de uma felicidade sem fim.

### **1. Jesus Cristo ensinou-nos que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo**

A fé cristã professa o mistério da Santíssima Trindade como a verdade principal que Deus nos quis revelar. Jamais chegaríamos ao conhecimento desta verdade somente com as forças do nosso entendimento; por isso, damos graças a Deus que quis dar-no-lo a conhecer.

Antes de Jesus Cristo o revelar abertamente no Novo Testamento, os homens ainda não o conheciam claramente. No Antigo Testamento, Deus foi preparando o povo eleito para esta grande revelação mediante anúncios velados, que só se entendem plenamente à luz das palavras e obras de Jesus Cristo, depois da Encar-

---

<sup>1</sup> S. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Declaração *Ad fidem tuendam*, 3-III-1972.

<sup>2</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 86.

nação do Filho nas entranhas da Santíssima Virgem Maria, adquirindo para nós a salvação.

O mistério da Santíssima Trindade aparece a partir do momento da Encarnação. Quando a Santíssima Virgem estava recolhida em oração e recebeu a visita do Arcanjo S. Gabriel, este anunciou-Lhe que Deus A tinha escolhido para ser a Mãe do Seu Filho, dizendo-Lhe: *O Espírito Santo virá sobre Ti e a força do Altíssimo estenderá sobre Ti a Sua sombra. Por isso mesmo é que o Santo que vai nascer há-de chamar-se Filho de Deus* (Lc. 1, 35). Desta forma tão simples Deus revela-nos que Ele é Pai (o Altíssimo), Filho (que ia encarnar nas puríssimas entranhas da Virgem Maria) e Espírito Santo (que descera sobre a Santíssima Virgem).

Já no início da Sua vida pública, Jesus dirigiu-Se ao rio Jordão para ser baptizado por S. João. No momento do Baptismo, *eis que os céus se Lhe abriram e viu o Espírito Santo descer como uma pomba e vir sobre Ele. E uma voz vinda do céu, dizia: «Este é o Meu Filho muito amado, no Qual pus toda a Minha complacência»* (Mt. 3, 16-17). Neste episódio revela-se o mistério pois que o Filho recebe o Baptismo, o Espírito Santo aparece em figura de pomba e a voz do Pai dá testemunho do Seu Filho. Também o nosso Baptismo recorda o mistério porque recebemos o Sacramento em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Antes de subir ao céu no dia da Ascensão, Jesus dirige-Se aos Apóstolos: *Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado* (Mt. 28, 19).

A Igreja recebeu esta verdade, que guarda e ensina a todos os povos. As profissões de fé e os símbolos giram à volta do mistério trinitário. A última profissão de fé formulada pelo Papa Paulo VI, diz: «Cremos, portanto, no Pai, que gera eternamente o Filho, cremos no Filho, Verbo de Deus, que é eternamente gerado, cremos no Espírito Santo, Pessoa incriada que procede do Pai e do Filho como seu eterno amor»<sup>3</sup>.

## **2. O mistério da Santíssima Trindade e a nossa vida**

Na verdade, é mais fácil viver em intimidade com o Pai e o Filho e o Espírito Santo, que explicar este mistério tão sublime; contudo, não devemos pensar que é inútil o seu estudo. Ao conhecer mais e melhor cada Pessoa da Santíssima Trindade, podemos tratá-Las com maior intimidade e adorá-Las como convém. Porque

---

<sup>3</sup> PAULO VI, *Credo do Povo de Deus*, 30-VI-1968, n. 10.

o que ensina o Magistério da Igreja, e vivem as almas piedosas são coisas completamente certas, embora tenham um conhecimento parcial da Santíssima Trindade.

A partir do Baptismo, a nossa vida está consagrada à Santíssima Trindade, já que ele foi administrado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Quando algum objecto se vai destinar ao culto divino, empenhamo-nos em que seja de bom material, o melhor possível, porque se vai destinar ao serviço de Deus, por exemplo, um cálice. Além de ser do melhor material, há-de ser consagrado porque fica destinado ao serviço exclusivo de Deus e constituiria uma profanação o destiná-lo a outros usos.

De igual modo, mas com um valor e dignidade muito maior, quando uma pessoa é baptizada fica consagrada ao serviço de Deus. Nesse momento, Deus torna-a participante da Sua natureza divina pela graça e pode chamar Pai a Deus, pois é-o de facto: *Vede que amor o Pai nos consagrou ao chamar-nos filhos de Deus. E somo-lo de facto (...). Caríssimos, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser* (1 Jo. 3, 1-2).

É esta a razão mais profunda do nosso amor a Deus Nosso Senhor, que é nosso Pai, imitando a Jesus Cristo — Filho de Deus e nosso irmão —, dóceis às inspirações do Espírito Santo que nos santifica com os Seus dons. Na Igreja, pela Nova Aliança, selada com o sangue de Jesus Cristo, temos «a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos corações o Espírito Santo habita como num templo. A sua lei é o novo mandamento, o de amar assim como o próprio Cristo nos amou. Por último, tem por fim o Reino de Deus»<sup>4</sup>.

A graça, que nos leva a participar da vida divina, deve ser transmitida a muitos outros homens que ainda não chegaram ao conhecimento de Jesus Cristo e da Santíssima Trindade. Não podem entender a vida cristã nem gozar de todas as suas riquezas. Sofrem por isso, e devemos usar os meios para que conheçam e amem o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Por último, o gozo na fé da Santíssima Trindade impele-nos a uma contínua acção apostólica.

### **3. A Santíssima Trindade habita na alma em graça**

Enquanto caminhamos para o Céu podemos gozá-lo antecipadamente mediante a fé e a graça. Por esta, a Santíssima Trindade habita na alma: «A Trindade apaixonou-Se pelo homem, elevado à ordem da graça e feito à *Sua imagem e semelhança*

---

<sup>4</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 9.

(Gén. 1, 26), redimiou-o do pecado — do pecado de Adão que se propagou a toda a sua descendência e dos pecados pessoais de cada um — e deseja vivamente morar na nossa alma, como diz o Evangelho: *se alguém Me ama guardará a Minha palavra, e Meu Pai o amará, e Nós viremos a ele, e faremos nele morada* (Jo. 14, 23)»<sup>5</sup>.

Essa presença de Deus na alma do justo, que os teólogos chamam *inabitação* da Santíssima Trindade, começa no Baptismo pela graça que apaga o pecado original. Quando se perde a graça pelo pecado mortal, a Santíssima Trindade deixa de estar na alma; mas pode-se recuperar a graça — e a presença trinitária — com uma boa confissão.

A presença da Santíssima Trindade torna-se patente na Santa Missa, momento em que toda a Igreja se une: os membros que estão no Céu (triumfante), os que estão no Purgatório (padecente), e os que estão na terra (militante). Aí estão Nossa Senhora, S. José, os anjos e arcanjos — toda a corte celestial —, unidos com Jesus Cristo que oferece um sacrifício de adoração e louvor infinito à Santíssima Trindade. Podemos dizer que em nenhum outro momento está tão presente a Santíssima Trindade, como na Santa Missa, que é o sacrifício gratíssimo da glória divina. Por isso procuramos preparar-nos muito bem, e segui-la participando activa, consciente e frutuosa, unidos ao Senhor que Se oferece ao Pai pelo Espírito Santo.

Quando os fiéis procuram fazer do seu dia uma Missa, a Igreja, pelos seus membros vivos, torna «presente e como que visível a Deus Pai e a Seu Filho encarnado, renovando-se e purificando-se continuamente sob a direcção do Espírito Santo. Isto há-de alcançar-se, antes de mais, com o testemunho duma fé viva e adulta»<sup>6</sup>.

#### 4. Louvamos a Santíssima Trindade

Ao celebrar este Mistério na festa litúrgica, a Igreja pede: «Concedei-nos que, na profissão da verdadeira fé, reconhecamos a glória da eterna Trindade e adoremos a Unidade na Sua omnipotência»<sup>7</sup>.

Nós, os fiéis cristãos, louvamos a Santíssima Trindade em muitas ocasiões, de maneira especial na Santa Missa. A oração colecta termina sempre dirigida ao Pai, «por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amen». No cântico do *Glória* louvamos a Santíssima Trindade; exaltamo-La

<sup>5</sup> J. ESCRIVA, *Cristo que passa*, n. 84.

<sup>6</sup> VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 21.

<sup>7</sup> Solenidade da Santíssima Trindade, *Oração Colecta*.

ao fazer o Sinal da Cruz e ao dizer: «Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo». E em muitas outras ocasiões.

Com Cristo na alma termina a Santa Missa. A bênção do Pai, do Filho e do Espírito Santo acompanha-nos durante toda a jornada, na nossa tarefa simples e normal de santificar todas as tarefas nobres do homem.

«Assistindo à Santa Missa, aprenderemos a falar, a privar com cada uma das pessoas divinas: com o Pai, que gera o Filho; com o Filho, que é gerado pelo Pai; e com o Espírito Santo que procede dos dois. Habitando-nos a privar intimamente com qualquer uma das três Pessoas, privaremos com um único Deus. E se falarmos com as três, com a Trindade, privaremos também com um só Deus, único e verdadeiro»<sup>8</sup>.

Sempre que assistimos à Santa Missa, ou quando fazemos o Sinal da Cruz, ou ao dizer o Glória, o Credo e as orações que habitualmente rezamos, convivemos com a Santíssima Trindade, e a nossa vida diária vai-se assemelhando à nossa vida futura: um pensar e viver dirigidos a Deus Pai, por Nosso Senhor Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo.

### Conclusão

Deus que é Uno em essência e Trino em pessoa, criou todas as coisas, e chamou-nos à existência. Recebemos, entre outros, os dons naturais: a inteligência, a vontade, a liberdade. Com eles conhecemos e devemos amar a Deus. Sem mérito algum da nossa parte, recebemos ainda a vida sobrenatural no Baptismo: a graça, as virtudes teológicas e morais, e os dons do Espírito Santo. A vida cristã pede correspondência a esses dons de Deus, e um louvor contínuo à Santíssima Trindade.

A finalidade última do homem alcançar-se-á quando passar a gozar eternamente de Deus Uno e Trino no Céu. De Deus vimos e para Ele devemos voltar. O homem que conhece e ama a Deus, dirige para Ele o resto da criação: os animais, os vegetais e os seres inanimados. Converte assim a glória objectiva que eles dão a Deus, porque não têm liberdade, em glória formal, que é própria do ser espiritual, livre e imortal.

Todas as verdades que acreditamos e vimos a estudar referem-se directa ou indirectamente à Santíssima Trindade. O fim do nosso estudo, como o da nossa vida, é conhecer e amar o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Por isso terminamos o nosso estudo do Credo com este sublime mistério da Santíssima Trindade.

---

<sup>8</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 91.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Levá-los a compreender o papel central do mistério da Santíssima Trindade na sua vida e na vida cristã.
- Torná-los conscientes da verdade da inabitação da Santíssima Trindade na alma em graça.
- Conseguir que tenham sentimentos de adoração, agradecimento e louvor à Santíssima Trindade.

### De Liturgia e vida cristã

- Torná-los conscientes de quão importante é ser templos vivos da Trindade Beatíssima.
- Ajudá-los a aperceberem-se dos actos de adoração e glorificação da Santíssima Trindade que supõem o persignar-se, benzer-se e dizer «Glória ao Pai ...».
- Recordar-lhes que o Ano Litúrgico dedica uma festa à Santíssima Trindade: o domingo depois do Pentecostes.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar com esta breve explicação: Jesus Cristo, enquanto esteve no mundo, ensinou-nos muitas coisas. Ao longo destas aulas de Catequese temos repetido ou aprendido de novo algumas delas.

Ensinou-nos essas coisas porque é o nosso Deus mas, além disso, porque é também nosso Irmão, nosso Amigo, que deu a Sua vida por nosso amor. Aos amigos contam-se coisas que não se dizem aos outros. Por isso, Jesus Cristo dizia-nos: *Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamei-vos amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vo-lo dei a conhecer* (Jo. 15, 15).

O segredo divino mais importante que Jesus nos revelou é o Mistério da Santíssima Trindade. Falou-nos do Seu Pai, que é Deus, do Espírito Santo, que também é Deus, e disse-nos que Ele é verdadeiro Deus. E, ao mesmo tempo, disse-nos também que o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são três deuses, mas um só e único Deus. Jesus Cristo quis que os homens conhecessem a vida íntima de Deus, o maior e mais profundo de todos os mistérios: o Mistério da Santíssima Trindade.

No diálogo podem sair estas perguntas para resumir as ideias da introdução:

- Que coisas poderíamos nós saber, mesmo que Jesus não no-las tivesse dito?: Que existe Deus, que Deus criou o céu e a terra ...
- Que coisas não poderíamos saber, se Jesus não as tivesse revelado?: O mistério da Sagrada Eucaristia, a Igreja, o Espírito Santo ...
- Qual foi o mistério mais profundo de que Cristo nos falou?: O Mistério da Santíssima Trindade.

b) Conta-se que com Santo Agostinho se passou o seguinte: Estava ele dando voltas à mente tentando compreender o mistério da Santíssima Trindade. Passeava ele uma manhã pela praia e aproximou-se dum rapazito que, com uma concha na mão, levava água do mar e deitava-a num buraco que tinha feito na areia. Santo Agostinho perguntou-lhe: Que estás a fazer? E o rapazito respondeu: «Quero trazer para este buraco toda a água do mar». Respondeu-lhe o Santo: Mas, tu não vês que isso é impossível? Ao que o menino respondeu: «É mais fácil eu meter toda a água do mar neste buraco, que tu conseguires penetrar com a tua mente no mistério da Santíssima Trindade».

Interessa destacar no diálogo, sobretudo, que o mistério não o comunica Deus para que não o entendamos, mas que é normal que a nossa mente não possa compreender os mistérios de Deus. A atitude do homem é aceitá-los com fé e humildade agradecida.

## **2. Desenvolver as seguintes ideias**

- a) *A Santíssima Trindade é o mistério de um só Deus em três Pessoas iguais e distintas [distinguir entre crer e compreender o mistério].*

Os mistérios nunca os poderemos compreender porque somos limitados e os mistérios transcendem-nos. Contudo podemos, com alguns exemplos, procurar conhecê-los melhor, para que a nossa fé neles seja firme e segura.

O mistério da Santíssima Trindade consiste em que em Deus há três Pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo, cada uma das quais é Deus, mas não há três deuses, mas um só e único Deus.

Podemos comparar este mistério com o sol: o sol está no céu; produz luz; produz calor. A luz e o calor são distintos do sol? Não. Pois algo semelhante é a Santíssima Trindade. O Filho e o Espírito Santo são iguais em natureza ao Pai, mas são um só Deus. O Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus. Três Pessoas e um só Deus.

- b) *A salvação é obra de toda a Santíssima Trindade* [distinguir bem entre realização e aplicação].

Todas as coisas foram feitas por Deus, Uno e Trino. Deus criou o mundo embora a Criação se atribua ao Pai. Deus realizou a Redenção, embora só a Segunda Pessoa, o Filho, Se fizesse homem e morresse na Cruz. Deus santifica-nos, embora a santificação seja atribuída ao Espírito Santo.

- c) *A Santíssima Trindade habita na alma do homem em graça* [pode servir o texto de S. João 14, 23].

É muito difícil de explicar, mas é uma verdade que nos enche de alegria saber que desde o dia do nosso Baptismo somos templos vivos da Santíssima Trindade. Enquanto não nos mancharmos com o pecado grave, Deus Pai, Deus Filho, e Deus Espírito Santo estão na nossa alma.

Que grande mistério! Temos Deus dentro de nós. Estão ali para nos ajudar, santificar e estimular a ir para o Céu. Podemos falar com a Santíssima Trindade, sabendo que nos escuta e atende as nossas súplicas.

Isto sabemos-lo pela fé e, embora não o vejamos nem sintamos, é verdade. Quando estamos em graça somos templos vivos de Deus.

- d) *No Céu veremos a Santíssima Trindade* [unir com o tema do Céu, fazendo-lhes perguntas].

Aqui na terra sabemos que Deus está na nossa alma em graça: que nos ajuda, nos perdoa, nos ama. Mas temos de lutar, esforçar-nos, evitar o pecado. A vida é uma luta para evitar o pecado e amar a Deus cada vez mais. Se formos fiéis, Deus conceder-nos-á o melhor e o maior que Lhe é possível: O vê-lo face a face, tal como é. O grande prémio do Céu consiste em ver a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo; contemplar, por toda a eternidade, a Santíssima Trindade. Toda a imensidade, a grandeza, a formosura, a bondade de Deus, que se lança sobre esse pobre recipiente que somos cada um de nós.

Recordar o que se passou no monte Sinai. Moisés quis ver Deus face a face. O Senhor disse-lhe que nenhum homem podia vê-lo sem morrer. No Céu teremos a possibilidade de ver o que Moisés quis ver na terra: a majestade de Deus.

- e) *Temos de louvar a Santíssima Trindade* [concretizar esses momentos de louvor: ver objectivos].

Depois de tudo o que estudamos sobre o Credo, damo-nos conta de que a vida do cristão é maravilhosa: Deus amou-nos

de uma maneira incrível; criou-nos por amor, redimiu-nos dos nossos pecados, morrendo por nós; vive na nossa alma em graça e tem preparado para nós se formos fiéis, o Céu por toda a eternidade. Deixou-nos a Igreja e os seus sacramentos para que possamos saber com facilidade o que temos de fazer e de receber para viver como bons cristãos e para sermos cada dia melhores, cada vez mais santos.

Devemos corresponder a tão grande amor. Por isso, a vida do cristão deve ser um contínuo louvor à Santíssima Trindade.

Em muitas ocasiões nos referimos à Santíssima Trindade, mas talvez o façamos, por vezes, sem nos darmos conta. Por exemplo, quando nos benzemos e fazemos o Sinal da Cruz dizemos: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ao rezar o Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo. Quando rezamos o Glória na Santa Missa. Temos de procurar rezar estas orações e louvores à Santíssima Trindade de maneira consciente, e procurar que toda a nossa vida seja um contínuo louvor a Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

### 3. Perguntas-resumo

Que é a Santíssima Trindade? Quantas pessoas há em Deus? Porque dizemos que a Santíssima Trindade é um mistério? Como viver o mistério da Santíssima Trindade?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Santa Missa é um acto no qual está presente toda a Trindade. A Ela se faz contínua referência nas orações da Missa.

Recordamos uma delas, com a qual o sacerdote termina sempre a Oração Eucarística:

*«Por Cristo, com Cristo, em Cristo,  
a Vós, Deus Pai todo-poderoso,  
toda a honra e toda a glória,  
agora e para sempre,  
na unidade do Espírito Santo.»*

Devemos reparar, quando assistimos à Santa Missa, sobretudo neste momento, que nela intervém toda a Trindade.

2. O Domingo após a festa de Pentecostes é a Solenidade da Santíssima Trindade. O Prefácio desse dia é como um resumo da doutrina da Igreja sobre este mistério de Deus.

«Senhor, Pai Santo, Deus eterno e Onnipotente! É verdadeiramente nosso dever ... dar-Vos graças ... Com o Vosso Filho

Unigénito e o Espírito Santo, sois um só Deus, um só Senhor, não na unicidade de uma só pessoa, mas na trindade de uma só natureza. Tudo quanto revelastes acerca da Vossa glória, nós o acreditamos também, sem diferença alguma, de Vosso Filho e do Espírito Santo. Confessando a nossa fé na verdadeira e sempiterna Divindade, nós adoramos as três Pessoas distintas, a Sua essência única e a Sua igual majestade.»

O Prefácio que recordamos é um acto de fé da Igreja na Santíssima Trindade. Também nós nos unimos à Igreja e pedimos a Deus que aumente a nossa fé.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Aprender a responder às perguntas do Catecismo relativas ao tema.
- Fazer, no caderno, um breve resumo das ideias mais importantes da sessão.
- Em grupo, descobrir no Ordinário da Missa as vezes que nos referimos à Santíssima Trindade.
- Fazer uma redacção sobre o tema: «A Santíssima Trindade na minha vida».
- Desenhar uma grande folha de trevo.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 25-28.*

## **CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE**

*Tema 20 — Conhecemos a vontade de Deus  
pelos Mandamentos da Lei de Deus.*

**GC - 20**

### **I. ASPECTOS DOUTRINAIS**

#### **1. O universo rege-se por leis estabelecidas pelo seu Criador**

Observamos no universo uma série de fenómenos que se cumprem com regularidade. São motivo de assombro contínuo para a mente humana, que procura captar as leis que regem esses fenómenos. Descobrir essa ordem para poder colaborar com ela, utilizando-a ao seu serviço, é aonde chega a investigação humana.

Tudo isto nos leva a compreender que o encadeamento perfeito das leis não surgiu por acaso mas é fruto da Sabedoria infinita de Deus. Ele pensou, desde toda a eternidade, a criação, a sua finalidade e as suas leis para a alcançar. Bastou um decreto da Sua amável Bondade para que a criação do universo fosse uma realidade tal como no-la descreve o Génesis.

No livro dos Provérbios, encontramos um dos mais belos cânticos à Sabedoria de Deus. Sem dúvida que ele é motivado pela contemplação, cheia de fé, da maravilhosa ordem que se encontra na natureza, com as suas leis físicas, químicas, biológicas, geológicas ... (cfr. Prov. 8, 23-30).

## 2. A glória de Deus é o fim último de toda a criatura

Esta Sabedoria divina ordenou o mundo de modo que cada criatura atinja o seu fim dando, com isso, glória a Deus. Como cada uma o tem gravado nas leis da sua própria natureza, segundo o plano eterno de Deus, chama-se *lei eterna à própria razão eterna de Deus, Criador e Senhor de todo o Universo*. Visto que se identifica com a Sabedoria divina, que não está sujeita a mudança, diz-se que a lei eterna é absoluta e imutável.

Deus é a Bondade Suprema, o que quer dizer que nada há fora d'Ele que possa beneficiar-Lhe. Por conseguinte, quando, na Sua infinita Sabedoria, decretou a Criação, fê-lo unicamente por Amor, para que as Suas criaturas pudessem participar da Sua Bondade. Além disso, fê-lo com absoluta liberdade, sem a mínima necessidade. De tudo isto se deduz que o fim principal da Criação é a própria glória de Deus, que mostra o Seu poder e bondade infinitas. E quando isto não se compreende é porque temos a tendência de pensar em Deus com as nossas categorias humanas, pois só nos homens há soberba, ao quererem glória própria, uma vez que não somos o Bem e o centro de tudo, mas criaturas. Deus, ao contrário, é o Bem e o Ser e nada pode aumentar ou diminuir a Sua glória.

As criaturas irracionais cumprem a finalidade para que foram criadas, seguindo as leis naturais ou as do instinto. Resplandece assim, por meio delas, a ordem suprema estabelecida por Deus com a Sua infinita Sabedoria. Mas o homem, criatura racional, deve tornar-se imagem, como vértice da criação, dessa bondade natural das outras criaturas e proclamar a glória de Deus com a sua inteligência e vontade. Só nessa altura o homem é homem, já que a realização pessoal consiste em chegar à plenitude cumprindo a sua própria finalidade. E essa finalidade é dar livremente glória a Deus: uma finalidade que não foi traçada pelo homem, mas que ele deve cumprir.

Quando não se está perto de Deus isto pode ser difícil de compreender porque se interpõe a soberba, da qual é próprio querer reger tudo sem ser regido por ninguém. Mas quando se ama a Deus isto torna-se fácil de compreender e usam-se os meios sobrenaturais para rectificar a intenção até buscar em tudo somente a glória de Deus.

E com isto alcança-se também a verdadeira felicidade que é fruto da posse de Deus.

Portanto, a consideração da acção criadora de Deus leva-nos a sentir a necessidade de procurar a Sua glória acima dos próprios interesses, e também a saber que somos mais humanos, quando

seguimos livremente a lei de Deus escrita no coração, «em cuja obediência consiste a dignidade humana»<sup>1</sup>.

### 3. Esta lei de Deus, gravada nos nossos corações e que conhecemos pela razão, é a lei natural

As leis impostas por Deus aos seres estão de acordo com a sua natureza. Mas o homem foi criado com uma natureza racional e livre, capaz de conhecer o bem e de escolhê-lo. Daí que, neste caso, a lei eterna receba o nome de *lei natural*, porque pede a colaboração livre do homem para poder atingir o fim que é a glória de Deus, ao contrário do que acontece como o resto da criação.

Esta lei natural é também *universal e imutável*: não está em nossas mãos mudá-la ou arranjar outra a nosso bel-prazer. E obriga a todos os homens de todos os tempos. Além disso, está *gravada na consciência*, de cada homem, que ajuíza as suas acções para as aprovar ou reprovar. Finalmente, pode *ser conhecida* nos seus princípios fundamentais pela mesma inteligência, quando se lhe não põe obstáculos na sua tendência natural de alcançar a verdade. Por esta razão se compreende o juízo que S. Paulo faz dos pagãos que, podendo conhecer Deus e as Suas leis, não chegaram a isso por culpa dos seus erros (cfr. Rom. 1, 18-32).

Contudo, embora a razão humana, absolutamente falando, possa chegar a conhecer a lei natural, são muitos os obstáculos que o homem encontra para isso: o entendimento humano encontra dificuldades para adquirir tais verdades, seja por causa dos sentidos ou da imaginação, seja pelas más concupiscências derivadas do pecado original<sup>2</sup>. Portanto, «acontece que nestas coisas, os homens facilmente se convencem de que é falso ou duvidoso o que não querem que seja verdadeiro. Por tudo isso, deve defender-se que a revelação divina é moralmente necessária para que, no actual estado do género humano, com facilidade, com firme certeza e sem nenhum erro, todos possam conhecer as verdades religiosas e morais que, de si, não se acham fora do alcance da razão»<sup>3</sup>.

Daí que o Senhor tenha confiado à Sua Igreja também o poder de interpretar autêntica e legitimamente a lei natural; poder que o Magistério eclesiástico exerceu com autoridade desde os começos da sua fundação: «Nenhum fiel quererá negar que com-

---

<sup>1</sup> VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 16.

<sup>2</sup> Cfr. PIO XII, Enc. *Humani Generis*, 12-VIII-1950.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

pete ao Magistério da Igreja interpretar também a lei moral natural. É incontestável, na verdade, como declararam muitas vezes os Nossos Predecessores, que Jesus Cristo, ao comunicar a Pedro e aos Apóstolos a Sua autoridade divina e ao enviá-los a ensinar a todos os povos os Seus mandamentos, os constituiu guardas e intérpretes autênticos de toda a lei moral, ou seja, não só da lei evangélica, mas também da natural, pois ela é igualmente expressão da vontade divina e a sua observância é também necessária para a salvação»<sup>4</sup>.

Esse Magistério, com a assistência do Espírito Santo, ensina-nos que existe uma Lei eterna, absoluta, universal e imutável, que permanece para sempre, comunicada à criatura humana não só pela Revelação, mas também através de uma lei impressa na sua natureza, pela qual o homem descobre a Vontade de Deus, e pode amá-la e cumpri-la: «No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração»<sup>5</sup>.

#### **4. Deus não se contentou em gravar essa lei na consciência, mas revelou a Sua vontade a Moisés no Decálogo**

Os preceitos da lei natural estão resumidos e explicados nos dez Mandamentos ou Decálogo, que Deus entregou a Moisés no Sinai. O relato pode ver-se no capítulo 20 do Êxodo. Representam a expressão da infinita Sabedoria e amável Vontade de Deus que encaminha o homem para o seu último fim sobrenatural.

Se o homem cumprisse, com a mesma perfeição que o resto do universo, a sua lei natural, alcançaria a plenitude e seria feliz. O segredo da felicidade do homem está em sujeitar-se voluntariamente à lei de Deus. Enquanto caminha nela está a santificar-se mas quando se afasta dela, destrói-se. Como o automóvel que, dentro da pista, corre veloz para o termo da sua viagem, mas quando sai dela já não avança e até se destrói.

Por isso é muito importante que formemos uma consciência recta que descubra em si mesma e sem erro a lei de Deus. E isso consegue-se quando se seguem fielmente os ensinamentos do Magistério da Igreja. Dar-nos-emos conta de que, apesar do ambiente materialista, as leis morais continuam a ser hoje as mesmas de sempre, e temos de ser exemplares no seu cumprimento: «A pró-

---

<sup>4</sup> PAULO VI, Enc. *Humanae Vitae*, 25-VII-1968, n. 4.

<sup>5</sup> VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 16.

pria consciência dos cristãos deve ser instruída também na existência de normas absolutas, obrigatórias em todos os casos e para todos»<sup>6</sup>.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem os Dez Mandamentos da Lei de Deus.
- Compreender que os Mandamentos nos apontam, de maneira certa e segura, o que devemos fazer.
- Compreender que não é possível amar de verdade a Deus sem cumprir cada um dos Mandamentos.
- Dar-se conta de que os Mandamentos são os mesmos para todos os homens de todos os tempos e não podemos mudá-los.

### De Liturgia e vida cristã

- Habituar os alunos a dizerem sempre *sim* a Deus.
- Fazer diariamente o Oferecimento das obras do dia, ao levantar-se.
- Estimular a gratidão a Deus por nos ter apontado o caminho do Céu.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode começar-se contando a seguinte história:

«Íamos em direcção a Lisboa a 110 km./hora por uma auto-estrada maravilhosa. De repente, fomos ultrapassados, de modo perigoso, por um automóvel que não fazia caso do limite de velocidade; mais que correr, ele voava. Quase nos causava um acidente.

«Ainda nós falávamos do caso quando ao longe o avistámos a sair da auto-estrada. Arrombou as placas de protecção e precipitou-se por uma ribanceira no meio duma nuvem de pó. Quando lá chegámos, o automóvel estava destroçado e já algumas pessoas retiravam os seus ocupantes. O seu estado era gravíssimo.

«Ficámos impressionados e ao retomar a viagem, comentávamos: a auto-estrada é uma via estupenda porque é rápida e

---

<sup>6</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO DO CLERO, *Directório Catequístico Geral*, Roma, 1971, n. 63.

segura. Mas nada mais perigoso que sair-se dela em plena marcha por falta de respeito dos sinais».

Estabelecer um diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas: Esse automóvel ia por bom caminho?: Sim. Porque saiu ele da auto-estrada?: Pela imprudência de não respeitar os sinais. Que consequências teve para ele e para os outros ocupantes essa imprudência?: Pôr em perigo a sua própria vida e a vida dos outros.

b) Explicar amplamente os capítulos 19 e 20 do Livro do Êxodo. Seria conveniente acentuar, de modo especial, a atitude do povo de Israel e o cuidado que Deus teve para o preparar, os sinais que manifestaram a vinda de Deus, a obediência de Moisés, et. Deus quis escrever os Dez Mandamentos sobre tábuas de pedra, para que não caíssem no esquecimento (cfr. Êx. 24, 12; 31, 18).

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *O homem tem um fim* [pode-se perguntar se sabem qual é].

Os homens têm um fim, que consiste em dar glória a Deus, amando-O e obedecendo-O na terra, e ser feliz com Ele no Céu por toda a eternidade. Deus viu que os homens iam por mau caminho e que não conseguiriam chegar ao Céu; por isso, quis mostrar-lhes o bom caminho, o modo claro de chegar ao Céu. Deus quis ajudar os homens para que conseguissem o fim para que tinham sido criados revelando-lhes os Dez Mandamentos.

b) *As coisas criadas têm uma ordem* [pedir aos alunos que dêem exemplos].

Todas as coisas criadas apareceram ordenadas, segundo umas leis naturais. Por exemplo, a Terra gira à volta do Sol, as plantas dão flores na Primavera, o homem sente remorsos quando faz algum mal, etc.

c) *Essa ordem foi imposta pela Sabedoria de Deus* [mostrar-lhes que onde há uma ordem, há uma pessoa inteligente: ordem em casa, colégio, etc.].

Essa ordem não é fruto do acaso, mas foi pensada pela Sabedoria de Deus. Ele ordenou o mundo de modo que cada criatura cumpra o seu fim: os minerais, as plantas, os animais e o homem. Como foi pensada por Deus, essa ordem não muda mas cumpre-se sempre. Chamamos a essa ordem *lei eterna*.

- d) *Deus deu inteligência ao homem para conhecer a própria lei* [perguntar-lhes se é fácil conhecer as leis da natureza].

Os sábios têm de se esforçar para descobrir as leis da natureza. Ao contrário, o homem descobre a sua lei com facilidade, porque está gravada no seu coração. Foi aí que Deus a colocou para que possamos fazer a Sua vontade. Chamamos a essa lei, *lei natural*.

- e) *Esta lei está nos Mandamentos dados a Moisés* [ler e comentar o texto do Êxodo que se transcreve].

Mas Deus não se contentou com gravar no coração do homem a Sua lei, mas manifestou claramente a Sua vontade a Moisés no Monte Sinai dando-lhe os Dez Mandamentos. O texto diz assim:

*Na manhã do terceiro dia, houve trovões e relâmpagos, uma espessa nuvem cobriu o monte (Êx. 19, 16).*

*O Senhor pronunciou, então, todas estas palavras: «Eu sou o Senhor teu Deus ... Não terás outro deus além de Mim ... Não pronunciarás em vão o nome do Senhor, teu Deus ... Recorda-te do dia de sábado para o santificar ... Honra o teu pai e a tua mãe ... Não matarás ... Não cometerás adultério ... Não roubarás ... Não dirás falso testemunho contra o teu próximo ... Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo ...».*

- f) *Jesus aperfeiçou essa lei. A Igreja transmite-no-la* [utilizar os textos assinalados].

Esta lei foi aperfeçoada por Jesus Cristo (ver, por exemplo, Mt. 5, 17) e aperfeçoou-a resumindo-a no amor de Deus (ver Mt. 22, 35-40). E o próprio Jesus apresentou-Se como o caminho para alcançar a vida eterna: *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida* (Jo. 15, 6). A Igreja, continuadora da obra redentora de Cristo, é quem nos transmite e interpreta a lei dada por Deus.

- g) *Os homens devem cumprir esses Mandamentos* [recordar de novo a história da introdução e as suas consequências].

Todas as coisas vão seguindo a lei de Deus. Porém, o homem é livre e pode não a seguir. Quando assim actua ofende a Deus e causa dano a si próprio. Ao contrário, cumprindo os mandamentos, temos a certeza de que cumprimos a Vontade de Deus.

São para nós o melhor e único caminho: quem não os cumpre não se salva, condena-se.

h) *Animá-los a aprender muito bem, de cor, os mandamentos para os poderem cumprir* [fazer uma breve explicação de cada mandamento].

Os Dez Mandamentos da Lei de Deus são os sinais indicadores que nos avisam dos perigos, e, ao mesmo tempo, nos revelam o modo de agir rectamente. Por isso, para os podermos cumprir, temos de os conhecer muito bem e sabê-los de cor.

### 3. Perguntas-resumo

Porque foi que Deus nos entregou os Dez Mandamentos? A quem os deu? Que mandamentos deve cumprir o cristão? Que é a lei de Deus? Quem é o nosso modelo no cumprimento da lei de Deus? Quais são os Dez Mandamentos da lei de Deus?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Se cumprirmos os Mandamentos seremos os filhos queridos de Deus e nunca nos afastaremos d'Ele, e Deus nos perdoará e defenderá sempre. Estas ideias encontramos-las na oração que Jesus nos ensinou:

*Pai Nosso, que estais no Céu  
santificado seja o Vosso nome  
venha a nós o Vosso Reino  
seja feita a Vossa vontade ...*

2. Para exprimirmos o nosso agradecimento a Deus, devemos estar muito atentos. Quando se lê a Palavra de Deus na Santa Missa, é Deus Quem nos fala e indica o que devemos fazer. Explicar que as três cruzes que fazemos sobre a testa, a boca e o peito antes de lermos o Evangelho, indicam que os nossos pensamentos vão estar com atenção ao que Deus nos diz, as nossas palavras louvarão a Deus e os nossos desejos vão cumprir o que ouvimos que Deus nos ensina por meio do Evangelho. É tal a categoria do Evangelho que por isso o sacerdote o beija ao acabar de o ler.

3. Para animar os alunos perante as dificuldades que podem encontrar no cumprimento dos Mandamentos pode ajudar o comentário do versículo que se reza antes do Evangelho na missa dos mártires: *Feliz o homem que suporta a tentação, porque, depois de ter sido provado, receberá a coroa da vida* (Tiago 1, 12).

4. Para pedirmos a Jesus que nos ajude no cumprimento dos Mandamentos, podemos fazê-lo com as palavras seguintes:

*Ensinai-me a observar a Vossa lei  
e a guardá-la de todo o coração;  
guiai-me pelas sendas das Vossas leis,  
porque nelas me deleito (Salmo 118(119), 34-35).*

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das ideias expostas. Podem ilustrá-lo com desenhos, fotografias, etc.
- Escrever uma breve oração, inventada pelos alunos, que possa servir de *Oferecimento das obras do dia*.
- Desenhar Moisés com as Tábuas da Lei ou desenhar estas com os Dez Mandamentos.
- Fazer uma breve redacção sobre a frase seguinte: *Os que fazem a vontade de Meu Pai Celestial, esses são os Meus irmãos.*
- Desenhar uma montanha com um caminho que sobe até ao alto. Colocar sinais de cada um dos mandamentos ao longo desse caminho.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 209-213.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 21

*Tema 21 — Conhecemos a vontade de Deus  
pelos Mandamentos da S.<sup>ta</sup> Igreja.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. O Romano Pontífice e os Bispos são autênticos representantes de Deus na terra

O Evangelho de S. João recolhe as palavras de Jesus: *Como o Pai Me enviou, assim também Eu vos envio a vós* (Jo. 20, 21). Desta maneira a Igreja continua na terra, até ao fim do mundo, a Redenção realizada por Jesus Cristo com a Sua mesma autoridade, com a assistência do Espírito Santo. Quis, além disso, que esta autoridade fosse exercida de maneira ordenada, dando a S. Pedro o primado do poder.

Jesus Cristo prometeu primeiramente e depois entregou a Pedro o poder de atar e desatar com autoridade suprema. Quis conceder-lhe, a ele e aos seus sucessores, os Papas, a faculdade de promulgar leis que obrigassem verdadeiramente os seus súbditos. S. Mateus assinala-o na seguinte passagem: *Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a Minha Igreja (...). Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus, e tudo quanto ligares na terra ficará ligado nos céus, e tudo quanto desligares na terra será desligado nos céus* (Mt. 16, 18-19).

Os Apóstolos receberam essa mesma autoridade de Jesus Cristo, conforme se lê em Mt. 18, 18, onde se fala também de

atar e desatar, que deve ser entendido em relação com o poder de Pedro. Será pois a Hierarquia da Igreja quem há-de exercer este poder concedido pelo Senhor a Pedro, aos Apóstolos e aos seus legítimos sucessores: o Papa e os Bispos. A doutrina sobre o Primado do Papa e a sua infalibilidade foi definida como dogma de fé no Concílio Vaticano I<sup>1</sup>.

## 2. A Igreja tem poder para promulgar leis

Como a missão confiada por Jesus Cristo aos Apóstolos, chefiados por Pedro, não era somente para um determinado tempo mas para durar até ao fim dos tempos, era necessário que se transmitisse aos seus sucessores. Os Bispos sucedem aos Apóstolos pois presidem em nome de Deus ao rebanho de quem são constituídos Pastores: «Ensina, por isso, o sagrado Concílio que, por instituição divina, os Bispos sucedem aos Apóstolos, como pastores da Igreja; quem os ouve, ouve a Cristo; quem os despreza, despreza a Cristo e Aquele que enviou Cristo»<sup>2</sup>.

Ensina também a Igreja que, por disposição de Cristo, Pedro e os outros Apóstolos formavam um só Colégio Apostólico. Do mesmo modo hoje estão unidos entre si o Papa e os Bispos.

Esse carácter colegial da Hierarquia da Igreja demonstram-no ordinariamente os Bispos que estão em comunhão com o sucessor de Pedro. E aparece também, com especial clareza, nos Concílios Ecuménicos. Convém esclarecer, porém, que nem o Colégio Episcopal nem o Concílio Ecuménico têm autoridade se não estão em união com o Papa, Supremo Pastor da Igreja.

Para governar uma sociedade e conduzi-la para os seus fins próprios, é necessário uma autoridade que possa governar mediante leis. No caso de uma sociedade civil, essas leis têm por finalidade o bem temporal dos homens. Mas no caso da Igreja as leis têm outra categoria superior pois participam do divino, precisamente pela assistência do Espírito Santo que foi enviado por Jesus Cristo, e porque têm como finalidade facilitar a salvação eterna das almas.

Se as leis civis, que buscam o bem temporal, podem obrigar em consciência — recordemos o ensino paulino: *Quem resiste, pois, à autoridade, opõe-se à ordem estabelecida por Deus, e os que lhe resistem atraem sobre si a condenação* (Rom. 13, 2) —, com muita mais razão, dentro da Igreja, o Romano Pontífice e os Bispos podem dar leis em matéria de fé e costumes que obriguem em consciência os seus súbditos. Concretamente o Papa e o Con-

---

<sup>1</sup> Cfr. VATICANO I, *Pastor Aeternus*, cap. 1, 2 e 4, Dz 1821 ss.

<sup>2</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 20.

cílio Ecuménico podem dar leis que obriguem todos os fiéis de qualquer parte do mundo; os Bispos ao contrário, só aos fiéis da sua diocese.

Essa identidade de poderes entre Cristo e a Cabeça com os Bispos é reconhecida por Santo Agostinho, ao dizer que a Igreja «possui Cristo por Cabeça, que governa do Céu o Seu corpo. E, embora esta Cabeça não seja visível ao corpo, está, contudo, a ele unida pelo amor»<sup>3</sup>.

Portanto, a Igreja é, ao mesmo tempo, divina — pela sua origem, fim e meios — e humana — composta por homens; por isso, actua de acordo com o poder de dar leis que obrigam em consciência: são os preceitos gerais da Igreja que afectam todos os cristãos, e o conjunto de leis que foram promulgadas ao longo dos séculos. Referem-se às relações entre a Hierarquia e os outros fiéis, à administração dos Sacramentos e a processos penais eclesiásticos. Estas leis estão recolhidas no Código de Direito Canónico.

### **3. Os cinco Mandamentos da Igreja são leis que aperfeiçoam a nossa vida cristã**

Recebem este nome os cinco Mandamentos não estabelecidos por Jesus, mas pelos sagrados Pastores a quem entregou o governo da Igreja. Não foram ditados para impor novas obrigações ao fiéis, mas para concretizar e explicar a lei de Deus, e a vontade de Jesus Cristo. E acontece que, enquanto os preceitos da lei de Deus jamais poderão ser modificados, estes mandamentos podem sê-lo, por se tratar de leis humanas.

O *primeiro* mandamento tem por objecto as festas e prescreve «ouvir Missa inteira e abster-se de trabalhos servis nos domingos e festas de guarda». Assim determina e aplica a lei natural divina de adorar a Deus e de Lhe tributar culto interna e externamente.

O *segundo* e *terceiro* mandamentos têm por objecto a confissão e a comunhão, e prescrevem «confessar-se ao menos uma vez cada ano» e «comungar pela Páscoa da Ressurreição». A origem de ambos remonta a Jesus Cristo, e foram cumpridas pelos cristãos desde o início, sem que a Igreja os impusesse como obrigação. Mas, com o decorrer dos séculos, para que não houvesse dúvidas nem desleixos, a Igreja determinou estes mandamentos.

O *quarto* mandamento determina a lei da penitência que Jesus indicou como necessária para alcançar o Céu (Lc. 13, 15); diz ele: «Guardar abstinência e jejuar nos dias determinados pela

---

<sup>3</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos*, 56 (PL 36, 662).

Igreja». Quando surgiu o perigo de os cristãos esquecerem este dever de fazer penitência, a Igreja sancionou-o com essa lei, que concretiza uma forma prática de o viver.

Finalmente, o *quinto* mandamento indica que se contribua, segundo o costume e as possibilidades de cada um para as obras do culto e sustento dos ministros de Deus. Manda por isso «contribuir para as despesas do culto, e para a sustentação do clero, segundo os legítimos usos e costumes da Santa Igreja».

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Recordar que a Igreja recebeu de Jesus Cristo o poder de dar as leis de que precisamos para cumprir a vontade de Deus.
- Compreender que não podemos desobedecer à Igreja e pensar que obedecemos a Deus.
- Destacar que a Santa Madre Igreja nos quer ajudar com os seus Mandamentos a cumprir os Mandamentos da Lei de Deus.

### De Liturgia e vida cristã

- Habituar os alunos a pedir todos os dias pelas necessidades da Igreja e a rezar pelo Papa e pelos Bispos.
- Despertar nos alunos o interesse pelos actos de culto que a Igreja celebra.
- Mostrar como a catequese é um meio pelo qual a Igreja nos ajuda a caminhar para o Céu.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar a sessão recordando a importância que têm as leis e regulamentos nos jogos e desportos. Mais ainda, a importância que têm quando não é um prémio que se deseja alcançar, mas antes a morte ou uma catástrofe o que se deseja evitar; por exemplo: as leis de trânsito.

Acerca disto, podem ser referidos alguns acontecimentos recentes em que se veja claramente as consequências que o não cumprimento de certas normas ocasiona a quem não as cumpre e aos outros.

Neste ponto de partida convém que os alunos intervenham desde o princípio, dando-lhes possibilidade de contar algum facto que reforce a ideia.

b) Pode ser muito útil também, para relacionar, desde o princípio, os temas da vontade de Deus com os Mandamentos da Igreja, comentar a frase de Cristo: *Quem vos ouve é a Mim que ouve, e quem vos rejeita é a Mim que rejeita; mas quem Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou* (Lc. 10, 16).

Convém mostrar, com simplicidade, como há uma linha directa para conhecer a vontade de Deus: a Igreja, que fala em nome de Deus.

O diálogo pode iniciar-se a propósito da frase do Evangelho ou explicação da mesma, por exemplo, perguntando: «A quem se refere o Senhor quando diz 'vos ouve'»? Refere-se só aos Apóstolos?

## **2. Desenvolver as seguintes ideias**

a) *Por meio da Igreja, Jesus encaminha-nos para a salvação* [comentar o texto de Jo. 20, 21-23].

Jesus indica-nos o caminho para cumprirmos a vontade de Deus. Antes de subir ao Céu, funda a Igreja para que ela continue na terra a Sua missão.

b) *Jesus deu poder à Igreja de nos impor Mandamentos* [usar o texto de Mt. 28, 30].

Jesus enviou os Seus apóstolos por todo o mundo para que nos ensinem a guardar tudo o que Ele nos mandou e deu-lhes a Sua autoridade: *Quem vos ouve é a Mim que ouve* (Lc. 10, 16). Em virtude dessa autoridade, a Igreja dá-nos os seus Mandamentos.

c) *Estes Mandamentos são uma prova do carinho da nossa Mãe Igreja porque nos ajudam a cumprir os Mandamentos da Lei de Deus* [recordar-lhes o comentário a Lc. 10, 16 do começo da sessão].

Temos que alcançar uma meta que é a nossa felicidade eterna com Deus. Sabemos que Jesus nos indica o caminho e nos adverte dos perigos que encontraremos. Por isso pôs ao nosso lado a Igreja como Mãe para que nos desse os meios mais convenientes para percorrer esse caminho com rapidez e segurança. Entre esses meios, têm importância especial os Cinco Mandamentos da Igreja.

d) *Explicar brevemente o conteúdo dos Mandamentos da Igreja.*

1. *O primeiro, ouvir Missa inteira e abster-se de trabalhos servis aos Domingos e festas de guarda.*

Este Mandamento obriga, sob pecado mortal, a todos os fiéis que têm uso da razão e completaram já sete anos. Deste modo, a Igreja concretiza e facilita-nos o cumprimento do terceiro mandamento da Lei de Deus. Além disso, ensina-nos a importância da Santa Missa para que nela participemos com mais frequência.

*2. O segundo, confessar ao menos uma vez cada ano, os pecados mortais e em perigo de morte e quando se tiver de comungar.*

Como aos sete anos já se tem o uso da razão, já se podem cometer pecados mortais; por isso a Igreja dispõe, desde essa altura, a necessidade da Confissão Sacramental. Se se está em pecado mortal, é necessário confessar-se antes de comungar. É conveniente confessar-se com frequência para poder vencer os perigos do caminho. A Igreja oferece-nos assim o remédio quando não cumprimos alguns dos Dez Mandamentos da Lei de Deus.

*3. O terceiro, comungar pela Páscoa da Ressurreição.*

A Eucaristia é um mistério que jamais chegaremos a compreender. No entanto, desde a idade do uso da razão que nos podemos dar conta da sua importância. Por isso, a Igreja fixa desde esse momento a necessidade de recorrer à Sagrada Comunhão, devidamente preparados com o Sacramento da Penitência. Põe como mínimo uma vez por ano, embora deseje que comuniquemos com mais frequência. Deste modo ajuda-nos a cumprir melhor o terceiro Mandamento da Lei de Deus.

*4. O quarto, guardar abstinência e jejuar nos dias determinados pela Igreja.*

Não podemos viver como pagãos que não dominam os seus apetites e, por isso, os cristãos fazem sacrifícios. Para que não nos esqueçamos de os fazer com frequência, a Igreja obriga-nos a esses sacrifícios nas refeições.

*5. O quinto, contribuir para as despesas do culto e para a sustentação do clero, segundo os legítimos usos e determinações da Igreja.*

Como a Igreja é Mãe, preocupa-se com todas as necessidades dos seus filhos: as espirituais e as materiais. Para isso pede orações, sacrifícios e esmolas. Com estas últimas pode ajudar os filhos mais necessitados: que são os pobres, as missões, os seminário, etc. A ajuda material que os cristãos têm obrigação de prestar à Igreja serve, além disso, para o esplendor e dignidade do culto (edifícios, vasos sagrados, paramentos, música, etc.).

### 3. Perguntas-resumo

Que poder deu Jesus Cristo à Sua Igreja? Quem são os sucessores dos Apóstolos? Nós, os cristãos, estamos obrigados a cumprir os Mandamentos da Igreja? Quantos e quais são os Mandamentos da Igreja?

#### C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. O domingo é um dia diferente dos outros dias da semana. Celebramos o *Dia do Senhor*, porque foi nesse dia que Jesus ressuscitou. Os que amam a Jesus alegram-se do Seu triunfo e por isso, em cada Domingo, recordamo-lo participando com atenção na Santa Missa.

2. A *oferta* é a quantia de dinheiro que entregamos nos domingos para ajudar a Igreja no culto que tributa a Deus ou para fazer face a qualquer outra necessidade. Também podemos colaborar com a Igreja nas campanhas que organiza para ajudar as Missões, etc.

#### D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo no caderno das principais ideias tratadas na sessão, ilustrando-as com gráficos ou fotografias.
- Pintar um rebanho de ovelhas em que o pastor vai à sua frente.
- Explicar em que consiste cada um dos cinco Mandamentos da Igreja.
- Fazer um breve comentário à seguinte frase de Jesus aos Apóstolos: *Ensinai-lhes a praticar tudo o que vos mandei.*

#### E) PERGUNTAS DO CATECISMO

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 108-114.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 22

*Tema 22 — Toda a Lei de Deus  
se resume na caridade.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. Todos os mandamentos se resumem na caridade

O Evangelho recolhe a momento em que Jesus Cristo resume todos os mandamentos na caridade, quando um dos fariseus lhe pergunta: *Mestre, qual o maior mandamento da Lei?* Jesus disse-lhe *«Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é-lhe semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas»* (Mt. 22, 36-40). Por isso, antes de se tratar, em particular, de cada um dos mandamentos da Lei de Deus ou da Igreja convém recordar que todos eles hão-de estar animados pela caridade.

Com efeito, Cristo resume em dois todos os mandamentos e ordena-os entre si: o primeiro é o amor incondicional a Deus, e o segundo é consequência e efeito do primeiro. Quem ama de verdade a Deus ama também o seu próximo, porque somos irmãos redimidos pelo sangue de Cristo. *D'Ele temos este mandamento: Quem ama a Deus, ame também o seu irmão* (1 Jo. 4, 21).

Ao estudar o Credo, os Mandamentos e os Sacramentos, uma coisa nos interessa acima de todas: a santidade própria e alheia,

que consiste na identificação com Jesus, que só se consegue pela verdadeira caridade. Daí o começarmos por esta virtude teologal. É o que afirma o Magistério da Igreja: «É, pois, claro a todos, que os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Na própria sociedade terrena, esta santidade promove um modo de vida mais humano (...). Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do Povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de tantos santos»<sup>1</sup>.

## **2. A caridade é uma virtude sobrenatural pela qual amamos a Deus**

A principal virtude teologal é a caridade, que é uma virtude sobrenatural pela qual amamos a Deus por Si mesmo sobre todas as coisas e a nós e ao próximo por amor de Deus. A caridade tem, pois, um tríplice objecto: Deus, nós e o próximo. A Deus sobre todas as coisas e mais que ao próximo, e ao próximo como a nós mesmos. E, neste último caso, o mandamento de Jesus exige que amemos os outros como Ele os ama, e não só com actos externos mas também com afecto interno.

Porque é sobrenatural, a caridade não se pode adquirir com o esforço humano mas tem de nos ser concedida por Deus. Daí que nem todo o movimento carinhoso para com Deus e para com os outros seja caridade. Além disso, o amor não consiste no sentimento ou emoção mas num acto próprio da vontade. Se, às vezes, aparecem unidos é porque a alma está unida ao corpo de tal modo que se influenciam mutuamente. Mas um anjo, por exemplo, não experimenta nenhuma emoção, por não ter corpo, e, apesar disso, ama intensamente.

Esta caridade que Deus dá e que reside na vontade é a mais importante de todas as virtudes: *Agora subsistem estas três: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior delas é a caridade* (1 Cor. 13, 13). Quer dizer, a caridade é a virtude que torna possíveis as outras, visto que é amor e este proporciona a vida. Ora bem, a negação do amor é a destruição da vida e isso dá-se, na ordem sobrenatural, com o pecado mortal. *Pelo pecado mortal perde-se a caridade e não há capacidade para produzir frutos sobrenaturais*; embora possa haver certa eficácia humana. A caridade é, pois, inseparável da graça: recebem-se juntas e perdem-se juntas<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 40.

<sup>2</sup> Cfr. CONCÍLIO II ORANGE, ano 529, Dz 198.

Os motivos do amor a Deus aparecem indicados nas palavras de Jesus Cristo: *Amarás o Senhor, teu Deus*. Devemos amá-lo porque é o Senhor dos céus e da terra, porque é Deus que possui a plenitude de toda a perfeição e porque é nosso, já que Se nos deu na Encarnação e O encontramos actualmente na Eucaristia.

Por isso, não podemos limitar-nos a cumprir nem a procurar a recompensa, mas havemos de procurar amá-lo com *amor de predilecção*, purificando-nos até preferir Deus sobre todas as coisas; amá-lo com todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças (cfr. Mc. 12, 30).

### 3. Chamada universal à santidade

São constantes e urgente — nestes tempos difíceis — as exortações do Magistério a que procuremos efectivamente a santidade: «Munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho»<sup>3</sup>.

Esta santificação é uma obra divina na alma do justo, de que o Espírito Santo toma posse. Ele vai modelando no cristão a imagem de Jesus Cristo até chegar a ter os Seus mesmos sentimentos de caridade, cumprimento amoroso da vontade do Pai, e do amor ao próximo efectivo e afectivo.

Pede-se-nos um progresso constante na santificação das nossas almas e na colaboração para santificar os outros (apostolado). Para isso é necessário esforçar-se por acabar com as próprias resistências à acção do Espírito Santo e superar as dificuldades com prudente paciência. Para além disso devemos recorrer aos meios de santificação instituídos por Jesus Cristo que a Igreja põe à nossa disposição: participação frequente nos sacramentos, penitência e abnegação de si mesmo, ao exercício de todas as virtudes, e ao serviço do próximo, «pois a caridade, vínculo da perfeição e plenitude da lei (cfr. Col. 3, 14; Rom. 13, 10), é que dirige todos os meios de santificação, os informa e leva a seu fim»<sup>4</sup>.

Ao serem constituídos, pela graça, como filhos de Deus e ao responderem com humildade à chamada de Deus os cristãos caminham para a santidade: «Não há cristãos de segunda categoria, obrigados a pôr em prática somente uma versão com desconto do Evangelho: todos recebemos o mesmo baptismo e, embora exista uma ampla diversidade de carismas e de situações humanas,

---

<sup>3</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 11.

<sup>4</sup> *Ibidem*, n. 42.

é um mesmo o Espírito que distribui os dons divinos, uma mesma fé, uma mesma esperança, uma mesma caridade»<sup>5</sup>.

O amor ao próximo ilumina-se no amor a Deus pois não são duas caridades diferentes: amamos o próximo por amor de Deus. Interessa muito ter esta ideia, para distinguir a verdadeira caridade cristã de outros amores que nada têm de comum com ela, a não ser a aparência externa. Porque podem aparecer amores egoístas quando se insinua a procura da excelência própria ou do próprio interesse na relação com os outros. Pelo contrário, é próprio do amor autêntico difundir-se até aos outros para fazer o bem. Assim o amor de Deus tem como próprio criar e tornar bom o que ama, e não como acontece entre os homens que amamos o que antes tem razão do bem. Contudo o homem pode aproximar-se da sublimidade do amor divino entregando-se generosamente pelos outros e rectificando a intenção.

Por isso dizíamos que o amor não consiste fundamentalmente num sentimento ou emoção, já que reside na vontade que se dirige para o Bem. Assim, o que constitui o verdadeiro amor a Deus e aos outros por Ele é a firmeza da vontade. E sendo sincero o nosso amor a Deus, é natural então que amemos a todos aqueles que Ele ama, pois os criou e por eles morreu. O amor sobrenatural ao próximo, que é a caridade, evidencia-se ao desejar-lhes o bem, especialmente a sua salvação eterna, ao rezar por eles, ao perdoar-lhes e ajudá-los com generosidade.

Podemos dirigir a nossa vontade para as outras pessoas por amizade, por reconhecimento, por simpatia ou altruísmo, e até por sensualidade. Mas nem todas são manifestações de caridade pelo que convém precisar. Por exemplo, pode-se falar de modo analógico da caridade como amizade com Deus, pois fundamenta-se na comunicação ao homem da bem-aventurança divina. E em relação ao próximo é precisamente essa semelhança de natureza, que é a graça santificante, que permite amá-lo com o amor de Deus. A este propósito lembra S. Tomás que há três tipos de amor: dois deles não são amor, verdadeiro apenas o é o último. Não o são o amor que se fixa no útil para si mesmo ou o que se prende ao que lhe causa deleitação mas sim o que se baseia na virtude e no bem da pessoa ou objecto amado<sup>6</sup>.

Em contraste com esses amores não plenamente sobrenaturais, Jesus Cristo deu um sólido fundamento desse amor aos outros e uma meta mais alta. Isto faz com que nos amemos por sermos filhos de Deus e tendo como modelo o amor de Jesus

---

<sup>5</sup> J. ESCRIVA, *Cristo que passa*, n. 134.

<sup>6</sup> Cfr. S. TOMÁS, *Escritos de Catequese*, Rialp, Madrid, 1975, pp. 219-220.

Cristo (cfr. Jo. 13, 34-35). Daí que a caridade seja ordenada: ama primeiro quem está ao lado (o próximo): família, amigos, companheiros, irmãos na fé, e todas as almas. E em cada um deles busca com preferência as obras de misericórdia espirituais (por exemplo, ensinar a quem não sabe) com predilecção sobre as corporais (por exemplo, dar de comer a quem tem fome).

Por último, a caridade conduz ao amor de Deus sobre todas as coisas: esse amor deve ser de predilecção e manifestado com obras. Por amor a Deus amamos ao próximo tendo como modelo a Jesus Cristo: *Amai-vos como Eu vos amei a vós* (Jo. 15, 12). Essa é a novidade do Evangelho: podemos amar sempre mais e viver melhor as catorze obras de misericórdia.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Compreender que nem todo o amor ao próximo nasce da caridade.
- Descobrir que se amarmos a Deus viveremos a caridade para com os outros.
- Aprender de cor as obras de Misericórdia.

### De Liturgia e vida cristã

- Mostrar que o amor a Deus se concretiza em falar com Ele. Fomentar a oração vocal e mental nos alunos.
- Descobrir como a Comunhão é o sinal claro do amor de Deus para cada um de nós e a melhor maneira que temos de corresponder a esse amor divino.
- Fomentar o empenho em fazer bem todas as coisas, grandes ou pequenas, pois pelo Amor todas adquirem uma nova dimensão.
- Concretizar alguns pequenos sacrifícios voluntários pelos outros.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Apresentar com vivacidade a parábola do Bom Samaritano: Lc. 10, 30-37. Podem-se destacar especialmente os seguintes pontos: estado em que ficou o homem que viajava; atitudes das três pessoas que passam junto do homem ferido; mostrar como os judeus e samaritanos não se falavam; numerosos pormenores

que tem o samaritano: não se conforme com o mínimo; que disse Jesus ao escriba.

Perguntar aos alunos por situações semelhantes às desta parábola que, hoje, em dia, podemos encontrar. Pode-se tomar como ponto de referência algumas das Obras de Misericórdia, tanto corporais como espirituais.

b) Comentar a passagem do Evangelho de S. Mateus 5, 43-48, pedindo aos alunos que digam quem são os nossos inimigos e se os devemos amar; em caso afirmativo, perguntar como podemos fazê-lo.

c) Pode-se apresentar a cena da morte de S. Tomás Moro, e comentar as palavras que ele dirigiu aos seus verdugos: «S. Paulo esteve presente na morte de Santo Estêvão e foi também responsável dela e apesar disso, foi um grande Santo. Espero sinceramente e de todo o coração que todos nós, apesar de vós me terdes condenado e me irdes matar, nos voltemos a ver um dia no Céu ...».

## **2. Desenvolver as seguintes ideias**

a) *A caridade é uma virtude sobrenatural* [perguntar se tudo o que fazemos pelos outros é caridade].

A caridade é uma das três virtudes teologais, infundida por Deus na nossa alma, pela qual amamos a Deus por Si mesmo sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos por amor de Deus. A caridade pode-se ir debilitando como consequência dos pecados veniais e perde-se ao cometer um pecado mortal. Volta-se a recuperar pelo Sacramento da Penitência. Se nos amássemos a nós mesmos ou ao próximo por outros motivos — por exemplo simpatia, admiração, egoísmo, etc. — então não seria caridade (cfr. 1 Cor. 13).

b) *Jesus Cristo deu-nos o mandamento novo da Caridade* [utilizar Jo. 13, 34-35].

Antes de morrer, Jesus deu aos Seus discípulos o mandamento da caridade ou mandamento novo: «Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei». Jesus, durante a Sua vida, deu-nos exemplo do que tínhamos de fazer, e de modo especial, como amar o próximo: sendo amáveis com todos, ensinando-lhes o caminho do Céu, oferecendo por eles os sofrimentos, e sem excluir ninguém do nosso amor — caridade —, nem sequer aos nossos inimigos.

c) *Motivos para o amor do próximo* [comentar 1 Jo. 4, 20-21].

Devemos amar o próximo porque todos os homens são irmãos, filhos do mesmo Pai Celestial, redimidos com o Sangue de Jesus Cristo e destinados ao mesmo Céu. Devemos amar o próximo porque Jesus no-lo aconselha: *Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes* (Mt. 25, 40). A razão principal para amarmos os outros é por amor de Deus e para a salvação eterna da nossa alma.

d) *A Caridade aparece nas Obras de Misericórdia* [ter à vista as Obras de Misericórdia].

Explicar brevemente — concretizando — as diversas obras de misericórdia. Quando fazemos estas obras com frequência vamos assemelhando cada vez mais a Jesus, já que Ele nos deu exemplo de como ensinar, dar bom conselho, corrigir, perdoar, consolar, sofrer com paciência, rogar a Deus por todos, etc.

e) *A Caridade deve ser ordenada* [dar exemplos acessíveis às suas idades].

A caridade exige, em primeiro lugar, amar a Deus e, depois, amar os outros. Primeiro amamos o nosso Pai Deus, e esse amor deve levar-nos a amar os outros homens, filhos do mesmo Pai e, portanto, nossos irmãos. Quando amamos os outros, temos obrigação de amar mais os que estão mais perto de nós (pais, irmãos, professores, amigos, etc), e, a seguir depois, todos os homens, começando pelos mais necessitados de ajuda espiritual, e depois pelos necessitados de ajuda material. Em terceiro lugar estamos nós mesmos, mas convém recordar que entre uma necessidade espiritual própria e uma necessidade material alheia, está em primeiro lugar a nossa.

### 3. Perguntas-resumo

Que é a Caridade? Porque devemos amar a Deus sobre todas as coisas? Quem é o nosso próximo? Porque devemos amar o próximo? Como se exercita a Caridade para com o próximo? Quais são as Obras de Misericórdia?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Igreja, na Missa de Quinta-Feira Santa, recorda-nos o mandamento novo de Jesus; fá-lo na cerimónia do *Lava-pés*, para nos fazer compreender que todos temos de ser humildes servindo os outros. Enquanto se desenrola esta cerimónia, costuma-se cantar: «*Onde haja caridade e amor aí habita Deus*».

2. Na Santa Missa fazemos memória da vida de Jesus: Entregou-Se à morte por todos, deu a Sua vida pelos homens, e na Sagrada Comunhão dá-Se-nos Ele mesmo como elo de união entre todos os homens, como alimento das nossas almas e penhor da futura glória. Assim manifesta Deus o amor que nos tem, ao mesmo tempo que nos dá a oportunidade de O amarmos como Ele quer ser amado e oferecermos ao próximo o melhor dom. A Igreja reza assim, no dia do *Corpo de Deus* com palavras de Jesus: *O que come o Minha carne e bebe o Meu sangue fica em Mim e Eu nele.*

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das ideias principais da sessão, ilustrando com fotografias e desenhos.
- Fazer um cartaz com catorze fotografias ou desenhos representando cada uma das Obras de Misericórdia.
- Desenhar duas grandes casas incluindo os nomes próprios das pessoas da tua família e da tua escola que Jesus pede que ames.
- Aprender o cântico: «*Recebemos do Senhor um mandamento novo ...*».
- Escrever no caderno o que podemos fazer para demonstrar que amamos os pais, irmãos, professores e companheiros.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 145-148.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 23 — Primeiro Mandamento:  
Amar a Deus sobre todas as coisas.*

GC - 23

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. A adoração e os pecados opostos

A caridade leva a amar a Deus sobre todas as coisas com um amor de predilecção que é um amor com todo o coração, com toda a alma com toda a mente e com todas as forças. Mas tem de manifestar-se em obras: não só exige a obediência filial a todos os Seus Mandamentos, mas também deve exprimir-se na adoração e culto a Deus.

Deus é o Criador e Senhor do céu e da terra e está infinitamente acima de tudo. Por isso os anjos louvam continuamente a Sua majestade no céu e em cada sacrário da terra onde está Jesus. Com maior razão ainda devemos reconhecer a grandeza de Deus e honrá-LO como Senhor Supremo: tudo isso constitui a adoração.

Os deveres para com Deus orientam-se fundamentalmente ao exercício das três virtudes teologais — fé, esperança e caridade —, que se referem directa e indirectamente a Ele, e na virtude da religião pela qual tributamos a Deus o culto que Lhe é devido.

Pela *fé* divina aceitamos o testemunho do próprio Deus que Se revela e fazêmo-lo pela seguinte razão: a autoridade de Deus fundada na Sua Sabedoria infinita pela qual não pode enganar-Se, e na veracidade pela qual não pode enganar-nos.

A *esperança* é uma virtude teologal pela qual, apoiados no auxílio onnipotente de Deus, confiamos com certeza em alcançar a vida eterna e os meios necessários para chegar a ela. Ainda que uma pessoa ofenda gravemente a Deus — a não ser que seja um pecado contra a esperança — não perde esta virtude embora fique em estado informe — sem caridade —, e por isso pode levantar-se da sua queda.

A *caridade* é uma virtude sobrenatural pela qual amamos a Deus por Si mesmo sobre todas as coisas e a nós e ao próximo por amor de Deus.

Vai unida inseparavelmente à graça santificante, de modo que se recebem juntas na justificação e perdem-se com um pecado grave.

## **2. A virtude da religião**

A religião é uma virtude moral — intimamente relacionada com as três virtudes teologais — pela qual o homem se inclina a prestar a Deus o culto que Lhe é devido como Criador de todas as coisas. O primeiro mandamento — amar a Deus sobre todas as coisas — leva a viver esta virtude da religião. Em sentido positivo, manda que reconheçamos, adoremos e sirvamos a Deus como nosso Supremo Senhor, e em sentido negativo proíbe os pecados contra ela: o sacrilégio (tratamento indigno do que é sagrado), a simonia (intenção de comprar algo espiritual); a idolatria (dar a uma criatura o culto devido a Deus), e a superstição (dar a uma acção ou objecto qualquer uma força sobrenatural que não tem). Também proíbe qualquer outro pecado que vá contra as virtudes teologais.

A virtude da religião pode exprimir-se de várias maneiras: através da sagrada Liturgia, da oração, dos votos e juramentos — de que trataremos no segundo mandamento —, e por meio dos mandamentos da Santa Igreja relativos a esta virtude (os quatro primeiros).

## **3. A sagrada Liturgia**

A adoração a Deus deve ser tributada com tudo o que somos e podemos, com o nosso corpo e com as coisas que foram criadas para dar glória a Deus. Deve ser pois culto interno e externo.

O culto interno consiste em actos pessoais de piedade, que fazem da nossa vida e do nosso trabalho um contínuo acto de oferecimento, de acção de graças e de desagravo, ao esforçarmos-nos por cumprir a Sua vontade.

O culto externo consiste na homenagem que se rende a Deus por meio de actos exteriores e de objectos sensíveis, pois que é Ele o Criador e Senhor do espírito e do corpo. Este culto externo realiz-se de modo particular na Sagrada Liturgia e na administração dos Sacramentos, nos quais Deus actua através de elementos sensíveis.

O último Concílio dedicou uma Constituição a exprimir a natureza e importância da Liturgia, concretizando no Mistério Eucarístico, os outros Sacramentos e Sacramentais, a Liturgia das Horas e o Ano Litúrgico, a música Sacra, e ainda a Arte e Objectos sagrados. A Igreja considera que: «qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do Seu Corpo que é a Igreja, acção sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra acção da Igreja»<sup>1</sup>.

Assim, pois, devemos adorar a Deus com as orações vocais, com cânticos, gestos do corpo — como juntar as mãos, fazer uma genuflexão ou pôr-se de joelhos —, com a luz dos círios que se consomem na presença de Deus, etc. O Sacrifício da Missa tem importância especial na vida litúrgica e sacramental da Igreja visto constituir o seu centro; é a fonte da graça.

Daí que a presença real de Jesus Cristo na Santa Missa e no sacrário seja o motivo para que se tenha extremo cuidado em tudo o que tem relação com Ele: os paramentos, livros e vasos sagrados, sanguíneos, a mesa do altar, e o próprio Sacrário. Não-de ser de boa qualidade porque os namorados buscam os melhores metais e pedras preciosas para manifestarem o amor que nutrem, e, além disso, devem estar muito bem cuidados e completamente limpos. Por último, se os homens procuram as prendas mais preciosas para manifestarem a amizade e o amor, não podemos deixar de o fazer também com o nosso Deus. Basta recordar as palavras de reprovação que Jesus dirige ao fariseu enquanto louva as atenções da pecadora arrependida (cfr. Lc. 7, 36 ss.). E assim «a Igreja preocupou-se com muita solicitude em que as alfaias sagradas contribuissem para a dignidade e beleza do culto»<sup>2</sup>.

#### **4. O culto devido à Santíssima Virgem e aos Santos**

A Igreja ensina-nos também que é justo e salutar amar e venerar Nossa Senhora, os Anjos e os Santos. A Maria, em primeiro lugar, por ser a Mãe de Deus e Mãe nossa, que foi adornada com todas as graças.

<sup>1</sup> VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 7.

<sup>2</sup> *Ibidem*, n. 122.

A todos eles os veneramos tendo-os como modelos na imitação do Senhor, celebrando as festas de Nossa Senhora ou Memórias dos Santos; pedindo a sua intercessão em nosso favor; e também venerando as relíquias dos santos que são os seus próprios corpos ou os objectos que usaram na terra.

Todas as verdades da fé sobre a Santíssima Virgem — Maternidade divina, Imaculada Conceição, Virgindade perpétua e Assunção —, juntas aos outros privilégios marianos — Corredentora, Mãe dos cristãos, Mediadora entre Deus e os homens —, fundamentam sobejamente o culto especialíssimo que Lhe devemos tributar, e que desde as origens de cristianismo se deu a quem, por ser a Mãe de Deus, «recebe certa dignidade infinita»<sup>3</sup>.

Esta devoção não vai contra a adoração devida a Deus nem é sinal de um cristianismo infantil e popular. É certo que há um só Mediador, que é Cristo, mas lembra o Concílio Vaticano II que «a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum ofusca ou diminui esta única mediação de Cristo; manifesta antes a sua eficácia. Com efeito, todo o influxo salvador da Virgem Santíssima sobre os homens se deve ao beneplácito divino e não a qualquer necessidade; deriva da abundância dos méritos de Cristo, funda-se na Sua mediação e dela depende inteiramente, haurindo aí toda a sua eficácia»<sup>4</sup>.

De modo semelhante os cristãos tributam culto aos santos e recorrem à sua intercessão. Visto que a Igreja proclama que eles estão no Céu veneramos as suas relíquias e recorreremos à sua intercessão pois a sua ajuda não se limita à simples exemplaridade de vida. Este culto que se lhes oferece não despreza em absoluto a honra e a glória devidas a Deus, antes pelo contrário, pois vemos que eles foram assim porque corresponderam à graça de Deus que é a única que santifica o homem. Daí que a Igreja deseje que se mantenha «o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos fiéis»<sup>5</sup>.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

— Saber muito bem o que manda e o que proíbe o primeiro mandamento.

---

<sup>3</sup> S. TOMAS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I, q. 25, a. 6 ad 4.

<sup>4</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 60.

<sup>5</sup> VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 125.

- Descobrir que amar a Deus sobre todas as coisas é o mais importante na vida do cristão.
- Mostrar a obrigação que temos de amar e adorar a Deus.
- Compreender que para amar a Deus devemos cumprir a cada momento a Sua vontade.

### **De Liturgia e vida cristã**

- Rezar devagar as orações vocais e ter cuidado em aperfeiçoar as posições na igreja.
- Oferecer todas as coisas a Deus na Santa Missa, que é o maior acto de adoração que Lhe podemos tributar.
- Mostrar a importância da genuflexão ao passar diante do Sacrário.
- Falar com Deus com simplicidade e com atenção, humildade, confiança e perseverança.
- Repetir com frequência os actos de fé, esperança e caridade.

## **B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA**

### **1. Introdução (diversos pontos de partida)**

a) Um doutor da Lei aproximou-se de Jesus Cristo e perguntou-lhe: *Mestre, qual é o maior mandamento da Lei? Jesus disse-lhe: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente». Este é o maior e o primeiro mandamento (Mt. 22, 35.38).* E, já antes, quando demónio tentou Jesus pedindo-Lhe que Se ajoelhasse e o adorasse, Ele respondeu-lhe: *«Vai-te, Satanás, pois está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele prestarás culto» (Mt. 4, 10).*

Estabelecer diálogo com os alunos: Que disse Jesus Cristo àquele doutor da Lei?: Que se deve amar a Deus acima de todas as coisas. E ao demónio?: A mesma coisa. Sabeis dizer-me quando se adora a Deus?: Ao oferecer-lhe coisas, ao rezar, quando nos ajoelhamos diante do Sacrário, quando temos atitudes correctas na igreja, etc.

b) Pode-se começar esta sessão fazendo um breve comentário ao capítulo III do livro de Daniel, fazendo ressaltar os seguintes pontos: a ordem de Nabucodonosor sobre a adoração da estátua de ouro; os três jovens recusam-se a fazê-lo porque adoram só a Deus; a sua condenação à fornalha ardente; a oração dos três jovens na fornalha e o arrependimento de Nabucodonosor que glorifica e adora a Deus ao ver que os três jovens não se queimam e rejubilam de alegria.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Deus é o nosso Criador e o nosso Pai: por isso devemos adorá-lo* [recordar-lhes como Deus criou todas as coisas e nos criou também a nós].

Tudo o que existe, inclusivé o homem, foi criado por Deus. Desde a existência até ao mais insignificante dos benefícios, tudo os homens devem a Deus. A adoração e a sujeição a Deus são para nós o primeiro dever de criaturas. O primeiro mandamento é o mais santo, o mais urgente e principal de todos, e todos os mandamentos desembocam nele. Além disso, é nosso Pai e procuramos amá-l'O e dar-Lhe alegria fazendo a Sua vontade.

- b) *Devemos adorar a Deus com culto interno e externo* [mostrar que o homem é um ser composto de corpo e espírito: por isso o amor se exprime com um beijo, um abraço, um sorriso, uma prenda material e também com a educação].

Este dever de adorar a Deus deve manifestar-se em actos internos e externos. Internamente adoramos a Deus quando fazemos actos de fé, esperança e caridade; quando Lhe damos graças e O desagravamos; quando nos esforçamos em cumprir a Sua vontade.

Mas os homens têm corpo e alma, e Deus é criador de ambas as partes. Por isso adoramos externamente a Deus quando rezamos com amor, participamos bem na Santa Missa, nos ajoelhamos diante do Sacrário, cuidamos das coisas de Deus, etc.

- c) *Explicar os pecados contra este primeiro mandamento* [dar exemplos actuais destes pecados].

Os pecados contra este mandamento são a idolatria, a superstição, o sacrilégio, e os que vão contra a *fé* (heresia, apostasia, cisma, indiferença religiosa, ler livros que vão contra a fé e a moral; discutir sobre questões de fé sem ter a devida preparação), a *esperança* (desespero, desânimo, presunção) e a *caridade* (o ódio, a inveja, as rixas, o escândalo e qualquer pecado mortal).

- d) *Devemos cumprir sempre a vontade de Deus. Essa vontade descobrimo-la nas coisas que nos manda e nas que proíbe* [perguntar-lhes onde encontramos a vontade de Deus: no que pede a Igreja e no que mandam aqueles que a representam].

Se de verdade adoramos a Deus, estaremos dispostos a cumprir a Sua vontade em tudo, como fez Jesus Cristo, nosso Mestre. Além disso, tudo o que Deus quer, é o melhor para nós. Há

coisas que nos podem exigir sacrifícios para as cumprirmos, mas se as fizermos com alegria realizaremos a vontade de Deus.

- e) *Além de adorarmos a Deus, devemos venerar e invocar Nossa Senhora, os Anjos e os Santos* [que compreendam porque têm os cristãos imagens, as quais são as fotografias das pessoas queridas].

A Igreja é a grande família dos filhos de Deus. Daí que invoquemos Nossa Senhora, os anjos e os santos porque estão no Céu muito perto d'Ele. Deste modo honramos a Deus através deles: são como espelhos em que podemos ver algumas das infinitas perfeições de Deus.

### 3. Perguntas-resumo

Qual é o maior mandamento da Lei de Deus? Que deveres compreende o primeiro mandamento? Que culto devemos prestar a Deus, a Nossa Senhora e aos Anjos e Santos? Por que damos a melhor a Deus? Quando adoramos de verdade a Deus?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. A Igreja aconselha-nos a repetir com muita frequência actos de louvor e adoração a Deus. Assim, na Santa Missa devemos rezar ou cantar muito bem o

«Santo, Santo, Santo,  
Senhor Deus do universo.  
O Céu e a terra proclamam a Vossa Glória.  
Hossana nas alturas.  
Bendito O que vem em nome do Senhor.  
Hossana nas alturas.»

2. Outra oração de louvor que o sacerdote e nós com ele, rezamos na Santa Missa é o *Glória*:

«Glória a Deus nas alturas ...  
nós Vos louvamos,  
nós Vos bendizemos,  
nós Vos adoramos,  
nós Vos glorificamos,  
nós Vos damos graças,  
por Vossa imensa glória.»

3. Enquanto duram as espécies sacramentais depois de comungar (uns dez minutos) é o melhor momento, mesmo depois de terminada a Santa Missa, para conviver intimamente com o

Senhor, realmente presente no sacrário do nosso coração. Além de Lhe apresentarmos as nossas petições, devemos dar-Lhe graças. A Igreja ensina-nos que é esta a melhor oportunidade para rezar o «Cântico dos três jovens».

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo assinalando as ideias mais importantes da sessão, ilustrando-a com fotografias ou desenhos.
- Aprender a cantar muito bem o *Santo, Santo, Santo*, da Santa Missa.
- Fazer uma breve redacção assinalando as coisas que podemos fazer para amarmos a Deus.
- Aprender de cor uma oração a Nossa Senhora, por exemplo, «Lembraí-Vos ...», «Ó Senhora minha ...», «À Vossa protecção nos acolhemos ...».

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 214-221.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 24

*Tema 24 — Segundo Mandamento:  
Devemos honrar o nome de Deus.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. Devemos respeitar o nome de Deus porque é santo

Podemos dizer que este mandamento é consequência do primeiro: visto que Deus é digno de adoração, devemos pronunciar com o máximo respeito o Seu nome e o que nele está designado, que é a majestade onnipotente. Também devemos pronunciar com respeito o nome de Jesus, da Santíssima Virgem, dos Santos e das coisas sagradas.

O Apocalipse apresenta-nos a adoração que no Seu trono de glória recebe o Senhor, dos Anjos e dos Santos: *Não cessavam de repetir dia e noite «Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, O que era, que é e que há-de vir (...). Digno és Senhor, nosso Deus, de receber glória, honra e poder, porque criaste todas as coisas; por Tua vontade é que existem e foram criadas»* (Apoc. 4, 8-11).

Os israelitas não ousavam invocar o nome de Deus. Tinham substituído o nome que Ele revelou a Moisés — Iahwé — pelo de Adonai (Senhor). Nas sinagogas, quando o leitor falava nesse nome nas Escrituras, inclinava a cabeça e interrompia a leitura, continuando-a a seguir sem o pronunciar.

No Novo Testamento, S. Paulo repete o nome de Jesus mais de 200 vezes nas suas Epístolas e diz-nos: *E tudo quanto fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai* (Col. 3, 17). Devemos, pois, invocar a Deus durante a vida e à hora da morte, à semelhança de Jesus que exclamou na Cruz: *Pai, em Vossas mãos entrego o Meu espírito* (Lc. 23, 46), e do mártir Santo Estêvão, que, ao morrer, exclamava: *Senhor Jesus, recebe o meu espírito* (Act. 7, 59).

A *blasfémia* opõe-se à honra devida ao nome de Deus. Consiste numa palavra injuriosa contra Deus ou em proferir o Seu nome com desprezo. Trata-se de um pecado gravíssimo já que procede do ódio que se tem a Deus. Há, no entanto, ocasiões em que a blasfémia se pronuncia sem plena intenção de ofender a Deus, movidos pela ira ou por maus hábitos. São causas que diminuem a culpabilidade, mas é necessário que seja seriamente combatida. É uma ofensa a Deus, a Nossa Senhora, aos Santos e às coisas sagradas, pronunciar o seu nome sem respeito ou referir-se a eles como algo sem importância; é uma irreverência lamentável que ofende a Deus e também fere os legítimos sentimentos das pessoas crentes.

São muitos os modos como podemos manifestar a honra devida ao nome de Deus, e Jesus é o modelo, visto que ninguém como Ele pronunciou o nome de Seu Pai: *Pai Nosso que estais nos céus, santificado seja o Vosso nome* (Mt. 6, 9).

Podemos fazê-lo chamando ao Pai Criador, pois criou todas as coisas, e ao Filho Redentor, porque nos salvou da morte eterna e ao Espírito Santo Santificador, porque nos conduz à santidade. Honramo-lo quando procuramos conhecer melhor o conteúdo das Suas palavras e gestos manifestados na Revelação; quando na oração O invocamos, Lhe damos graças ou Lhe pedimos perdão dos nossos pecados ou dos pecados dos outros; e também quando se fazem votos ou promessas de coisas que agradam a Deus com intenção de se obrigar a cumpri-las sob pena de pecado.

## **2. O juramento com piedade honra a Deus**

Louvã-se o nome de Deus de modo especial quando se pronuncia solenemente um juramento com piedade, justiça e verdade, invocando a Deus por testemunha de algo. Quando em coisas de importância — sobretudo perante um tribunal — se actua assim, honra-se a Deus pois declaramos a Sua justiça infinita e manifestamos que Ele é a Verdade suprema.

O *juramento* é um acto da virtude da religião pelo qual se invoca a Deus como testemunha da verdade de uma afirmação ou de uma promessa que se faz. Nele invoca-se a Deus como tes-

temunha da verdade e é acto lícito e bom quando se emite com verdade (quando a coisa é verdadeira), com juízo (com causa justa), e com justiça (por testemunhar algo lícito). De modo que com estas condições o juramento obriga em consciência, mas pode ser dispensado pela legítima autoridade da Igreja, a quem foi dito: *Tudo o que desligares na terra, será desligado no céu* (Mt. 18, 18).

O juramento esteve em uso, como acto religioso, entre os pagãos. Entre os judeus, com a Lei antiga, não só esteve em uso mas chegou até a constituir um abuso. Jesus reprovou tal abuso quando disse: *Não jureis de maneira nenhuma (...). Seja este o vosso modo de falar: Sim, sim; não, não* (Mt. 5, 34-37).

Quem, em consciência, jura falso, invoca a Deus por testemunha da mentira e comete *perjúrio* ou juramento falso. É um pecado mortal que destrói a lealdade e a confiança entre os homens. Também peca quem jura por ligeireza, ou sem motivo importante que o justifique. Do mesmo modo, peca ainda quem prometeu com juramento e não o cumpre.

Jesus Cristo não proibiu o juramento, e Ele mesmo fez declarações sob juramento perante o Sinédrio. Mas quer que nas nossas relações ordinárias actuemos com a nossa própria responsabilidade de homens leais e de cristãos.

O *voto* é uma promessa deliberada e livre feita a Deus de um bem possível e melhor que o seu contrário. É, pois, uma promessa, e não um simples propósito. O voto requer a intenção de se obrigar sob pena de pecado e por isso deve fazer-se com prudência e seguindo o conselho do confessor. É um acto bom, sobrenatural e meritório que se deve cumprir pela virtude da religião. O que temos é de fazer com frequência bons propósitos, que nos ajudem a lutar e viver melhor a vida cristã.

### **3. Devemos respeitar tudo o que está consagrado a Deus**

Se amamos a Deus, devemos ter também respeito por tudo o que é santo, lugares, pessoas e coisas que Lhe estão consagrados. E fazer os actos da virtude da religião; ao pronunciar o Seu nome e nos votos e juramentos, e também nos propósitos que aumentam o nosso amor.

São santos os sacramentos, principalmente a Eucaristia, onde está verdadeira, real e substancialmente presente Jesus Cristo. Por isso devemos recebê-los dignamente e prepararmo-nos para recebê-los.

O que desonra ou profana lugares, coisas ou pessoas consagradas a Deus, comete um sacrilégio, pois tira a Deus a honra a que tem direito. E especialmente grave o sacrilégio que comete

quem profana ou recebe indignamente — por exemplo, em pecado mortal — a Jesus Sacramentado.

Também peca contra Deus quem não respeita devidamente os sacerdotes, ou se comporta sem decoro em lugares sagrados, ou trata as coisas santas com descuido. Por isso, se queremos honrar devidamente a Deus, os templos e objectos de culto terão mais riqueza, dignidade e limpeza, que os lugares e casas que se dedicam às altas personalidades da terra.

Finalmente, o nome de Deus foi honrado por todos os Santos que foram homens namorados e zelosos da honra do seu Senhor. Por isso devemos desagravá-lo pelas contínuas blasfémias que se fazem ao Seu Santo Nome.

Com esse propósito podemos seguir aquele conselho: «Perde o medo de chamar o Senhor pelo Seu Nome — Jesus — e de Lhe dizer que O amas»<sup>1</sup>.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Habituar-se a desagravar a Deus quando vemos que é ofendido ou blasfemado.
- Oferecer a Deus as melhores coisas e tratar com respeito as coisas santas.
- Habituar-se a que nos acreditem pela nossa palavra, sem necessidade de juramentos.

### De Liturgia e vida cristã

- Manifestar o devido respeito a Deus ao entrar na igreja, tomando água benta; ir com devoção à comunhão; prepararmo-nos bem para o Sacramento da Penitência.
- Respeitar os sacerdotes e falar sempre bem deles.
- Habituar-mo-nos a dizer «sim» ou «não», sem necessidade de jurar para que nos acreditem.
- Cuidar com esmero das coisas que possuímos e estão benzi-das, como a medalha ou escapulário, o terço, os evangelhos, crucifixo, imagens, etc.
- Descobrir modos de louvar a Deus e usá-los reparando no seu sentido: o sinal da Cruz; adeus; se Deus quiser; vá com Deus, etc.

---

<sup>1</sup> J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 303.

## B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar narrando o seguinte episódio: Havia uma solista de ópera que tinha obtido muitos triunfos e sido aplaudida nas principais cidades do mundo. Mas, um dia, começou a perder a voz e a sentir dores na garganta. Os especialistas descobriram nela um mal incurável capaz de lhe acabar com a vida. Para o evitar precisava de ser urgentemente operada: «Você nunca mais vai poder cantar nem sequer falar».

No dia combinado, pouco antes da operação, disseram-lhe se queria dizer alguma coisa. Respondeu com um sorriso: «Glória ao Pai, Glória ao Filho, Glória ao Espírito Santo». Foram estas as últimas palavras que pronunciou.

Abrir diálogo com os alunos: Que disse aquela doente aos que a iam operar à garganta?: O Glória... Que nos manda o segundo mandamento?: Louvar a Deus, jurar com piedade e respeitar as coisas santas. Quando devemos louvar a Deus?: Nas alegrias e tristezas. Todos os homens sabem louvar a Deus quando sofrem?: Não, pois alguns maldizem-nO e blasfemam.

b) A perseguição religiosa e a profanação do templo por parte do rei Antíoco narrada em 2 Mac. 6, 1-16 pode ser um óptimo ponto de partida para ressaltar o respeito às pessoas e às coisas consagradas a Deus.

### 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *O nome representa a pessoa* [mostrar como somos muito educados com as pessoas importantes e pronunciamos com respeito os nomes delas].

Se Deus é Santo, também o Seu nome o é; se respeitamos a Deus temos de começar por respeitar o Seu santo nome. Os Anjos dizem continuamente no Céu: Santo, Santo, Santo. Nós devemos unir-nos aos seus louvores e pronunciar com muito amor o nome de Deus. Nunca há motivo para pronunciar com ligeireza o nome de Deus nem para blasfemar insultando-O. Seria um pecado muito grave por ir directamente contra Deus.

b) *O juramento consiste em pôr a Deus como testemunha* [que é uma testemunha?: uma pessoa que assegura o que outra disse. Porque faz falta uma testemunha?: porque um homem só pode enganar-se].

É necessário, por vezes, que quem faz uma declaração sobre o que viu, ouviu ou fez, tenha de a reforçar de um modo espe-

cial, por meio de uma testemunha. Em ocasiões muito importantes, sobretudo perante um tribunal, pode-se invocar a Deus como testemunha da verdade do que alguém diz. Mas, fora desses casos importantes, não se deve jurar; devemos, sim, ser acreditados pela nossa honradez e pela nossa palavra.

- c) *O respeito a tudo o que está consagrado* [perguntar que coisas são santas: os sacramentos, lugares e coisas do culto. Que exige de nós o respeito?: que as recebamos dignamente, que nos comportemos bem, que se tratem com cuidado. Como se peca?: com o sacrilégio e a falta de cuidado].

São santos os Sacramentos porque nos dão a graça de Deus, particularmente a Eucaristia porque nela Se nos dá Jesus Cristo. Recebê-la em pecado mortal é uma ofensa gravíssima que se chama *sacrilégio*. Também a Bíblia é santa pois contém a palavra de Deus: o sacerdote beija-a no Evangelho da Santa Missa. Peca contra Deus quem se comporta sem respeito no templo, ou trata as coisas sagradas com descuido, ou não respeita devidamente os sacerdotes.

### 3. Perguntas-resumo

Quem invoca o nome de Deus em vão? Que é blasfemar? Porque respeitamos os sacerdotes e coisas dedicadas a Deus? Que é jurar? Que é o voto? Que devemos fazer antes de prometer alguma coisa a Deus?

### C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Quando fomos batizados, começando a fazer parte da família de Deus, o sacerdote disse-nos: «Eu te baptizo, *em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*».

Depois de dizermos os nossos pecados ao sacerdote, este perdoa-nos dizendo: «Eu te absolvo dos teus pecados, *em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*».

2. Começamos sempre a Santa Missa fazendo o sinal da Cruz enquanto o sacerdote diz: «*Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*».

### D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder de cor às perguntas do Catecismo.
- Fazer um breve resumo da sessão com as principais ideias expostas, ilustrando-as com fotografias e desenhos.

- Assistir a uma bênção do Santíssimo e, no fim da cerimónia, explicar o sentido reparador das orações e louvores que se rezam depois da bênção: «Bendito seja Deus. Bendito o Seu Santo Nome», etc.
- Fazer uma lista de objectos e lugares consagrados a Deus.
- Escrever todos os nomes que se referem a Deus e a Maria.
- Fazer uma breve redacção sobre esta frase: «É melhor não prometer nada, que prometer e não cumprir o prometido».
- Estabelecer um diálogo sobre as perguntas seguintes: Como devemos rezar? É melhor rezar distraídos do que não rezar? É melhor rezar bem do que rezar distraídos?

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 222-225.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 25 — Terceiro Mandamento:  
O Domingo é o Dia do Senhor.*

GC - 25

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. Santificar as festas

**consiste em adorar e prestar culto a Deus**

Deus é nosso Pai e o nosso Criador. D'Ele recebemos tudo e tudo provém d'Ele: o universo inteiro — desde o seu início — e a nossa própria existência pessoal. Além disso, cuida com a Sua Providência de toda a criatura para que se mantenha no ser, alcance a sua perfeição e dê glória a Deus como fim último para que foi criada. Por isso, é de lei natural que as criaturas racionais dêem conscientemente glória a Deus, ao reconhecerem que tudo vive por Ele e para Ele se encaminha. O homem, que está dotado de matéria e espírito, pode tributar essa honra devida ao seu Senhor como nenhuma outra criatura. Pode dirigir para Deus o universo material que, sendo mudo, pode exprimir-se pela boca do homem. E também representa o homem o universo do espírito visto que tem uma alma espiritual e imortal.

A primeira razão para santificar as festas é o reconhecimento do poder criador de Deus e da Providência do nosso Pai do céu. Pois é claro que os homens, tão presos nas coisas da terra — e, hoje em dia, rodeados de um ambiente materialista —, esquecem-se de que têm essa obrigação fundamental na sua vida. Neste

sentido exprime-Se o Espírito Santo através de S. Pedro: *Nos últimos tempos virão homens escarnecedores cheios de zombaria, que viverão segundo as concupiscências, dizendo: «Onde está a promessa da Sua vinda? Desde que os nossos pais morreram, tudo continua da mesma maneira, como no princípio do mundo». Esquecem-se propositadamente que desde há muito existiam os céus e a terra, uma terra que, pela palavra de Deus, surgiu do seio da água e por meio da água (2 Ped. 3, 3-5).*

Para que tenhamos isso em conta Deus quer que se guarde um dia em lembrança de que Ele criou todas as coisas em seis dias e no sétimo descansou.

## **2. A participação na Santa Missa aos Domingos e festas de guarda**

Inclui este preceito dois aspectos diferentes mas que têm a única finalidade de santificar os dias de festa, de dar glória a Deus. Por um lado manda realizar actos internos e externos de culto, e, por outro, o descanso do trabalho. Os actos de culto estão claramente expostos no primeiro mandamento da Santa Igreja que diz: «Ouvir Missa inteira aos domingos e festas de guarda»; o segundo refere-se ao descanso dos trabalhos que, têm razão de meio para alcançar esse fim do culto a Deus. Estudaremos, pois, a seguir, brevemente, o núcleo desse duplo preceito.

Parece evidente que a questão de fundo neste mandamento é a obrigação natural de dar a Deus o culto adequado, tal como Ele quer. Outra questão, relacionada com a anterior, é o dia e o modo concreto de a realizar. Já se compreende agora que a pergunta: porque se deve ir à Missa ao Domingo?, é a mesma que: porque se vai à Missa à Quarta, Segunda ou Sábado? Quer dizer, quem ama a Deus sobre todas as coisas e está disposto a manter e aumentar essa relação amorosa com o seu Pai Deus e o Supremo Senhor, está também disposto a fazer o que for preciso e quando for preciso.

Uma vez esclarecida esta perspectiva de criaturas pode-se *distinguir no terceiro mandamento o que é de direito divino e o que é de direito positivo.* De direito divino — algo conforme à natureza criada — é que demos glória a Deus, pondo nas Suas mãos a criação inteira, enquanto que é de direito positivo — isto é, de direito humano — o dia concreto para o realizar socialmente. Como explica o Catecismo Romano, o primeiro aspecto é imutável enquanto que o segundo pode variar: «Este preceito sobre o culto do Sábado, se se atender ao tempo em que indicou para se cumprir, não é fixo nem constante, mas variável ... porque a natureza

não nos ensina nem nos indica que tributemos culto a Deus neste dia mais que noutro»<sup>1</sup>.

### 3. Para os cristãos, o dia do Senhor é o Domingo

As razões pelas quais os cristãos celebram o Domingo e outras festas, em vez do sábado judaico, são entre outras as seguintes: Porque *com Jesus Cristo dá-se uma nova criação* segundo a graça: da primeira criação nasceu o homem terreno, da segunda o homem celestial. E isso deu-se pela Ressurreição que ocorreu precisamente num Domingo, o primeiro dia da semana judaica, que terminava ao sábado. Assim se destaca a realidade de que o culto da Antiga Lei era preparação e figura do culto perfeito que Cristo ia realizar com a Sua vida e a Sua morte na Cruz. A religião cristã não haveria de ser uma simples actualização do culto da Sinagoga, mas o plano definitivo de Deus para a salvação do mundo.

Devemos saber que no Novo Testamento não se menciona expressamente a mudança do dia do Senhor do Sábado para o Domingo. Mas sabemos-lo certamente pela Tradição Sagrada que se transmitiu até nós desde os tempos primitivos da Igreja. Ela responde à questão de como dar culto a Deus dizendo que, sobretudo, *santificamos o dia do Senhor participando no Santo Sacrifício da Missa*. É o acto de culto perfeito que nos deu Jesus para que, com Ele, pudessemos oferecer a Deus a honra devida.

### 4. O poder legislativo que Jesus deu à Igreja

Entretanto, algumas pessoas põem-se, por vezes, a questão: «Porquê ao Domingo e precisamente através da Missa no templo?» Também aqui devemos chegar ao nó da questão, que consiste precisamente em saber se quem pergunta acredita ou não na Igreja tal como foi fundada por Jesus Cristo. A Igreja é a continuadora da Sua missão de salvação universal, tem os Sacramentos cuja fonte é a Eucaristia em que perpetua o Sacrifício da Cruz, e possui também, por direito divino, o *poder de governo para dar leis que obriguem em consciência*. Se não se acredita nisto, como poderemos admirar-nos, então, de que uma pessoa considere que cumpre o terceiro mandamento rezando uma oração pessoal na quinta-feira?

Não soa isso a uma posição subjectiva — o *eu* é quem decide como e quando fazer as coisas de Deus — e a falta de formação?

---

<sup>1</sup> S. PIO V, *Catecismo Romano*, 3, IV, 4.

Também não podemos esquecer que, para além da relação pessoal com Deus — que é insubstituível — *formamos parte da comunidade eclesial* que, como tal, exprime externa e publicamente o culto devido a Deus por meio da Santa Missa. Então, com que direito uma pessoa priva a comunidade da sua participação pessoal no Sacrifício da Missa?

### **5. A assistência ao Sacrifício da Missa constitui obrigação grave**

O Concílio Vaticano II recorda o constante ensino do Magistério acerca da obrigação de participação na Santa Missa «Neste dia (Domingo), devem os fiéis reunir-se para participarem na Eucaristia e ouvirem a palavra de Deus, e assim recordarem a Paixão, Ressurreição e Glória do Senhor Jesus»<sup>2</sup>. É um preceito que obriga *gravemente* pois, de acordo com razões tão fundamentais, incorre-se em pecado mortal se se omite culpavelmente<sup>3</sup>. É além disso, uma tradição que remonta aos tempos apostólicos, como provam os numerosos textos da Didaké. «Reunidos no dia do Senhor, parti o pão e dai graças, depois de terdes confessado os vossos pecados, para que o vosso sacrifício seja puro»<sup>4</sup>.

Não podemos deixar de recordar que a assistência dominical à Santa Missa é preceituada pela Igreja, para se adorar pessoal e colectivamente a Deus. Mas são contínuas as exortações do Magistério e dos Pontífices para que participemos com toda a frequência possível, na Santa Missa<sup>5</sup>. De tal modo que quem, podendo assistir diariamente, se contenta com a Missa dominical, facilmente cai na tibieza.

### **6. O descanso laboral: mais que não fazer nada consiste em mudar de ocupação**

O terceiro mandamento, além da obrigação de participação na Santa Missa, pede que nos abstenhamos dos trabalhos servis

---

<sup>2</sup> VATICANO II, *Sacrosanctum Concilium*, n. 106.

<sup>3</sup> Deve-se assistir a uma Missa inteira. Omitir uma parte essencial — a consagração ou a comunhão do celebrante — é o mesmo que não assistir à Santa Missa. Trata-se da nossa oferta semanal a Deus, e a Ele não se pode oferecer algo de incompleto ou defeituoso.

<sup>4</sup> DIDAKÉ, XIV, 1.

<sup>5</sup> «Diariamente, como seria de desejar, os fiéis, em grande número, participem activamente no Santo Sacrifício da Missa alimentem-se com coração puro e santo da Sagrada Comunhão e dêem graças a Cristo Nosso Senhor por tão grande dom» PAULO VI, Enc. *Mysterium Fidei*, 3-9-1965.

desnecessários ao Domingo<sup>6</sup>. A razão deste descanso é para nos dedicarmos mais às coisas de Deus e, assim, não nos oprimirmos tanto pelo trabalho ou afã de descanso, que nos leve a ofender a Deus omitindo a Santa Missa. O Senhor disse-nos: *Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e aliviarei-vos-ei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis alívio para as vossas almas, pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve* (Mt. 11, 28-30).

Pensando nestas palavras, compreende-se facilmente o conteúdo concreto do segundo aspecto de que falávamos: o descanso laboral. Por isso o critério do descanso não pode consistir em não fazer nada, dado que — na nossa condição actual de homens inclinados para o pecado — a ociosidade e sobra de tempo costumam preparar o caminho do pecado, pois as paixões, sem o controle da vontade, apetezem o que não é recto segundo Deus. Mais que não fazer nada, o descanso consiste em mudar de ocupação.

### **7. O descanso laboral e o apostolado do divertimento**

Principalmente o descanso está dirigido à glória de Deus, para o que é necessário abster-se de pecar ou de se colocar em perigo próximo de pecar, por exemplo assistindo a determinados espectáculos de cinema, teatro, baile, discoteca, etc. Pois no caso de tais espectáculos serem ocasião de pecado merecemos de Deus a seguinte reprovação: *não Me ofereçais inutilmente mais sacrificios; o incenso é-Me abominável, as luas novas, os sábados são-Me insuportáveis* (Is. 1, 13).

Visto que o descanso festivo foi querido por Deus, temos nele, nós, as criaturas, um campo estupendo de apostolado, até conseguirmos realmente que *o divertimento leve a Deus e não afaste d'Ele*. Daí que os pais de família e os filhos devem ter a maturidade e sentido cristão necessário para organizar diversões adequadas, e nos centros de reunião mais oportunos. Essa actuação cristã na diversão torna-se cada vez mais necessária, no ambiente de hedonismo que nos rodeia, em que uma minoria explora o nascimento das paixões da juventude.

---

<sup>6</sup> Um trabalho servil é aquele que requer o exercício do corpo mais que o da mente. Com um pouco de formação e conhecimento da moral sobre este ponto podem-se resolver as possíveis dificuldades. Em caso de dúvida o melhor é perguntar ao confessor ou ao director espiritual. Mas para resolver em consciência, podem fazer-se duas perguntas: É este trabalho mais mental que físico e proporciona-me descanso ao mudar de ocupação? E também, é esse trabalho realmente tão necessário que não possa fazer-se noutro dia ou que não pudesse ter sido feito no dia anterior?

Essa necessidade de lutar positivamente exprime-se no *Caminho*: «Urge recristianizar as festas e os costumes populares. Urge evitar que os espectáculos públicos se vejam nesta disjuntiva: ou piegas ou pagãos.

«Pede ao Senhor que haja quem trabalhe nessa urgente tarefa, a que podemos chamar 'apostolado da diversão'»<sup>7</sup>.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Fazer o propósito firme de cumprir sempre o preceito de ouvir Missa inteira nos Domingos e festas de guarda.
- Procurar viver melhor a Santa Missa e a Comunhão.
- Ajudar mais aos Domingos os que nos rodeiam e dedicarmos-nos ao descanso e diversões alegres e sãs.

### De Liturgia e vida cristã

- Saber responder correctamente a todas as orações da Santa Missa.
- Recordar quais são as festas de preceito (estão no fim do tema).
- Comungar, ao menos, em todos os Domingos e dias de festa para melhor louvar a Deus.
- Mostrar aos alunos como aproveitar os dias de festa.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Comentar o seguinte texto do livro do Êxodo: *Trabalharás durante seis dias e levarás a cabo todas as tuas tarefas. Mas o sétimo dia é dia de descanso consagrado ao Senhor, teu Deus. Nesse dia não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem os teus animais, nem estrangeiro algum que estiver adentro das tuas portas. Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo quanto contém, e descansou no sétimo (Êx. 20, 9-11).*

*Nota:* Pode ambientar-se o momento histórico em que Deus deu este preceito: Aliança de Deus com o povo israelita, Moisés no Monte Sinai, etc. (ver capítulo 19 e ss do Êxodo).

---

<sup>7</sup> J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 975.

Abrir um diálogo com os alunos com perguntas semelhantes a estas: A quem deu Deus este mandamento?: Ao povo israelita através de Moisés. Deu-no-lo também a nós?: Sim. Que manda Deus com essas palavras?: Santificar e descansar nos Domingos e festas de guarda. Como se cumpre o preceito dominical?: Participando na Missa e abstendo-se de fazer trabalhos corporais. Existem outros dias, além do Domingo, que são de preceito? Sabeis quais são? (Ver lista no fim do tema).

b) Santificamos uma coisa quando a dedicamos a Deus, para a pôr ao Seu serviço ou para O louvar ou dar-Lhe graças. Santificamos os domingos e festas de guarda quando fazemos coisas que servem para louvar a Deus, para O glorificar, etc. Deixar que os alunos digam tudo aquilo que se lhes ocorrer e que podemos fazer para dedicar a Deus o Domingo e dias de preceito.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Deus quer que se Lhe dedique de modo especial um dia da semana* [usar o texto do Êxodo 20, 9-11].

Deus mandou que Lhe dediquemos um dia por semana de modo especial: um dia só para Ele e para que possamos descansar. Os israelitas consagram a Deus o sábado, pois assim lhes ordenou Deus. Mas os Apóstolos mudaram-no para o Domingo, já que foi nesse dia que o Senhor tinha ressuscitado. Domingo significa *dia do Senhor*.

b) *Também devemos santificar as festas de preceito* [perguntar-lhes se sabem quais são].

Os cristãos celebram, em cada Domingo, a Ressurreição do Senhor. Existem, além disso, outras festas em que celebramos os mistérios principais da vida de Jesus (Natal, Corpo de Deus ...), de Nossa Senhora (Imaculada Conceição ...) e Santos (Todos os Santos).

c) *O modo de santificar as festas é adorar e prestar culto a Deus* [usar o texto de Actos 20, 1-11].

Embora devamos viver todos os dias voltados para Deus, Ele quis que O adorássemos e Lhe tributássemos culto de maneira especial aos Domingos e festas de guarda. Assim o faziam os primeiros cristãos (ver Actos 20, 7-11). E como o maior acto de adoração e culto a Deus em que se possa participar nesta terra é a Santa Missa, a Igreja, desde tempos imemoriais mandou — através do primeiro mandamento da Igreja — que os cristãos participassem na Santa Missa aos Domingos e dias de preceito.

- d) *A não asssitência ao Santo Sacrifício da Missa nos Domingos e dias de preceito constitui matéria grave* [dar, se for necessário, algumas das razões expostas nos aspectos doutriniais].

Este mandamento obriga a todos os fiéis que completaram os sete anos e têm o uso da razão. Se não se cumpre, comete-se pecado mortal. Estão dispensados os doentes e os que cuidam deles, distâncias longas ... Em caso de dúvida, perguntar a quem possa dar uma resposta verdadeira.

A Igreja, ao obrigar-nos com este preceito, fá-lo para nos ajudar, como boa Mãe, no nosso caminho para o Céu: manda-nos o que nos convém, para que cumpramos sempre e a cada momento a vontade de Deus e recebamos o alimento oportuno para a nossa alma.

- e) *Devemos descansar nos dias de preceito* [dar exemplos de trabalhos que se podem ou não fazer].

Aos domingos e festas de guarda não se trabalha, sobretudo para termos tempo de cumprir os nossos deveres para com Deus: participar na Santa Missa, fazer boas obras (visitar alguns doentes, etc.) e pensar mais nos outros (divertir-se com todos, ajudar mais em casa, etc.). O descanso é para nos recompormos das fadigas da semana.

O descanso não consiste em não fazer nada — o que nos causaria aborrecimento e «porque a preguiça é a mãe de todos os vícios» — mas em mudar de ocupação: com divertimentos são que não ofendam a Deus, aproveitando para conviver mais intensamente com os pais e irmãos, sair com os colegas, praticar desporto, passear, etc.

A Igreja pode permitir, em certos casos, que se trabalhe em dias de festa, desde que se cumpram os deveres para com Deus. Em caso de dúvida, consulte-se quem possa responder.

- f) *Dias com obrigação de participar na Missa em Portugal.*  
Segundo as últimas disposições da Conferência Episcopal, são dias de preceito:

- Todos os domingos do ano.
- 1 de Janeiro: Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus.
- Variável: Corpo de Deus (Quinta-feira depois do Domingo da Santíssima Trindade).
- 15 de Agosto: Assunção de Nossa Senhora.

- 1 de Novembro: Todos os Santos.
- 8 de Dezembro: Imaculada Conceição.
- 25 de Dezembro: Natal.

### 3. Perguntas-resumo

Quem está obrigado a santificar os dias de festa de guarda? Porque celebramos o Domingo? Peca aquele que trabalha nos dias de festa? Quais os dias de festas de preceito para nós?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Desde tempos muito antigos que a Igreja dedica cada dia da semana a alguma das devoções principais da nossa religião:

*Segunda-feira*, para adorar a Santíssima Trindade e Almas do Purgatório.

*Terça-feira*, dedicada à devoção aos Santos Anjos.

*Quarta-feira*, dedicada à Igreja, a S. José e aos Apóstolos.

*Quinta-feira* é o dia da Eucaristia e dos sacerdotes.

*Sexta-feira* recorda-nos a Paixão e Morte de Jesus.

O *Sábado* é o dia dedicado especialmente a Nossa Senhora.

O Domingo é o dia que dedicamos a Deus. Jesus santificou-o com a Sua Ressurreição e por isso, a Igreja convida-nos a dar glória a Deus por meio do sacrifício de Jesus que é a Santa Missa. Eis porque, no dia de Páscoa, se canta na Missa:

*«Este é o dia em que actuou o Senhor:  
Dai graças ao Senhor porque é bom,  
porque é eterna a Sua misericórdia.  
Que o diga a casa de Israel:  
É eterna a Sua misericórdia.»*

2. O Domingo é o dia em que Jesus venceu os Seus inimigos e a morte, ressuscitando. Por isso nós procuramos comungar na Missa para nos tornarmos fortes e vencermos os nossos inimigos: o mundo, o demónio e a carne.

3. Seria bom levar os alunos a que se esforcem por chegar uns minutos antes da hora da Missa. É um pormenor de carinho e delicadeza para com Deus chegar à Igreja antes do sacerdote começar a Santa Missa. O mesmo pormenor deverá ser considerado ao acabar: esperar que o sacerdote se retire e dar graças a Deus durante mais alguns minutos.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Aprender de cor as perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um breve resumo das ideias principais que se desenvolvem na sessão. Podem ilustrá-lo com fotografias, recortes e desenhos.
- Escrever as festas em que a Igreja obriga a participar na Missa.
- Apresentar por escrito quatro ou cinco actividades que se podem realizar aos Domingos.
- Dialogar com os alunos sobre o significado de cada uma das festas de preceito.
- Aprender o cântico: «Este é o dia em que actuou o Senhor».
- Deixar que os alunos enunciem as coisas que podemos fazer aos Domingos em favor dos outros.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica, nn. 226-230.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 26 — Quarto Mandamento:  
Jesus Cristo ensina-nos a amar  
os nossos Pais.*

**GC - 26**

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. A vida de Jesus Cristo é modelo de amor e de obediência

A contemplação da vida de Nosso Senhor no lar humilde de Nazaré deve servir aos cristãos para descobrir toda a profundidade sobrenatural da tendência natural dos filhos para amar os pais ou quem os representa. «Não é possível desconhecer a sublimidade do mistério. Esse Jesus que é homem, que fala com o sotaque de uma determinada região de Israel, que se parece com um artesão chamado José, esse é o Filho de Deus. E quem pode ensinar algo a Deus? Mas é realmente homem e vive normalmente: primeiro, como menino; depois, como rapaz que ajuda na oficina de José; finalmente como um homem maduro, na plenitude da idade. *Jesus crescia em sabedoria em idade e em graça diante de Deus e dos homens*» (Lc. 2, 25)<sup>1</sup>.

A vida de Jesus Cristo é, antes de mais, o pleno cumprimento da vontade de Deus Pai. Mas é admirável que, para isso, tivesse estado submetido à obediência a duas criaturas maravilhosas: a

---

<sup>1</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 55.

Santíssima Virgem Maria e o glorioso patriarca S. José. Jesus rapaz e Jesus adulto guardou sempre um profundíssimo amor, veneração e obediência à Sua Mãe e àquele que fez as vezes de pai. Venerando-os, cumpria a Vontade do Pai e estava a realizar a Redenção: primeiramente, e durante trinta anos, trabalhando em Nazaré e, depois, na Sua vida pública. Em nenhum momento deixou de cumprir as exigências da honra devida aos pais, mas, apenas o manifestou de maneiras diversas. Pode dizer-se com toda a verdade que Jesus Cristo é o modelo perfeito do amor aos pais.

## 2. O quarto mandamento prescreve os deveres familiares e o respeito à autoridade

A perfeição do homem consiste no amor a Deus e ao próximo. Depois dos três primeiros mandamentos, os outros sete — chamados da segunda tábua, em referência às duas recebidas por Moisés no Sinai — começam precisamente pelo mais importante que diz: *Honrarás o teu pai e tua mãe*. Deus quer que façamos todo o bem que formos capazes — que é muito —, mas não o podemos fazer imediatamente a toda a gente. Por isso havemos de começar pelos mais próximos de nós que são os pais e os irmãos, que constituem a nossa família.

As obrigações que o quarto mandamento estabelece, quer as dos pais — a quem implicitamente contempla através dos filhos — quer as dos filhos, derivam do facto de que *toda a autoridade procede de Deus*. E nela se baseia o poder dos pais e superiores, dos governantes e dos sagrados Pastores pois, como razão última, a sua autoridade vem de Deus, que Se digna partilhá-la com eles. Por isso, qualquer tipo de obediência, rectamente vivida, é obediência a Deus e enobrece o homem que a vive, como vimos fazer Nosso Senhor Jesus Cristo. Em seguida veremos sucintamente os deveres dos pais, os deveres dos filhos e os deveres para com a autoridade.

## 3. Os principais deveres dos pais:

### **fidelidade mútua, procriação e educação cristã dos filhos**

Pela elevada missão que Deus lhes confiou, os pais devem estar conscientes da sua responsabilidade perante Deus, pois terão que prestar contas da alma dos seus filhos. Como depende deles em primeiro lugar, a unidade da família, devem viver de acordo com a fidelidade que prometeram mutuamente perante Deus ao contrair matrimónio, conservando assim a unidade e indissolubilidade do matrimónio. Qualquer espécie de discussão na presença dos filhos prejudica a paz familiar e deve ser evitada.

Em poucas palavras, pode dizer-se que os esposos têm o *dever da procriação e educação cristã dos seus filhos*. No dever da procriação está compreendida a disposição de receber todos os filhos que, como expressão do seu mútuo amor, Deus lhes enviar. E tendo-lhes dado o ser, hão-de cuidá-los proporcionando-lhes o alimento e o vestuário; depois, o dever de os educar para que sejam bons cidadãos, úteis ao seu país pelo trabalho em espírito de serviço. Hão-de, além disso, procurar os meios para o desenvolvimento das suas capacidades intelectuais. E como não pode haver desenvolvimento intelectual completo sem um conhecimento adequado de toda a realidade — natural ou sobrenatural — hão-de transmitir-lhes as verdades da fé e, com elas, o sentido cristão da vida.

É evidente que, como o fim dos filhos é alcançar a vida eterna, este é o mais importante dos deveres paternos. Por isso têm a obrigação de os baptizar quanto antes e de lhes ensinar a rezar. Servi-se-ão, neste caso como colaboradores, dos professores e das escolas cristãs, mas sem esquecerem de que são eles os primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos na fé! Por isso os pais usarão de todos os meios que a prudência e o bom conselho lhes indiquem para os afastar das ocasiões de pecado ou de infidelidade e, o que é mais importante, para que gozem de um ambiente que fomente o exercício das virtudes cristãs.

Por último, os pais *devem respeitar a liberdade dos seus filhos* na escolha de estado de vida, embora os devam aconselhar oportunamente, pensando mais no bem deles e no que Deus quer, do que nos seus próprios planos. Dever que deriva do carácter absoluto do primeiro mandamento, enquanto que o amor ao próximo — os pais — está condicionado pelo amor de Deus. «Mas quando as ordens dos pais se opõem aos mandamentos divinos, não resta dúvida que os filhos estão obrigados a antepor a vontade de Deus à arbitrariedade dos pais, tendo presente a sentença divina: *É necessário obedecer antes a Deus do que aos homens*» (Act. 5, 29) <sup>2</sup>.

#### **4. Os deveres principais dos filhos para com os pais: amor, ajuda e obediência**

Todas as pessoas sem excepção têm obrigações para com os seus pais. Pelo que, se já faleceram devem recordá-los nas suas orações e na Santa Missa, oferecendo sufrágios pelo eterno descanso da sua alma. Se ainda vivem, então os deveres dependerão

---

<sup>2</sup> S. PIO V, *Catecismo Romano*, 3, V, 6.

da idade e situação dos pais e da sua própria. Isto é, o modo de cumprir com espírito cristão as obrigações naturais para com os pais pode variar, mas permanece sempre o dever essencial de honrar o pai e a mãe: «Procurarás todos os dias os rostos dos Santos para descansar nas suas palavras»<sup>3</sup>.

Em primeiro lugar é-lhes devido *amor e respeito* pois a eles devemos a nossa própria existência e o sermos cristãos: *Lembra-te que, se não fosse por eles, não terias nascido* (Ecl. 7, 30). Um bom filho cumpre com gosto esse amoroso dever, compreendendo que os pais são humanos e não perfeitos. Todavia, esse dever pode tornar-se pouco agradável em alguns períodos especialmente difíceis, como acontece na adolescência ou quando os pais são muito idosos. Mas a caridade cristã, que é carinho por parte dos filhos, levá-los-á a amar os seus pais também com os seus defeitos, ajudando-os com a sua compreensão, para que os superem e se aproximem mais de Deus.

Os filhos devem também ser consequentes com os *bens materiais* recebidos e ajudar os pais na sua velhice, na medida em que o necessitem e eles o puderem fazer.

Finalmente, visto que os pais instruíram os filhos, devem ser *obedecidos* por estes, em tudo aquilo que não for contrário à moral católica ou ataque à liberdade na escolha do estado de vida. Pode dizer-se que, em geral, a desobediência de um filho — mais ainda se é menor — costuma constituir matéria leve e chega só o pecado venial; mas poderia ser pecado mortal ao tratar-se de matéria grave como a fé, posta em perigo por más companhias, ou a desobediência que for um desprezo da autoridade paterna. Contudo, a maior parte das desobediências filiais devem-se a esquecimento e indelicadeza.

Como a geração natural não é o único motivo pelo qual se pode chamar pai a uma pessoa, existem também razões diversas pelas quais devemos respeitar as pessoas que nos legaram certos bens, por exemplo, os Apóstolos e Santos, os prelados, sacerdotes, governantes, os antepassados e, em geral, os nossos benfeitores. A todos eles se deve respeito e carinho porque de algum modo, são a imagem do Pai que está nos céus. E deles se diz: *Quem vos despreza é a Mim que despreza* (Lc. 10, 16).

##### **5. A autoridade legítima vem de Deus: o amor à pátria**

A providência amorosa de Deus estabeleceu as coisas de modo perfeito, e, por isso, fez o homem com capacidade para a vida em sociedade, na qual se estabelecem vínculos estáveis com outras

---

<sup>3</sup> DIDAKÉ, IV, 2.

peçoas e com o conjunto, para se alcançar o bem comum. Daí que no quarto mandamento se contemplem também as obrigações para com a pátria. «Os cidadãos cultivem com magnanimidade e lealdade o amor da pátria, mas sem estreiteza de espírito, de maneira que, ao mesmo tempo, tenham sempre presente o bem de toda a família humana, que resulta das várias ligações entre as raças, povos e nações»<sup>4</sup>.

O homem deve manifestar o seu amor à pátria com o seu afã de serviço aos outros e o seu cumprimento das leis civis, exceptuando o caso em que a autoridade mande coisas más. Com efeito, o cidadão não deve obedecer a leis injustas. E a razão é que o Estado — do mesmo modo que um pai — não tem o direito de mandar o que Deus proíbe ou vice-versa, como acontece quando num Estado, se dão leis que permitem o divórcio, o aborto ou a eutanásia.

Mesmo até nestes casos, um bom católico será um bom cidadão. Porque há-de trabalhar com afã de serviço, porque viverá a justiça e cumprirá as leis justas, viverá a caridade, e combaterá, com todos os meios lícitos para um cristão, as desigualdades injustas. Esse bom cristão defenderá a sua pátria, como faria com a sua família, das agressões ou vexames que receber, considerando justa a causa da sua nação, a não ser que tivesse evidência adequada e indiscutível do contrário.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem as obrigações que nos são impostas por este mandamento.
- Aperceber-se de que estamos a imitar Jesus quando obedecemos aos pais.
- Desejar viver bem o quarto mandamento.

### De Liturgia e vida cristã

- Rezar todos os dias pelos nossos pais, irmãos e superiores.
- Concretizar com cada aluno, como se pode melhorar o comportamento para com os pais: pormenores de obediência, respeito, delicadeza, afecto, carinho, etc.
- Descobrir outros pormenores para agradecer aos irmãos, professores e amigos.

---

<sup>4</sup> VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 75.

## B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar narrando brevemente a história de José filho de Jacob, conforme se lê no livro do Génesis, capítulo 37 a 41. Convirá pôr em destaque o amor e a sinceridade que tinha para com o seu pai e o esforço que fazia para impedir que os irmãos fizessem o mal; por isso os irmãos o invejavam e decidiram vendê-lo. Deus premiou a obediência e o carinho de José fazendo-o ministro do Faraó do Egipto.

b) Também se pode começar narrando brevemente o seguinte episódio da vida de Jesus Cristo: Depois da perda e encontro no templo, Jesus voltou para Nazaré com Maria, Sua Mãe, e com S. José. No Evangelho de S. Lucas (2, 39; 51-52) diz-se que «desceu com eles — Maria e José — e voltou para Nazaré e era-lhes obediente».

Jesus Cristo quis estar sujeito a Sua Mãe, Maria, e a quem fazia as vezes de seu pai, S. José. Sendo Deus, quis dar-nos exemplo de obediência filial, sujeitando-Se a umas criaturas. «Para agradar a Sua Mãe, Jesus fez também o primeiro milagre: o das bodas de Caná» (cfr. Jo. 2, 1-11).

Abrir um diálogo com os alunos a partir das seguintes perguntas ou de outras semelhantes: Que fazia Jesus em Nazaré junto de Maria e José?: Estava sob a sua autoridade. Que fazia Jesus quando José e Maria Lhe mandaram alguma coisa?: Obedecia-lhes. Que costumam mandar-nos os nossos pais? Que devemos fazer? E se nos mandarem coisas que nos custam fazer?: Ser valentes e obedecer-lhes. E se não nos mandarem nada?: Devemos oferecer-nos voluntariamente para os ajudar.

### 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Jesus convida-nos a segui-lo e imitá-lo na obediência aos pais* [usar o texto de Lucas 2, 51-52].

O Evangelho diz-nos que Jesus quis *sujeitar-se* a Maria e a S. José, que fazia amorosamente as vezes de pai. Embora fossem duas criaturas e Jesus fosse perfeito Deus e perfeito homem, quis dar-nos, deste modo, exemplo do que nós devemos fazer.

Os pais são um grande dom de Deus. Eles deram-nos a vida, alimentam-nos, educam-nos, etc., quantas vezes com enormes sacrifícios e privações da sua parte. Deus deu-nos o quarto mandamento — que é, sem dúvida, um dulcíssimo preceito — certamente muito fácil de cumprir, para nos recordar continuamente os nossos deveres para com eles.

- b) *Deveres dos filhos para com os pais* [pode-se-lhes ir perguntando como vivem os diversos deveres e apresentando pormenores concretos para que os vivam melhor a partir de agora].

1. *Obediência*. Este mandamento pede-nos, em primeiro lugar, que obedeçamos aos nossos pais em tudo o que não for pecado. A obediência exige esforço; obedecer é coisa para valentes e não para cobardes. É uma conquista, algo que se deve conseguir todos os dias. É muito mais fácil ser «rebelde» e satisfazer continuamente os próprios caprichos.

2. *Carinho, respeito e compreensão*. Além de lhes obedecermos, temos de os amar, pois do mesmo modo que nós, os nossos pais têm necessidade de carinho, ajuda e compreensão. O amor prova-se com obras: dando-lhes alegrias, conhecendo os seus gostos e desejos, recordando-lhes coisas agradáveis, calando o que os preocupa e entristece. O respeito manifesta-se falando-lhes com carinho, sem ameaças, não os desprezando, nem insultando, nem ofendendo.

O amor aos nossos pais pode e deve crescer de dia para dia. Isto pode alcançar-se também através de pequenos pormenores: saudando-os ao levantar e deitar, ao chegar a casa, dar-lhes um beijo, dizer-lhes onde vamos, contar-lhes as nossas coisas com confiança. Ajudando, além disso, em casa, segundo as nossas possibilidades: pôr a mesa, limpar os sapatos, dar recados, lavar o carro ..., etc. E não esquecer que o melhor que podemos fazer pelos nossos pais é rezar todos os dias a Deus por eles.

As vezes podemos descobrir que os nossos pais têm algum defeito. Isso é normal, pois todos nós temos defeitos. Que devemos fazer?: Rezar, compreendê-los, desculpá-los, não os criticar, ocultar os seus defeitos e ajudá-los a superar tais defeitos.

- c) *Outras obrigações que nos impõe o quarto mandamento* [segundo a idade dos alunos, insistir mais num ponto ou noutro].

Dentro deste mandamento incluem-se, além dos nossos pais, outras pessoas a quem também devemos obedecer, amar e respeitar. São:

1. *Os irmãos*. Somos responsáveis por eles, especialmente se somos dos mais velhos da família. Devemos evitar os aborrecimentos, invejas, egoísmos, rixas, dar mau exemplo.

2. *Familiares e amigos*. Temos de amar e respeitar os nossos familiares (avós, tios, primos, etc.) e amigos.

3. *Professores e benfeitores.* São os representantes dos nossos pais, por isso devemos-lhe amabilidade e respeito.

4. *Os que governam a Igreja.* Devemos amá-los e ajudá-los com as nossas orações. Nunca murmurar deles. Receber com carinho e pôr em prática as suas orientações.

5. *Deveres para com a Pátria e as autoridades civis.* Como toda a autoridade vem de Deus, devemos amar e servir a Pátria, nossa mãe comum, e respeitar e obedecer à Autoridade que a representa, cumprindo portanto, as suas leis, sempre que sejam justas.

d) *Devemos cumprir com amor as obrigações que este mandamento impõe* [reparar no exemplo da Sagrada Família].

Jesus, Maria e José formaram a Sagrada Família, modelo de todas as famílias, em que reinava o amor, a obediência e a alegria. É o amor — amor a Deus e ao próximo por Deus — que nos deve mover em cada momento a cumprir com gosto os nossos deveres.

### 3. Perguntas-resumo

Quem honra o seu pai e sua mãe? A quem devem os filhos ter por modelo? Além dos pais, devemos honrar outras pessoas? Como nos devemos portar com os nossos irmãos? Que se deve fazer para alegrar os professores?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. No domingo que se segue ao dia de Natal celebra a Igreja a festa da Sagrada Família, e é nesse dia que o sacerdote reza a seguinte oração:

«Ó Deus, Vós quisestes dar-nos um modelo de vida na Sagrada Família de Nazaré: concedei que em nossas famílias imitemos as suas virtudes e vivamos unidos pelo Vosso amor; reunidos depois na Vossa casa, gozaremos as alegrias eternas.»

2. Na Missa do Domingo agradecer a Deus que nos deu uns pais cristãos, que desde o dia do nosso Baptismo nos têm ajudado a ser filhos de Deus:

«Que pedis à Igreja para o Vosso filho?», e nossos pais responderam por nós: «O Baptismo».

(Do Ritual dos Sacramentos)

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Que os alunos façam, no seu caderno, um breve resumo das ideias principais da sessão. Podem ilustrar este resumo com fotografias e desenhos.
- Escrever o que Jesus faria em Nazaré e o que nós podemos fazer para alegrar os pais e irmãos.
- Aprender de cor as seguintes jaculatórias: «Amado Jesus, José e Maria, o meu coração vos dou e a alma minha». «Amado Jesus José e Maria, assisti-me na última agonia». «Amado Jesus, José e Maria, expire em paz, entre Vós, a alma minha».
- Que os alunos escrevam uma oração, inventada por eles, em que peçam pelos seus irmãos.
- Comentar a seguinte frase de Jesus: «Quem amar o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim».

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 231-241.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

GC - 27

*Tema 27 — Quinto Mandamento:  
Só Deus é o Senhor da vida.*

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. Só Deus é o Senhor da vida

A doutrina do quinto mandamento é o melhor meio para chegarmos a ser homens pacíficos no sentido que Deus quer. Pois na medida em que se conheça bem o alcance dos deveres deste mandamento e sejam cumpridos santamente por todos, é que a paz entre os homens será alcançada. Proíbe tornar-se dono da vida e da morte, em qualquer das suas possibilidades e manda tratar a todos com verdadeira caridade, chegando até ao amor dos próprios inimigos.

Só Deus é o Senhor da vida e só Deus tem o direito a decidir quando terminou o tempo de permanência na terra de qualquer um dos Seus filhos, depois de lhe dar todas as possibilidades de ser santo. Mas essa infinita Sabedoria divina — que conhece os tempos e as consciências — só Deus a possui; daí a profunda injustiça que, contra o próprio Deus e contra o próximo, comete quem atenta contra a vida de alguém, ou contra a sua própria.

#### 2. O quinto mandamento

**proíbe tudo o que injustamente atente contra a vida alheia**

É evidente que o «não matarás» se refere somente ao ser humano e não aos animais que foram dados ao homem para sua

utilidade. Por isso não é pecado matar animais com motivo justificado, embora manifestasse maus sentimentos quem, sem qualquer necessidade, os maltratasse.

O facto de que a vida humana pertence a Deus é tão evidente que a gravidade do homicídio — que consiste em ceifar injustamente a vida de outro — é condenado pela consciência de todos os homens de boa vontade; e o mesmo se diga do suicídio. Há, porém, acções que levantam um problema de consciência, como seja a própria defesa e a defesa da comunidade por parte da autoridade. Se um injusto agressor ameaça a nossa vida ou a de um terceiro, há obrigação de sair em defesa da vida, repelindo essa agressão. Se, como consequência de uma defesa proporcionada, o agressor perdesse a sua vida, essa morte não seria ilícita. O princípio da própria defesa estende-se tanto às nações como aos indivíduos. Por isso, o soldado que, numa guerra justa, combate pelo seu país, não peca se matar. Não é fácil, no entanto, saber quando uma guerra é justa. Os moralistas costumam indicar que, em princípio, o cidadão deve conceder o benefício da dúvida ao seu governo de modo semelhante ao dos filhos que a devem conceder aos pais em assuntos duvidosos.

### **3. A malícia e a gravidade do aborto provocado**

Neste ponto convém determo-nos para se considerar o aborto, que constitui uma das maiores chagas da sociedade actual. Como consequência da perda do sentido cristão da vida e das relações com Deus, chega-se a uma perda dos sentimentos mais elementares da condição humana, como é o amor aos filhos. Porque no aborto se emprega toda a força da inteligência e da técnica humana contra um ser que carece da mínima possibilidade de se defender. Com efeito, Deus estabeleceu com sabedoria divina que a própria mãe fosse a defesa natural do filho que ela mesma gerou. Mas, como compreender que seja a própria mãe a atacar o filho que tem nas suas entranhas em vez de o defender? A criança mesmo antes de nascer é um ser humano e ninguém conseguirá demonstrar o contrário, ainda que se tenha querido impor à opinião pública hipóteses — pura e simplesmente hipóteses — de que não é assim. Destruir directa e deliberadamente uma vida é um assassinato e tem, além disso, neste caso, a acrescentar a malícia de enviar para a eternidade uma alma sem oportunidade de baptismo, isto é, sem o perdão do pecado original — que se contrai por geração — e portanto, com a impossibi-

lidade eterna de gozar de Deus no Céu, de contemplar o Seu rosto por toda a eternidade<sup>1</sup>.

É muito triste e realmente paradoxal que, enquanto nalguns países se suprime a pena de morte, proliferem, contudo, estes graves atentados contra a vida humana. Porque com o aborto, a eutanásia e o controle da natalidade por esterilização ou anti-conceptivos, o homem proclama-se senhor da vida e da morte para decidir quantos e quais hão-de nascer ou morrer. Recorrer ao aborto, por exemplo, supõe rejeitar que a criança, no seio materno, tenha um direito à vida que recebeu directamente de Deus, não dos seus pais nem de qualquer autoridade humana. A Igreja, tendo em conta a gravidade enorme deste pecado, tenta evitá-lo e, por isso, condena com a pena de excomunhão todos os que tomam parte nele voluntariamente, se efectivamente se produz.

#### 4. O quinto mandamento

**proíbe tudo o que injustamente atente contra a própria vida**

O quinto mandamento proíbe, também, o atentado contra a própria vida, quer seja mediante o suicídio ou tentativa para tal, o duelo e o pôr em perigo a própria vida sem causa proporcionada.

A vida é um dom de Deus para que façamos render os talentos recebidos. A recta razão natural faz ver a profunda aberração que supõe qualquer atentado à vida, especialmente o *suicídio*. É um pecado gravíssimo que faz o homem descer a um nível inferior ao das bestas, que mantêm sempre o instinto de conservação. Em algumas ocasiões, porém, trata-se de pessoas enlouquecidas que perderam o controlo racional dos seus actos.

É evidente que pecamos se causarmos deliberadamente dano físico a outrem; e que o pecado se torna mortal se o dano for grave. Por isso, qualquer rixa ou peleja é um pecado contra a virtude da caridade. O *duelo* foi, durante anos, um modo pueril de resolver as divergências entre pessoas. Esse combate pré-estabelecido entre duas pessoas, para se ferirem ou matarem, não pode qualificar-se de defesa própria; trata-se, sim, de um ingénuo modo de defender uma pretensa honra lesada.

O quinto mandamento contempla também tudo aquilo que, sem atentar directamente, mina, no entanto, as próprias forças ou atenta de algum modo contra a vida própria e alheia. Daqui

---

<sup>1</sup> «Que diremos da propaganda e da liberalização ou legalização do aborto provocado, sem que os corações maternos surjam em defesa das criaturas que vão nascer e da sua vocação ao serviço da vida?», PAULO VI, Ensinamentos de Paulo VI, vol. 7, Roma, 1975, p. 156.

se deduzem algumas consequências práticas em relação à comida e à bebida. A *embriaguez* e a *gula* são pecados contra o quinto mandamento porque prejudicam a saúde, porque a intemperança facilmente arrasta para outros pecados. O pecado de embriaguez é mortal quando o bebedor já não sabe o que faz; mas o beber em grau menor também o pode ser pelo prejuízo à saúde, em razão do escândalo ou por descuidar os deveres para com Deus ou para com o próximo, coisa que costuma ocorrer muitas vezes. No mesmo plano, embora em maior escala — e, por isso, com maior gravidade — se deve situar o pecado de quem consome *drogas* visto que, nessas circunstâncias, perde o uso da razão sem contar com o estado de dependência que costumam criar, pelo que se perde o sentido da vida e se dispõem a qualquer crime para alimentar o seu vício. Também não seria lícito pôr em perigo a própria vida sem causa proporcionada. Atenta verdadeiramente contra a sua vida — e a dos outros — quem conduz um veículo de forma imprudente.

Visto que a vida de todo o corpo é mais importante do que qualquer das suas partes, não oferece dificuldade que uma pessoa se submeta a uma operação cirúrgica perigosa ou que lhe seja amputado um membro, sempre que se preveja uma melhoria do conjunto. Mas é pecado a mutilação do próprio corpo ou privá-lo sem razão das suas possibilidades. Assim, o homem ou a mulher que voluntariamente se submetem a uma operação dirigida directamente para causar a esterilidade, cometem um pecado mortal. Ninguém tem autoridade para fazer isso em si mesmo ou nos outros, e menos ainda para acabar com a vida de outra pessoa, como acontece na *eutanásia*. Porque a vida é dom de Deus, a *eutanásia* — que consiste em matar um doente incurável para acabar com os seus sofrimentos — é um pecado grave, ainda que seja o doente a pedi-lo. Pois se realmente é incurável, Deus sabe muito mais e é certo que, com sentido cristão, a doença servirá para o bem dessa pessoa e de muitas outras, visto que é uma ocasião para viver em grau heróico a caridade.

## **5. O quinto mandamento proibe os pecados que se referem à alma**

Se passarmos do mundo material ao espiritual, veremos também a maldade do pecado do escândalo, da ira e do ódio.

Se é pecado matar ou ferir o corpo do próximo, com maior razão o será matar ou ferir a sua alma culpavelmente, porque o põe em perigo de perder a felicidade eterna. Sempre que uma pessoa dá mau exemplo deliberadamente pelo não cumprimento dos seus deveres, com as suas más acções ou palavras,

comete um *pecado de escândalo* que costuma ser mortal se o dano que dele se segue é grave. O verdadeiro pecado de escândalo é — juntamente com o ódio a Deus — a acção humana mais semelhante à acção diabólica, porque pretende afastar as almas da sua felicidade eterna, incitando-as ao pecado. É certo que todos temos possibilidade de causar escândalo por descuido ou voluntariamente, mas podem-no fazer especialmente aquelas pessoas cujo trabalho profissional consiste em propagar ideias ou dirigir os outros, como são os escritores, jornalistas, artistas, etc. Sobre todos eles recai de um modo especial — embora não exclusivo — a responsabilidade da perda do sentido moral e dos valores cristãos que vemos nos tempos actuais.

Jesus Cristo, que é a mansidão suprema, irou-se contra a má acção dos vendilhões do Templo porque tinham convertido a casa de Deus — que é casa de oração — num mercado onde se negociavam assuntos humanos, sob a capa do sentido religioso. Logo, a ira santa, o zelo pelas coisas de Deus e o ódio ao pecado não é mau mas bom e rectamente ordenado segundo a vontade de Deus.

Mas a ira dirigida à pessoa, porque feriu o nosso amor próprio ou os nossos interesses, é um pecado. Em geral, pode dizer-se que, quando alguém se ira pelo que lhe fizeram — e não por Deus — essa ira já não é recta. É certo que algumas das nossas zangas podem carecer de deliberação, e, por isso, não são pecado grave. No entanto, se nos dermos conta de que a nossa ira é pecaminosa e a aticarmos deliberadamente, o nosso pecado pode ser grave. Ou, se temos um carácter irascível, e conhecemo-lo e não lutamos para o controlar, é muito fácil que cometamos pecados. Porque deve evitar-se a todo o custo que a ira passe ao coração, coisa que ocorre quando se transforma em ódio, pois, assim como a ira é repentina, o *ódio* é sustentado e constitui pecado mortal: *Quem odeia o seu irmão é homicida* (1 Jo. 3, 15). Também se devem controlar os movimentos de ira para que não se manifestem em injúrias aos outros, quer seja de palavras quer de obras.

## **6. A caridade cristã tem Jesus Cristo como modelo e abrange os inimigos**

Dizíamos que o preceituado neste mandamento se refere à caridade, à concórdia e à paz com todos, incluindo também os que nos causaram algum mal ou são considerados inimigos. Um cristão bom deve gastar-se ao *serviço dos outros*, guardando sempre a ordem da caridade, pois deve chegar a todos em diferente medida. O modelo da caridade — que abarca também os inimigos — é o próprio Jesus Cristo pois que, depois de ter sido açoitado

tado, coroado de espinhos e, por último cravado na Cruz, dirigiu ao Pai aquela sublime oração: *Perdoa-lhes pois não sabem o que fazem* (Lc. 23, 34) e quer que todos os dias nos recordemos das nossas dívidas para com Ele, no Pai Nosso, para que tenhamos essa mesma magnanimidade em perdoar as ofensas.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem o conteúdo do que manda e proíbe o quinto mandamento.
- Descobrir que um filho de Deus não pode causar dano aos outros pois também são filhos de Deus.
- Dar-se conta de que devemos respeitar e cuidar da própria vida.

### De Liturgia e vida cristã

- Aprender de cor as obras de misericórdia: corporais e espirituais.
- Tratar os outros com respeito: não os maltratar nem insultar, nem lhes dizer piadas que ferem... Ser amigos de todos sem excepção.
- Não ser vingativos, pagando o mal com o mal. Nem guardar rancor nem desejar mal a ninguém.
- Reparar que, ao rezar o Pai Nosso, Jesus recorda-nos que temos de perdoar a quem nos ofende. É preciso perdoar, pois, aos que nos ofenderam.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se começar narrando a história de Caim e Abel: Caim, invejoso do seu irmão Abel, cujos dons, por serem melhores, eram aceites por Deus, convidou-o a passear pelo campo e matou-o. Deus chamou Caim e lançou-lhe à cara o seu crime e amaldiçoou-o por ter derramado o sangue de um homem, recordando-lhe que o sangue do irmão clamava vingança contra ele. Caim andou errante, durante o resto da sua vida, sobre a terra: sempre agitado e inquieto com o sinal da maldição divina contra o fratricida (cfr. Génesis 4).

Mas este mandamento não proíbe só matar: Reparar nestas palavras de Jesus: *Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; aquele que matar será sujeito a ser condenado. Eu,*

*porém, digo-vos: Quem se irritar contra o seu irmão será réu perante o tribunal* (Mt. 5, 21-22).

Abriu um diálogo com os alunos com estas ou semelhantes perguntas: Foi um pecado muito grave o de Caim?: Sim, pois só Deus é o Senhor da vida e da morte. Quais são os nossos deveres para com o nosso corpo e a nossa alma? Ver o texto.

E os deveres para com o corpo e a alma dos outros? Idem. Quais são as obras de misericórdia? Como as vivemos — Ir perguntando. Como se chama o pecado de levar os outros a pecar?: Escândalo.

b) Pode servir também para iniciar esta sessão fazer um comentário de Mateus 5, 21-22. Jesus diz-nos que não podemos matar, ferir, nem bater nos outros; em relação à alma, não devemos injuriar, ofender, nem ser invejosos, nem rancorosos com os outros. O que Jesus deseja é que ajudemos os outros a serem melhores.

c) Pode-se comentar a parábola do bom samaritano (Lc. 10, 30-37).

## **2. Desenvolver as seguintes ideias**

a) *Só Deus é o dono e Senhor das nossas vidas* [distinguir entre a alma e o corpo].

Quando uma criança começa a viver, Deus cria imediatamente a alma, que é quem dá a vida ao corpo. Deus é o autor e Senhor da vida. Nós somos apenas os administradores e, portanto, devemos cuidar da nossa vida e da vida dos outros e fazer com que dêem muito fruto. Com o quinto mandamento, Deus proíbe tudo o que vá injustamente contra a vida, tanto a própria como a alheia.

Mas, como todos os mandamentos, isto não é algo meramente negativo. Este mandamento impõe, de maneira positiva, a caridade, a concórdia e a paz com todos, mesmo com os que se portam como inimigos.

b) *Deveres que impõe o quinto mandamento para consigo mesmo* [pode-se ir perguntando como vivem os diversos deveres e tentando, segundo a idade, que melhorem ou vivam os que descuidam].

1. *O amor e respeito ordenado de si mesmo.* Temos de nos amar a nós mesmos, mas de uma maneira ordenada: sem sermos egoístas (referindo exclusivamente a si mesmo as pessoas e as coisas), nem soberbos (com uma valorização falsa das próprias qualidades, por ambição, presunção e vã glória).

2. *O amor e respeito ordenado do próprio corpo.* É preciso amar o próprio corpo, pois é o instrumento para trabalhar por Deus. Por isso, temos de cuidar dele: alimentá-lo, higiene, tomar remédios quando for necessário, desporto, ... sem excessos que possam prejudicar. Mas temos que o amar de maneira ordenada, uma vez que há outras coisas mais importantes.

Opõem-se a este dever o suicídio e o desejar a própria morte, expor-se a grandes perigos (condução imprudente de veículos, excursões perigosas, etc.), mutilação de algum membro, eutanásia (encurtar ou suprimir a vida para afugentar a dor), a gula (comer e beber em excesso), a embriaguez e o tomar drogas.

3. *O cuidado da própria vida espiritual.* Muito mais importante que a vida do corpo é a vida da alma em graça. Pelo pecado original há em nós más inclinações que, às vezes, nos podem dominar. Temos de ser fortes para não ficarmos escravos dessas más inclinações.

Pode-se matar a vida da graça na nossa alma pelo pecado mortal: é como um suicídio, embora neste caso, e graças à infinita misericórdia de Deus, exista um remédio — o Sacramento da Penitência — pelo qual se pode voltar à vida da graça.

Sem dúvida que é importante cuidar do corpo: alimentos, etc. Mas com muito mais razão, temos de cuidar da vida da nossa alma, para que a graça vá crescendo dentro de nós, pois, caso contrário, fica raquítica e morre. E como se faz crescer? Conhecendo melhor a doutrina cristã — através do Catecismo — para a poder cumprir, confessando-se e comungando com frequência, visitando Jesus no Sacrário, rezando, fazendo pequenos sacrifícios, oferecendo as nossas coisas, etc.

c) *Deveres que impõe o quinto mandamento para com os outros* [seguir o mesmo que na alínea anterior].

1. *O respeito pela vida e integridade pessoal dos outros.* Os outros homens são também criaturas de Deus e, por isso, não temos direito de os matar ou maltratar: Só Deus é dono da vida, já que é Ele o Criador. Opõe-se a isto: o homicídio e lesões, o aborto, pôr os outros em perigo por imprudência, conduzir em mau estado, etc.

Deus é o autor de toda a espécie de vida. Também da vida dos animais e plantas. Por isso, não os podemos matar a não ser que nos seja útil e necessário para nos alimentarmos, mas não podemos causar-lhes dores inúteis, martimizá-los, etc.

2. *O respeito pela convivência.* O quinto mandamento não proíbe só matar, mas tudo o que vá contra os outros: ódio, discórdias, rixas e lutas, desejar mal a alguém, alegrarmo-nos com o sofrimento ou mal dos outros, etc.

Temos de saber perdoar de coração, *não sete vezes, mas setenta vezes sete* (Mt. 18, 21 ss), isto é, sempre. Saber arrependê-nos e pedir perdão das ofensas que tenhamos feito aos outros. Não é nenhuma humilhação, mas demonstra que se tem coração grande.

3. *A vida e a saúde espiritual do próximo: o pecado de escândalo* [usar, para este ponto, o texto de Mt. 18, 5-6]. Se nos é mandado respeitar a vida e a saúde do corpo, com muito mais razão devemos respeitar a vida e a saúde espiritual dos outros. É uma maneira de causar dano à vida espiritual dos outros é por meio do escândalo. Daquele que comete um pecado de escândalo disse Jesus estas palavras duríssimas: *Mais lhe valia que lhe atassem uma mó de moinho ao pescoço e o atirassem ao fundo do mar.*

O escândalo é toda a palavra, obra ou omissão que incita outros a cair no pecado. Por exemplo: más conversas, ensinar coisas feias, fotografias, livros...; vestindo de modo pouco decente; dando maus exemplos; assistindo a espectáculos maus; pelo comportamento em lugares de diversão, praias, etc., ensinando os outros a roubar, blasfemar, etc.

d) *As obras de misericórdia* [perguntá-las e ir explicando o sentido].

Com o quinto mandamento Deus manda-nos também ajudar a todos nas suas necessidades corporais e espirituais. As obras de misericórdia recordam-nos algumas necessidades do nosso próximo.

### 3. Perguntas-resumo

Que manda e proíbe o quinto mandamento da Lei de Deus? Como se peca neste mandamento contra si mesmo e contra os outros? Que é o escândalo? Porque devemos estudar ainda que custe? Porque devemos dominar o nosso corpo?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. O maior dom que Deus nos deu é a vida divina pela qual nos tornamos filhos de Deus. Por isso devemos evitar o pecado e que outras pessoas o cometam por nossa culpa. A repetição frequente do Pai Nosso pode ajudar-nos.

2. Para dominar o nosso corpo, entre outras coisas, guardar bem as posições (de pé, sentados, de joelhos) durante a Santa Missa.

3. Como Jesus, também nós devemos oferecer a Deus Pai tudo aquilo que nos custe (dores, doenças, castigos, etc.). O melhor modo é oferecê-lo juntamente com Jesus na Santa Missa; para isso, dar atenção especial às palavras que diz o Sacerdote depois da consagração:

«Oferecemos à Vossa augusta Majestade a Vítima perfeita, santa e imaculada, o pão santo da vida eterna e o cálice da eterna salvação.»

(*Oração Eucarística I*)

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Escrever as obras de misericórdia.
- Resumir as principais ideias expostas na sessão. Podem ilustrar-se com fotografias e desenhos.
- Mencionar que pecados se podem cometer contra este Mandamento no jogo, em casa, na rua e na escola.
- Escrever, no caderno de actividades, coisas que possam tornar forte e são o nosso corpo, por exemplo, levantarmo-nos com prontidão, obedecer à primeira vez, oferecer algum pequeno sacrifício, como retardar o beber um copo de água, ser pontuais, etc.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 242-246.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 28 — Sexto e Nono Mandamentos:  
Ensinam-nos a respeitar  
o nosso corpo.*

**GC - 28**

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. A capacidade de procriar

**é uma participação no poder criador de Deus**

A doutrina cristã sobre a procriação é fundamentalmente positiva, e foi revelada por Deus: *Crescei e multiplicai-vos* (Gén. 1, 28) foi o mandamento de Deus aos nossos primeiros pais, deixando ao bom uso da sua liberdade o dom maravilhoso que lhes tinha dado com a capacidade de procriar. Transparecia em tudo, e ressoará por toda a eternidade, a satisfação de Deus ao ver que todas as coisas que tinha criado eram *valde bona* (Gén. 1, 31): muito boas, boníssimas.

Portanto, a capacidade procriadora do ser humano que se exerce dentro do matrimónio é algo bom e querido por Deus, que o torna seu colaborador na criação. Ele podia ter criado imediatamente cada corpo do homem como o faz com a alma, mas não fez assim. Preferiu que o homem e a mulher colaborassem com Ele ao expressarem-se o amor mútuo. Para isso os diferenciou no corpo e na sua psicologia íntima e incutiu-lhes atracção mútua que os havia de levar ao matrimónio onde os dois formaríamos «uma só carne» (Mt. 19, 6).

O poder de procriar é um dom maravilhoso concedido à humanidade, do qual procedeu o matrimónio e a paternidade; talvez para que através da paternidade humana pudéssemos aproximar-nos correctamente da compreensão da paternidade divina, da sua justiça e providência, e pela maternidade humana chegássemos à ternura divina, à Sua misericórdia e compaixão. Assim também preparava o caminho para a Maternidade divina da Santíssima Virgem, e para que no futuro entendéssemos melhor a união entre Cristo e a Sua Esposa, sem mancha nem ruga, que é a Igreja (cfr. Ef. 5, 31-32) <sup>1</sup>.

Além disso, por vontade de Deus, para o cristão que vive em graça, o corpo tem uma nova e superior dignidade sobrenatural, enquanto que é *templo do Espírito Santo*. S. Paulo advertia-o a fim de nos tornar conscientes das profundas exigências que este facto acarreta: *Não sabeis, porventura, que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, que recebestes de Deus, e que não vos pertenceis a vós mesmos? É que fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo* (1 Cor. 6, 19-20).

## **2. Em razão da matéria, os pecados contra a castidade são sempre graves**

Se cada homem escutasse as exigências da sua própria natureza — com dimensão individual e social — então viveria de acordo com a Lei de Deus, supondo que não tivesse sido manchado pelo pecado original. Mas como assim não é, o homem, muitas vezes, solicitado de dentro de si pela sua concupiscência ou do ambiente pelo que não é recto, decide espontaneamente apropriar-se desordenadamente desses bens, e também da sexualidade. E isso é pecado, e pecado que tem uma grande gravidade. A razão é muito clara pois o poder de procriar é o mais elevado dos dons físicos do homem, aquele que está mais directamente ligado com Deus. Esse carácter tão elevado faz com que a sua transgressão tenha maior malícia. Se a isso acrescentarmos que o acto sexual é fonte da vida humana, compreenderemos que se se corrompe a fonte, envenena-se a humanidade. A única ocasião em que um

---

<sup>1</sup> O último Concílio recolhe a doutrina sobre a moralidade dos actos conjugais a qual «não depende apenas da sinceridade da intenção e da apreciação dos motivos; deve também determinar-se por critérios objectivos, tomados da natureza da pessoa e dos seus actos; critérios que respeitem, num contexto de autêntico amor, o sentido da mútua doação e da procriação humana». VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 51. A respeito da castidade no matrimónio, cfr. PIO XI, Enc. *Casti Connubii* (Roma, 1930) e PAULO VI, Enc. *Humanae Vitae* (Roma, 1968).

pecado contra a castidade pode ser venial é quando falta plena advertência ou pleno consentimento, como em qualquer outro pecado cuja matéria é grave.

Jesus Cristo quis deixar claras todas as exigências da castidade, para evitar que os homens se desviassem e deformassem a pouco e pouco a sua consciência. O Senhor confirmou o preceito divino que proibia a impureza externa e interna, mas indicou mais ainda a gravidade da matéria, ao reprovar os maus olhares, os maus pensamentos e maus desejos. Isto é, pôs de relevo que a *virtude da castidade deve ser vivida a partir do interior* pois aí, no fundo do coração, se decide seguir a Deus ou se pactua com o egoísmo próprio e alheio: *Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, prostituições, roubos, assassinios, adultérios, ambições, perversidades, má fé, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, desvarios. Todos estes vícios saem de dentro e tornam o homem impuro* (Mc. 7, 21-23)<sup>2</sup>.

A que se deve esse desejo desordenado? Deve-se aos vestígios do *pecado original* que, embora perdoado pelo Baptismo, deixa um princípio de rebelião no homem. Por sua causa, o homem perdeu aquele controle perfeito do seu corpo e dos seus desejos, que deveria exercer pacificamente a vontade guiada pela razão. Sob o impulso premente da carne rebelde, pode surgir uma ânsia de prazer sexual que prescindia dos fins de Deus e da sua estricção limitação ao matrimónio. E sucede às vezes que a pessoa se deixa levar por eles, ofendendo a Deus. Por outras palavras, nós, os homens, somos tentados contra a castidade e temos que lutar para viver a Santa Pureza.

### **3. Deus pede nestes mandamentos a virtude da castidade e proíbe todo o abuso contra o dom recebido**

Estes dois mandamentos, ordenam algo e proibem também algo. Tem especial importância nesta matéria fixar-se no que ordenam, que é precisamente a virtude da Santa Pureza, a castidade vivida segundo o estado de cada um: isto é, ter o *coração fundamentalmente orientado para Deus e não o deter nas criaturas embora as amemos verdadeiramente*. Só temos um coração e com ele devemos amar a Deus e as criaturas. Daí que, partindo

---

<sup>2</sup> «Certamente que a caridade teologal mostra-se-nos como a maior virtude; mas a castidade aparece-nos como o meio *sine qua non*, uma condição indispensável, para se alcançar esse diálogo íntimo com Deus, e quando não se guarda, se não se luta, fica-se cego, não se vê nada, porque o *homem natural não entende as coisas do Espírito de Deus* (1 Cor. 2, 14)». J. ESCRIVA, *Amigos de Deus*, n. 175.

da mente e do coração, devemos lutar por ser castos e modestos nas acções, nos olhares, na nossa conduta e nas palavras.

Esse sentido positivo da doutrina católica adverte-se nestas palavras: «Quanto mais compreenderem os fiéis a excelência da castidade e a sua necessária função na vida dos homens e das mulheres, tanto melhor perceberão, por uma espécie de instinto espiritual, o que ela exige e aconselha, e melhor saberão também aceitar e cumprir, dóceis à doutrina da Igreja, o que a recta consciência lhes ditar nos casos concretos»<sup>3</sup>.

A respeito do que proibem estes mandamentos, a doutrina católica indica que o sexto mandamento, «não cometerás actos impuros», proíbe toda a acção, olhar, ou conversa contrária à castidade, e a infidelidade no matrimónio. Por seu lado, o nono, «não consentir em pensamentos ou desejos impuros», proíbe todo o desejo contrário à fidelidade dos cônjuges e, além disso, todo o pensamento ou desejo culpável das acções proibidas no sexto mandamento<sup>4</sup>.

#### 4. Luta positiva e usar os meios

Para um cristão, o panorama de erotismo não representa uma novidade na história, embora hoje seja uma dolorosa realidade. Por isso a sua atitude será defender com audácia e convicção a excelência da virtude da Santa Pureza. Se compararmos a concepção cristã da sexualidade com as deformações de outras propostas, compreender-se-á, desde os seus fundamentos que o motivo da castidade é o amor. Jesus Cristo e a Santíssima Virgem são o modelo para viver perfeitamente todas as virtudes cristãs, e obviamente a Santa Pureza. Ele é perfeito Deus e perfeito Homem e Ela a criatura mais perfeita de todas. Portanto, *a fé católica diz-nos — e a inteligência honesta o confirma — que se alcança a plenitude pessoal vivendo a castidade. Uns vivem-na*

---

<sup>3</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, Decl. *Dignitatis Humanae*, Roma, 1975, n. 10.

<sup>4</sup> «Segundo a tradição cristã e a doutrina da Igreja, e como também a recta razão o reconhece, a ordem moral da sexualidade comporta para a vida humana valores tão elevados que toda a violação directa desta ordem é objectivamente grave» (*ibidem*, n. 10). Pode ser conveniente, para conhecimento do que ensina, recordar que o adultério é a acção carnal com terceira pessoa, quando um dos participantes está casado; a fornicção é a acção carnal entre solteiros; e também é pecado permitir-se qualquer acção *deliberada*, como actos consigo mesmo ou com outro com o propósito de despertar o apetite sexual fora do matrimónio. É óbvio também que não só é pecado desejar a mulher do próximo mas também manter pensamentos ou desejos desonestos para com qualquer pessoa, isto é, *consentir* neles (cfr. *Ibidem*, nn. 7, 8, e 9).

entregues plenamente a Deus e ao serviço da Igreja e das almas, vivendo em celibato, como o próprio Jesus Cristo; outros vivem a castidade no matrimónio, exprimindo o seu amor e cumprindo os seus fins, de acordo com a vontade de Deus. Mas uns e outros comprovam que devem lutar contra as paixões que os aviltam, e que, com a graça de Deus, as vencem e conseguem ser senhores de si mesmos, dominando os seus apetites <sup>5</sup>.

Depois de ter sido novamente afirmada a excelência e plenitude da virgindade, pelo reino dos céus, no Concílio Vaticano II <sup>6</sup>, Paulo VI ergueu-se contra as campanhas contrárias à santidade do sacerdote e do celibato. «Também não é justo repetir, depois do que a ciência já demonstrou, que o celibato é contra a natureza (...). O homem criado à imagem e semelhança de Deus (Gén. 1, 26-27) não é somente carne, nem o instinto sexual é tudo nele; o homem é também, e sobretudo, inteligência, vontade, liberdade; graças a estas faculdades é e deve ter-se como superior ao universo, elas lhe dão o poder de dominar os seus próprios apetites físicos, psíquicos e afectivos» <sup>7</sup>.

Na luta para viver com delicadeza esta virtude contamos com numerosos e variados meios, que há que praticar e ensinar a praticar. Entre eles a oração, o convívio habitual com Jesus Cristo e a Santíssima Virgem, pois quem assim comprometeu o seu coração é difícil que os atraia definitivamente; a contrição e a reparação generosa, se se cometeu alguma falta; a mortificação que domine o corpo e as paixões; a sinceridade plena que sabe abrir o coração na direcção espiritual pessoal e, particularmente, a frequência dos Sacramentos: a Santa Missa, a Sagrada Comunhão e a Confissão sacramental.

O sentido desta virtude, indispensável para a caridade, vem assim resumido: «Com o espírito de Deus, a castidade longe de ser um peso incómodo e humilhante, torna-se uma afirmação gozosa, porque o querer, o domínio e a vitória, não são dadas pela carne, nem vêm do instinto, mas da vontade, sobretudo se está unida à do Senhor. Para ser castos e não simplesmente continentos ou honestos, temos de submeter as paixões à razão, por uma causa elevada, por um impulso de Amor» <sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup> Todos eles hão-de usar os meios da vida de piedade, a guarda dos sentidos e a devoção a Nossa Senhora, como se recorda nos primeiros escritos cristãos: «Meu filho, não sejas cobiçoso, pois a cobiça conduz à fornicção. Nem descarado nas tuas palavras, nem altivo nos teus olhos, pois de todas estas coisas se gera o adultério» *Didaké*, III, 3.

<sup>6</sup> VATICANO II, *Optatam Totius*, n. 10.

<sup>7</sup> PAULO VI, Enc. *Sacerdotalis Coelibatus*, Roma, 1967, n. 53.

<sup>8</sup> J. ESCRIVÁ, *o. c.*, n. 177.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

*Nota:* Como se indica na primeira parte, devemos ser extremamente delicados ao tratar destes temas. Esta aula não pode consistir em dar uma *informação* sobre este assunto, mas em falar, de maneira positiva, da virtude da Pureza. No caso de surgir alguma pergunta especialmente concreta ou delicada sobre estes temas, não se deve responder a todos os alunos juntos, mas sim remeter para os pais e confessor ou falar depois em particular. Deverá ter-se em conta, especialmente aqui, a idade dos alunos.

### A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem o que ordenam e proibem estes mandamentos.
- Conseguir que amem muito a virtude da Pureza, que usem os meios humanos e sobrenaturais para vencer e crescer nela.
- Conseguir que tenham confiança com os seus pais e com o sacerdote, perguntando-lhes, e não aos seus amigos, tudo o que se relaciona com estes temas. Não se deixar ficar com dúvidas.
- Viver a limpeza em palavras, conversas, gracejos, etc. Também em pormenores de pudor e modéstia.

### De Liturgia e vida cristã

- Acostumar-se a recorrer a Nossa Senhora quando surgirem tentações contra a Pureza.
- Aprender de cor o «Lembra-Vos ...» (dependendo das idades). Rezá-lo perante as tentações contra a virtude da Pureza.
- Fomentar a frequência do sacramento da Penitência como o melhor meio para viver a virtude da Pureza.
- Receber assiduamente a Jesus Sacramentado para nos fortalecer contra as tentações nesta virtude.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se narrar a seguinte história: «Santa Perpétua (séc. III) foi condenada à morte em Cartago pela sua fé cristã. Como muitos outros cristãos daqueles primeiros séculos, também ela foi arrojada às feras, no circo perante a multidão. Para a matar, soltaram uma vaca brava, que investiu contra ela e a lançou para um dos lados com os cornos. Na queda, o vestido rasgou-se. A primeira coisa que ela fez foi ajeitar o vestido para

se cobrir pois pensava mais na honestidade e em não dar ocasião de pecado a toda aquela gente que a estava a olhar, que na sua dor».

Estabelecer com os alunos o seguinte diálogo: Porque foi condenada Santa Perpétua?: Pela sua fé. Em que pensou enquanto era martirizada?: Em não dar escândalo que pudesse fazer os outros pecar. Que temos nós de mais valioso?: A graça de Deus. Como se perde?: Entre outros modos, com um pecado grave contra a Pureza.

b) Os objectos que o sacerdote utiliza na Santa Missa devem estar bem limpos porque estão ao serviço de Deus. De maneira especial o cálice que contém o Sangue do Senhor e a patena ou prato pequeno onde se coloca o Corpo de Jesus. Tanto o cálice como a patena têm um banho de ouro no seu interior.

O nosso corpo é templo do Espírito Santo; por isso, devemos tê-lo limpo para que Deus Se encontre nele com gosto. Desde o dia do nosso Baptismo, o nosso corpo é como um Sacrário, porque Deus habita nele.

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Deus colocou em nós grandes coisas* [usar as citações indicadas no texto que segue].

S. Paulo dizia aos Coríntios: *Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? Não sabeis, porventura, que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, que recebestes de Deus, e que não vos pertenceis a vós mesmos? É que fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo* (1 Cor. 6, 15; 19, 20). S. Paulo diz-nos que devemos respeitar o nosso corpo e o dos outros; porque somos membros de Cristo; depois do Baptismo somos templos do Espírito Santo; devemos dar glória a Deus com o nosso corpo. E Jesus disse: *Bem-aventurados os puros de coração porque eles verão a Deus* (Mt. 5, 8).

Ser puros de coração significa rejeitar, com fortaleza e valentia, os pensamentos, conversas, desejos, etc. impuros. Deus colocou em nós grandes coisas: a sua graça, em primeiro lugar, e também uma série de virtudes humanas: a alegria, a generosidade, fortaleza, valentia, etc.

b) *O pecado de impureza destrói tudo o que é santo no homem* [apontar os exemplos indicados mais abaixo].

Pelo pecado da impureza, tudo o que no homem é Santo fica destruído: é como uma praga de gafanhotos ou os efeitos

que produz uma bomba atômica: o mais importante é que ofendamos a Deus e perdemos a Sua amizade com este pecado, se é mortal. Mas, além disso, perdem-se muitas dessas virtudes humanas que Deus pôs em nós: o impuro é uma pessoa triste, pois é escravo do pecado, não é generoso, porque só pensa nele e no seu prazer ...

- c) *Devemos amar muito a Santa Pureza* [usar exemplos do texto que se segue; mostrar que para estar limpos, em todos os campos, é preciso vencer-se].

A Pureza é aquela virtude que nos faz respeitar o nosso corpo e o corpo dos outros nos nossos pensamentos, nas nossas conversas, e nas nossas acções. É uma conquista, algo próprio de valentes. É algo positivo e que liberta do pecado; algo que impede a ruína da nossa vida e que sejamos escravos. Como um pássaro preso por barro não pode voar, pois este se lhe pega às asas e a todo o corpo, a impureza, se alastra na nossa vida é como a goma pegajosa: ficamos presos por este pecado e não se pode voar alto, conquistando altas metas.

Devemos conquistar esta virtude, não nos deixando dominar pela impureza. Para isso temos de amar a Deus e ser valentes.

- d) *Pecados contra a Pureza* [delicadeza neste ponto e adaptar-se às idades dos alunos].

Pecam contra a pureza os que consigo ou com outros: cometem acções impuras; olham para coisas impuras, consentem em pensamentos ou desejos impuros; os que voluntariamente se põem a si mesmos ou a outros em perigo de consentir.

- e) *Devemos lutar contra a tentação* [que fique clara a distinção entre sentir e consentir na tentação].

Os pensamentos contra a pureza, por si mesmos, não são pecado mas tentações ou incentivos de pecado: vêm-nos do demónio, de outras pessoas ou das nossas más inclinações. Isto não nos deve surpreender, mas devemos ser fortes para as rejeitar prontamente. Se as rejeitarmos, aumentaremos no amor a Deus e seremos mais fortes interiormente. Deus observa a nossa luta, dá-nos força para vencer e premeia-nos se vencermos.

As vezes podemos duvidar se uma coisa é pecado de impureza ou não. Não podemos ficar na dúvida, há que perguntar. Mas não podemos perguntar a qualquer pessoa, nem falar destes temas com amigos e companheiros: são coisas íntimas e eles não nos poderão informar bem. Devemos perguntar aos pais, e ao sacerdote. Se resolvermos as dúvidas, ficaremos informados e ale-

gres. As vezes pode custar-nos e podemos sentir vergonha para consultar os pais, mas temos de ter muita confiança neles e ser corajosos.

f) *Como temos de lutar para viver a pureza e crescer nesta virtude que tanto agrada a Deus* [ir esclarecendo, conforme a idade, os meios que podem usar].

A primeira coisa que se deve fazer é fugir das ocasiões e tentações quando aparecem: não é de cobardes mas de valentes. Não se pode «brincar com o fogo» com estes temas. Depois, viver muito bem a sinceridade na confissão e com os pais.

Usar os meios humanos como: evitar leituras, imagens, filmes, etc., que prejudicam; não sermos curiosos. Fugir dos companheiros que mantêm conversas ou dizem gracejos sujos, etc. Praticar desporto e estarmos sempre ocupados. Nunca dar mau exemplo que leve outros a este pecado: cuidar do vestido, a modéstia e pudor connosco mesmos, etc.

É, o mais importante, usar os meios sobrenaturais: confissão e comunhão frequente, visitar Jesus no Sacrário e pedir-lhe ajuda, recorrer com confiança à Santíssima Virgem Maria, rezando o «Lembra-Vos...», fazer pequenos sacrifícios, oferecendo-os a Deus.

g) *Conclusão*

Devemos amar muito a virtude da Pureza, crescendo nela. A devoção a Nossa Senhora ajudar-nos-á a sair sempre vencedores e a levar uma vida limpa. Fazer o propósito de nunca se deitar em pecado mortal: confessar-se antes ou, se não for possível, fazer um acto de contrição perfeita com o propósito de se confessar quanto antes.

### **3. Perguntas-resumo**

Que mandam o sexto e nono mandamentos? Nós, os cristãos, temos um motivo especial para amar a pureza? Quem peca contra a pureza? Quando são pecado os pensamentos e desejos impuros? Quais são os meios principais para guardar a pureza?

## **C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA**

1. Se desejamos que Jesus esteja sempre connosco devemos respeitar o nosso corpo. Assim, a Igreja, na Missa das virgens, convida-nos a rezar:

«Senhor, que Vos comprazeis em habitar nos corações puros, ouvi as súplicas dos vossos fiéis, por intercessão da Santíssima Trin-

dade, e fazei-nos viver de tal modo a vida da graça que mereçamos ser Vossa morada.»

(Do *Missal Romano*)

2. O Evangelho diz-nos que Jesus impunha as Suas mãos sobre os doentes e estes ficavam curados (Lc. 4, 40). Por isso nos recomenda a Igreja que comunguemos com muita frequência para que o próprio Jesus nos dê forças para vencer toda a tentação. Sugerir aos alunos que, depois de comungar, rezem o «Alma de Cristo, Santificai-me».

3. A humildade e a sinceridade são as colunas onde se apoia a pureza e o fundamento das nossas vitórias. A liturgia convida-nos a ser humildes quando nos aconselha, antes de comungar, a dizer: «Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada ...».

4. A invocação a Santa Maria — *toda pura* — pode dar-nos serenidade e alegria, para vencer qualquer tentação. O «Lembrai-Vos ...», rezar três Ave-Marias antes de nos deitarmos, são orações a Nossa Senhora para Lhe pedir a Sua ajuda.

#### D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- Responder às perguntas correspondentes do Catecismo.
- Fazer um resumo das ideias principais, ilustrando-as com fotografias e desenhos.
- Procurar e colar no caderno a fotografia de uma águia voando sobre as montanhas e a fotografia de uma galinha que esgrava o solo com as suas patas.
- Aprender de cor o «Ó puríssima Virgem Maria», e o «Lembrai-Vos». Escrevê-las no caderno.
- Explicar que a cor branca das vestes usadas pelo sacerdote ao celebrar a Missa simboliza a alegria, a luz, a glória e a pureza.

#### E) PERGUNTAS DO CATECISMO

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 247-251.

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 29 — Sétimo e Décimo Mandamentos:  
Somos administradores dos bens  
da Terra.*

GC - 29

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. Viver o desprendimento dos bens

É muito fácil comprovar ao tratar do sétimo e décimo mandamentos, a sua permanente actualidade quase ainda maior agora que noutros tempos. Com efeito, a Humanidade progrediu notavelmente nos últimos tempos e o homem usufrui dos bens da terra e aperfeiçoa-se. Contudo, observa-se também que esse usufruir dos bens é, por vezes, desordenado, porque se convertem em fins absolutos. Por isso, o estudo destes dois mandamentos é muito actual para orientar a nossa vida.

Em ambos os mandamentos se trata do que ordenam e do que proibem e, como consequência, das virtudes que se adquirem ao cumpri-los. Daí que a pobreza e a generosidade sejam virtudes que dão luz à prática desses dois mandamentos.

Jesus Cristo, Nosso Senhor, nasceu, viveu e morreu pobre, não tinha onde reclinar a Sua cabeça mas viveu com dignidade; conviveu, além disso, com uns e com outros e *passou fazendo o bem* (Act. 10, 38). Estes breves traços podem ajudar-nos a

entender o autêntico sentido da pobreza cristã que viveu Jesus Cristo e que todos os fiéis devem praticar<sup>1</sup>.

Somos administradores em relação a Deus e proprietários em relação aos homens. A chave para compreender a virtude da pobreza está no domínio que a vontade há-de exercer sobre os apetites. Os cristãos, como todos os homens, precisam dos bens da terra para viverem, para se aproximarem de Deus e dar-Lhe glória, e aproximar outros de Deus. Somos administradores desses bens pois Ele pô-los em nossas mãos; não devemos desprezá-los mas conceder-lhes o valor relativo que têm: são meios para servir a Deus e aos outros<sup>2</sup>.

Quem procura ter medida na posse, uso e usufruto dos bens — materiais como o dinheiro, e espirituais como a honra — pratica a pobreza e imita Jesus Cristo por razões sobrenaturais. E esse desprendimento é necessário para viver a generosidade, pela qual o homem se entrega a si mesmo e aos seus bens — na medida do possível — para o bem espiritual e material dos outros, e para a honra de Deus. Assim este *binómio de desprendimento e generosidade, que constituiu a virtude sobrenatural da pobreza*, enquadra adequadamente as exigências do sétimo e décimo mandamentos<sup>3</sup>.

## **2. O décimo mandamento ordena viver o desprendimento e proíbe o desejo de adquirir bens injustamente**

O décimo mandamento diz: «Não cobiçar as coisas alheias». Começemos a estudá-lo em primeiro lugar visto que ele aponta directamente para as intenções, desejos e pensamentos do homem, uma vez que o pecado se comete no momento em que deliberadamente se deseja ou decide cometê-lo. O sétimo, pelo contrário, atende aos actos externos.

*Pede-nos o décimo mandamento que pratiquemos a generosidade e afastemos de nós a concupiscência.* Em primeiro lugar

---

<sup>1</sup> «Toda a Igreja deve trabalhar para tornar os homens capazes de edificar rectamente a ordem temporal e de a ordenar, por Cristo, para Deus». VATICANO II, *Apostolicam Actuositatem*, n. 7.

<sup>2</sup> Daí que: «A verdadeira pobreza não consiste em não ter mas em estar desprendido, em renunciar voluntariamente ao domínio sobre as coisas. Por isso há pobres que realmente são ricos. E vice-versa». J. ESCRIVÁ, *Caminho*, n. 632.

<sup>3</sup> «É verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação dar-Vos graças (...), Senhor, Pai Santo (...) porque, com as nossas privações voluntárias, nos ensinais a reconhecer e a agradecer os Vossos dons, a dominar a nossa ânsia de suficiência, e a repartir os nossos bens com os necessitados, imitando assim a Vossa generosidade (...)». Do *Missal Romano*, Prefácio da Quaresma, III.

supõe, pois, que estejamos contentes com a situação em que Deus nos colocou. Isto é, que desejemos, antes de mais, cumprir com alegria a Vontade de Deus, mas sem excluir a busca honesta e sobrenatural de melhores condições de vida. É agradecimento que se exprime adequadamente ao oferecermos a Deus parte dos bens que nos concedeu: «Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos da Vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem, que hoje Vos apresentamos e que para nós se vai tornar pão da vida»<sup>4</sup>. E o mesmo se faz com o vinho durante a Santa Missa: um e outro se converterão no Corpo e no Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A proibição deste décimo mandamento refere-se à concupiscência que é o apetite desordenado dos bens da terra, e não só dos que se referem à sexualidade<sup>5</sup>. Porque, se a vontade — com a ajuda da graça — não ordena esses apetites, surge o pecado quando a alma se dirige para o mal e se deleita nele. É o que o apóstolo S. Tiago explica: *Cada um é tentado pela sua própria concupiscência que o atrai e seduz. E a concupiscência, depois de ter concebido, dá à luz o pecado* (Tiago 1, 14-15).

### **3. O sétimo mandamento obriga a praticar a justiça e proíbe toda a injustiça em relação aos bens alheios**

O sétimo mandamento «Não furtar...», por seu lado, também ordena e proíbe algo. Porque, em primeiro lugar, manda que os homens vivam com justiça nas suas relações com os outros e com a comunidade, e proíbe toda a injustiça em relação aos bens alheios.

Exige-nos, pois, que pratiquemos a virtude da *justiça, que é a virtude moral que obriga a dar a cada um o que lhe é devido*.

A justiça leva, além disso, a respeitar todos os direitos, próprios ou alheios, exercitando uns e respeitando os outros. Refere-se a todos os direitos: à dignidade e liberdade pessoais, à educação e cultura, à escolha do estado de vida, etc.; e não só à igualdade em relação aos bens materiais, como pretende grosseiramente o comunismo marxista. Sem dúvida que um dos problemas da humanidade consiste, hoje em dia, na falta de uma distribuição mais justa de bens entre pessoas e nações. Mas a

---

<sup>4</sup> Do *Missal Romano*, Apresentação dos dons.

<sup>5</sup> «O outro inimigo, escreve S. João, é a concupiscência dos olhos, uma avareza de fundo que nos leva a valorizar apenas o que se pode tocar. Os olhos ficam como que pegados às coisas terrenas e, por isso mesmo, não sabem descobrir as realidades sobrenaturais». J. ESCRIVA, *Cristo que passa*, n. 6.

justiça não se pode identificar com uma distribuição idêntica dos bens materiais, chegando a negar o direito à propriedade privada, como faz o comunismo. Por isso, o Magistério da Igreja rejeita-o por entender que nisto e noutros pontos vai contra a dignidade do homem<sup>6</sup>.

A virtude da justiça pode violar-se de várias maneiras. Em primeiro lugar, pelo pecado de roubo, que é o furto quando se tomam os bens alheios ocultamente, ou a rapina quando se tomam com violência e claramente. Para que haja roubo, de um modo ou doutro, há-de reter-se voluntariamente, contra a vontade do dono, o que lhe pertence. Vê-se que contrariar a vontade do próximo no que é legitimamente seu pode fazer-se de outras formas além do roubo.

Também peca contra a justiça quem não cumpre um contrato ou um acordo de negócios, se causa prejuízos à outra parte, que é o que costuma acontecer. E é injusto também incorrer em dívidas sabendo que não se poderão satisfazer, coisa que ocorre tantas vezes, e não por inadvertência mas pela desordem de querer viver por cima das próprias possibilidades; por não saber viver a virtude cristã da pobreza.

A mesma raiz e o mesmo pecado de injustiça dá-se na fraude, quando se priva outra pessoa do que é seu, enganando-a. Pode defraudar-se no comércio, ao utilizar os pesos e medidas falseados, ou na qualidade dos produtos. Também no trabalho, quando os empresários não dão aos empregados o salário que é justo, ou os mantêm em condições indevidas, apoiando-se no excesso de mão de obra, ou quando os empregados defraudam por falta de rendimento ou por prejuízo voluntário nos materiais ou aos interesses da empresa, etc., etc. É, pois, um mandamento que pede um profundo exame pessoal para ser levado frequentemente à Confissão.

#### **4. A matéria grave ou leve nestes mandamentos**

A existência de matéria grave depende de várias circunstâncias: umas vezes os pecados serão graves e outras leves. Como a diferença entre uma matéria e outra não pode depender de umas moedas a mais ou a menos, diz-se em geral, que o roubo de algo de pouco valor será pecado venial, enquanto que roubar algo valioso será pecado mortal. Mas, que é isso de mais valioso ou menos valioso? A distinção é tirada do senso cumum, dos

---

<sup>6</sup> Cfr. PAULO VI. Carta *Octogesima Adveniens*, Roma, 1971, n. 26; PIO IX, Enc. *Qui pluribus*, Roma, 1845; PIO XI, Enc. *Divini Redemptoris*, Roma, 1937.

usos, da consciência rectamente formada, e, em caso de dúvida, da indicação do confessor. Costuma-se distinguir, além disso, entre o valor relativo e o absoluto, sendo este o valor próprio duma coisa, independentemente das circunstâncias. Assim, o roubo ou prejuízo de cinco mil escudos é algo de grande valor, ainda que o prejudicado não o note ou não lhe dê valor. O valor relativo depende das circunstâncias, pois uma quantidade modesta, por exemplo a jorna, pode ser pecado grave se o prejuízo que se ocasiona também o é. Mas, em último caso, a prática do desprendimento e da virtude da pobreza levará um bom cristão a ser extraordinariamente honrado nos negócios e o uso dos bens quando afecta a outros. E, se tem a desgraça de pecar, procurará confessar-se, aconselhar-se convenientemente e reparar em consciência.

### **5. A necessária restituição dos bens alheios**

Uma diferença de importância deve ser notada entre os pecados contra estes dois mandamentos. Porque os que se referem ao décimo perdoam-se com arrependimento manifestado no sacramento da Penitência, por se tratar de pecados internos; enquanto que os do sétimo exigem a restituição para poderem ser perdoados. A restituição consiste em indemnizar os prejuízos causados pelo que se adquiriu ou danificou injustamente. Se na dor prévia à confissão não se dá essa intenção de reparar tão rápido quanto possível, não há verdadeiro arrependimento nem perdão.

Os moralistas costumam indicar alguns princípios que iluminem a consciência daquele que deve restituir, pois é evidente que se trata de um assunto complicado. Em primeiro lugar falam de restituir à pessoa que sofreu a perda de bens, aos seus herdeiros se faleceu, ou a uma instituição de caridade se o anterior não é possível. E acrescentam, além disso, que se devem restituir os mesmos bens que se adquiriram injustamente, juntamente com os lucros que tenham produzido.

### **Conclusão**

Vê-se pois que as possibilidades de não praticar a justiça são múltiplas e que só se resolvem mediante uma exigência pessoal que domine a concupiscência e pela prática da caridade. Esta vai muito mais além que as exigências da justiça pois se exercita por amor de Deus e com perspectiva sobrenatural: «É preciso reconhecer Cristo que nos sai ao encontro nos nossos irmãos, os homens. Nenhuma vida humana é uma vida isolada; entrelaça-se com as demais. Nenhuma pessoa é um verso solto; todos fazemos

parte de um mesmo poema divino, que Deus escreve com o concurso da nossa liberdade»<sup>7</sup>. Deste modo as estritas exigências da justiça, completam-se com a solicitude da caridade que ultrapassa aquelas exigências. Precisamente essas virtudes do desprendimento e da caridade são as preceituadas pelo sétimo e décimo mandamentos.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem o conteúdo do que mandam e proibem o sétimo e décimo mandamentos.
- Tomar consciência de que somos administradores das coisas que temos e de que é necessário estarmos desprendidos dessas coisas e sermos generosos.
- Fazer compreender que os grandes roubos se cometem depois de não dar importância aos pequenos furtos feitos em casa, na escola, aos amigos, etc.

### De Liturgia e vida cristã

- Aprender ou rever o Pai-Nosso.
- Habituar-se a respeitar as coisas próprias e as dos outros: em casa, na escola, na rua, nas lojas, etc. Nunca roubar nada a ninguém, ainda que seja pouco, e se o fizemos, devemos devolvê-lo.
- Pedir licença quando se pega nalguma coisa que não é nossa; ter um cuidado especial com tais coisas e devolvê-las.
- Não fazer batota nos jogos nem enganar os outros.
- Sermos generosos deixando as nossas coisas aos outros: irmãos, amigos, companheiros, etc. Dar esmola.

### B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA

#### 1. Introdução (diversos pontos de partida)

a) Pode-se contar a passagem de Marcos 10, 20-27 destacando as seguintes ideias:

- Um dia apresentou-se um jovem diante de Jesus a perguntar o que devia fazer para alcançar a vida eterna.

---

<sup>7</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 111.

- Jesus respondeu-lhe resumindo os Mandamentos.
- Então este jovem replicou-Lhe que tudo aquilo já ele fazia desde criança. Jesus disse-lhe então: «Falta-te uma coisa. Vai, vende quanto tens e dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-Me».
- Ao ouvir estas palavras, aquele jovem que antes estava alegre, partiu triste, porque tinha muitas riquezas, diz o Evangelho.
- Jesus disse aos Seus discípulos: «Quão dificilmente entrarão os ricos no Reino de Deus!». Jesus queria dizer com estas palavras, que os que vivem apegados às riquezas, os que são egoístas, não entrarão no Céu.

Abrir um diálogo com os alunos com estas ou outras perguntas: Que perguntou aquele jovem a Jesus?: Como ir para o Céu. Que lhe respondeu Jesus? Vós sabeis responder?: Cumprir os mandamentos. Porque foi que o jovem partiu triste?: Porque tinha muitas riquezas e estava apegado a elas, era egoísta e não queria desprender-se. Estaremos nós apegados às coisas que temos? Deixamos os outros utilizá-las ou somos egoístas? Cuidamos e respeitamos as coisas dos outros? Pedimos licença para pegar em alguma coisa e depois devolvê-la? Fazemos batota eu enganamos? Pegamos em coisas que não são nossas? — Deixá-los responder.

b) Se for mais oportuno, podem usar-se outras passagens do Evangelho, como: a história de Zaqueu (Lc. 19, 1-10); Judas vendeu a Jesus por cobiça (Mt. 26, 14-16).

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

- a) *Deus deu-nos as coisas para nosso uso* [usar o texto do Génesis 1, 28-29].

No livro do Génesis vê-se como Deus criou todas as coisas e as confiou a Adão e Eva e aos seus descendentes para que estivessem ao seu serviço. Deus é o Dono e Senhor de tudo; todas as coisas Lhe pertencem. Mas Deus colocou todas estas coisas nas mãos dos homens. Devemos cuidar e respeitar os nossos próprios bens, pois tudo é de Deus; nós somos apenas os administradores.

Todos os homens têm direito a possuir os bens que são necessários para a sua própria vida e para que se sintam mais seguros e livres. Exprime-se dizendo que o direito à propriedade privada é um direito natural. Por isso o marxismo, ao negá-lo, não respeita a dignidade humana.

- b) *Temos de respeitar e cuidar dos bens do próximo, porque tudo é de Deus* [apresentar claramente os diversos modos de subtrair algo aos outros].

Como todas as coisas são de Deus e os homens têm direito a possuir bens, não se podem tirar as coisas dos outros. Temos de respeitar e cuidar das coisas dos nossos pais, irmãos, amigos: brinquedos, roupa, livros, dinheiro... Se queremos usar alguma coisa, temos de a pedir; e se no-la deixam, devemos ter cuidado para que não se estrague, devolvendo-a depois de a usar.

Também temos de cuidar e respeitar as coisas da casa e públicas: escolas, transportes e lugares onde estamos. Nunca se deve tirar nada que não seja nosso, nem estragar; riscar as carteiras ou as paredes, por exemplo. Não podemos estragar as coisas que não são nossas, pois é a mesma coisa que roubar. Também temos de ter cuidado e respeitar as coisas que há na rua, nas lojas, nos armazéns, etc.

Às vezes surge a tentação de roubar alguma coisa em casa, na loja, na escola, etc. Pensamos que é pouco e que se pode fazer. Isto é perigoso porque, se não se vencem estas pequenas tentações, pode-se adquirir depois o vício de roubar. Todos os grandes ladrões começaram por roubar coisas de pouca importância, às vezes aconselhados e iniciados por maus amigos: deve-se fugir dessas amizades más, que nos levam a pecar e a ofender a Deus.

- c) *Que se deve fazer quando se rouba ou se causa dano nos bens dos outros* [deixar clara a obrigação de restituir; concretizar e dar exemplos de como se pode restituir].

Quando se rouba ou estraga alguma coisa, causando dano importante nos bens dos outros, comete-se um pecado grave ou, se o dano é pequeno, venial. O pecado grave será perdoado na Confissão. Mas, se tiramos ou estragamos algo que não é nosso, não basta a confissão: é preciso *restituir* o que se roubou ou estragou; e se não temos a intenção de o restituir, o pecado não se perdoa. E se não se tem o que se roubou? — É preciso restituir das coisas próprias ou comprar algo equivalente ao que se roubou ou perguntar ao confessor.

- d) *Como nos devemos comportar perante os bens da terra*

1. *Em relação a nós mesmos* [usar o texto de Mt. 6, 19-21, 24].

Os bens da terra são para o nosso uso e necessidade, mas temos de ter em conta que há outros bens muito mais importantes, que temos de nos esforçar para adquirir e cuidar: são os

tesouros que permanecem no Céu. E estes tesouros que permanecem são: o amor a Deus e ao próximo, demonstrado com obras; a confissão, a comunhão, a oração ... Jesus diz que não podemos servir a Deus e ao dinheiro. Quer isto dizer que se o nosso coração está apegado às coisas da terra (dinheiro, bens, comodidades, etc.) não há nele lugar para Deus e para dar valor às coisas Suas e do próximo.

2. *Em relação aos outros* [usar o texto de 1 Jo. 3, 17-18].

Não se trata só de não roubar os outros. Jesus Cristo quer que os cristãos repartam os seus bens com os que têm necessidade. É como podemos ajudar os outros? — aos nossos pais, auxiliando em casa, estudando, já que lhes custa muito esforço e dinheiro, amando-os, etc. Aos companheiros, emprestando-lhes as nossas coisas, dedicando-lhes tempo ... Aos pobres: com esmolas, visitando-os, fazendo-lhes passar bons momentos. Além disso temos a obrigação de ajudar a Igreja nas suas necessidades. É o que diz o quinto mandamento da Igreja, que cada um deve viver na medida das suas possibilidades, por exemplo, deitando dinheiro na bandeja quando vamos à Igreja aos domingos.

Não podemos ser egoístas, mas generosos, deixando as nossas coisas e preocupando-nos com os outros.

### 3. Perguntas-resumo

Que proíbe o sétimo mandamento? Que é furtar? A que estão obrigados os que roubaram ou causaram dano ao próximo nos seus bens? Que proíbe o décimo mandamento da Lei de Deus? Que nos ordenam o sétimo e o décimo mandamentos?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Todos os bens que há na terra foram postos por Deus Pai ao serviço de todos os homens para que O louvem mais facilmente. O pão e o vinho que se oferecem na Missa a Deus são o símbolo claro do nosso agradecimento ao Criador do universo:

«Bendito sejas, Senhor, Deus do Universo,  
pelo pão (pelo vinho)  
que recebemos da Vossa bondade,  
fruto da terra (da videira)  
e do trabalho do homem,  
que hoje Vos apresentamos  
e que para nós se vai tornar pão da vida  
(vinho da salvação).»

(Do Missal Romano)

2. Uma vez ditos os pecados ao confessor, e depois de escutar os seus conselhos, o Sacerdote impõe-nos a penitência. É conveniente cumpri-la logo que possível para que não nos esqueçamos. Com esta pequena penitência restituímos a Deus a glória que Lhe tínhamos tirado com os nossos pecados. Seria bom sugerir aos alunos que, uma vez por outra, voluntariamente e por sua própria conta, façam alguma outra penitência além da indicada pelo confessor: assim desagravamos mais a Deus.

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas do Catecismo.
- Fazer um breve resumo da sessão. Pode acompanhar-se com a ilustração de fotografias e desenhos.
- Que os alunos escrevam no seu caderno algumas das coisas que são supérfluas.
- Recordar as Obras de Misericórdia.
- Ajudar os alunos a fazer um exame de consciência sobre o cuidado da roupa, do calçado, livros e cadernos, a remuneração semanal, etc.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

Aprender ou rever as Obras de Misericórdia.

*Manual de Doutrina Católica, nn. 252-257.*

## CURSO ELEMENTAR DE CATEQUESE

*Tema 30 — Oitavo Mandamento:  
O amor à verdade  
e o respeito à boa fama.*

**G C - 30**

### I. ASPECTOS DOUTRINAIS

#### 1. A importância da veracidade

As palavras de Jesus Cristo: *Se permanecerdes na Minha palavra, sereis verdadeiramente Meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade libertar-vos-á* (Jo. 8, 31-32)) estabelecem uma relação entre o conhecimento da doutrina e liberdade. A liberdade cuja raiz é querer o bem, e procurar fazê-lo, consegue-se com uma melhor formação nas coisas de Deus. E assim, o conhecimento do oitavo mandamento ajudar-nos-á a ver-nos livres da mentira e do demónio que é o pai da mentira. E nessa liberdade mais plena dá-se a verdadeira maturidade cristã, cujo sinal é a integridade e harmonia no pensar, querer e agir. Por isso, estudaremos no oitavo mandamento as virtudes que preceitua, quais sejam a sinceridade e a simplicidade e os pecados que proíbe que se resumem no falso testemunho e na mentira.

A dificuldade de viver plenamente a sinceridade e a simplicidade pode considerar-se como de experiência comum. E assim o Apóstolo S. Tiago admira e põe como exemplo o homem íntegro que sabe dominar a sua língua: *Se alguém não peca pela palavra, esse é um homem perfeito, capaz de dominar o seu corpo (...). Todas as espécies de animais selvagens, de aves, de*

*répteis e de animais do mar foram domados pelo homem. A língua, pelo contrário, ninguém a pode dominar: mal irreductível, carregada de veneno mortal. Com ela bendizemos a Deus Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus* (Tiago 3, 2. 7-9).

Uma vista de olhos sobre o panorama que apresentam as relações entre os nossos contemporâneos indicar-nos-ia que o oitavo mandamento, é actual. Porque são frequentes os juízos precipitados sobre a conduta e as intenções dos outros, e às vezes empregam-se a murmuração, ou a calúnia como arma de poder, e a mentira como meio para se enriquecer. E, se as palavras do Apóstolo parecessem exageradas, bastaria estudar as exigências deste mandamento para descobrir que as esquecemos muito facilmente.

## **2. O oitavo mandamento pede que vivamos com veracidade respeitando a honra alheia**

A veracidade é uma virtude que atrai as simpatias de qualquer pessoa normal, ainda que não tenha o dom da fé. Mais ainda, é uma virtude que Jesus muito exaltou, evidenciada no louvor que deu a Natanael: *Eis um verdadeiro israelita em quem não existe fingimento* (Jo. 1, 47). Também, mostrou o Seu profundo desagrado perante a atitude dos fariseus que converteram a hipocrisia em norma habitual de conduta e expôs na parábola do fariseu e do publicano as palavras daquele: *Ó Deus, dou-Te graças por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano* (Lc. 18, 11). Por onde se vê que a hipocrisia leva consigo juízos temerários e falta de justiça e caridade<sup>1</sup>.

A sinceridade é virtude da moda entre os nossos contemporâneos, embora infelizmente mais nas palavras que na sua dimensão íntima que é a sinceridade de vida. Além disso, essa «sinceridade» quantas vezes não tem de tal mais que o nome, porque brota de um interior injusto e falta à caridade; o que se pretende é a explosão brutal do eu, que é fruto do egoísmo.

O modo de proceder do cristão há-de guiar-se pela sinceridade de vida, pela pureza de um coração que se sabe habi-

---

<sup>1</sup> Já nos primeiríssimos escritos cristãos se preceitua dizer sempre a verdade com caridade: «Meu filho, não sejas mentiroso, pois a mentira conduz ao roubo. Não sejas avarento, nem presunçoso, pois de todas estas coisas se geram roubos». «Meu filho, não sejas murmurador, pois a murmuração conduz à blasfémia. Nem arrogante, nem de mente perversa, pois de todas estas coisas se geram blasfémias». *Didaké*, III. 5, 6.

tualmente na presença de Deus, e pela caridade no convívio com os outros. É verdade que a convivência nos depara ocasiões de ajuizar da conduta dos outros, mas devemos recordar que só Deus julga o interior do homem. Além disso, devemos distinguir entre os factos externos e as intenções, e entre as doutrinas e as pessoas.

Só assim chegaremos a conhecer as profundas dimensões que atinge a justiça, tão admirada no nosso tempo. Porque aquilo de que o próximo tem necessidade é, em primeiro lugar, do reconhecimento da sua dignidade e do respeito pela sua intimidade. «A caridade cristã não se limita a socorrer o necessitado de bens económicos; leva-nos, antes de mais nada, a respeitar e a defender cada indivíduo enquanto tal, na sua intrínseca dignidade de homem e de filho do Criador. Por isso, os atentados à pessoa — à sua reputação, à sua honra — provam, em quem os comete, que não professa ou não pratica algumas verdades da nossa fé cristã e, sempre, a carência de um autêntico amor a Deus»<sup>2</sup>.

### **3. O oitavo mandamento proíbe toda a falta de veracidade**

Infelizmente são muito frequentes os pecados contra o oitavo mandamento que ao indicar «Não levantar falso testemunho, nem faltar à verdade», nos proíbe testemunhar falso, em julgamento; proíbe, além disso, a difamação ou murmuração, a calúnia, a adulação, o juízo e suspeita temerários e toda a espécie de mentiras. Basta aproximar-se de um lugar onde se vendam revistas para verificar que a intimidade de tantas pessoas se expõe publicamente sem recato. Um cristão deve rejeitar esse modo de proceder e não se deixar solicitar por essa curiosidade agressiva que vasculha morbidamente na vida privada dos outros. Em qualquer caso, a curiosidade malsã é o melhor caldo de cultivo dos pecados contra o oitavo mandamento, e mostra que não se valoriza a veracidade nem se vive a caridade.

A *mentira* é um pecado que consiste em assegurar como verdadeiro ou falso, com palavras ou com obras, o que não se tem por tal. São variadas as razões que levam uma pessoa a mentir, como sejam: alcançar um benefício para si, causar dano ao próximo ou por brincadeira, e se costumam denominar mentira oficiosa, danosa e jocosa respectivamente. Mas, seja qual for a motivação de uma mentira é sempre pecado não viver com veracidade. Deus deu-nos a capacidade de comunicar os nossos pensamentos

---

<sup>2</sup> J. ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 72.

para que digamos sempre a verdade e O louvemos; daí que sempre que deliberadamente pensamos mal e o transmitimos, com palavras ou obras, abusamos desse dom e pecamos. A gravidade da ofensa moral a Deus depende do mal moral que se ocasione, mas é sempre maior que o mal físico; alguns juízos e mentiras serão pecado leve, mas outros podem ser pecado grave. E supõe uma certa semelhança com o demónio a quem, na Sagrada Escritura, se chama «pai da mentira» (Jo. 8, 44).

O *juízo ou suspeita temerários* é um pecado que consiste em julgar ou suspeitar mal de alguém sem justo fundamento, ainda que não se exteriorize. Comete-se quando se vêem segundas intenções nos actos ou palavras de outras pessoas, e constitui uma falta de caridade. Além disso, quando uma pessoa tem tendência para fazer esses juízos facilmente cairá noutros pecados contra a justiça e a caridade, como sejam a murmuração, a difamação e a calúnia.

Com a *murmuração* e maledicência uma pessoa comenta com outros os defeitos alheios, prejudicando a reputação sem motivo justo que só se daria em determinados casos, por exemplo, ao testemunhar em julgamento para evitar danos maiores. Porque ainda que os defeitos sejam verdade ninguém tem direito a roubar a fama de outro, porque estavam ocultos. E mais ainda, o cristão tem o imperativo da caridade para que lute, com a graça de Deus, para não comentar o negativo, para se calar quando não pode dizer algo positivo.

A *calúnia* é um dos piores pecados porque fere o próximo na sua honra, que é mais valiosa que a vida do corpo, e porque atenta contra a veracidade (mentir), a justiça (ferir o bom nome alheio), e a caridade (não amar o próximo enquanto filho de Deus). O pecado de calúnia pelo qual uma pessoa atribui maliciosamente ao próximo culpas ou defeitos que não tem, muito facilmente chega a ser pecado grave se com ele prejudica seriamente a honra alheia. Além disso, este pecado exige reparação; mas se já era difícil a restituição dos bens materiais quando se tinham lesado, muito mais o é recolher a calúnia uma vez propagada.

Para evitar tantos males que ofendem primeiramente a Deus e depois ao próximo, a Igreja pede:

«Iluminai, Senhor, com os ensinamentos de Cristo aqueles que alimentastes com o pão da vida, para que (...) conheçam a Vossa verdade e dêem testemunho dela na prática do amor»<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Do Missal Romano, *Missa do Comum dos Doutores da Igreja*, Oração depois da Comunhão.

#### 4. A caridade

##### leva a praticar a correcção fraterna

O cristão que ama a Deus, ama também os outros, que para si não são indiferentes mas próximos, chegados a si e a Deus pois todos somos Seus filhos. Em vez de julgar, de comentar, de dizer «tagarelices», de insultar, etc. temos de falar bem dos outros, e adquirir o hábito de nos fixarmos mais nas virtudes que nos defeitos, como fazia o Senhor <sup>4</sup>. Ora bem, como é possível que encontremos defeitos nos demais, a atitude deve ser a de os ajudar a superá-los com a prática da correcção fraterna, segundo ensina o Evangelho.

É inútil tentar a correcção fraterna se ela não é movida pela caridade e não se tomam as convenientes medidas de prudência para não ferir. Antes de a praticar é necessário afinar no convívio cheio de caridade com essa pessoa. Quem faz a correcção deve considerá-la na presença de Deus e rectificar a intenção para não se mover por irritação, ou por razões humanas. Depois cuidará do modo de a dizer para que seja benéfica para o seu irmão e, melhorando este, redunde em glória de Deus.

Com essa disposição de caridade que se manifesta na compreensão com o próximo e no perdão ilimitado (cfr. Mt. 18, 22) se prende a prática da correcção fraterna: *Se o teu irmão pecar, vai ter com ele e repreende-o a sós. Se te der ouvidos, terás ganho o teu irmão* (Mt. 18, 15). Correcção que tantas vezes podem fazer os pais entre si e com os filhos, os irmãos mais velhos com os mais novos e, em geral, todos <sup>5</sup> como prova sincera de caridade eficaz e sobrenatural.

## II. GUIA PEDAGÓGICO

### A) OBJECTIVOS

- Conhecer muito bem o que ordena e proíbe o oitavo mandamento.
- Conseguir que os alunos digam sempre a verdade, ainda que, em certas ocasiões, exija esforço.
- Dar-se conta de que um cristão nunca pode falar mal dos outros.

---

<sup>4</sup> Tal é a Sua atitude com Simão Pedro (cfr. Jo. 21, 15 ss), com Zaqueu (cfr. Lc. 19, 1-10), com a Samaritana (cfr. Jo. 9), etc.

<sup>5</sup> A correcção fraterna é algo da vida ordinária pois «não se deve exercitar apenas nas coisas grandes, mas, antes de mais, nas circunstâncias ordinárias da vida». VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 38.

- Compreender que se devem reparar os danos causados pela mentira, calúnia, difamação, etc.

### **De Liturgia e vida cristã**

- Aprender ou rever o Pai-Nosso.
- Ter como lema: *Seja este o vosso modo de falar, sim, sim, não, não* (Mt. 5, 37).
- Habituarmos a nunca falar mal dos outros, cortar com valentia as conversas em que se fala mal dos outros, se calunia, difama, etc. Dizer as coisas cara a cara, com caridade.
- Habituarmos a reconhecer as nossas falhas, sem nos desculparmos.
- Confessar em primeiro lugar os pecados que mais vergonha nos causem.

### **B) DESENVOLVIMENTO DO TEMA**

#### **1. Introdução** (diversos pontos de partida)

##### **a) Narrar a seguinte passagem do Evangelho:**

- Jesus foi detido no Horto das Oliveiras na tarde de Quinta-feira, traído por Judas.
- Conduziram-no, em seguida, perante o Sinédrio, presidido por Caifás. Ali apresentaram falsas testemunhas que acusavam Jesus de muitas coisas para o poderem condenar, mas os seus testemunhos eram contraditórios.
- Caifás, Sumo Sacerdote, levantou-se e perguntou a Jesus: *«Não respondes nada ao que estes depõem contra Ti?»*. Mas Ele continuava em silêncio e não respondia. O Sumo Sacerdote voltou a interrogá-lo. *«És Tu o Messias, o Filho de Deus Bendito?»*. *«Sou»*, respondeu Jesus. O Sumo Sacerdote rasgou, então, a tua túnica e disse: *«Que necessidade temos ainda de testemunhas? Ouvistes a blasfémia! Que vos parece?»*. E todos sentenciaram que Ele era réu de morte. Depois, alguns começaram a cuspir-Lhe, cobriram-Lhe o rosto com um véu, e esbofetearam-n'O, dizendo-Lhe: *«Profetiza!»*. E os guardas davam-Lhe bofetadas (Mc. 60-65).

Abrir um diálogo com os alunos com estas ou outras perguntas:

De que acusavam Jesus?: De muitas coisas. Que respondeu Ele?: Primeiro em silêncio, depois, diz a verdade: que é o Filho de Deus feito Homem. Que consequências teve para Jesus o dizer a verdade?: Ser esbofetado, insultado e condenado à morte. Somos

nós fortes como Jesus para dizer sempre a verdade? Dizemos coisas falsas dos outros? Desculpamo-nos sempre das nossas faltas, sem as reconhecer? Sabemos dizer as coisas cara a cara, com caridade? Deixá-los pensar em silêncio, fazendo exame sobre estas perguntas.

b) Também se pode contar a seguinte história, muito ilustrativa:

«Um rapaz, muito mentiroso, guardava um rebanho na encosta de um monte. Um dia, na brincadeira, começou a gritar: *Aí vem lobo! Aí vem lobo!* Os que moravam perto acorreram armados de machados e paus e, não vendo nada, foram-se embora; e ele ficou a rir-se deles. No dia seguinte voltou a gritar: *Aí vem lobo! Aí vem lobo!* A gente acorreu de novo, já em menor número, e confusos por se verem burlados pela segunda vez, foram-se embora. Ao terceiro dia o lobo chegou a valer. O pastorinho pôs-se a gritar desesperadamente: *Acudam! Acudam! É o lobo!* Mas ninguém deu ouvidos aos seus gritos de alarme, e o lobo matou-lhe muitas ovelhas.»

## 2. Desenvolver as seguintes ideias

a) *Jesus ensina-nos a dizer a verdade* [usar o texto do Evangelho exposto na introdução].

Como vimos, Jesus ensina-nos, com o Seu exemplo, a dizer a verdade, embora isto lhe custasse muitos sofrimentos e até a própria vida. Noutra ocasião Jesus disse: *Seja este o vosso modo de falar: sim, sim; não, não; tudo o que for além disto procede do espirito do mal* (Mt. 5, 37). As vezes damo-nos conta de que dizer a verdade custa muito; exige esforço. Mas é preciso ser forte para a dizer sempre e não mentir.

b) *A mentira destrói muitas coisas valiosas* [dar o exemplo do fósforo que destrói um bosque].

A mentira produz sempre tristeza e intranquilidade em quem a diz; destrói a amizade e a confiança entre as pessoas, como vimos nessa história do pastor mentiroso. Como um fósforo, que é uma coisa muito pequena, pode destruir um grande bosque, também uma mentira pode destruir muitas coisas grandes: por exemplo, se se mente a um amigo ou aos pais, acaba-se por perder a amizade e a confiança; além disso, torna o que a diz, um covarde. Num mentiroso, mesmo que depois diga a verdade, não se acredita. Para se viver em sociedade é indispensável dizer a verdade. Também devemos ser verídicos — sinceros — conosco

mesmos: isto significa não nos ocultarmos a verdade sobre nós próprios e quereremos ver a verdade toda que nos diz respeito.

- c) *Motivos que levam a mentir* [mostrar que a mentira é sempre uma cobardia].

As vezes mentimos por medo e vergonha de ser descobertos. Outras vezes para sair de um apuro ou por brincadeira. Pode ser um pecado mortal quando mentimos em assuntos importantes ou sabendo que causamos grave dano a outra pessoa.

As vezes devemos calar a verdade para guardar um segredo ou para não prejudicar outra pessoa, a não ser que o bem comum ou particular exija que a digamos. Mas, excepto nestes casos, um cristão deve dizer sempre a verdade.

- d) *Deus, com o oitavo Mandamento, ordena-nos respeitar a honra ou boa fama dos outros* [deixar muito claras as distintas formas que há de destruir a boa fama e como nos devemos comportar: dar exemplos adequados às idades dos alunos].

Todos os homens têm direito à sua fama, à sua honra. Este bem é mais importante que os bens materiais: nunca podemos roubar ou destruir a honra dos outros.

1. *Diversos modos de destruir a honra dos outros.* Podemos destruir a honra dos outros da seguinte maneira:

- *A calúnia:* exagerar as faltas dos outros ou dizer que fez algum mal sabendo que não é verdade.
- *A difamação:* difundir injustamente os defeitos ocultos do próximo.
- *O falso testemunho:* declarar num julgamento algo que não é verdade e que prejudica ao próximo.
- *O juízo temerário:* pensar mal dos outros sem justo motivo.

2. *Como deve actuar um cristão.* O que ouve dizer mal dos outros — que pode ser o próximo ou uma instituição (família, Igreja, etc.) — está obrigado a não dar ouvidos ao que se diz, e a *defender* com valentia ou a *desculpar* se o que se diz se se dá conta que é verdade.

3. *Há obrigação de restituir a honra se se causou dano.* Deus quer que sejamos como que os guardiães da boa fama dos outros. Aquele que destrói esta boa fama peca gravemente, se o defeito que descobre ou o dano que produz é grave. Quem pre-

judicou a boa fama do próximo está obrigado a reparar; isto é, a dizer publicamente que aquilo que disse não é verdade ou exagerou. A reparação deve-se fazer — do mesmo modo que quando se rouba algo material — para que se possa perdoar o pecado.

e) *Temos de cuidar e defender a nossa boa fama* [usar o texto citado mais abaixo].

Quando Jesus, no julgamento que Lhe fizeram diante do Sinédrio, respondeu ao Sumo Sacerdote que Lhe perguntava, um dos criados deu-Lhe uma bofetada. Jesus defendeu-Se dizendo: *Se falei mal; diz-Me em quê, e se falei bem, porque me bates?* (Jo. 18, 19-25). Jesus deu-nos pois, também, exemplo de como se deve defender a própria boa fama. Temos de nos defender quando nos atacam injustamente. Se nos portarmos sempre como é devido, não daremos motivos para perder a nossa boa fama.

f) *Temos de ajudar os outros com a correcção fraterna* [usar os textos citados nos aspectos doutrinários, n.º 4].

A caridade leva-nos a dizer aos outros, com nobreza, a verdade; a dizer as coisas de frente, na cara, nunca pelas costas. Dizer as coisas com verdade e caridade, ajudando com a chamada correcção fraterna, tal como viveram sempre os cristãos, desde o tempo dos Apóstolos. E recordar o que Cristo nos disse: *A verdade vos tornará livres* (Jo. 8, 23).

### 3. Perguntas-resumo

Que ordena e proíbe o oitavo Mandamento? Que é mentir e caluniar? Em que consiste a maledicência, o falso testemunho e o juízo temerário? Que devemos fazer se prometemos alguma coisa? Porque devemos respeitar a fama dos outros?

## C) SUGESTÕES PARA UMA MAIOR PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA

1. Na cerimónia do Baptismo o celebrante diz:

«O Senhor Jesus, que fez ouvir os surdos e falar os mudos, te dê a graça de em breve poderes ouvir a Sua palavra e professar a fé, para louvor e glória de Deus Pai.»

(Ritual do Baptismo)

Com este rito quer-se exprimir como os nossos ouvidos e a nossa boca devem contribuir para dar maior glória a Deus proclamando sempre a verdade.

2. No sacramento da Confirmação, os que vão receber este sacramento são ungidos com óleo perfumado. Ser crismado é o mesmo que ser cristo, ser messias, ser ungido. E ser messias e cristo implica fazer O que Jesus Cristo fazia: dar testemunho da verdade e ser, pelo bom odor das boas obras, fermento de santidade no mundo.

(Vide *Ritual da Confirmação*)

3. A Igreja, na Missa dedicada aos Doutores, convida-nos a rezar:

«Iluminai, Senhor, com os ensinamentos de Cristo, aqueles que alimentastes com o pão da vida, para que (...) conheçam a Vossa verdade e dêem testemunho dela na prática do amor.»

(Oração depois da Comunhão)

#### **D) POSSÍVEIS ACTIVIDADES**

- Responder às perguntas do Catecismo.
- Fazer um resumo do desenvolvimento da sessão, ilustrado com fotografias e desenhos.
- Estabelecer um diálogo com os alunos para que eles exponham casos em que se diga a verdade aos pais, professores e amigos.
- Escrever as coisas boas que uma mentira destrói, por exemplo: a alegria, a tranquilidade, etc.
- Desenhar algo do que se pode fazer para cuidar e ter boa fama.
- Que digam a que estão obrigados os que destroem a boa fama dos outros.

#### **E) PERGUNTAS DO CATECISMO**

*Manual de Doutrina Católica*, nn. 258-260.

## ÍNDICE DO VOLUME I

<i>Apresentação</i> . . . . .	5
<b>O QUE DEVEMOS ACREDITAR: O CREDO</b>	
Tema 0 — Indicações para a utilização dos guias . . . . .	7
Tema 1 — Somos cristãos . . . . .	17
Tema 2 — A Fé é um dom de Deus . . . . .	27
Tema 3 — Deus criou o mundo por amor . . . . .	37
Tema 4 — Deus criou os Anjos . . . . .	47
Tema 5 — Deus criou o Homem livre e responsável . . . . .	56
Tema 6 — Os nossos primeiros pais desobedeceram a Deus e pecaram . . . . .	69
Tema 7 — Jesus livra-nos dos nossos pecados e torna-nos filhos de Deus . . . . .	78
Tema 8 — Jesus Cristo é o Filho de Deus: perfeito Deus e perfeito Homem . . . . .	87
Tema 9 — Jesus Cristo revela-nos que Deus é nosso Pai . . . . .	96
Tema 10 — Deus escolheu a Virgem Maria para Mãe de Jesus . . . . .	105
Tema 11 — Jesus Cristo ressuscitou para nos salvar . . . . .	115
Tema 12 — O Espírito Santo opera a nossa santificação . . . . .	125
Tema 13 — A Igreja continua a missão de Jesus . . . . .	134
Tema 14 — A Igreja é o Corpo Místico de Cristo . . . . .	144
Tema 15 — Jesus Cristo virá de novo como Juiz no fim do mundo . . . . .	154
Tema 16 — O Céu é o prémio para os que amam a Deus . . . . .	163

Tema 17 — O Inferno é o castigo para os que não amaram a Deus . . . . .	173
Tema 18 — As almas do Purgatório purificam-se para se unirem a Deus . . . . .	182
Tema 19 — O Mistério da Santíssima Trindade . . . . .	191

## **O QUE DEVEMOS FAZER: OS MANDAMENTOS**

Tema 20 — Conhecemos a vontade de Deus pelos Mandamentos da Lei de Deus . . . . .	202
Tema 21 — Conhecemos a vontade de Deus pelos Mandamentos da Santa Igreja . . . . .	211
Tema 22 — Toda a Lei de Deus se resume na caridade . . . . .	218
Tema 23 — Primeiro Mandamento: Amar a Deus sobre todas as coisas . . . . .	226
Tema 24 — Segundo Mandamento: Devemos honrar o nome de Deus . . . . .	234
Tema 25 — Terceiro Mandamento: O Domingo é o Dia do Senhor . . . . .	241
Tema 26 — Quarto Mandamento: Jesus Cristo ensina-nos a amar os nossos Pais . . . . .	251
Tema 27 — Quinto Mandamento: Só Deus é o Senhor da vida . . . . .	260
Tema 28 — Sexto e Nono Mandamentos: Ensinam-nos a respeitar o nosso corpo . . . . .	270
Tema 29 — Sétimo e Décimo Mandamentos: Somos administradores dos bens da Terra . . . . .	280
Tema 30 — Oitavo Mandamento: O amor à verdade e o respeito à boa fama . . . . .	290

Este primeiro volume do *Curso Elementar de Catequese* acabou de se imprimir no dia 8 de Setembro de 1980, «Natividade de Nossa Senhora», para Edições CAS, Rua Fundação Gulbenkian, 104 (2.º andar), 4700 Braga, na Livraria Editora Pax, Limitada, Rua do Souto, 73-77 — 4700 Braga